

EDGARD TELLES RIBEIRO

O
P
U
N
H
O
E
A
R
E
N
D
A



Edição Revista

VENCEDOR DO PRÊMIO PEN CLUBE DO BRASIL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

OBRAS DO AUTOR

FICÇÃO

Criado-mudo (romance), 1ª edição; Brasiliense, 1991, 2ª edição: Editora 34, 1996. I would have loved him if I had not killed him, St. Martin's Press, EUA, 1994. Die Brasilianerin, Rütten & Loening, Alemanha, 1995. Een jonge Braziliaanse, Uitegeverij Anthos, Holanda, 1996. La mesilla de noche, Los Libros del Asteroide, Espanha, 2007, com 2ª e 3ª edições em 2008 e 2009. 3ª edição brasileira: Record, 2008

O livro das pequenas infidelidades (contos), 1ª edição: Companhia das Letras, 1994, 2ª edição: Record, 2004

As larvas azuis da Amazônia (novela), Companhia das Letras, 1996

Branco como arco-íris (romance), Companhia das Letras, 1998

No coração da floresta (contos), Record, 2000

O manuscrito (romance), Record, 2002

Histórias mirabolantes de amores clandestinos (contos), Record, 2014 – 2º lugar do Prêmio Jabuti 2005, categoria contos, e 3º lugar no Prêmio Portugal Telecom 2005

Olho de rei (romance), Record, 2005 – Prêmio da Academia Brasileira de Letras para Melhor Obra de Ficção 2006 e 3º lugar no Prêmio Jabuti 2006, categoria romance

Um livro em fuga (romance), Record, 2008

O punho e a renda (romance), Record, 2010 – Prêmio Pen Clube 2011, 2ª edição revista, Record, 2014

Damas da noite (romance), Record, 2014

NÃO FICÇÃO

Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais/Fundação Alexandre de Gusmão, 1989, 2ª edição: Fundação Alexandre de Gusmão/Ministério das Relações Exteriores, 2011

Edgard Telles Ribeiro

O PUNHO E A RENDA

2ª edição, revista pelo autor



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R367p

Ribeiro, Edgard Telles, 1944-

O punho e a renda [recurso eletrônico] / Edgard Telles Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro
: Record, 2014.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-03184-6 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-10739

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Edgard Telles Ribeiro, 2010, 2014

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

Editora Record Ltda.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-03184-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Angelica

Para Ivan Junqueira e
Luiz Augusto de Araujo Castro

AGRADECIMENTOS

Branca Maria Telles Ribeiro

Cecilia Costa

Hildebrando Tadeu Nascimento Valladares

Ivanildo Teixeira

José Viegas Filho

Lucas Bandeira

Lucio Pires de Amorim

Marcia Cibilis Viana

Marcus de Vicenzi

Nélie Sá Pereira

Silvia Soares Diehl

*Punhos de renda! Punhos de renda!
Nossa diplomacia está confiada a
aristocratas de punhos de renda...*

EDITORIAL DO VESPERTINO CARIOCA *ÚLTIMA HORA*, MAIO DE 1964

*Je ne prétends pas peindre les choses, en elles
mêmes, mais seulement leur effet sur moi.*

STENDHAL

*In the presence of certain realities,
art is trivial or impertinent.*

GEORGE STEINER

NOTA DO AUTOR À SEGUNDA EDIÇÃO

A presente edição de *O punho e a renda* apresenta algumas modificações com relação à versão original publicada em 2010. Refletem elas não apenas uma série de revisões pessoais feitas ao longo desses últimos anos, como também um extenso trabalho realizado por mim quando do lançamento do romance no exterior, trabalho que penso ter conferido maior agilidade e coesão ao texto.

Fico feliz que a Editora Record esteja publicando esta segunda edição lado a lado com meu novo romance, *Damas da Noite*, uma obra que revisita alguns dos temas colocados em cena em *O punho e a renda*. Que ambos os livros sejam lançados no ano (e no mês) em que o Brasil registra o triste cinquentenário do golpe militar de março de 1964 é para mim motivo de especial satisfação.

Edgard Telles Ribeiro

Rio de Janeiro, março de 2014

NOTA DO AUTOR

O presente livro é obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou falecidas é mera coincidência. Desloquei meus personagens no tempo, descolei-os de suas paisagens. Apenas os cenários são reais.

É possível que histórias em tudo iguais à minha tenham ocorrido nos quarenta anos de que se ocupa a narrativa — ou no palco por mim escolhido para contá-la. Algumas virão um dia à tona, outras não.

Enquanto esse processo é levado adiante, contudo, faço votos de que meu texto se some a outras obras que vêm dando às novas gerações uma ideia aproximada do que sucedeu no Brasil — e em nossa região — em certa época. Sou daqueles que acreditam que a ficção ainda é a melhor maneira de lidar com a realidade quando esta insiste em escapar continuamente ao escrutínio geral.

Quanto a meus amigos e colegas de Ministério, passado o susto inevitável que meu livro provavelmente despertará (a princípio, ao menos), espero que saibam entender que, ao denunciar o mal que vingou em determinada fase a nossa volta, louvo uma instituição que a ele se manteve essencialmente imune — apesar da triste atuação de uns poucos. E se ainda assim houver quem me critique por trazer à tona temas que muitos prefeririam ver para sempre relegados ao

esquecimento, lembraria o comentário de André Gide em seu livro sobre Dostoievski: “Não há obra de arte sem colaboração do diabo.” E que o diabo se fez presente entre nós naqueles tempos, nem mesmo os que a ele se associaram ousarão negar.

ETR, novembro de 2010

PARTE I

1

Não chega a ser complicado escrever a história de um país. Mais difícil, porém, é esboçar a de um homem. Para um país, existem antecedentes, sob a forma de livros e tratados, mapas e registros iconográficos, arquivos e depoimentos, lendas e fabricações. Mas um homem? De que antecedentes dispõe? Quais serão seus mapas mais secretos? Ou suas fronteiras? O que esconderá por detrás de sua fachada? E o que saberá ver em seu olhar se, em uma noite de crise ou ansiedade, sucumbir à tentação de se contemplar no espelho?

A primeira lembrança que conservo de meu personagem data de 1968 e foi em certa medida premonitória: a projeção de sua sombra sobre minha mesa no Itamaraty — Ministério ao qual eu próprio ingressara havia pouco menos de um ano. Sem que eu ouvisse seus passos, ou de alguma forma notasse sua presença, ele surgira por detrás de minha cadeira, um móvel de espaldar alto de madeira talhada, e se debruçara sem grande cerimônia sobre o texto que eu escrevia. Eu escrevia a mão, como era habitual na época, em uma folha de papel almaço que seria mais adiante datilografada pela secretária. No

Ministério, esse gênero de intimidade, de surgir do nada e bisbilhotar o que o colega redigia, era privilégio reservado aos mais antigos.

A sombra não chegara propriamente a soar um alerta, e isso por uma razão prosaica: naquele instante meus olhos buscavam ao longe a palavra que melhor ilustrasse a frase contra a qual eu me batia. O texto, tomado em seu conjunto, era seguramente anódino. Mas a frase, não. Por uma questão de simetria tão cara aos jovens, a irrelevância do conjunto tornava imperativa a necessidade, na oração, de um termo que brilhasse com a força de uma lâmina ao sol.

— *Fortuito*... — murmurou a sombra.

Como eu me virasse na direção da voz, o desconhecido inclinou a cabeça de lado e, com um sorriso, insistiu em um tom encorajador:

— Fortuito. É o termo de que você precisa aqui. Vem do latim, *fortuitus*.

A essa altura, eu já estava de pé. Conhecia-o apenas de vista, pois ele trabalhava na Secretaria-Geral. Apresentou-se, estendendo a mão:

— Marcílio Andrade Xavier. Pode me chamar de Max.

— Max?

— Minhas iniciais. Uma invenção de minha ex-mulher.

Apoiou-se, então, na borda da mesa. E cruzou os braços, conferindo ao diálogo o clima de informalidade que o momento exigia.

— Ela não conseguia pronunciar meu nome inteiro. Era americana.

Corrigiu-se a tempo:

— *É* americana... Está viva. *Bem viva*, aliás.

E riu, mas de um jeito amargo. Em seguida emendou:

— Aqui no Itamaraty o apelido pegou de vez, por causa das iniciais que aparecem nos expedientes que redigimos. Virei Max para a eternidade. Com sorte, para a posteridade.

Sorri da brincadeira. Mas continuava sem entender o que ele fazia em minha sala.

— Vim te convidar para almoçar... — meu visitante esclareceu. — Por sugestão de um amigo comum, cujo nome, por ora, não revelarei. Ele me pediu que esperássemos em sua sala enquanto termina um relatório. Garantiu que Vossa Senhoria é “eminentemente almoçável”.

— *Almoçável?*

— Segundo ele, você faria parte de um raro grupo de pessoas com as quais é possível compartilhar uma refeição sem sofrer de indigestão aguda (*indigestione acuta*), provocada pelo tédio tão comum em nosso meio.

— *Taedi...* — arrisquei por minha vez.

E foi assim, rindo e trocando meia dúzia de frases em um latim de minha parte *precarius*, que saímos em busca de nosso amigo. Recordo-me de que me sentia bem contente com o colega. E levemente gratificado por ser alvo das atenções de pessoa mais antiga na carreira, assessor do segundo homem do Ministério ainda por cima. Nossa conversa corria célere. Quando se é jovem, com toda uma vida pela frente, e um vago sabor de imortalidade a pairar a nossa volta, são grandes e variados os anseios que nos cercam e até dominam. Anseios por virtuosismos de todo tipo, que nos levam a acender refletores em causa própria e produzir frases de efeito. Ou por afinidades, que nos enraízem em territórios familiares.

No que tange às afinidades, Max e eu tínhamos pelo menos uma. E das mais relevantes, como logo descobrimos perambulando entre escadas e corredores: a paixão pela leitura. Tínhamos lido os mesmos autores: Joyce, Proust, Flaubert, Tchekov, Fitzgerald, Machado, Borges, mas também (e com igual apetite) Debray, Gramsci, Chomsky, Lukács... Com isso, falávamos por metáforas. Poderíamos até, se necessário, erguer a qualquer momento barreiras intransponíveis entre nós e nossos colegas. Mesmo porque boa parte destes somente externava um pensamento depois de submetê-lo ao filtro da razão e cozinhá-lo em fogo baixo. Bom senso e comedimento era o que não faltava a nossa volta. E esse excesso de cuidados retirava das alegorias seu frescor e espontaneidade.

Mas não entre nós — e isso ficou claro em quinze minutos de conversa: em um ambiente onde prevalecia a discrição, operávamos na fronteira da irreverência. Sem correremos riscos, bem entendido, pois não convinha criticar excessivamente as chefias, nem expor os poderosos a suas vulnerabilidades, ainda que apenas a nossos olhos.

Afinidades dessa natureza abrem espaço para desejos de outro nível — e, em seu bojo, para perguntas. Max logo demonstrou curiosidade por minha história pessoal. Sabia que eu era filho de diplomata, mas isso só não lhe bastava. Estava interessado em confirmar as lendas que corriam no Ministério a respeito de meu pai. Tivera mesmo origens tão humildes? Viera da escola pública? Trabalhara duro como professor de geografia em escolas de subúrbio? Como lograra ingressar no Itamaraty?

— Ele foi seminarista — expliquei. — Lia muito...

— Assim mesmo... — insistia Max. — Um feito raro.

E era. Tanto que, no ano anterior, constara do obituário de meu pai. O jornal realçara suas origens. Raros eram aqueles que, em sua classe social, falassem línguas ou tivessem condições de se dedicar a estudos que lhes franqueassem o acesso ao Ministério das Relações Exteriores.

A insistência de Max me fez ver que, para ele, o tema tinha sua importância. Apesar disso, não me recordo de haver demonstrado curiosidade por suas raízes familiares naquele momento. O desejo de me aprofundar viria com o passar dos anos, por força de acontecimentos que iriam aos poucos se sucedendo, e que provocariam em mim, em seu devido tempo, uma necessidade de explicações. Decifrar as engrenagens secretas de Max evoluiu, assim, de um sentimento nascido do afeto, para se instalar em outro, vizinho ao mal-estar e, mais adiante, ao constrangimento.

Nesse lento processo, descobriria que Max descendia do ramo mais modesto dos Andrade Xavier, que vinha do interior de Minas (e não do Rio de Janeiro). O que fazia dele, em suas palavras, *um ser duplamente desfavorecido pela sorte* — dadas, a um tempo, “a proximidade e a distância” em que se encontrava do ramo afluyente e aristocrático de sua família. Perdera o pai muito moço. E, na sequência dessa perda, sua mãe vira todas as portas da família do marido se fecharem por motivos nunca explicados. Com isso, Max encontrara no Ministério — a que *pertencia*, a seu ver, por direito de nascença — a oportunidade de resgatar os cenários e paisagens de que se vira privado em sua infância.

Entendi, assim, a razão pela qual o tema da descendência, que não se revestia de grande importância para mim, se confundia, para ele, com

sua razão de ser. Não terá sido por outro motivo que se dedicava com afinco a traçar a genealogia de colegas e chefes. Da mesma forma com que se referia aos bons casamentos que uns e outros haviam feito, segundo ele em busca de alianças que avançassem suas carreiras. Imagino, inclusive, que sua união com a americana, que durara apenas dois anos (“*um ligeiro equívoco de juventude*”, como gostava de proclamar), poderá ter fracassado por não servir a esse gênero de propósitos.

Seja como for, e com respeito a essa temática social, guardei de nosso almoço uma impressão clara: na imaginação de meu novo amigo, o simples ingresso no Itamaraty “aristocratizara” meu pai e, com maior razão ainda, a mim mesmo — como membro que era de segunda geração dessa família palaciana. Daí, provavelmente, as verdadeiras raízes de minha condição de “almoçável”.

Lembro-me de que, naquele dia, esforcei-me, sobretudo, por estar à altura das expectativas criadas a meu respeito. Falei de filmes e literatura. Louvei *Eros e civilização*, pois haver lido Marcuse contava ponto. Citei versos de Pound. Falei de política, de esporte, de samba. Criticamos em voz baixa os militares e o golpe de 64 com uma franqueza rara mesmo entre os mais jovens. Também soube rir das histórias de Max (boas) e das de nosso amigo comum (razoáveis).

Na hora da sobremesa, trocamos igualmente confidências sobre mulheres. Aos vinte e oito anos, Max era mais velho e mais experiente do que nós — e desquitado ainda por cima. Brilhava a nossos olhos como homem do mundo que imaginávamos ser, dotado de experiências várias que parecia disposto a nos confiar sob a forma de conselhos ou

sugestões. Falava da pílula anticoncepcional como a única invenção relevante do século 20. E considerava que o incipiente movimento feminista era a maior oportunidade jamais oferecida *aos homens*, cujos apetites mais secretos seriam agora saciados em níveis nunca antes imaginados.

Durante o café, Max me distinguiu com um convite para ouvir em sua casa, na companhia de alguns amigos, uns discos de Art Blakey e Thelonious Monk que acabara de receber de Nova York. Passou-me seu endereço. Morava em um pequeno apartamento na Urca, de frente para o mar. Revelou que tinha um programa de jazz na Rádio MEC, que ia ao ar uma vez por semana e que apresentava pessoalmente. Falou-me de seus dotes de locutor e das histórias que inventava para suprir lacunas quando, por preguiça, descuidava-se de preparar seus textos. De minha parte, como que inspirado por uma súbita ideia, perguntei-lhe se poderia me indicar um alfaiate. Fez-me então herdeiro de conselho recebido de veterano embaixador: “Faça *poucos* ternos.” (Longa pausa.) “Em *Londres...*”

Era mesmo refinado nosso Ministério em matéria de linguagem, recorde-me de haver pensado então: a conjunção adversativa fora substituída por uma pausa sonora — e, com isso, duas frases banais conquistavam uma finura proustiana... Foi essa minúcia, acho eu, que me fez gostar de Max à primeira vista, sua capacidade de circular por palavras e ressaltar ideias, ora relevantes, ora pueris, com a leveza de um pássaro. Nada, a meu ver, ilustrava melhor o Itamaraty e a carreira naquela época do que essa leveza de meu companheiro, a que os mais desavisados davam o nome de *savoir-faire*. Não podiam imaginar o que

havia de esforço por trás das engrenagens mais pessoais de meu novo amigo.

No trajeto de regresso ao Ministério, escutamos pelo rádio do táxi que o Conselho de Segurança estava reunido com o Presidente da República no Palácio das Laranjeiras. À noite, vimos nas imagens trêmulas em preto e branco de nossos televisores — e ouvimos por nossas janelas abertas, em camadas sucessivas de sons que subiam de todas as ruas, bairros, vilarejos e cidades do país — que os militares haviam baixado o AI-5, cerceando severamente nossas liberdades civis. Estávamos em dezembro de 68 e já não havia nada de fortuito nas lâminas que brilhavam ao sol a nossa volta. A nação se preparava para mergulhar em algo bem mais tenebroso do que sucedera até ali — algo que nada teria de transitório. E que se anunciava irrespirável.

Mas muitos anos se passariam antes que eu fosse capaz de perceber o significado simbólico de nos termos conhecido, Max e eu, em tal data, uma sexta-feira 13 ainda por cima. Somente então consegui associar a sombra que ele projetara sobre minha mesa à que tomaria aos poucos conta do país.

2

No dizer dos que o admiravam, Max foi *um craque*. Para os demais, não passou de um aproveitador. E, inevitavelmente, houve também quem o visse como um crápula. Quanto a mim, penso que Max terá sido, como tantos antes e depois dele, uma simples vítima de suas próprias contradições — e não apenas um cavalheiro dotado de uma espada de aluguel.

Um cavalheiro, vale lembrar, cuja trajetória acabaria assumindo a forma de uma singular sequência de proezas. Raramente terá existido, entre nós, funcionário que melhor tenha sabido se adaptar às circunstâncias sempre movediças daquela época com tanto charme e eficiência, a ponto de galgar com celeridade e eficácia todos os degraus de nossa íngreme pirâmide nos vinte anos de período militar, e ainda colher, após o retorno à normalidade política, uma série de triunfos adicionais — quando tudo indicava que teria merecido o desterro ou, com sorte, a aposentadoria.

Imagino que não terão sido poucos os casos semelhantes ao seu nos inúmeros rincões de nossa administração federal. Creio, contudo, que nenhum outro cenário se terá prestado a tantos e tão minuciosos

malabarismos pessoais quanto o que o Itamaraty proporcionou a alguns de seus atores.

Tal fato pode ser creditado, por um lado, à sutileza com que essas transações existenciais eram negociadas, já que as Chancelarias primam, como se sabe, pela discrição. E, por outro, a uma questão que muito deve à cenografia: os panos de fundo palacianos, no Rio de Janeiro e, mais adiante, em Brasília, tanto quanto as embaixadas no exterior, se prestavam à perfeição para realçar tudo o que havia de pungente nas coreografias postas em prática por quem demonstrava pressa em aderir ao regime dominante. Porque se os horrores se concentravam nos porões dos quartéis e das prisões, era nos palácios que eles apresentavam sua face gentil. Com que assiduidade, em jantares e recepções, não se terão sentado à mesma mesa, lado a lado, torturadores e homens de bem?

Quanto a Max, ele sempre parecia estar se ocupando de temas e causas *maiores*, que ultrapassavam com folga as funções mais pedestres que nos eram confiadas. Que elas, com o tempo, mudassem imperceptivelmente de foco ou ênfase (ou de “eixo”, como ele gostava de dizer), foi matéria que jamais o perturbou, merecendo de sua parte, no máximo, alguns comentários sobre a transitoriedade inevitável das ideologias, comentários esses que lhe permitiam podar de sua equação pessoal considerações de natureza moral.

Recordo-me que, certa vez, reagindo a um desabafo meu sobre indivíduo que soubera se adaptar com invejável presteza às realidades políticas dos novos tempos, ele se limitara a sorrir, como se estivesse considerando os propósitos de uma criança, e girara diante de meus

olhos uma bola de cristal colhida a uma mesa. *Mudanças*, seu gesto parecia indicar, *faziam parte da vida*. E o corolário, também silencioso, mostrava-se tão luminoso quanto o brilho multifacetado do cristal que ele continuava a girar sob meus olhos: *era preciso saber lidar com elas ao sabor das circunstâncias*.

Quem hoje observa Max em registros fotográficos, metido em seu uniforme engalanado, com luvas brancas, espada e chapéu de plumas, apresentando cartas credenciais em alguma corte estrangeira, não pode deixar de se impressionar com seu porte majestoso. A desenvoltura, nobreza e elegância que emergem dessas imagens chegam a transmitir serenidade. Uma serenidade, contudo, nascida de uma ilusão.

Não que Max tenha enganado a todos — pois nem isso se deu. Mas, para quem, como eu, o conheceu jovem e encantado com o resgate de seu esplendor perdido, uma constatação torna-se inevitável: enganou, sobretudo, a si próprio. Como, então, deixar de receber, com um afeto repleto de melancolia, as imagens emplumadas que ele periodicamente nos manda pela mala diplomática com um amável cartão de algum país distante? Ou, quando porventura se encontra em Brasília, como não apreciar as cenas amenas que registra com igual deleite dos banquetes do Itamaraty?

Ah, os banquetes do Itamaraty... Quantos não terão homenageado reis e rainhas, entre outras personalidades estrangeiras que honravam com sua presença nossos generais? Uma gente festeira, que se alimentava de tudo — menos de suspeitas?

“*Como podiam se prestar a esse papel...*”, rosnavo eu comigo mesmo, às voltas com uma indignação que, aos poucos, ia se transformando em

irritação à medida que meu amigo se detinha com vagar nas casacas e uniformes dos homens, bem como em suas inúmeras condecorações, ou se deixava fascinar pelos vestidos longos das mulheres — e pelas joias que elas portavam com uma displicência toda estudada.

Meu amigo... Ainda é assim que o vejo naquele fim de manhã, quando ele soprara um *fortuito* em meu ouvido e me convidara para almoçar. Pois a verdade é que, desde o primeiro momento, ele me fascinara. De início, por sua simpatia irradiante e seu brilho intelectual. E, com o passar dos anos, por algo que sempre tive dificuldade em entender, mas que hoje definiria como uma mistura de ânsia e tristeza, que o levaria a tentar recuperar a infância perdida — sabendo de antemão que, de todos os seus sonhos, esse seria com folga o único inatingível. Ânasia e tristeza que alimentariam seus delírios de grandeza — e o levariam a subir na carreira sem atentar para o que fazia de sua vida.

Para viabilizar esse processo de ascensão social, e ampará-lo do ponto de vista emocional, Max criara ao redor de si um grupo diversificado de amigos. Um círculo que abrigava jovens das mais variadas tendências, que iam do heroísmo à alienação, passando por formas variáveis de solidariedade ou indiferença. O fato de ser aceito e cortejado por todos os que se mantinham a sua volta dava-lhe a segurança de que tanto necessitava para levar seus projetos adiante.

O grupo, que conheci ao aceitar o convite de meu novo companheiro para escutar jazz em seu apartamento na Urca, e ao qual fui rapidamente incorporado, consistia essencialmente de sua namorada, Ana, jovem atriz que eu já vira em cena mais de uma vez nos teatros do Rio de Janeiro; Moira, artista plástica que vivia em Santa Teresa

(segundo Max, cercada de dívidas e de gatos); Olavo, um milionário dono de uma Lancia cinzaprata com a qual cruzava as madrugadas do Rio (e que muito devia seu charme aos discos de jazz que trazia de suas viagens a Nova York); Efraim, poeta cuja genialidade Max era o único a celebrar, pois ninguém tivera acesso aos versos do jovem; e, por fim, Flávio Eduardo, crítico de cinema, que logo seria envolvido pela militância política e dali cairia na clandestinidade — morrendo meses depois em um assalto a banco.

Sem que soubéssemos, cada um de nós também cumpria uma função na refinada engenharia de Max. A minha era ter morado em países que ele conhecia apenas de literatura e, com isso, falar sem sotaque duas ou três línguas que Max aprendera a duras penas em seu colégio interno. A de Ana limitava-se a brilhar no palco e ser cortejada pela classe teatral e cinematográfica, que invejava nosso amigo porque, encerrada a noite, era em sua cama que a bela adormecia. A de Olavo resumia-se a voar com seu bólido pelas pistas desertas da cidade à espera da árvore que fatalmente o mataria. A do jovem poeta Efraim, em ruminar versos com a condição implícita de se manter desconhecido. Quanto a Moira, nunca consegui saber o que fazia entre nós, o que de certa forma também confirmava, no plano das incógnitas com que nos deparávamos, o caráter ecumênico de nossa confraria.

A função de Flávio, essa, só seria desvendada depois de seu desaparecimento: morrer por uma causa perdida. E até esse caso extremo deixaria, em herança, a impressão de corresponder a um capricho de nosso amigo e anfitrião.

Mas toda essa engrenagem só ficaria clara para mim com o passar do tempo. Na tarde de minha iniciação, ao dar com a porta da rua aberta, eu subira a escada rumo ao terceiro e último andar do prédio — de onde baixavam ruídos de vozes e música. Max provavelmente tinha se esquecido de que me convidara. Tanto que se mostrou surpreso com minha presença em sua sala. Logo, porém, se refez: colocou a mão sobre meu ombro, pediu a todos que se calassem e baixou o som, relegando John Coltrane — sacrilégio supremo — aos bastidores. Em seguida, proclamou em tom solene:

— Este rapaz leu tudo. Leu até mais do que eu próprio...

Enunciara sua frase como se me conferisse um título de nobreza — cujo brilho, no entanto, tudo devesse a ele. Ana, a quem até ali eu nem fora apresentado, confirmou minha percepção com uma piscadela divertida, que captei por mero acaso: era *Max* o ponto de referência obrigatório de comparações que incidissem sobre a qualidade alheia.

Sem maiores transições, Max voltou a aumentar o volume do som, trazendo John Coltrane de volta à cena, e eu fui precipitado em uma atmosfera, mais do que um espaço físico, como se, de repente, tivesse tido acesso a uma estufa responsável por plantas raras.

Éramos jovens, bebíamos muito e o país implodia a nossos pés — sem que algo soubéssemos de preciso sobre o que ocorria a nossa volta. A censura imposta aos meios de comunicação acabava sendo mais eloquente do que as notícias, por dar margem aos mais desenfreados boatos. E esses só faziam crescer. *Mortos, desaparecidos, torturados...* O horror imaginado superava em intensidade o real: não tinha contornos ou limites precisos. O que fazer? Pegar em armas?

O jazz simbolizava a liberdade. Quanto mais alto e mais abstrato, melhor. A bebida se encarregava do resto. Éramos mesmo movidos a álcool, ansiedade e ideias desencontradas. A notícia da morte de Flávio, contudo, traria para nosso silêncio uma densidade especial, que ia bem além da dor e perplexidade: nosso abrigo fora violado.

Em momento algum, porém, naquela fase inicial, deixei de ver Max pelas lentes da admiração. E ele, em um ato consciente de retribuição, foi aos poucos me adotando como seu irmão caçula. Uma honra... Mas que também refletia um tipo muito peculiar de hegemonia — dado o papel de mestre que, como primogênito, ele reservava para si próprio.

Daí que, tendo construído seu pedestal em ritmo de encantamento, tardei tantos anos para desmontá-lo, em um processo que se daria de forma lenta e penosa, e exigiria de mim uma boa dose de sofrimento.

Hoje, olhando para trás e pensando em tudo o que ocorreu no Brasil depois do golpe militar — e, em particular, após a decretação do AI-5 —, revejo a figura de Max como um dos símbolos mais patéticos do país daquela época. Apesar disso, jamais foi fácil tomar a decisão de contar sua história — um passo que eu tardaria quatro décadas para dar.

O processo, que a princípio me intimidou, acabou se tornando inevitável. Não tanto para revelar o que sempre soubemos entre quatro paredes, ou seja, que, em nosso meio, circulavam sátiros entre vestais. Nem mesmo pela dimensão, ora perversa, ora trágica, das figuras em evidência — e das situações melancólicas por elas vividas. E sim por uma necessidade que tive, como testemunha que fui dos efeitos adversos dessa época sobre pessoas e cenários que me são caros, de sair em busca de umas quantas ilusões perdidas.

Os depoimentos que me concedeu ao longo dos anos, de forma gratuita e espontânea — muitas vezes por cortesia de um uísque a mais —, ou em reação a comentários meus, nem sempre amenos ou conciliadores, terão dado consistência à história que segue, ainda que pouco tenham feito para resguardar sua dignidade. O resto — e não foi pouco, como se verá —, colhi de fontes idôneas e confiáveis, muitas vezes inesperadas, mas todas próximas de Max (ex-esposa, ex-chefes, subordinados, conhecidos, amigos, inimigos), gente que o admirava ou o detestava, além daqueles que poderão ter tido suas carreiras prejudicadas por força de atos dele — mas que nem por isso deixaram de sucumbir a seu fascínio.

3

Max fora nomeado para o cargo inicial da carreira diplomática mais de cinco anos antes, em agosto de 1963, após concluir seu curso no Instituto Rio Branco.

Faltavam poucos meses para o golpe militar. O país fervilhava em ardores pré-revolucionários de inspiração marxista. As esquerdas, na linguagem dos mais velhos, arregaçavam as mangas, ao passo que a direita se encolhia e se organizava. Eram tantas as esquerdas que se tinha a impressão de que a direita nem existia. Ou que, se existia, não possuía garras que pudessem realmente intimidar. Nas universidades, os socialistas e comunistas tinham mais receio dos estudantes de direita do que dos militares. Andavam armados, esses rapazes, eram parrudos, batiam nos intelectuais — quase sempre franzinos. Vestiam, com orgulho, a camisa da repressão. A visível e agressiva, que se contrapunha à mais folclórica, do pessoal da TFP.

Na época, além de Brecht, Maiakovski e Sartre, Max lia textos selecionados de Mao e Guevara — entre outros afinados com o momento. Graças a seus amigos jornalistas, tinha acesso garantido à *intelligentsia* carioca. Frequentava músicos de jazz no Beco das

Garrafas. Nas rodas boêmias, comentava com desenvoltura os filmes de Godard, que dizia preferir aos de Resnais. E assistia aos de Truffaut com um sorriso condescendente. No Teatro Municipal, circulava entre frisas e camarotes.

Já em seu primeiro dia de trabalho, Max fora objeto de uma honraria especial. Por intervenção de um senador, a quem, como estagiário no setor consular do Ministério, proporcionara um passaporte diplomático em menos de uma hora, fora convidado, antes mesmo de assumir suas funções, a trocar a divisão para a qual havia sido designado e servir no Gabinete do próprio Chanceler.

Apesar da boa-nova, preocupou-se com as eventuais repercussões dessa inesperada distinção. Uma sorte o senador ser amigo — e conterrâneo — do Ministro. *Mas o que iriam dizer os colegas?* Não correria o risco de ser mal interpretado? E o que evocar a título de desculpa para o chefe da divisão do Oriente Médio, que o aguardava de braços abertos e com quem se comprometera duas semanas antes?

Max tinha toda a solenidade forçada de um homem jovem que desejava a todo custo parecer mais velho. O esforço, no entanto, o traía. Não combinava com a energia que, apesar de tudo, emanava de sua pessoa — como se esta última ainda resistisse à tentação de se transformar em personagem.

Na mão direita, trazia uma pasta surrada, mas de excelente couro, que por enquanto abrigava apenas o jornal do dia. Para matizar a sobriedade de seu terno escuro, permitia-se uma concessão: seus cabelos, sem serem longos, ultrapassavam com folga a gola do paletó. Usava, além do mais, uma camisa de tom relativamente vistoso.

Max passou voando pelos contínuos e serventes da portaria que o contemplavam em silêncio, ignorou os cisnes em seu lago e dobrou à direita na altura das palmeiras centrais do impecável gramado: dirigia-se à Divisão do Pessoal.

O chefe da DP, avisado da mudança por um telefonema do Gabinete, o aguardava. Era um homem tranquilo, de certa idade, baixa estatura, físico roliço, portador de um pequeno bigode. Teria, em seu tempo, sido testemunha de manobras iguais ou bem mais ágeis, mas raramente oriundas de pessoa tão moça, que sequer ingressara no Ministério.

Esse ponto, em particular, o intrigava: que o primeiro ato de uma peça pudesse ocorrer antes mesmo de o pano subir, em uma espécie de prólogo secreto ao qual o público não tivesse tido acesso.

De pé a sua frente, Max hesitava. Deveria acomodar-se em uma das duas poltronas? Seu superior, sentado, não lhe dirigiu uma única palavra. Mandou vir a portaria de designação, que releu em silêncio, como se estivesse atrás de algum erro ou imprecisão. Max, tal um soldado raso, aguardou, perfilado, entre os assentos vazios. Sem saber o que fazer dos braços, mas não querendo cruzá-los, deixou-os cair dos lados. Gostaria de fumar, mas não ousou fazê-lo, apesar de notar, sobre a mesa, o cinzeiro usado.

Pensar que, em menos de uma hora, ocuparia uma sala no Gabinete... E que, agora, se encontrava imobilizado diante desse funcionário. Três minutos inteiros já se haviam passado, para Max uma enormidade naquela manhã friorenta de inverno. O ponteiro de relógio na parede prosseguia com sua contagem.

Max vivia o momento definidor de sua carreira. Como tantos colegas antes dele, contudo, não tinha consciência do fato. Naquele modesto cenário, prenúncio de outros mais suntuosos que ainda o aguardavam, perante uma única e silenciosa testemunha, abria mão de um trabalho substantivo que lhe traria grande satisfação profissional, em favor das coreografias adjetivas com que se depararia no Gabinete. Onde nada faria além de abrir portas e receber pastas, que encaminharia a terceiros mais capacitados.

Disso sabia o chefe do pessoal, que mantinha o jovem de pé. Como homem experiente que era, vislumbrava o gênero de trilhas que ele percorreria dali em diante. Também sabia onde elas em geral desembocavam.

— Boa sorte... — murmurou, quando se despediram. Mas sem ser ouvido, pois Max já desaparecera no corredor, e o que dele restava no ar era apenas o eco da batida seca dos tacos de seus sapatos no piso de mármore.

A carreira na qual acabara de ingressar era extremamente competitiva. Obedecia a critérios rígidos de ascensão, que dependiam de promoções sucessivas, do primeiro ao último cargo. Trinta anos, em média, transcorriam entre um ponto e outro do complicado trajeto, por vezes mais. Quanto mais veloz o percurso, porém, mais duradoura a vista panorâmica no topo da pirâmide, para não mencionar as benesses a ela associadas, entre as quais a mais almejada de todas, a do exercício do poder.

Raros, porém, chegariam, um dia, aos cargos máximos. E, entre esses, mais raros ainda teriam acesso aos principais postos no exterior.

Daí a competição acirrada. Por contatos, convites e posições de prestígio, bem como por sorrisos e afagos dos poderosos.

Este, o ambiente em que Max passaria a se mover. Difícil, em condições normais. Imprevisível, em um contexto de arbitrariedades e ambiguidades. Como se veria nos vinte anos seguintes.

Mas faltavam alguns meses para que esse cenário mais conturbado se instalasse. Por enquanto, os militares roíam seus freios nos quartéis. E Max roía o dele na solidão de seu quarto no Humaitá, bairro onde vivia com a mãe — pois dois anos ainda se passariam antes que se mudasse para a Urca.

Nesse meio-tempo, conquistou seu lugar no Gabinete — mas não no coração do Ministro. Este mal o conhecia, dado o complexo sistema interno que, como tudo a seu redor, igualmente obedecia a princípios hierárquicos. Max apertou sua mão, mas a conversa que tanto ensaiara durante a semana se perdera por força de um telefonema da Presidência.

Com base nesse primeiro encontro, Max faria uma montagem: uniria uma meia verdade a uma meia mentira. Diria a seus colegas que sua entrevista com o Ministro *“fora interrompida por um chamado do Presidente”* — e não teria faltado à verdade. A partir daí, porém, reconstituiria, do nada, um diálogo imaginário com a alta autoridade, intercalando toda uma riqueza de detalhes que iriam variar segundo seu interlocutor, e que teriam por cerne as reações interessadas do Chanceler *a suas frases*.

Os colegas ouviriam em silêncio, mas sem trair seus sentimentos. Disfarçavam como podiam a inveja que os corroía. E Max, impávido, desfiaria a história, escondendo o peso de sua desfaçatez, não sem

esforço, em seus ternos sóbrios. E se administrara com galhardia o desafio, fora por pressentir que a sobrecarga seria passageira.

Para sua tristeza, no entanto, não se sentira bem acolhido. Seu nome chegara ao Ministro por sugestão *vinda de fora*, ou seja, não decorrera de uma inspiração interna. Deduzira que alguém mais fora considerado para a vaga aberta, o que aumentara sua insegurança — pois ignorara contra quem teria competido.

Não que o tratassem mal, longe disso. Mas davam-lhe tarefas menores, que a seu ver não se coadunavam com a importância de seu cargo. Como, por exemplo, ler todos os jornais do dia e recortar o que porventura pudesse distrair seus superiores na hora do café. Para isso precisava chegar antes das oito da manhã. E como ninguém deixava o trabalho antes das oito da noite, suas jornadas acabavam sendo cansativas. Morria de tédio boa parte do tempo, mas fazia questão de se mostrar ocupado quando colegas ou visitantes passavam por sua sala, nem que para isso precisasse abrir várias gavetas em busca de um papel inexistente, ou dar uma ordem desnecessária a algum contínuo, em uma voz que soava alta demais até mesmo a seus ouvidos.

Os móveis, tapetes e quadros em seu raio de visão revelavam-se dignos de um museu. Da mesma forma, os lustres, pequenos enfeites e objetos de adorno pareciam todos vir de épocas remotas. Em seu primeiro dia de trabalho, descobrira uma tela de Corot na parede atrás de sua mesa. Atônito, mencionara o fato a um colega, que não apenas o julgara absolutamente normal, como acrescentara em um tom *blasé*: “Você ainda verá um dia o que tem na sala do Ministro.” O comentário

ferira. Por minimizar sua descoberta; e por esse “um dia”, que mantivera seu acesso ao chefe supremo no campo das conjecturas.

O quadro, pequeno, retratava uma paisagem campestre em tons acinzentados, na qual alguns ciprestes balançavam ao vento. No primeiro plano, dois camponeses curvados caminhavam com suas enxadas em direção a um casebre. A obra media, talvez, oitenta centímetros por sessenta, excluída a moldura, barroca de tão rebuscada. Mas sua assinatura era bem visível, no canto inferior direito. Max sabia que a tela valia uma fortuna.

A presença do quadro o reconfortou. Por seu meio, Max retornava à casa paterna — a casa idealizada com a qual sonhara tanto em sua infância. A mesa, além do mais, era imponente, um móvel alto e bem proporcionado. Uma vez acomodado em seu assento, mal alcançava, com as mãos, suas extremidades laterais. E era com algum esforço que chegava ao tinteiro e às canetas a sua frente.

Um tampo de vidro protegia a superfície envernizada. Max pousara sobre ele, no canto direito, um retrato da mãe, que ali permanecera por menos de uma hora, prazo suficiente para que o recém-chegado percebesse que as mesas de seus colegas nada abrigavam, além de pastas e papéis. Não tendo coragem de levá-lo de volta para casa, com receio de que a mãe testemunhasse o recuo estratégico de que fora alvo, guardara-o furtivamente ao fundo de uma gaveta.

Para sua agradável surpresa, descobrira que, pela simples circunstância de ocupar uma cadeira naquele recinto, havia passado a figurar como peça-chave aos olhos daqueles que chegavam em busca de

entrevistas com o Ministro ou seu Chefe de Gabinete. Tratava-se de uma ilusão. Mas da qual ele era a primeira vítima.

Não importava, Max encantara-se com a magia inerente ao ritual. Como se degelasse ao sol, ganhara forças — e confiança. Crescera como uma planta que se alimentasse do respeito alheio. Enchera-se de brio, além do mais, ao notar que as secretárias e datilógrafas, todas elas moças de boas famílias cariocas, apreciavam seus ternos e gravatas. Era o primeiro dos muitos espelhos com que se depararia ao longo de sua carreira — o da vaidade. Espelhos que o levariam a se distanciar de si próprio cada vez mais.

Decorridas duas semanas, o peso da desfaçatez se reduziria — e seus ternos ficariam mais leves. Conseguiu, então, trocar algumas frases relativamente espontâneas com os colegas de trabalho. Pela primeira vez, teve a sensação de ser ouvido. Logo, descobriria que estava sendo visto. Considerou, assim, que finalmente *chegara* ao Gabinete. Nessa mesma noite, em uma roda de amigos, pagou o jantar. E os colegas registraram a novidade, entre fascinados e irritados — neste último caso por terem bebido três garrafas de Château Duvalier, cuja etiqueta mal disfarçava a verdadeira origem do vinho.

Reportava-se diretamente ao Chefe de Gabinete. Este, com o passar do tempo, trocava algumas palavras com ele. No entanto, Max era sempre interrompido por um diplomata mais antigo a instantes de completar sua frase. Mantinha a calma, apesar de revoltado, e até lograva sorrir para a banalidade produzida pelo colega — como conclusão de um pensamento *seu*. Aprendia assim, com enorme sacrifício, a se controlar. E dava início a um sinuoso périplo, que o

levaria a sempre rir das más piadas na hora certa, arredondando-as, quando possível, com duas ou três palavras que lhe conferiam uma graça adicional.

Tudo somado, contudo, continuava infeliz. Pois os assuntos passavam sempre voando por ele, sem que tivesse como examiná-los de modo a produzir algum esboço de ideia mais substantiva, que chamasse atenção para sua pessoa naquele ambiente, onde todo e qualquer espaço era ferozmente disputado. Ao final de algumas semanas, apesar dos cartões de visita que vinha acumulando, e dos próprios que distribuía com zelo (com a indicação “Oficial de Gabinete”), começou a se impacientar. Mas não desanimou, convencido de que precisava aguentar firme e insistir. Contemplou então seu Corot — e recobrou o ânimo.

Mas ânimo, mesmo, recuperava no convívio com os colegas de turma, para quem sua designação continuava a causar visível impacto. Sempre que se encontravam para almoçar ou quando saíam à noite, seus companheiros não resistiam à tentação de formular perguntas sobre o que se passava no augusto cenário. Perguntas a que Max respondia em monossílabos ou fingia ignorar. O que apenas aumentava seu prestígio junto ao grupo. Deduziam que era detentor de segredos de Estado. Suas pausas eram mais estudadas do que suas falas.

Com isso, Max incorporava a sua personalidade a ilusão que projetava a seu redor. Aos poucos, montava uma imagem. O componente visual resultava do figurino hierático, que combinava à perfeição com a imponência de sua sala. Valia-se, também, de olhares incisivos ao examinar ofícios e telegramas. O elemento sonoro emergia

em surdina, por força das meias-palavras que enunciava e que refletiam os segredos de que se fazia crer depositário.

Nessa fase, ele mais se assemelhava a um grande boneco do que a um ser humano. Nem marionete era, pois não tinha quem o manipulasse. Estando tudo o mais em seu lugar, portanto, faltava-lhe, apenas, substância. E esta viria, por obra e graça de uma intervenção divina. Pois os deuses da sorte estão, curiosamente, tão atentos aos homens de bem quanto aos demais.

4

Os meses que antecederam à quartelada de 1964 foram férteis em irresponsabilidades de todo tipo, boa parte das quais rica em ingenuidade. Como se a época, e tudo o que ela encerrava, pudesse encarnar, em meio ao cipoal político e intelectual de então, um grau quase pueril de inocência. Entre discursos, artigos, conjecturas, provocações e desafios variados, pensava-se em tudo, menos no óbvio: que os militares, convencidos da desintegração de valores a seu redor, iriam mesmo colocar seus velhos tanques nas ruas e intervir na cena política. Não havia quem, fora o pequeno círculo de conspiradores, considerasse seriamente a hipótese extrema — ainda que a classe média se confessasse assustada com os rumos populistas do governo e traduzisse seus receios em grandes manifestações, organizadas pelos setores mais tradicionais da sociedade, com o apoio explícito de segmentos do clero.

Este, refletindo cisões que se multiplicavam pelo país afora, também se dividira entre uma ala progressista, simpática aos camponeses, estudantes e líderes sindicais, e outra, de perfil conservador, que tinha

na figura solene do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro sua liderança mais expressiva.

Nessa condição, o Cardeal pedira hora para visitar o Chanceler. E Max fora escalado para proceder ao registro escrito da entrevista. Era a primeira vez que recebia incumbência de tal importância.

Ignorava a que deveria a honra da missão que lhe fora confiada. Ficaria surpreso se descobrisse que a tarefa havia sido sucessivamente encomendada a todos os seus colegas de Gabinete, sem que nenhum deles, sob variados pretextos, se interessasse por ela. Julgavam que o Cardeal vinha em mera visita de cortesia, quem sabe em busca de apoio para algum bazar de caridade.

Enganavam-se, como Max se daria conta ao reler suas notas e passá-las a limpo. Pois fora somente nessa releitura — de tão nervoso que estava ao longo da entrevista — que ele percebera o motivo que se ocultava por trás do diálogo florido de que havia sido testemunha: o extremo receio do Cardeal com relação a certas tendências de nossa *política além-fronteiras*, que pareciam querer afastar o país de sua vocação mais tradicional de inspiração cristã e colocá-lo perigosamente próximo de determinados regimes ateus, com seus chocantes fuzilamentos, que nem padres vinham poupando.

O Chanceler, embaixador de carreira e profissional respeitado no Ministério por suas qualidades intelectuais e integridade pessoal, era um homem afável. A esquerda brasileira, perdida em suas próprias aspirações — e contradições —, não poderia ter encontrado uma melhor face com que se apresentar ao mundo. A direita, por sua vez, espremida entre uma elite gananciosa, que nada enxergava além de seus

interesses, e uma estrutura militar seduzida por vocações heroicas de poder, também tinha no Cardeal um representante legítimo — por uma razão singela que fosse: seu superior hierárquico morava em Roma e contava com acesso assegurado ao firmamento. Os antecedentes de ambos acabaram, assim, dando certa graça ao encontro dessas duas personalidades.

Colado ao espaldar de sua cadeira e emudecido pela solenidade do momento, nosso *notetaker* concentrara-se em sua tarefa. Apenas suas mãos se moviam, a esquerda atenta ao bloco, a direita veloz pelas folhas de papel. Nessa reedição de embates antigos, os dois interlocutores, herdeiros dignos de tradições seculares e veneráveis, substituíam por metáforas e amenidades os caldeirões de azeite fervendo que seus antepassados haviam atirado uns nos outros das muralhas de seus castelos.

O Chanceler retirara de uma estante o retrato emoldurado em prata, no qual aparecia com a esposa na companhia do Papa — e o colocara em evidência na mesinha de centro. O Cardeal trouxera para o Ministro uma caixa de mãos-bentas, pois se recordava de conversa social anterior em que seu anfitrião lhe revelara ter um fraco pelo docinho. E não havia quem os fizesse como as freiras de sua arquidiocese.

Os dois homens nutriam certa curiosidade um pelo outro. Seriam até mais próximos, não fossem as missões distintas de que estavam imbuídos: no caso do Chanceler, dar forma e continuidade a uma política externa independente; no caso do Cardeal, colocar a maior distância possível entre o Brasil e o Inferno.

Visões claras e precisas. E que, na época, se apresentavam como irreconciliáveis, ainda que o fossem apenas nas aparências, pois as dificuldades de ontem nos fazem sorrir hoje — e perderão maior sentido no dia de amanhã. O Chanceler, dada sua sólida formação, pressentia essa simples verdade. Tanto que, sem aludir diretamente ao Mal, se esforçava em sugerir que, como tudo na vida, ele não deveria ser visto de forma estática. Mesmo porque, potencialmente ao menos, poderia um dia se aproximar do Bem. E ilustrava a tese com comentários sobre a política externa de outras eras, cujos anseios e preocupações, vistos em perspectiva, pareciam, naquela manhã de primavera, de importância comovedoramente menor.

Conversaram por uma hora. Não lhes escapava o fato de estarem sentados na sala que fora ocupada pelo Barão do Rio Branco em vida, na qual o grande mago trabalhara como poucos por nosso país, e na qual morreria, cercado de mapas, livros, papéis e admiração. Daí que em nenhum momento se colocaram em posição de confronto. Quem os ouvisse e seguisse seu diálogo poderia até imaginar que participavam de seminário acadêmico voltado para temas que não apresentassem grande incidência sobre o mundo real.

Max se mantivera então sensível ao ritmo das palavras. Embalado por elas, sentira que seu destino precisaria ser traçado na alameda estreita que entrevia *entre* os dois interlocutores. Por ali, ao abrigo daquela melodia que soava em sintonia com a brisa a balançar as palmeiras-imperiais do Palácio, pretendia ver sua carreira florescer.

O jovem que, naquela manhã, entrara no gabinete do Chanceler de terno e gravata, com papel e lápis nas mãos, dele saíra de hábito de

monge e sandálias franciscanas. Acompanhara o Cardeal até o carro e beijara seu anel com um misto de fervor e humildade. Gesto que muito sensibilizara Sua Eminência — e do qual, à noite, o alto prelado não se esqueceria em suas preces.

O secretário do Cardeal, que não participara do encontro com o Ministro e permanecera na antessala rezando seu terço, fora além: registrara, de caneta em punho e com esmero, o nome e o telefone de casa do simpático diplomata.

São muitas as formas que assume a intervenção divina e, não raro, algumas se resumem a umas quantas anotações rabiscadas às pressas em uma caderneta anônima, logo perdida no bolso de uma batina surrada.

5

Meses depois, na sequência do golpe militar, o agora ex-Chanceler imaginou que poderia ser preso a qualquer momento. Horas após sua demissão, colocou em uma maleta de couro preto um pijama, uma muda de roupa e um livro de contos de Machado de Assis, além de alguns objetos de toalete e um par de chinelos. Em seguida, sentado na sala em companhia da esposa, aguardou a viatura que, segundo seus cálculos, viria buscá-lo.

Enquanto trocavam algumas palavras, notou, em sua mesinha de centro, a foto com o Papa, recolhida na mesma tarde do gabinete, com alguns livros e documentos mais pessoais. Recordou-se então da visita do Cardeal. Se fosse preso, receberia do prelado um pacotinho de mães-bentas? No fundo, sabia que dificilmente seria detido ou passaria por vexames maiores, pois estes pareciam reservados aos operários, estudantes e intelectuais que caíssem nas mãos da repressão. Mas sentiu que sua carreira se encerraria ali. Consolou-se diante da possibilidade de dar finalmente início ao primeiro tomo de suas memórias. E se lembrou de que, três semanas antes, em um momento que lhe parecia agora remoto, um de seus oficiais de gabinete, a cujo apelido acabara aderindo

(apesar de jamais se referir a pessoas por suas iniciais), oferecera-se para ajudá-lo nessa tarefa.

Max... Para se distanciar dos temas sombrios, concentrou-se por um momento na curiosa personalidade desse menino recém-saído do Instituto Rio Branco. Nos poucos meses de convívio, o jovem não cessara de surpreendê-lo. Tudo começara no dia que o Cardeal o visitara. Naquela manhã, o jovem passara inteiramente despercebido. Como se fizesse parte do mobiliário. Mas a qualidade das anotações causara-lhe boa impressão, excelente até. Ali estavam refletidas, com absoluta fidelidade, as frases enunciadas pelos dois interlocutores. Havia mais, porém. Algo que apenas um exímio leitor de entrelinhas teria tido condições de resgatar: *os pensamentos de ambos*. Para tanto, o rapaz fizera uso de parênteses, que intercalara ao longo do texto, como pinceladas inseridas a esmo, e no interior dos quais tivera o desplante de inscrever quatro ou cinco palavras de cunho próprio, a título de comentário adicional.

Em um primeiro momento, o Ministro se irritara. Mas, ao observar melhor o texto, cedera ao charme (e eficácia) da novidade. E dissera ao Chefe de Gabinete: “Um perigo, esse jovem: teve a audácia de *interpretar* nossa conversa.” E, sem pestanejar, acrescentou: “Convoque-o para as próximas.” Se tinha como ler seus pensamentos — e decifrar com igual habilidade os do Cardeal —, teria outros talentos.

A notícia logo se espalhara no Gabinete. E, a partir daí, Max passara a ser ouvido por todos sem interrupções, exceto as que louvavam ou realçavam o que dizia. O Ministro submetia-lhe textos para revisão e eventuais sugestões. Cabia-lhe decidir sobre o número e a incidência de

citações, bem como balanceá-las com dados objetivos que refletissem mais de perto a realidade social brasileira. O jovem assessor integrara o reduzido grupo de diplomatas que acompanhara o chanceler à ONU. Por ele haviam passado todas as versões do célebre discurso pronunciado pelo Brasil na abertura da Assembleia Geral da Organização, sem que, verdade seja dita, ele acrescentasse uma única palavra ao texto original. Mas o fato de que as versões tivessem sido submetidas a sua leitura por ordem superior já falava por si.

Nisso pensava o embaixador afundado em seu sofá, de olho em seu retrato com o Papa — e na maleta pousada ao pé da porta de saída. Nisso e no abismo no qual o país iria agora mergulhar. *Paciência...* Uma geração ou duas seriam sacrificadas, nuvens de intolerância e arrogância se abateriam sobre o país. E, quem sabe até, sobre a região... Mas, um dia, a verdade voltaria a reinar — era uma simples questão de tempo. *Enquanto isso, porém...*

Naquela mesma hora, em seu quarto no Humaitá, Max navegava em mundos distintos. Suas fantasias voavam em contraponto ao prelúdio de Bach que ouvia. O quarto mantinha-se escuro, exceto pelas tonalidades avermelhadas do anúncio de Coca-Cola, que piscava na padaria da esquina a poucos metros de sua janela. O rosto ora sombrio, ora vermelho, Max sorria. Recebera momentos antes, do secretário do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, com quem vinha mantendo discretos contatos desde a entrevista entre Sua Eminência e o ex-Ministro, um telefonema tranquilizador sobre o destino que o aguardava. *Os verdadeiros patriotas não seriam perseguidos nem incomodados pelos militares*, fora-lhe assegurado. E havia mais: seu

lugar na Missa de Ação de Graças, na Igreja da Candelária, estava reservado. Na oitava fila, onde se sentariam os coronéis — e, com um pouco de sorte, se chegassem a tempo do Rio Grande do Sul, dois generais.

Nas semanas que se seguiram, os colegas de Max, que mal davam seus primeiros passos na carreira, sentiram-se perdidos, como atores que pisassem em cena sem saber seus textos. Como jovens que eram, estavam desnorteados. Percebiam que haviam estudado anos a fio para ingressar em uma instituição que os preparara para cenários e realidades que haviam desaparecido como por um golpe de mágica, levando de roldão ideais, compromissos e lealdades. Tais os filhotes dos cisnes precariamente equilibrados sobre suas patas nos gramados do palácio, buscavam, no rosto de seus superiores hierárquicos, sinais que indicassem o rumo a seguir.

Vistos sob um ângulo corporativo, os diplomatas traquejados poderiam ser considerados moderados, que tanto poderiam servir à esquerda, como haviam feito em anos mais recentes, quanto à direita, como se preparavam para fazê-lo — desde que esta se apresentasse de forma palatável e não violasse as aparências e os bons costumes. Conformados diante de uma situação contra a qual não poderiam lutar, colocavam o passado de lado e encaravam o futuro com olho clínico. Alegavam que serviam ao Estado, não ao governo — dado que este era passageiro por definição. Costuravam, assim, o amplo manto da indulgência sob o qual logo buscariam abrigo.

Para a turma de Max, que recebia, em terceira ou quarta mão, as sobras dos boatos que circulavam pelos corredores do poder recém-

constituído, a maior surpresa decorreu da suave aterrissagem de seu mais ilustre colega. Max, como seria de esperar, deixou o gabinete do Chanceler demissionário. Mas, ao contrário do que sucedera a seus companheiros de trabalho — relegados a funções obscuras, modestas ou nulas —, foi parar em *outro gabinete prestigiado*, o do novo Secretário-Geral do Ministério.

Aos colegas que consideraram a simples mudança de pouso com certa perplexidade, dado que, mal ou bem, se dera contra um quadro de rupturas, Max explicou que a *Revolução* (e pronunciou o termo com uma pitada de ironia) precisava encontrar, no Ministério, homens que “*ajudassem a assegurar uma transição suave aos novos tempos*”. E acrescentou, brincando, como se não tivesse mesmo tido opção: “... e que, além de pensar, também soubessem escrever.”

Era então de um sacrifício pessoal que se tratava..., chegaram a pensar os mais ingênuos. Um sacrifício que permitisse ajudar no esforço de preservação da instituição a que todos pertenciam. Ainda que, para tanto (e aqui nosso herói, tomado por um esboço de pudor, baixara os olhos), ele precisasse abrir mão de suas convicções pessoais — as quais, por sinal, como também se apressava a esclarecer, “*nunca haviam sido de identificação irrestrita com o regime populista anterior*”. Assim, na encruzilhada entre o passado e o futuro, Max voltava a sentir o peso do traje.

Como homem disciplinado que era, contudo, soube usar os anos na Secretaria-Geral para aprofundar contatos e consolidar alianças, dentro e fora do Ministério. Cuidava de assuntos sul-americanos, preparava maços para reuniões, revia os discursos que seriam pronunciados em

encontros regionais, participava de entrevistas de alto nível. Não formulava propriamente política, mas ajudava a implementá-la. Conquistava, no dia a dia do trabalho, a experiência no trato objetivo dos temas — e algo mais que ele próprio teria tido dificuldade em definir. Mas que seus colegas de turma não tiveram o menor problema em identificar: Max consolidava, de forma discreta, mas sistemática, *sua autoridade*.

“Era algo”, como me confidenciou um diplomata que lidou de perto com ele na época, “que passava pelo *tom* da voz”. Longe da humildade dissimulada que caracterizara sua fala nas primeiras semanas de convívio no Ministério, o tom agora ficara *metálico*. “Vinha marcado por um ligeiro toque de impaciência, mesmo nas situações corriqueiras.” Esse colega também detectou o que eu comprovaria mais adiante, a quase imperceptível empáfia com que Max se dirigia a alguns de seus superiores hierárquicos por quem não nutrisse especial respeito, como se estivesse afiando suas garras e, com elas, sugerisse o óbvio: eram apenas *de idade* — jamais de experiência — os anos que os separavam.

Quando o conheci, bem mais adiante, em 1968, intrigou-me o fato de que ele, a essa altura já com cinco anos de carreira, ainda permanecesse no Brasil. Lembro que falamos sobre isso em nosso primeiro almoço, sem nos aprofundarmos, pois não tinha com ele a intimidade que fui construindo aos poucos. Se, em vez de se eternizar no Rio de Janeiro, ele tivesse optado por um posto na Europa, como teria sido normal após o longo estágio na Secretaria de Estado, sua trajetória teria tomado o caminho de tantas outras que, pago o pedágio ao poder reinante,

havam-se diluído no exterior sem maiores prejuízos para a imagem pessoal dos interessados.

Ocorre, contudo, que Max se habituara ao convívio com o poder. A química que o unia a seus cenários e personagens era de tal forma intensa e inebriante, que ele já não conseguia viver sem ela. “Em Paris, eu teria o Sena, o Louvre, os Champs-Élysées...”, como me diria um dia, acendendo a cigarrilha cubana que costumava fumar naqueles tempos. Para então concluir, entre duas baforadas: “Aqui, tenho o ouvido dos poderosos.”

O ouvido dos poderosos... Como imaginar aconchego maior? Não há quem, tendo servido em gabinetes, não saiba o que isso significa, ainda que dificilmente consiga traduzir a sensação de volúpia em palavras. Estar colado ao poder, fundido a ele na intimidade de um café tomado a dois, bem além do acesso privilegiado ao seio materno, equivalia também a alcançar a plenitude mais absoluta, ainda que esta apresentasse contornos indefinidos. *O Gabinete mandou pedir que...* Eram princípios aveludados de frases como essa que davam o *tom* imposto pelas altas chefias. Mandava-se, é certo. Mas *pedia-se*. A ordem vinha, assim, embalada em uma carícia. Que o pedido não admitisse recusa era fato que passava tão despercebido quanto os contínuos que circulavam em silêncio com suas bandejas de água ou de café.

6

O que não se sabia, na época, e somente depois viria à tona, e assim mesmo de forma imprecisa, era que Max, desde a fase inicial da *Revolução*, ajudara a construir uma ponte entre o Itamaraty e a *comunidade de segurança*, o embrião do que viria a ser o Serviço Nacional de Informações — o temido SNI.

Ainda que de maneira informal, ele foi, pelo menos em um primeiro momento, um de seus elos com o Ministério. E isso por uma sugestão casual, quase improvisada, do assistente direto do Cardeal, homem que tinha bons contatos com os militares e cujo nome, anos depois, seria encontrado na relação dos privilegiados que recebiam um telefonema diário da chefia do SNI. “*Acho que tenho a pessoa ideal para vocês...*”, o sacerdote teria dito na ocasião.

Se esses vínculos mais especiais de Max eram ignorados por todos na Secretaria-Geral, onde ele *também* exercia funções em tudo semelhantes às de seus colegas, não faltou quem registrasse uma anomalia mais específica naquele cenário: a de que sua mesa não se encontrasse nas salas principais, onde os funcionários coabitavam em grupos de três ou quatro, e sim em um espaço recuado, cuja entrada era protegida por um

biombo, e pelo qual os diplomatas, de maneira geral, raramente passavam.

Não que tivessem sua entrada proibida, longe disso. Mas como não se tratava de área de trânsito, que levasse de uma sala a outra, ou a algum gabinete, ninguém por ali circulava — a não ser que convocado fosse. E esses entravam discretamente.

Um amigo, que servia na Secretaria-Geral na época, comentou certa vez que a saleta era mais evocada do que propriamente vista. Quem sabe para desmistificar a aura de mistério associada àquele recanto, Max visitava com frequência as mesas dos colegas, sob pretextos variados, que davam então margem a conversas informais sobre, como ele costumava dizer, *pautas diversas*. Fazia-o — detalhe relevante — *sem paletó*, pois este ficava dependurado em sua cadeira, como um elo que o vinculasse a seus verdadeiros domínios. Não era o único a andar em mangas de camisa naquele ambiente, mas conseguia ser dos raros a fazê-lo entre os mais jovens, o que também contribuía, aos olhos de todos, para situá-lo em um patamar superior na escala hierárquica que regulava nossas vidas.

Naqueles primeiros tempos, o SNI propriamente dito, ou seu embrião, funcionava no centro da cidade, no décimo terceiro andar da sede do Ministério da Fazenda. O prédio tinha uma de suas entradas principais voltada para a avenida Antônio Carlos, não longe da Maison de France, um dos redutos da intelectualidade carioca, por força dos filmes da *nouvelle vague* ali exibidos em primeira mão, ou das peças de teatro (Brecht e Ionesco, intercalados com Feydeau ou Dürrenmatt) que uniam elencos conhecidos a plateias selecionadas.

Max ia muito à Maison e não era incomum vê-lo comendo, em um restaurante vizinho, antes de algum espetáculo. Em pelo menos uma ocasião, contudo, também foi visto no temido décimo terceiro andar do prédio da Fazenda. Mas foi necessário que vinte anos se passassem antes que um elo pudesse ser estabelecido entre sua presença naquele local e suas atividades sigilosas. Pois quem deu com ele na sala de espera daquele fatídico endereço, em um final de tarde, e o cumprimentou com alívio e efusão viera em busca de informações sobre o paradeiro de um parente desaparecido — e não poderia supor que Max ali estivesse por motivo distinto. Depois de abraçar nosso amigo, com uma intensidade que supunha refletir medos e receios compartilhados, ainda lhe soprara um discreto “*boa sorte*” repleto de afeto ao vê-lo desaparecer por uma porta com um aceno de despedida.

Em certa medida, e como muitos em nossa geração, também eu me deixei enganar pela natureza das atividades de Max. Uma vez que participava de nossos projetos mais ostensivos, considerávamos Max um membro a mais de nossa equipe, cujas funções escapavam ao escrutínio geral — pela natureza sensível das matérias de que se ocupava. E não porque encobrissem algo de escuso.

Na realidade, sem que soubéssemos, integrávamos um grande quebra-cabeça, do qual faltavam inúmeras peças. Hoje seria fácil juntar as pontas desse longo e interminável mosaico e imaginar as razões, por exemplo, que teriam levado alguns de nossos colegas, preteridos em promoções ou remoções, a optar pela escada mal viam Max se aproximar do elevador. Mas, na época, como saber? E como descobrir as razões que teriam levado Ana, a talentosa atriz com quem nosso

herói parecia se dar tão bem, a dele se afastar aos poucos, até chegar ao ponto de nem cumprimentá-lo em público?

Quem conhecia ou frequentava o casal simplesmente achou que Max trocara a moça pela filha de conhecido banqueiro, com quem passara a circular pela noite carioca em uma roda de cinco ou seis amigos. Podiam ser vistos no Jóquei Clube ou na pérgula do Copacabana Palace, onde eram fotografados para as colunas sociais. O antigo grupo da Urca, a essa altura, já se desfizera de vez.

Nessa fase, Max incorporou Pascal e Saint-Simon ao acervo de suas leituras, talvez por uma necessidade de recuar no tempo e se preparar para as transições que ainda viriam. Teve, por outro lado, o cuidado de deslocar para as prateleiras superiores de suas estantes, tapando-as com fotografias e outras peças de decoração, as obras que devorara na juventude. Em compensação, mergulhou no jazz com uma intensidade febril, como se ali encontrasse uma válvula de escape que o ajudasse a lidar com o universo contraditório em que se debatia. Só que, agora, apenas eu o acompanhava nessas viagens solitárias — mas com uma periodicidade que diminuiria com o passar do tempo.

Quando, muitos anos depois, com o país já redemocratizado, um diplomata de sua geração teve acesso a documentos que comprovavam seus vínculos com a comunidade de informações — e o confrontou de dedo em riste com as provas —, Max não se abalou. Limitou-se a dizer: “Mas o que é que você queria, meu caro? *Alguém* tinha que fazer esse papel.” O sorriso sugeria: *vocês tiveram sorte de ter sido eu*. De toda maneira — logo acrescentara —, sua participação *fora apenas episódica*. E se devera às opções geopolíticas com que se deparara o governo de

então, nada tendo a ver com denúncias contra diplomatas. Mesmo porque, segundo ele, essas derivavam de decisões tomadas por comissões de inquérito, das quais jamais teria feito parte.

É bem provável que assim tenha sido — pelo menos de início. E que, nessa fase, ele tenha atuado apenas no plano das ideias. Mesmo porque os generais, fascinados por um poder a que jamais tinham tido acesso de forma tão irrestrita e abrangente, descobriam-se estadistas. Necessitavam, portanto, de teorias que legitimassem seus objetivos ou prioridades. E que não se restringissem apenas a catequeses anticomunistas, pois se essas haviam bastado para instalá-los no poder, já não seriam suficientes para sustentá-los indefinidamente em cena.

Max tinha lido tudo, de Confúcio a Walter Benjamin, de Maquiavel a Hans Morgenthau, de Proudhon a Arnold Toynbee, para não falar de Gramsci, Adorno, Max Weber ou Hannah Arendt. Sabia como poucos adaptar, simplificar e, sobretudo, manipular os subsídios que extraía ocasionalmente de cada um desses mestres. Especializara-se, além disso, em temas da América do Sul. Abraçou as ideias de Marshall McLuhan com tal entusiasmo que todos se convenceram da necessidade de censurar de imediato os meios de comunicação, sendo que, justiça seja feita, alguns previram a total inutilidade dessa medida a longo prazo. Tivera acesso a uma cópia de *A produção de informações estratégicas*, texto de um general norte-americano cujo conteúdo assimilara como poucos — e que incorporaria como parte de sua retórica pessoal, alternando suas citações com frases de Sun Tzu (“Como consta de *A arte da guerra*”, sentenciava franzindo os olhos e adornando suas palavras com um sotaque oriental a que se somava uma cadência

achinesada, “cada bataaalha é ganha... antes mêsmu de ser... tlavaaaada”).

Seu sentido de humor era muito apreciado, por permitir que todos dessem mostras de finura e agilidade intelectual ao rirem de suas brincadeiras. Mas sua força provinha dos subsídios teóricos de que necessitavam os segundos escalões militares — dos quais, por sua vez, dependiam as novas lideranças. O pessoal da Escola Superior de Guerra chamava-o com assiduidade para conversas informais, que se estendiam madrugada adentro, e até incluíam, a título de simpático arremate, uma caminhada pela praia Vermelha para ver o sol nascer e, com ele, um novo Brasil surgir.

7

Max conheceu Marina, a filha do banqueiro com quem viria a se casar, em um vagão de trem na Rio-São Paulo. Era, como me diria meses depois, “*uma moça tímida, mas tenaz*”. Marina, que já passara dos vinte anos, ainda não vivera um grande amor. E, em uma época em que a castidade se impunha como moeda corrente às moças de bem, encantara-se diante de um homem que, em uma versão mais jovem, lembrava a tranquilidade solene de seu pai. Os mesmos gestos pausados, a mesma fala claramente enunciada, como se de sua boca saíssem versos escandidos...

Marina usava óculos, pois era míope. Tanto que, em um primeiro momento, Max relegou sua beleza a um segundo plano, só vindo a dela tomar conhecimento aos poucos, e mais adiante, como se a figura a sua frente necessitasse de um tempo de sedimentação, antes de emergir da sombra e criar raízes em sua imaginação.

Ela era alta e se vestia com uma elegância casual que beirava a discrição. Em nosso grupo, as mulheres logo notariam a qualidade das peças que usava, quase sempre assinadas por costureiros de renome.

Por isso, pelo menos de início, Marina fora vítima de certa hostilidade entre elas, que fingiu não ver, mas da qual se ressentiu.

Com seu olho clínico, Max dera-se imediatamente conta da nobreza de seu porte ao vê-la ingressar em sua cabine. Fora a postura da jovem que o levara a baixar seu jornal.

— Desculpe — ela dissera —, mas...

E completara, em voz baixa:

— ...acho que esse compartimento foi reservado para mim.

Somente então olhara para ele de frente.

A jovem devia ter razão..., ele pensara, entre surpreso e desconcertado. Dividir uma cabine de um trem noturno com uma moça também não lhe parecia fazer sentido. Teria ocorrido algum engano?

Buscou seu bilhete no bolso do paletó:

— É possível... — chegou a dizer, enquanto se levantava. — Mas receio que não... Acho que estou no compartimento cer...

— Não... — ela interrompeu com delicadeza, após se inclinar sobre seu bilhete e apontar para o número indicado na porta.

E, de fato, Max se enganara. Não errara apenas de compartimento, *mas de vagão!* Constrangido, desculpou-se, enquanto dobrava seu jornal. Desfeito o mal-entendido, a jovem se divertia vendo-o recolher com um ar contrafeito a maleta e o paletó.

Mais adiante haviam-se revisto no vagão-restaurante. Com um sorriso, ela o convidara a se sentar a sua mesa. E estendera a mão de forma simpática:

— Marina Magalhães de Castro.

— Marcílio Andrade Xavier.

— *Andrade Xavier?*

— *Sim e não...* — ele se apressara em dizer. — É uma longa história...

— É uma longa viagem... — ela respondera.

E o trem continuara a correr sobre seus trilhos, só que, agora, mais animado. Uma garrafa de vinho tinto se materializara como por encanto. As duas taças que a jovem bebera haviam tido mais efeito sobre ela do que as seis por ele tomadas. Vieram, então, as descobertas. Tinham amigos comuns, dentro e fora do Itamaraty. E, embora não circulassem pelas mesmas rodas sociais, frequentavam suas periferias menos formais — a dos artistas e intelectuais. Confirmavam, com a alegria dos encantamentos incipientes, que outros cenários os uniam, dos restaurantes de beira de praia à livraria Da Vinci, das sessões no Paissandu às corridas noturnas no Jóquei. O banco do pai de Marina financiara vários filmes do Cinema Novo. Sem saber, haviam comparecido às mesmas pré-estreias. E isso agora os divertia, como se a novidade pudesse prenunciar outras, mais palpitantes.

Max não tivera dificuldades em definir com precisão o nicho social de sua companheira, cujas origens remontavam, pelo lado materno, a uma antiga aristocracia agrária e, pelo lado paterno, a uma fortuna edificada e consolidada no mercado financeiro. Por sua vez, ela notara que seu interlocutor não se encaixava nos estereótipos comuns à carreira diplomática. Apesar de bem-educado, não possuía os excessos ou maneirismos de seus colegas. Demonstrava, além do mais, um genuíno interesse pelo que ela dizia. E não parecia atribuir maior importância a suas próprias palavras, ainda que tudo, em sua aparência, inspirasse

seriedade. Comportava-se, porém, como se a última coisa que esperasse de sua parceira de viagem fosse ser levado a sério por ela.

Quem sabe por isso, ou pela leve esperança que se apossa dos tímidos quando confrontados com circunstâncias inesperadas em trens noturnos, a frase decisiva da noite acabaria sendo pronunciada por ela. Depois que haviam longamente falado de suas trajetórias respectivas no tom meio displicente de pessoas que nada mais esperavam da existência — fora uma boa surpresa —, ele dissera que, com a chegada do trem à estação, seus caminhos voltariam a se separar. Ela então dera um último gole de vinho e respirara fundo, antes de lançar ao ar seu desafio: “*A menos que a fortuna, com todo seu talento, volte a nos juntar.*”

Nem o jeito brincalhão com que a frase tinha sido enunciada retirara, aos ouvidos de Max, o sabor de revelação daqueles substantivos. *Fortuna... Talento...*

No dia seguinte, ao telefone, ela confessaria a uma amiga: “Não sei de onde tirei coragem para soltar uma tal barbaridade.” Antes de acrescentar, sem grande convicção: “Deve ter sido o vinho.” (*Se você quiser acreditar nisso, pensou a amiga do outro lado da linha.*)

Marina sabia perfeitamente que sua audácia nascera de carências antigas. Ignorava, apenas, o essencial: que as brasas do pequeno fogo de lareira construído a dois naquele trem noturno haviam sido sopradas por Max com infinito cuidado.

Porque, depois do jantar, os dois tinham permanecido no vagão-restaurante por mais de uma hora, entremeando pausas cada vez maiores em sua conversa. Marina olhava para as pequenas cidades e vilarejos que atravessavam em meio à noite como se aparições fossem,

mas de um sonho comum. Por vezes, o trem entrava e saía de túneis, o que levava seus dois perfis a se tornarem de repente visíveis contra o vidro embaçado da janela, para em seguida desaparecerem em meio à paisagem. Ela ficava então com a sensação de que haviam partido juntos rumo a destinos gloriosos, ao passo que o homem sentado a sua frente, contemplando a mesma paisagem, lidava com assuntos de ordem pragmática.

Até que, subitamente, como se um cansaço ancestral baixasse sobre eles de forma irresistível, tiveram pressa em se recolher aos casulos de suas respectivas cabines. Desejavam reconstituir suas conversas na escuridão, em compasso com o balanço do trem, sem maiores testemunhas que seus próprios anseios ou expectativas.

Marina admirara a franqueza e simplicidade com que Max falara do desquite dele, ainda que o assunto lhe trouxesse um pequeno aperto no coração. Descobrira, ao ouvir suas confidências sobre o final da relação com a ex-mulher, o quanto também se sentira só ao longo de sua adolescência e princípio de vida adulta. Sem saber, ingressara na mais perigosa das antessalas, a que se supõe visitada por almas gêmeas.

Max não pregou o olho por toda a noite. Acompanhou as sombras que se sucediam velozmente pelo teto de sua cabine avaliando as implicações do encontro inesperado. De repente, por um simples capricho dos deuses, parecia prestes a dar um passo decisivo na reconquista do que, em sua maneira de ver, jamais deixara de ser seu, fechando assim, com chave de ouro, um ciclo iniciado com o ingresso no Itamaraty.

Sobre esse episódio, ele pouco diria a seus colegas. Durante meses a fio, Marina se manteria encoberta por uma aura de mistério, da qual emergiria raramente, por meio de uma foto publicada em algum jornal, ou pela sonoridade abafada de sua voz em um telefonema recheado de sussurros.

A ela devo a minuciosa descrição da cena no trem, pois ficaríamos amigos ao longo dos anos, ao construirmos aos poucos, quase tateando, uma cumplicidade no processo de investigação que, por caminhos separados, conduziríamos em busca de soluções para nosso enigma comum. Se, nesse processo, eu procurava verdades mais objetivas, que refletissem as realidades de minha carreira, a busca de Marina se revelaria mais profunda. Por muitos anos, inclusive, tomaria a forma de uma obsessão.

Por que razão, perguntava-se Marina, Max deixara de se entregar ao amor com a mesma intensidade por ela demonstrada? Por que, após o casamento, ele dera início a um sinuoso processo de retração — que a levaria a se enredar ainda mais na relação? O que bem poderia ter se passado?

Quanto mais ela se voltava para o marido, de modo por vezes até ansioso e pueril, quanto mais se expunha, telefonando com certa insistência ou presenteando-o com discos que ele mal ouvia, ou livros que mal abria, mais Max parecia recuar, em um jogo que, no início, a intrigara e, logo, a frustrara, levando-a a ter pesadelos recorrentes com areias movediças e quedas no vácuo.

A vida não a preparara para grandes desafios — e seguramente não a dotara de defesas contra situações desse gênero, cujas origens ela nem

tinha como identificar. Brigara com a irmã mais velha que, de forma singela (“*ele talvez não goste de mulher, essas coisas acontecem com alguma frequência no Itamaraty*”), tentara reduzir seu dilema a proporções mais toleráveis.

Não soubera como lidar com um homem que, depois de sinalizar de mil maneiras seu interesse — e seu desejo — por ela, se afastara aos poucos de sua pessoa, ainda que de uma forma quase imperceptível. Não soubera, para descer a um detalhe que a magoara mais que outros, como entender um marido que, em sua noite de núpcias, demonstrara tão pouca paixão por ela, para em seguida adormecer pesadamente a seu lado, deixando-a suspensa na escuridão.

Naquela noite, enquanto os convidados da festa de bodas dormiam contentes, às voltas com sonhos recheados de cascatas de lagostas ou camarões, uma semente incômoda fora plantada em um recanto perdido de seu ser, a mesma que, anos depois, a levaria, por despeito ou solidão, a buscar refúgio nos braços de outros homens.

Max, por sua vez, teve a ilusão de que, com Marina, estava blindado contra todo tipo de ameaças e perigos. Julgava que ninguém poderia atingi-lo enquanto ela permanecesse a seu lado. Em um plano, teve razão, pois ela foi sua companheira em uma trajetória socialmente irrepreensível, que muito fez por sua carreira nos doze anos em que viveram juntos. Mas não em outros planos, justamente os que ferem e deixam sequelas. Pois, se Max levava uma vida dupla em sua rotina de trabalho, a relação com Marina o exporia a outro tipo de duplicidades, bem mais sofridas até para ele próprio, pois que se davam no universo das emoções.

Ele ficaria surpreso, e até irritado, se alguém, em um sonho que fosse, lhe revelasse que, malgrado seus formidáveis mecanismos de defesa, amava sua mulher. Para evitar a ansiedade e apreensão de que se revestiria tal descoberta, optara por manter seus sentimentos sob rígido controle. Daí sua tendência a reagir com uma quase indiferença ao afeto de que era alvo. E a se colocar como tutor da mulher, no lugar de seu parceiro. Afinal, pensava, ela era jovem — e tinha muito que aprender. Dessas verdades prosaicas nascem os mal-entendidos. E as decepções.

Da saga de que me ocupo, só sei o que me foi contado, ainda que de forma episódica e diluída no tempo. Mas a impressão que me ficou do desencontro protagonizado pelo casal é clara: à diferença de seu mundo sigiloso, que mal ou bem administrava, Max pagaria, com a mulher, um preço distinto e mais alto, que suas opções profissionais não teriam como lhe cobrar.

Bem além da esposa rica nascida em berço de ouro, que lhe trouxera o sustentáculo social e financeiro de que ele julgava necessitar, Marina acabaria por representar, em sua vida, um contraponto doloroso — pois que enraizado no desamparo. Suspeitaria de que se valia de sua mulher como de um espelho, para encobrir males de outra natureza?

Impossível saber sem uma análise mais aprofundada, que foge aos objetivos do presente livro. Uma primeira dedução, contudo, se impõe: esse estado de coisas terá contribuído para distanciá-lo cada vez mais de si mesmo — e de nós. Socialmente desestruturado desde a infância, a um tempo deslumbrado e intimidado no trabalho diante de encruzilhadas cujo alcance real desconhecia, Max reagia mal quando confrontado com a crescente fragilidade da esposa. Precisava acreditar

que Marina fosse forte. Necessitava dela. Como o guerreiro necessita de seu escudo.

Menos de um ano transcorreria entre aquela viagem de trem na Rio-São Paulo e a festa de casamento na mansão de Santa Teresa onde moravam os Magalhães de Castro — festa à qual compareci em meio a um vasto segmento da sociedade carioca e boa parte do Itamaraty.

Toda de branco e envolvida em flores, Marina baixara com certo atraso aos salões do térreo de sua mansão. Nos jardins, onde fora saudada com vivas e um revoar de pombas brancas, Max recebeu-a com uma reverência e um beijo casto na testa. Um primeiro sinal do que ainda estaria por acontecer.

8

Curioso pensar, hoje, que os doze anos de casamento de Max com Marina coincidiram, em boa parte, com a pior fase da ditadura em nosso país. E que até os sinuosos movimentos de distensão política verificados ao final desse período (*distensão lenta e gradual*, como lembravam as autoridades) corresponderiam aos estertores de seus laços pessoais. Sem que o casal tivesse se dado conta, tanto o marco maior, que atingia a nação, quanto o menor, que incidia sobre eles dois, tinham pairado sobre suas cabeças.

No que se refere aos sentimentos de Max, teria sido difícil saber como esses dois mundos conviviam, o da vida profissional e privada. Creio que, no fundo, jamais se tocaram. A linha divisória que imobilizava meu amigo em seus segredos operava igualmente no plano familiar. Pois também ali Max precisava estar atento.

Ainda que o clã de seus sogros, os Magalhães de Castro, fosse por tradição conservador, eles jamais apoiaram os militares, de quem se distanciaram até onde era possível fazê-lo. E se é verdade que a classe social a que pertenciam se beneficiara da repressão instalada no país, em particular no que dizia respeito ao controle dos sindicatos e castração de

expectativas trabalhistas, também é fato que nem todos os integrantes desse segmento de nossa sociedade aderiram ao esquema, ou com ele cooperaram. Ou seja, houve quem procurasse manter uma discreta neutralidade. O que não deixava de representar um progresso com respeito aos que aderiam ostensivamente à ditadura — ou a financiavam.

A fortuna da família Magalhães de Castro, além do mais, era sólida o suficiente para que seus titulares não temessem represálias e, com isso, pudessem agir com independência. Tanto que, por alguns anos, o pai de Marina continuou a financiar peças de teatro e filmes produzidos por intelectuais progressistas, recusando-se, por outro lado, a suspender anúncios em jornais de esquerda que, em um primeiro momento, conseguiram sobreviver graças a atitudes como a sua. Os meses finais do *Correio da Manhã*, para citar apenas um exemplo (e foram vários, entre revistas de ensaios políticos e literários), não teriam existido sem o apoio do clã.

A mansão de Santa Teresa funcionaria por muitos anos como um oásis no Rio de Janeiro. Em que pese a atmosfera existente na cidade e no país, entre seus muros as pessoas podiam dar livre voz a seus pensamentos. Cada vez que cruzávamos o portão que dava acesso ao vasto parque que circundava a propriedade e ladeávamos com nossos carros a piscina à beira da qual amigos e conhecidos acenavam para nós de copo na mão, tínhamos a sensação de ingressar no paraíso.

Seria justamente nesse ambiente privilegiado, em um dos almoços de domingo que os pais de Marina organizavam periodicamente para rever a filha agora casada, que conheci um coronel amigo de Max do Instituto Brasileiro do Café.

De cara, fiquei perturbado pela maneira com que me cumprimentou. Bateu os calcanhares e inclinou a cabeça de um jeito prussiano. Seguiu-se um aperto enérgico em minha mão e um “*Coronel Cordeiro*”, soprado a meia-voz. E o que houve de curioso na junção dessas duas palavras foi que a primeira passasse por prenome, como se o termo *coronel* pudesse equivaler a João, Marcelo ou Pedro. Um cacoete próprio das forças armadas, esse de emendar cargo e sobrenome de um fôlego só. Mas que ele se produzisse naquele recinto protegido, e com tamanha naturalidade ainda por cima, me levou a sentir o bafo indesejado da opressão a um palmo de minhas narinas.

De estatura mediana e físico musculoso, o coronel teria, talvez, uns cinquenta anos. Sorria bastante, mas de uma forma um tanto gratuita, o que fazia com que sua figura exalasse uma cordialidade contínua, vaga e indefinida, sem que o esforço ajudasse a criar elos com os presentes. Por ironia, o sobrenome também remetia às fábulas de Esopo ou La Fontaine, sugerindo estarmos às voltas com um lobo em pele de cordeiro — e nem a banalidade do clichê me tranquilizava. Os dentes brancos e pontiagudos do coronel contrastavam com a bonomia de sua postura, como se, a qualquer sinal de discórdia, algo de imprevisível pudesse suceder. Fora os dentes, contudo, não detectei nele sugestões mais evidentes de violência contida. Tratava-se, ao contrário, de um homem que mantinha sua linguagem corporal nos limites da afabilidade. Só que, em cinco minutos de conversa comigo, e a propósito de coisas distintas, ele disse por duas vezes: “*Mas essa, você haverá de convir, é uma questão de princípio.*” E assim uma de suas muitas máscaras caiu por terra.

Não importam os temas de que nos ocupávamos, dos quais, a rigor, nem me recordo com exatidão. Mas aquele “*haverá de convir*” seguido de “*uma questão de princípio*” sugeria um mundo infinito de possibilidades. Só que, a meus ouvidos, nenhuma passava pelas vizinhanças do afeto, ou permitia supor que, em caso de divergências, um elemento de conciliação pudesse ser introduzido. Todas elas inspiravam desconfiança.

Se um linguista proceder um dia ao estudo mais apurado da fala nessa fase do autoritarismo, verá que não foram poucas as frases que, naqueles tempos soturnos, saíram do campo da banalidade para ingressar no da intimidação.

“*Mas essa, você haverá de convir, é uma questão de princípio*” seriam palavras que, mais adiante, também se ouviriam muito no Itamaraty. Intercaladas por um “*meu caro*”, que endurecia ainda mais a frase, como se o afago encobrisse uma ameaça velada adicional.

Para voltar ao novo amigo de Max, este, à certa altura, falando do IBC, ergueu os olhos pateticamente ao ar e suspirou: “*A revolução ainda não chegou lá.*” Logo em seguida, em um gesto teatral, baixou a cabeça e se entregou a um momento de reflexão que tangenciava a melancolia. Como se, em sua maneira de ver, a *revolução* não tivesse chegado a uma série de lugares. O que, por sua vez, explicaria a corrupção reinante em vários deles.

Ainda não se falava em *Brasil Grande*, pois o país que então se construía tardaria alguns anos para mostrar suas garras também nos terrenos econômico e comercial. E tampouco havíamos vencido a Copa de 70, cuja conquista multiplicaria entre nós formas variadas de

ufanismo. Mesmo assim, o coronel se portava como um dos arautos desses novos tempos.

O que me deixou mais intrigado naquele dia, contudo, em uma ilustração adicional de minha inocência com respeito a Max e seus labirintos, foi sentir o fascínio que esse personagem exercia sobre meu amigo. Porque Max não chegara a esse estágio por uma admiração enraizada em valores morais ou intelectuais. Ou por motivos mais triviais, que às vezes levam um homem a valorizar, em outro, talentos de que não dispõe.

Não... Para meu espanto, seu fascínio tinha origens sombrias, como ele próprio me daria a entender um dia, em uma conversa sobre o coronel:

— É que ele é diferente de nós... — explicou na ocasião, desviando seu olhar do meu.

— Diferente como? — indaguei inocentemente.

E Max murmurou:

— Ele matou um homem.

Certas revelações deixam na mente de quem as ouve uma herança perturbadora. Aquela morte anônima marcara Max. Como se o coronel, ao suprimir uma vida, tivesse tornado a dele menos insípida.

9

Como foco de atividades subversivas, o Itamaraty jamais causou aos militares grande preocupação. Era tido por eles como um quadro de elite, devido ao rigor do concurso que dava acesso à carreira, base de uma tradição respeitada havia gerações. Os generais tendiam a associar a esquerda porventura existente no Ministério de natureza mais intelectual do que radical. Lidavam, além do mais, com desafios bem mais sérios em outras frentes.

Mesmo assim, precisavam encontrar quem nos vigiasse. E os eleitos só poderiam ser pessoas em tudo iguais a nós, já que a hipótese de infiltrar agentes do SNI em nosso meio era impensável. De início, à semelhança do que já haviam feito em outras repartições, criaram no Itamaraty uma Divisão de Segurança e Informações. Na realidade, essa medida não passava de um *trompel'oeil*, destinado a nos enganar com a presença mais ostensiva de uma fiscalização que tudo tinha para cair na rotina. Por detrás dela, contudo, refugiavam-se os verdadeiros agentes, também selecionados em nosso meio. Cabia a eles manter um olho em nós. Não terão sido muitos, mas formaram uma teia silenciosa e invisível

— feita para nos intimidar. Seus nomes permanecem, em sua maioria, desconhecidos. Mesmo após a queda do regime militar.

Como nada do que precedesse fosse do conhecimento geral, vivíamos perdidos em um cenário cujas dimensões reais ignorávamos, lidando com assuntos que, em si mesmos, até teriam sua relevância, mas que pareciam destoar do contexto maior a que pertenciam. Porque, em um país de direita, fazíamos uma política externa de esquerda. Em consequência da qual seríamos o primeiro governo a reconhecer a independência de uma Angola socialista e, para assombro dos próprios militares, um dos primeiros a reatar relações diplomáticas com a China Comunista.

Uma forma de retaliarmos, consideravam os mais ingênuos. Ou de nos iludirmos, pensavam os mais realistas. Até porque poderíamos realizar uma política externa independente, mas seríamos demitidos, a exemplo do que ocorrera com um colega, se denunciássemos, no exterior, as torturas e os casos de desaparecidos que, em números crescentes, vinham ocorrendo no país.

Em meio a essas contradições, como jovens aprendizes que éramos, também nos vigiávamos uns aos outros, sem saber se dividíamos a sala com algum inimigo, ou se éramos *almoçáveis* por motivos suspeitos.

Como Max era meu amigo e, na época, eu nada sabia de suas incursões rumo à penumbra do regime, sentia-me à vontade para me abrir com ele sobre a mediocridade generalizada que passara a reinar no Governo e, em larga medida, em nosso meio mais restrito. E ele ria muito, concordando em parte com minhas queixas, mas sem deixar de colocar, de forma discreta, algumas palavras a favor dos militares. Nada

que me fizesse desconfiar da relação incestuosa que vivia com eles. Mas eram comentários que quase sempre sinalizavam um endosso ao regime.

Apesar disso, eu continuava a achar graça em conversar com ele. Ao mesmo tempo, como intelectual que pensava ser, doía-me imaginar que uma pessoa em quem confiava, e por quem nutria boa dose de admiração, tivesse aderido ao esquema vigente. Quando o chamava às falas, ele alegava haver chegado à conclusão de que a república sindicalista que até ali nos ameaçara precisava mesmo ser desmontada, em favor de outras realidades que pudessem agora ser examinadas. Quando eu insistia, denunciando a intensidade crescente da repressão militar, ele me lembrava as alternativas evocadas por nosso pequeno grupo, agora desfeito, da Urca: pegar em armas — ou trabalhar dentro do sistema.

— *Dentro* do sistema? — eu indagava. — Mas a favor *ou contra*?

— No fundo, tanto faz... — ele respondia, rindo.

Um dia, eu lhe perguntei, a propósito das atividades de um certo colega nosso muito entrosado com a direita, se não achava que *vidas* pudessem estar em jogo em consequência dos atos cometidos pelo personagem. E ele me respondeu com uma de suas tiradas que tudo e nada significavam ao mesmo tempo: “*Mas, meu querido, se estivéssemos aqui tratando apenas de vidas...*” A partir daí, passei a incorporar um dado adicional a minhas considerações sobre Max, o de que sua integridade pessoal estivesse mesmo sendo corroída pela indiferença ou pelo cinismo.

Paradoxalmente, essas atitudes, em si mesmas revoltantes, não o impediam de também demonstrar certo talento para criticar e ironizar o

regime. Seus detratores diriam mais adiante que ele funcionava, sob esse aspecto, como *agent provocateur*, em busca de colegas a quem pudesse delatar.

Hoje, prefiro pensar que essas manifestações, em tudo semelhantes a desabaços, terão correspondido a válvulas de escape que ele se permitia, até mesmo para poder sobreviver no ambiente em que operava. Essas incursões rumo às *Hostes do Bem*, como Max as denominava, viabilizavam sua visita a temas que o tinham marcado em sua mocidade, e nos quais, quero crer eu, ainda acreditava. Chego a achar que, em algum nível, ele nunca tenha deixado de se considerar um socialista de coração, ainda que *cedido à direita* (como costumava brincar), enquanto *esta dele precisou*. E é até possível que essa convicção oculta tenha permitido que, anos depois, ele negociasse com um mínimo de convicção suas transições rumo à esquerda, quando essas se tornaram aconselháveis. Quantos, em nosso meio, não terão agido da mesma forma?

Na verdade, o traço que mais me incomodava em Max, naquela fase, não era tanto sua apologia da direita, por mais cínica que me soasse em certas ocasiões. E nem mesmo sua tendência a minimizar os abusos cometidos pelos militares. (Pois esses, apesar da censura, chegavam a nossos ouvidos com frequência.) Afinal, tínhamos nos conhecido quando ele trabalhava na Secretaria-Geral, servindo, portanto, de forma bem íntima ao poder constituído. Não, o que me incomodava nele, talvez pelo pouco que sabia a seu respeito em outras searas, era um defeito inquietante, pois que tinha raízes em um dos pontos mais vulneráveis da fraqueza humana — a vaidade. E ele era um exímio artista

na refinada arte de agradar os poderosos apelando para valores intelectuais que raramente tinham.

Influenciado por suas leituras, defendia uma teoria sobre a vaidade que foi aprimorando ao longo da carreira. Para ele, o único verdadeiro antídoto contra a vaidade era o orgulho. Quando se dizia de alguém que “era um homem sem vaidades”, falava-se, muito provavelmente, de um ser dominado por profundo orgulho. Segundo ele, os orgulhosos, de tão seguros, “dispensavam a certificação alheia”, como se estivessem vacinados contra um mal menor.

Para Max, o orgulho, em que pesem os dissabores associados a esse pecado, pressupunha a existência de grandeza. E como esta se fazia escassa no Ministério, restava-lhe a alternativa mais prosaica de lidar com os vaidosos.

Em compensação, movia-se bem nesse terreno fértil, fossem quais fossem as formas que ele assumisse — e não eram poucas. O que, por sua vez, recomendava prudência e alto grau de seletividade. Assim é que, para se distanciar de certos colegas que também competiam com ele por favores, Max se especializara em um único filão: o literário.

Nesse campo mais específico, contudo, não tinha rivais. Trabalhava com a precisão de um cirurgião, que logra chegar com o bisturi ao coração de seu paciente pelos mais tortuosos e delicados caminhos. “*Não se louva um poema como se preza uma gravata*”, sentenciava, distanciando-se de seus pares.

Conquistava a confiança de seus interlocutores, que lhe submetiam manuscritos. Elogiava, então, com singular eloquência e inventividade, textos que teriam merecido a danação eterna. Ou comentava, com um

resquíio de lágrima nos olhos, poemas — que depois relia para mim às gargalhadas. Com isso, estimulava autores medíocres, dentro e fora do Itamaraty, a publicarem suas obras em livros ou opúsculos, assegurando-lhes que não mereciam a obscuridade a que haviam sido relegados.

Por menor que fosse meu afeto pelos alvos de tais vilezas, sentia, sem exceção, compaixão por todos. Pois não me parece existir, no panteão mais moderado dos males menores, pecado maior do que assediar a fraqueza alheia em busca de avanços próprios. E Max se revelou um mestre nesse terreno, como verdadeiro artista da dissimulação que era. Quando ocorria que o objeto dessas manipulações fosse *a esposa* de uma autoridade, quando eram *delas* os poemas (ou as telas, os bordados, as cerâmicas, ou o que mais fossem levadas a criar em seus momentos de devaneio ou inspiração), a crueldade tornava-se maior, por atingir vítimas unguidas pelo manto pungente da inocência, dado o elevado grau de ingenuidade de que davam provas.

— Disse o secretário Xavier que meus poemas são *perturbadores...* — revelou-me certa vez a esposa de um major, torcendo o lenço branco que trazia nas mãos.

— *Quem...?* — indaguei surpreso.

— Seu colega. O secretário...

— Ah... *Max...* E o que foi que ele disse?

— Disse... — e aqui baixou a voz, por desconfiar que certas frases não se repetem impunemente — ... *que meus poemas são perturbadores.*

O major viajava a serviço a Montevideú, acompanhado da esposa, em uma missão da qual Max e eu também fazíamos parte. A vizinhança

entre os assentos favorecera certos elos de intimidade entre nosso quarteto no voo de ida. Havíamos falado de praias, feijoadas, futebol e novelas. Depois do almoço, o major e Max tinham adormecido, cada qual em seu assento no corredor, deixando-nos presos ao centro da fileira.

— Não diga... — comentei com toda a cautela. — *Perturbadores...*

Ela, então, suspirou um par de vezes. Sem alternativa, pedi-lhe que me recitasse seus versos, o que ela logo fez depois de respirar fundo — e sem deixar de vigiar o marido adormecido. Sua voz, por momentos, acabou soando alta demais, pois competia com o ruído das turbinas e os roncos do companheiro. O poema era longo e incompreensível. Mas a estrofe final trazia a chave de seu segredo. Nela, o herói regressara ao lar de madrugada, com a farda verde-oliva toda manchada de sangue. “*De onde viria meu santo guerreiro ao raiar do dia...?*”, indagava o último verso.

Nossos santos guerreiros... De onde viriam? Para onde iriam? E o que fariam em suas incursões noturnas, que pudesse dar origem a um poema em um lar — e a tamanhas tristezas em outros?

10

Essa viagem ao Uruguai, embora de apenas três dias, acabou tendo grande importância na carreira de Max, pois ele ali conheceu, na pessoa responsável por nossa embaixada em Montevideu, uma das mais eficientes (e sinistras) figuras da carreira diplomática brasileira na época. Combinação rara, essa da eficiência associada a um universo imerso em segredos e conspirações... Uma combinação que o referido diplomata personificava em suas falas e gestos — e até mesmo nos trajes que vestia. Pois costumava usar em ocasiões mais formais, por cima do terno escuro, uma capa preta que batia em sua cintura, e cujo figurino provavelmente datava dos séculos 17 ou 18. Era, nesse sentido, um personagem de corte, mas de corte escandinava, já que tudo nele evocava neblinas e temperaturas gélidas. Para muitos no Itamaraty, que a ele se referiam apenas em voz baixa, mas que nem por isso deixavam de enriquecer o mito com adereços adicionais, seria homem de portar uma adaga na cintura. *Com um diamante incrustado na empunhadura,* acrescentavam os mais inspirados.

Ao comparecer a alguma recepção — e não faltava quem atestasse a autenticidade da cena —, o embaixador costumava, com um gesto

displacente da mão direita, deixar sua capa preta cair ao chão logo após atravessar a porta de entrada, certo de que a criadagem, ou, à falta dela, algum diplomata mais jovem que ali cumprisse uma função protocolar, se precipitaria ao solo *antes* que o ilustre pano tocasse o mármore.

Situado, desde a juventude, à direita da direita, concentrava esse alto funcionário todas as suas energias na batalha cerrada ao comunismo, fossem quais fossem as facetas com que suas propostas e filosofias se apresentassem no tabuleiro político internacional. Conhecia e admirava a obra de Karl Marx, embora a respeitasse apenas no plano das ideias — já que, tudo somado, aquelas teorias tendiam a confirmar, em seu espírito, o risco inerente aos sonhos e às utopias. Mas o que o deixava realmente indignado, segundo confessava aos mais íntimos, era o cortejo *às formas caboclas* que o marxismo vinha assumindo no Brasil, sobretudo a partir da revolução cubana. Julgava *uma praga* que os reflexos dessa admiração tivessem criado raízes (que julgava românticas e, por isso, perigosas) entre os formuladores da política externa brasileira antes da *Revolução*. Em sua maneira de ver, a associação entre o marxismo-leninismo e as tradições populistas dos políticos latino-americanos (*políticos com o menor “p” disponível nas boas tipografias ocidentais*, como fazia questão de frisar) desestabilizaria a região. Não importava que a resistência às mudanças atrasasse em cem anos as conquistas sociais que, como homem inteligente que era, também sabia serem necessárias e inevitáveis. Julgava apenas, como muitos em sua geração, que melhor seria evoluir dentro de padrões e processos previsíveis, cujas regras e conseqüências fossem objeto de vigilância

permanente, do que importar receitas externas, cujas fórmulas se revelassem alheias a nossa cultura.

Na noite de 31 de março de 1964 — como mais adiante confidenciaria a Max —, o embaixador abriu a pequena geladeira de seus aposentos, na qual mantinha, havia meses, uma meia garrafa do melhor champanhe francês. E, do balcão de sua residência, brindou aos novos tempos envolto em cachecol e *robe de chambre* de seda. Mas, ao contrário de vários colegas seus, que logo se colocaram a serviço dos militares, preferira optar pelos bastidores — por saber que suas ideias eram por demais conhecidas.

O que ele buscava e, pelo que se soube mais tarde, o que ele já conseguira nessa fase a que me refiro era formar uma rede de elite, no Ministério e fora dele, que ajudasse o poder militar a se consolidar até se tornar inatacável. (Em rodas menos formais, ou quando tomava um segundo drinque, costumava introduzir uma variante mais conciliadora nessa sua equação: “*Ou até que o povo aprenda a votar.*”) Caso houvesse interesse, tampouco nos furtaríamos, segundo ele, a intercambiar experiências com outros países. No plano de uma simples troca de ideias, naturalmente. E interesse, como a História logo iria demonstrar, era o que não faltava a nosso redor.

Por uma dessas casualidades, que eventos sociais bem organizados por vezes proporcionam, Max teve com esse alto funcionário uma conversa privada no decorrer da recepção oferecida na embaixada à delegação brasileira que visitava o Uruguai. E o fato se deu na maior discrição, como quase tudo que ocorreu na residência naquela noite, em cujos salões os convidados mais pareciam andar nas pontas dos pés,

ocupando o menor espaço possível e cuidando de suas agendas pessoais sem produzir ruídos.

Assim sendo, enquanto eu concentrava meus melhores esforços em repetir, da maneira mais sutil possível, a excelente salada de lagosta que nos fora oferecida em um bufê enriquecido por uns tantos pratos de igual requinte, Max, um copo de uísque na mão, deambulava pelas salas e corredores a sua volta, observando quadros, gravuras e tapetes persas, e registrando o que havia de misterioso e sedutor naquele conjunto de móveis antigos encostados em paredes recobertas por brocados e tecidos de outras eras. Até que acabara dando com a biblioteca — e com nosso anfitrião ao telefone. Logo recuara, mas não a tempo. O embaixador, que justamente desligava, o convidara então, com um gesto amável, a percorrer em sua companhia as estantes repletas de obras encadernadas.

A conversa que se seguiu tudo teve para aproximá-los, embora a verdadeira ponte que ainda os uniria se mantivesse, por enquanto, submersa. Bem antes de cair sob a órbita de influência política do embaixador, Max se deixou seduzir por sua bagagem literária, que as prateleiras da biblioteca iam revelando à medida que os dois conversavam sobre alguns dos livros e seus autores, em uma troca de ideias que aos poucos mapeara suas preferências pessoais.

Não foram poucos os convidados, e eu me incluo entre eles, que viram Max regressar à sala com a mão do embaixador familiarmente pousada sobre seu ombro, como se os dois, naquele final de diálogo, tivessem acabado de viver um momento de intimidade. Ambos fizeram

então um visível esforço para aterrissar de volta na recepção e se entrosar com naturalidade em grupos distintos.

Naquela mesma noite, quando os convidados estrangeiros já se haviam retirado, e permaneciam nos salões apenas os brasileiros (“*a prata da casa*”, na expressão batida que alguém sempre evocava nessas ocasiões), Max foi sondado pelo embaixador sobre seus projetos pessoais de transferência para o exterior. Na conversa, nosso anfitrião reconheceu que seu jovem colega devia ter um posto relevante em mente, ao qual teria inclusive acesso facilitado por trabalhar na Secretaria-Geral havia anos. Acrescentou, porém, que não deveria desconsiderar a alternativa de Montevideu — dada sua experiência em temas sul-americanos. Segundo ele, a fragilidade do regime democrático local, aliada à concentração de exilados brasileiros, de todos os níveis e categorias sociais, “a começar por nosso ex-Presidente e o louco de seu cunhado”, tornava o trabalho no Uruguai extremamente estimulante.

— Formou-se uma *frente ampla* por aqui, também... — comentou ele a certa altura, os dedos cruzados sobre o peito, o olhar perdido no teto. — E se ela vencer as próximas eleições vai dar trabalho. Vai dar *muito* trabalho...

“E tem mais...”, murmurara o embaixador depois de uma pausa solene, durante a qual ninguém se animara a soltar um pio.

Em meio ao silêncio geral, ele então resumira, em breves pinceladas, o quadro geopolítico de que faziam parte as nações vizinhas. Fizera-o, contudo, com tamanho distanciamento e frieza que, a meus ouvidos, suas conclusões pareciam apontar para a iminência de uma série de tragédias gregas. E, de fato, como ele previra, sem que seus olhos

deixassem o teto — como se o roteiro das desgraças que se anunciavam estivesse ali estampado —, o Uruguai se transformaria na peça do dominó que, depois do Brasil e da Argentina, consolidaria a sombra do manto militar na região. A que anunciaria o golpe seguinte, dessa feita no Chile.

— Parto para o Reino dos Tupamaros! — Max me anunciaria dias depois, quando já nos encontrávamos de volta ao Rio de Janeiro, em um tom eufórico que me fez pensar em um Cruzado a caminho da Terra Santa.

Se tivesse sacado uma espada da bainha, sua proclamação não me teria espantado mais. Sua frase seguinte, no entanto, foi ainda mais reveladora:

— Em troca, consegui arrancar a promoção. Já partirei como Primeiro-Secretário.

E concluiu, em voz mais baixa, o que realçou seu júbilo no lugar de encobri-lo:

— Saltando quarenta e sete coleguinhas na lista de antiguidade, ainda por cima...

Seu destino estava selado. Pois se até ali ele se portara como um diletante, cujas informações eram apreciadas pelos militares, em Montevideu, sob a tutela do embaixador, suas opiniões conquistariam os galardões de uma doutrina.

11

A transferência de Max para o exterior coincidira com o início da mudança do Itamaraty para Brasília, o que de certa forma acentuou em mim a sensação de que ambos havíamos tomado o rumo do exílio. Com efeito, a nova capital federal, nos meses iniciais de 1970, revelara-se mais estrangeira a nossos olhos do que qualquer destino além-fronteiras. É inclusive provável que Max, em Montevideú, se sentisse mais próximo do Rio de Janeiro do que nós, que nos imaginávamos em Marte.

Passamos a trocar cartas com regularidade pela mala diplomática. As minhas eram longas e em geral versavam sobre a deterioração do clima político em que vivíamos. Max jamais comentava minhas críticas. Tendia, ao contrário, a falar de detalhes da vida social que levavam nos fins de semana em Punta del Este ou em incursões ao interior do país, pois Marina tinha amigos no Uruguai, filhos de banqueiros conhecidos de seus pais, que haviam aberto as portas de suas estâncias aos recém-chegados.

Quando o casal vinha ao Brasil de férias, ou se valia de algum feriado mais prolongado para deixar o posto, eu quase sempre dava um jeito de viajar para o Rio de Janeiro, de modo a estar com eles, o que também

me permitia rever minha família. Jantávamos então juntos em grupos pequenos na Casa da Suíça, na Lapa, ou no Château, um belo restaurante que ficava na Anita Garibaldi, em Copacabana, e que desapareceu poucos anos depois, para nossa tristeza. Nesses dois cenários, que raramente mudavam, trocávamos opiniões sobre nossas experiências, falávamos mal de nossos respectivos chefes e suas mulheres, ou filosofávamos sobre o futuro. Max raramente se referia a seu trabalho, a não ser em linhas muito gerais. Pelo que nos dava a entender, ele se ocupava sobretudo de cooperação técnica. E participava de uma roda de pôquer, para o desencanto de Marina, que ficava sozinha em casa duas noites por semana.

Por ocasião dessas vindas ao Rio, os visitantes em geral ofereciam um grande almoço para amigos e conhecidos na propriedade dos pais de Marina, ao qual o coronel Cordeiro jamais deixava de comparecer. Não raro, na hora do café e dos licores, ele se refugiava em alguma sala afastada com Max para uma conversa reservada, cujo teor, apesar de todos os verdes jogados na direção de meu amigo, sempre me escapava.

Nesses reencontros, fui aos poucos me dando conta de que já não via Max como uma espécie de mentor, e sim como um simples colega mais velho com quem, apesar das divergências ideológicas, compartilhava um vasto acervo de afinidades. Paralelamente, e aqui em outro plano, constatava um progressivo retraimento de Marina, cuja alegria de vida, até então constante, perdera muito de seu frescor. O que, a meu ver, não combinava com seu estado — pois, a essa altura, ela se encontrava grávida de seu primeiro filho.

Como é nas grandes festas, nas palavras sábias de Fitzgerald, que podemos por vezes ter reais momentos de privacidade, acabei ouvindo de Max, em um desses almoços, já em meados de 1970, algumas frases reveladoras que se insinuaram em meu espírito com a força de um alerta.

Tínhamos bebido bastante e ele se deixou enredar por uma provocação inesperada que fiz, centrada na personalidade de seu chefe, cuja trajetória e opiniões políticas eram de todos conhecidas. Perguntei-lhe, meio brincando, em que espectro da direita ele, Max, se situava agora. Continuará amparado pela respeitabilidade da ala conservadora, ou teria finalmente sucumbido diante de esquemas mais radicais, cuja natureza escusa dispensava-me de explicitar?

Max riu um pouco de meu atrevimento, mas sua expressão logo assumiu um ar sombrio, como se por alguns segundos tivesse se distanciado de mim — e até da saleta em que nos havíamos refugiado. Por meu lado, não insisti. Cheguei a achar que tinha exagerado, mesmo porque jamais lhe dera, nem de brincadeira, a oportunidade de se abrir comigo em matéria tão delicada. Mas notei que ele retirara uma de suas cigarrilhas cubanas do bolso da camisa e se preparava para acendê-la, o que, no passado, havia em geral sinalizado um desejo de pensar em voz alta comigo, no tom inconfundível de quem falasse para si próprio. Sentei-me no sofá onde ele se encontrava, na extremidade oposta à sua. Tratava-se de um móvel comprido, de couro italiano, onde quatro pessoas poderiam se acomodar confortavelmente. Mantínhamos, cada qual, um braço sobre o encosto do sofá, ele com a cigarrilha já acesa entre os dedos da mão esquerda.

Max começou a falar de forma meio evasiva, como quem está prestes a embarcar em uma série de reminiscências. Só que sua voz, em geral enérgica e animada, se assemelhava à de um homem idoso em final de carreira, preocupado em rememorar cenas de um passado remoto. Entendi que o recuo em alguma medida o protegia, como se o preservasse de memórias que o ameaçassem. Sem saber ao certo aonde meu amigo queria chegar, e imaginando que ele também ignorasse o destino exato de suas frases, escutava suas palavras atento à melancolia que ia aos poucos se infiltrando entre elas. Daí minha surpresa quando, a certa altura e a propósito de nada, ele se virou para mim e indagou:

— Você já se perguntou por que razão algumas pessoas colaboram com os militares?

E prosseguiu, sem esperar uma reação de minha parte:

— Por medo, alguns... Ou por dinheiro, no caso de figuras menores.

Aqui voltou a se afundar em seu assento, distanciando-se ainda mais de mim.

— Em nossa carreira, jamais por dinheiro. No máximo, por medo. Ou, mais comumente, pelo *acesso* ao poder. Pela *expectativa* de acesso ao poder.

Por sorte, eu recomeçara a fumar naquela semana. Uma afirmação politicamente incorreta hoje, mas que, na época, me permitiu ganhar tempo, ao extrair um cigarro do maço e explorar, sem sucesso, meu paletó atrás do isqueiro.

Max então levantou o dele, acendendo-o na altura de meus olhos.

— E você? — perguntou. — Você tem medo?

— O tempo todo... — confessei sem pestanejar, enquanto baixava seu braço com naturalidade e acendia meu cigarro.

Não mentia. Fiquei, no entanto, surpreso comigo mesmo. Como se aquela revelação inesperada tivesse escapulado de algum recanto desconhecido até de mim. O que não me impediu de acrescentar, depois de uma primeira e longa tragada:

— Sempre que desembarco em Genebra a trabalho, tenho a sensação de estar entrando em outro mundo. Não em outro país, mas *em outro mundo*.

12

— Medo... Veja como o tema é curioso...

Curioso..., recordo-me de haver pensado. O medo podia ser tudo, de permanente a insuportável, de atroz a sombrio. Mas *curioso*?

Max prosseguiu:

— Uma coisa é o medo do guerrilheiro...

E aqui olhou para mim buscando um sinal de aprovação, pelo simples fato, acredito eu, de não ter usado o termo *subversivo*, então em voga.

— ...o medo do guerrilheiro — retomou —, que calcula o risco de ser preso. O que, dependendo do caso, pode significar *ser torturado e morto*. É um medo concreto, objetivo, quase tangível, que tem uma densidade compatível com a de suas convicções.

E piscando para mim, como se abrisse um parêntese jocoso:

— Como costuma dizer meu embaixador, das profundezas de sua poltrona favorita em seu gabinete em Montevideu, “*trata-se de um medo encapsulado em uma audácia*”. Bela expressão, não?

Eu já não sabia se ele brincava ou falava sério. Lembrei-me de um colega seu de turma, que o detestava, e que vivia afirmando: “*O problema do Max é que ele mente o tempo todo.*” Estaria mentindo? Ou

simplesmente divertia-se comigo, criando um personagem inspirado em seu sinistro chefe?

Ele, então, para que eu nada perdesse, repetiu a citação, como um preâmbulo do que ainda viria:

— *...um medo encapsulado em uma audácia...* — e aí emendou: — *... que só vem à tona quando mãos hábeis — plof! — estouram a audácia como uma bolha de sabão.*

Sem conseguir se conter, continuou:

— Você precisa ver a alegria dele quando exclama: “*Plof...!*” Parece uma criança.

Soltou uma baforada longa o suficiente para que o embaixador tomasse forma entre nós, os olhos brilhando de malícia com a audácia desfeita do infeliz ensanguentado, dependurado em seu pau de arara. E, tranquilo, prosseguiu:

— Outra coisa bem diferente, a que você se referiu há pouco, é o medo de quem não sabe... *por que sente medo.*

Voltou a me encarar:

— Como você, por exemplo. Você não sabe por que sente medo. *Só sabe que sente.* É nele que em geral pensa antes de adormecer. E é quase sempre nele que pensa ao despertar. *E isso sem que você tenha a menor culpa no cartório!* Não é extraordinário?

E como eu continuasse mudo:

— Mais do que receio ou temor, trata-se de uma sensação indefinida, cuja força e *eficácia* vêm de sua constância.

Sua voz adquirira um tom professoral. Era seu chefe quem falava por sua boca:

— E essa constância, você sabe do que ela se alimenta? Ela se alimenta de centenas de fontes ao mesmo tempo, da censura à imprensa aos boatos sobre algum desaparecido, das incertezas sobre a verdadeira identidade de um vizinho à possibilidade de escuta nas linhas telefônicas, dos manifestos de certos coronéis que ameaçam endurecer o que já parece insuportável à decisão de que os crimes políticos *serão agora julgados por cortes militares*. Entra ano, sai ano, nada muda. E nada mudará. A não ser no plano dos detalhes. Porque estamos lidando aqui, meu caro, com uma enorme e misteriosa *ostra*, uma corporação burocrática fechada em si mesma, que depende da mais absoluta coesão para sobreviver. Brigarão entre eles, e *ninguém* saberá de nada aqui fora. Os figurões de plantão, esses, sim, mudarão. Mas não seus perfis, nem seus uniformes. Mesmo que sejam trocados por ternos, *serão sempre uniformes*. Tudo se consolidará, tudo se repetirá. E tudo se prolongará em um eterno presente para além de nossa geração. O medo, inclusive. *O medo, sobretudo.*

Um rápido sorriso em minha direção, e a conclusão em uma voz suave, quase afetuosa:

- Porque age por contaminação.
- Como a peste de Camus — murmurei por meu lado.
- Exatamente... — ele concordou.

Em seguida, ergueu-se e recolheu da estante um cinzeiro, que pousou entre nós na mesa de centro. Já não era sem tempo, pois nossas cinzas, que até ali se mantinham paralisadas, como se intimidadas estivessem, ameaçavam agora desabar sobre o tapete.

Nisso entrou Marina. O corredor atapetado nos impedira de ouvir seus passos. Quando a vi, levei um susto. Como quem dá com uma aparição, por bem-vinda que seja. Somente então tomei conhecimento da angústia que me dominara.

Marina parecia assoberbada. Apesar do belo ventre que ostentava, foi seu ar cansado que me impressionou. Além da tristeza que notei em seu olhar.

— Marcílio... — queixou-se ela —, nossos convidados estão se sentindo abandonados por você.

PARTE II

13

Treze anos se passariam antes que eu voltasse a ver Marina. Com o nascimento do filho, as visitas do casal ao Rio diminuíram. Minhas idas a serviço a Genebra, por sua vez, se tornavam mais frequentes. O que de certa forma não era mau, pois eu saíra abalado de minha última conversa com Max em Santa Teresa. Só viria a estar com ele em Brasília, em suas vindas a trabalho ao Brasil. Sempre sozinho, nunca em companhia da mulher. Assim, acabamos nos distanciando, Marina e eu. Mais adiante, quando fui transferido para Los Angeles, nossos contatos se tornaram ainda mais raros. Max, ainda revi algumas vezes. Ela, não.

E os anos foram passando... Com eles, vieram notícias adicionais, algumas boas, outras nem tanto. Marina teria com Max mais uma criança, uma menina nascida no Chile. Quatro anos depois, no entanto, estando o casal em Washington, ela dele se separaria.

Em 1983, contudo, tendo eu tirado férias no Rio, soube do falecimento do pai dela e fui ao velório. Imaginei que encontraria Marina abraçada aos filhos. Para minha surpresa, porém, a pessoa que mantinha um braço ternamente pousado sobre seu ombro, e que permaneceria a seu lado ao longo da tarde, como se marido ou companheiro fosse —

um homem que logo reconheci —, era Nilo Montenegro, ator que trabalhara em várias peças do Teatro de Arena, fizera cinema com Joaquim Pedro de Andrade e ajudara a produzir os primeiros shows do Opinião. O banco do pai de Marina financiara várias de suas peças nos anos 60. Naquela época, inclusive, as estreias eram sempre comemoradas na casa de Santa Teresa, em festas que varavam a madrugada — e que saíam nos jornais do dia seguinte.

Foi com olhos que brilhavam por entre as lágrimas que Marina, depois de me abraçar, murmurou com todo carinho:

— Vocês dois se conhecem, não?

E, antes que pudéssemos vagamente dizer que sim, ou que não, ela acrescentara em um tom repleto de ternura:

— Nilo Montenegro...

Do fundo de seu pequeno travesseiro de cetim, cercado de flores silvestres, pareceu-me que o pai de Marina sorria para nós. Permaneci de pé por alguns minutos ao lado de seu caixão. Quanto mais passava o tempo, mais ele parecia sorrir, pois de alguma forma devia pressentir que a fila de artistas e intelectuais crescia na vizinhança da pequena capela do São João Batista, integrada em sua maioria por homens e mulheres cujas obras tanto deviam a seu desprendimento. E que ali também representavam colegas mortos ou desaparecidos.

Ficamos de nos encontrar, Marina e eu. O que acabou ocorrendo na semana seguinte, em uma noite que coincidiu com uma viagem de Nilo a São Paulo. Quando cheguei ao pequeno apartamento onde os dois viviam no Jardim Botânico, ela me recebeu com um álbum de fotografias nas mãos. Ao folhear as páginas enquanto Marina me servia um

primeiro uísque, pude ver quase quinze anos de sua vida desfilarem a minha frente, no Uruguai e nas cidades que se haviam sucedido a Montevideu. Aqui, Max ganhara alguns quilos com a chegada do primeiro filho. Ali, deixara crescer uma barba com o nascimento da filha. Sempre colecionando medalhas e condecorações, que ora se faziam ver na lapela de suas casacas, ora estavam presas a faixas em uniformes de gala.

No entanto, e como sempre ocorre em casos como esses, sua presença fora escasseando a cada nova folha, até cessar de vez. Nada como um álbum de família para observarmos, bem além dos estragos causados pelo tempo, as variações sentimentais ou patrimoniais que balizam nossas vidas.

Como eu esperava, Marina pôs-se a falar do ex-marido. Foi aí que me contou a história do trem, em todos os seus detalhes, enquanto eu continuava a percorrer seu álbum, agora de trás para a frente. Descreveu o encontro com Max no compartimento errado. E falou do longo jantar que mudaria sua vida.

— Essas coisas são estranhas... — acrescentou após uma pausa. — Quando conheci Marcílio e passamos parte da noite conversando naquele vagão deserto, tive certeza absoluta de que possibilidades infinitas iriam se abrir diante de mim a partir daquele instante. E isso por uma razão absurda: *simplesmente porque ele me ouvia*. Ninguém, antes, me escutara assim, *com uma intensidade que excluísse o resto do mundo...* Tudo não passou de uma ilusão, claro.

Olhou para mim como se não alimentasse grande esperança de que eu pudesse entender o significado mais profundo do que tentava me dizer. E prosseguiu:

— Eu mal passara dos vinte anos. Fui vítima de uma dessas paixões clássicas, enraizadas na adolescência. Por um personagem que, ainda por cima, se confundia com a figura de meu pai. E que soube desempenhar seu papel com habilidade, dando-me a atenção de que eu tanto necessitava. E que não recebera em minha infância.

Ela então resgatou o álbum de meu colo e escolheu uma fotografia a esmo:

— Santiago... — disse. — A pior época de minha vida. E da vida do país.

Contou-me então de um amante que tivera, um fotógrafo italiano chamado Paolo. Deu-me a impressão de estar falando para si própria, pois seu tom se manteve inalterado.

Como eu nada dissesse, ela se calou. E passou a virar algumas páginas de seu álbum sem se deter, até que apontou para uma imagem de total desolação: um boneco de neve perdido no meio de um jardim inteiramente branco, com duas árvores negras e desfolhadas ao fundo:

— *Washington...* — murmurou então. — As crianças fizeram o boneco, mas desapareceram na hora da fotografia. Foram atrás de uma cenoura para o nariz, tomates para os olhos e vagens para a boca. Acho que não souberam abrir a gaveta dos legumes na geladeira. E se esqueceram de mim. Foram ver televisão, me deixando plantada no meio do jardim. Coisas de criança... Eu então fotografei o boneco.

Deixei o álbum de lado. A cada nova foto, a melancolia só fazia crescer.

— Eu vivia muito sozinha... — ela continuou. — A casa ficava distante da cidade... Minha solidão era tal que o casamento, que já fazia

água por todos os lados, acabou naufragando de vez. Um dia passei a mão nas crianças e saí de casa.

Conversamos de outras coisas, mas como pessoas que falam em círculo, sem chegar a lugar algum. Uma penosa impressão ia me dominando aos poucos: a hora passada juntos tinha produzido fragmentos incompletos, bem distantes da almejada tapeçaria que eu pretendia tecer a dois. O depoimento sobre Max, que refletira toda uma sequência de percepções truncadas, a revelação do amante italiano, o boneco de neve abandonado no jardim, as perguntas que eu nem sequer ousara formular — e o próprio álbum de fotografias, incompleto por definição —, tudo contribuía para nos distanciar.

Quando dei os primeiros sinais de que desejava partir, nossos olhares convergiram para a garrafa vazia de uísque. Percebemos que havíamos bebido bem além da conta — e que, apesar disso, continuávamos sóbrios.

Marina então fechou os olhos. Concentrava-se... Como se tentasse reunir a coragem e a energia de que necessitava para enfrentar uma prova acima de suas forças.

— Em uma tarde fria de inverno em que eu caminhava pelo centro de Montevideú, dei de cara com o Nilo. Havia anos que não nos víamos, desde o final de minha adolescência acredito até, época em que ele vivia lá em casa. *Que prazer...* Foi como se todo um passado cheio de criatividade, esperança e ideias novas tivesse de repente brotado a meus pés. Não éramos apenas dois brasileiros perdidos na esquina de uma cidade distante. Nem frio sentíamos! Por alguns instantes mergulhamos

nas festas de papai para seus amigos artistas e intelectuais. O Cinema Novo e o teatro nos cercavam, toda a música popular nos abraçava...

O nervosismo com que acendeu um cigarro contrastou com a vivacidade de suas palavras.

— Ficamos os dois muito emocionados... — ela disse. — Lembro até hoje a esquina em que nos encontramos: Sarandi com Ituzaingó...*Muito emocionados...* — repetiu.

Algo em sua postura mudara. Estacou por um segundo, como um cavalo que hesita diante de um obstáculo.

— Nilo vivia exilado no Uruguai.

Criou coragem e foi em frente. Já não tinha como recuar.

— Ele quis saber o que eu fazia em Montevideú... — prosseguiu em um tom contido. — Perguntou com toda a naturalidade, no embalo da alegria causada por nosso reencontro. E eu, com a mesma naturalidade, com a mesma alegria, respondi que estava casada, que meu marido era diplomata e trabalhava na embaixada. Acrescentei que acabara de descobrir que estava grávida.

Nova pausa, agora para acomodar o corpo contra a almofada do sofá. Saltara seu obstáculo, mas chegara do outro lado sem forças.

— Uma sombra passou por seu olhar. Coisa de um segundo... Ele deve ter feito um esforço heroico para se controlar. *Só que não deu.*

Retirei meu braço do encosto do sofá.

— Ele se afastou de mim. Como se eu de repente não fizesse mais parte de seu mundo.

Voltei-me para ela. Seus olhos estavam secos. A História já lhe cobrara sua quota de lágrimas.

— Pior: como se eu não fizesse parte *de meu mundo...* Como se todas as memórias que segundos antes nos cercavam tivessem desmoronado.

Baixou a voz:

— Em um primeiro momento, não entendi nada. Fiquei completamente aturdida na calçada.

Apagou o cigarro com um lento movimento da mão em direção ao cinzeiro. Um gesto quase langoroso, que parecia emergir daquela tarde cinzenta de Montevideú. Um gesto de adeus.

— Ele me deu as costas e foi embora devagar, sem uma única palavra, as mãos nos bolsos, os ombros meio encolhidos. Comecei então a entender. A cada passo dele, entendia um pouco mais. Quando dobrou a esquina e desapareceu, eu tinha entendido tudo. *Tudo...* Bastou um quarteirão. Um *único* quarteirão.

Voltou-se para mim:

— Ali passei a compreender as reticências das esposas de nossos colegas, das jovens, sobretudo. Elas me tratavam com um formalismo polido, que contrastava com as atenções que a embaixatriz e a esposa do adido militar tinham por mim. Essas, quando Marcílio viajava a serviço, por vezes até pegando carona no jatinho da FAB, sempre me convidavam para almoçar, ou sugeriam uma ida a algum cinema. A senhora do adido era até simpática. Mas o marido...

Oferecia-me um novo personagem, como se desejasse a todo custo deixar aquela esquina de seu passado:

— Um homem terrível. Uma vez, em um jantar em nossa casa, ouvi um colega de Marcílio dizendo a um jovem recém-chegado que ele tinha

servido no Dops, onde tinha matado gente. Disse que era um conhecido torturador.

Fechou novamente os olhos:

— O rapaz que escutava estava de costas para mim. Mas o que falava estava de frente. Quando me viu ali parada, com minha bandeja cheia de brigadeiros, ele empalideceu. Foi a primeira vez em minha vida que alguém...

Tive que me inclinar em sua direção para ouvir o que dizia:

— *...olhou para mim com medo.*

Como ocorrera em minha chegada, voltamos então a nos abraçar. O que contava eram esses dois abraços, como dois parênteses em cujo interior se abrigassem reticências — que, de tão intensas, haviam conseguido ficar imunes ao álcool.

Ao me conduzir até a porta de saída, Marina prosseguiu com seu monólogo:

— Passaram-se muitos anos, até que, desesperada, eu criei coragem e procurei meu pai. A essa altura, minhas desconfianças estavam me deixando louca. Tinha medo de enfrentar tantas incertezas. Meu pai me ouviu em silêncio. Quando terminei, ele colou seu corpo ao meu. E, para meu espanto, pois estávamos a sós em sua sala, sussurrou bem baixinho em meu ouvido: “Minha querida, tudo é possível no Brasil de hoje. Mas escute bem seu pai: *concentre-se em seus filhos*. E deixe o resto para depois.” Só aí descobri a razão de sua cautela. *Ele também tinha medo...* Medo de que alguém nos escutasse.

Aqui, fez uma ligeira pausa, que lhe permitiu recuperar o fôlego para concluir com um triste sorriso de despedida:

— O medo chegara até o interior de nossa velha casa de Santa Teresa... Meu último reduto tinha caído.

14

Naquele início dos anos oitenta, o ciclo militar em nosso país começava a agonizar. O mais recente general-presidente andava mal-humorado e carrancudo, escondido atrás de permanentes óculos escuros, distanciado do país e de sua gente. Dedicava uma atenção maior a seus cavalos e churrascos do que ao governo. E dava, a todos que o observavam de perto — seus companheiros de farda inclusive —, a impressão de que já não se sentia bem em sua pele. Especulava-se que seus sinais de desconforto apresentavam uma relação estreita com o monstro que ajudara a criar na fase inicial do golpe. Pois esse líder tinha sido o subchefe do SNI em 1964. A criatura se voltara contra mais um de seus criadores.

Esse triste personagem, na genealogia daquela espécie, seria o quinto e último representante da fornada de generais-presidentes que viera à luz duas décadas antes. O país a seu redor, por sua vez, também mudara. E o *sistema de segurança*, sobrecarregado por uma combinação perversa de incompetências, desonestidades e arbitrariedades de todo tipo, descobrira-se vítima de si próprio. A população, empurrada pelos fantasmas de seus mortos e encorajada por uma imprensa a cada ano

mais audaz, retornava às ruas em números crescentes e pedia justiça. Exigia, sobretudo, mudanças. Essas viriam — e de forma incontornável. Em toda a América do Sul, o dominó giraria uma vez mais, só que, dessa feita, no sentido inverso.

Foi contra esse pano de fundo que, menos de quatro meses depois de meu reencontro com Marina, eu regressaria ao Brasil, vindo de Quito para passar o Natal com minha família. E que, uma noite, inteiramente por acaso, eu me depararia com Max na festa de casamento do filho de um amigo comum — em uma residência no Alto da Boa Vista. Como por vezes ocorre em situações provocadas pelo destino, acabamos sentados a uma mesma mesa redonda, no jardim adjacente à residência colonial de nossos anfitriões.

Ao vê-lo, saudei-o a distância. Não por uma questão de frieza ou mal-estar, e sim porque, naquele instante, os recém-casados tinham passado por nós como dois pássaros em início de jornada, distribuindo beijos e abraços. Quando o jovem par seguiu adiante rumo às mesas vizinhas, já nos encontrávamos sentados, ocupados em abrir nossos guardanapos e observar, com sorrisos ternos, a noiva recolhendo a cauda de seu vestido, o noivo cumprimentando os amigos. Até onde me recordo, essa curta escala nupcial, marcada por risos entrecortados, elogios carinhosos e breves acenos, acabaria me proporcionando o único momento de leveza da noite.

Éramos oito ao redor da toalha branca, em cujo centro brilhava, em meio a um arranjo de flores, um candelabro com um número idêntico de velas. Do grupo aleatoriamente reunido, apenas nós dois pertencíamos ao Itamaraty. Os demais eram advogados amigos do pai

da noiva, ou arquitetos e jornalistas ligados à família do noivo. A única mulher presente, casada com um dos advogados, sentara-se a minha direita.

Durante a hora que passamos juntos em meio a esse grupo de desconhecidos, não chegamos a trocar duas frases. Max falara bastante, mas com os demais. E eu seguira seu exemplo, o que acabou sendo fácil porque nos encontrávamos em lados opostos da mesa. Garçons circulavam servindo a comida, os vinhos, o pão e, ocasionalmente, reacendendo as velas que volta e meia se apagavam com a ligeira brisa que levava minha vizinha a recolocar sobre os ombros, com minha ajuda, o xale pousado no encosto de sua cadeira. A propriedade ficava próxima a um bosque, de onde um coro de cigarras nos dera as boas-vindas momentos antes — para logo emudecer, tal uma plateia de teatro que silencia quando a luz se apaga e o pano sobe.

Max viera acompanhado de uma jovem com quem se casaria meses depois, e que se encontrava sentada a certa distância de nós. Em matéria protocolar ele continuava implacável: jamais dividia a mesma mesa com uma esposa ou namorada em semelhantes ocasiões. Como nunca se sentava ao lado delas em restaurantes ou reuniões que envolvessem grupos. Em sua casa, antes de nos dirigirmos à sala de jantar, mesmo quando estávamos entre amigos íntimos e não passávamos de oito ou dez pessoas, ele sempre proclamava: “*Pombinhos separados.*” E acrescentava: “*De preferência, em lados opostos da mesa.*” Para Max, apenas um casal provinciano, intimidado pelo brilho alheio, real ou falso, optaria por duas cadeiras juntas, em uma proximidade que ele considerava “*socialmente incestuosa*”.

Em dois ou três momentos da noite, quem sabe testando essas regras tão severas, sua companheira se levantara da mesa em que se encontrava e caminhara pelo gramado até ele. Murmurara então algumas palavras em sua orelha, antes de pegar, no bolso de seu paletó, um cigarro ou um isqueiro. Ao vê-la ondular de volta por entre as mesas, não pude deixar de concordar com a mensagem que seu corpo me enviava: eram de fato belas suas curvas. E era bom que assim fosse, pois a viagem que se aprestava a fazer com o parceiro não incluía linhas retas.

Max, por seu lado, engordara um pouco. E parecia, se não nervoso, pelo menos tenso. Essa tensão, que de início se traduziu em um ocasional tamborilar de dedos sobre a toalha e depois evoluiu para os dois cigarros fumados entre os pratos e a sobremesa, acabou sendo detectada pelos demais por uma razão mais evidente: a forma com que impunha ou defendia seus argumentos, fosse qual fosse o assunto em discussão.

Desde o início do jantar, como era de seu hábito, ele dominara a conversa em sua parte da mesa. E, diante do crescente silêncio que baixara a seu redor, passara a estender esse domínio à totalidade de nosso pequeno grupo. Mais de uma vez, convidara-me com os olhos a participar do diálogo, discordando dele que fosse, mas fazendo-me ouvir pelos demais convidados. Não se tratava de um pedido de socorro, provocado por eventuais constrangimentos, dos quais nem se dava conta, ou ignorava solenemente. E sim de uma distinção: a de me considerar, naquele contexto social, como seu igual. Nesses momentos, eu retomava com a senhora a minha direita algum tema mais do que requentado, ou elevava aos céus meu próprio olhar em busca de alguma

constelação de estrelas que me consolasse da tristeza que ia me dominando.

Como era possível, pensava então, que o homem sentado a minha frente, cuja erudição cedera espaço a uma frieza intelectual que mal encobria seu desencanto pessoal (com a vida, o país, a economia, a tecnologia e até o futebol), e cujo discurso, antes enérgico, divertido, imprevisível e cheio de vida, se tornara agora irônico, quando não sofrido, fosse a mesma pessoa que me encantara — e seduzira — nos primórdios de nossa carreira, ao soprar em minha direção um misterioso e inesperado *fortuito*?

Em 1968, quando o conhecera, tivera a sensação de que nossos caminhos se haviam cruzado em uma clareira tanto social quanto intelectual, que imaginei representar a base para uma sólida amizade. Só que, agora, o cenário a nossa volta dificilmente lembraria a clareira do passado. Algo parecia haver trincado por detrás da fachada de meu antigo mentor, como se o terno que ele vestia tivesse voltado a pesar cem quilos — e seu corpo já não conseguisse lidar com a carga que, mal ou bem, suportara quando jovem. Era esse detalhe, imperceptível aos olhos de nosso grupo, que o tornara amargo — e explicava o silêncio que se abatera sobre nossa mesa, em um contraste constrangedor com as demais, de onde provinham risos e gargalhadas.

O quadro, carregado, pioraria com as sombras que aos poucos nos cercavam com crescente intensidade, sobretudo a partir do momento em que os garçons haviam desistido de reacender nossas velas, convencidos de que não seria sem razão que a brisa da noite decidira

concentrar sua energia em nós — deixando todas as outras mesas brilhar em paz.

Tanto assim foi que, mal terminada a sobremesa (e houve quem a deixasse intocada), os seis convivas sentados a nosso redor tinham partido em ritmo acelerado nas mais diversas direções, sendo que um deles atropelando sua cadeira. A alegre debandada nos fez rir. Por essa brecha inesperada, fomos instantaneamente transportados de volta a nossa juventude.

— Acho que assustei teus amigos... — disse Max, levantando-se e recolocando a cadeira derrubada em seu lugar.

— Para variar... — respondi no mesmo tom simpático, preparando-me para deixar a mesa.

Nesse meio-tempo, porém, ele voltara a se sentar — e um dos garçons se aproximara com a bandeja do café. Já não poderia deixá-lo sem ser indelicado.

— Você tem percorrido um circuito meio periférico, não? — ele indagou com uma dose simpática de sarcasmo depois de se servir, como se não soubesse em que postos eu havia trabalhado. — Los Angeles, Guatemala? Onde mais mesmo?

— E você, depois da América do Sul e de Washington, sofre as agruras de Paris? — indaguei, com a mesma amabilidade. — Unesco, não?

Ele voltou a rir, só que dessa vez balançando a cabeça. *Esse aí continua o mesmo*, parecia pensar.

Teria soado a hora de chamá-lo às falas?

— O *sistema* está implodindo, Max... — disse então em um tom cordial, aceitando a xícara de café que me era oferecida.

Ele continuava a balançar a cabeça, enquanto mexia a colher de seu café.

— Tem dado para você notar? — insisti. — Está fazendo água por todos os lados.

O movimento contínuo da colher em sua xícara sugeria uma coerência conceitual: assim como eu, o país não mudaria jamais.

— Você deve ter participado de todas as passeatas... — ele comentou por fim, entre um gole e outro.

— Até que não... Estava fora. Mas acompanhei tudo com atenção. Em particular a movimentação dos jovens. É curioso que essa geração projete uma indignação tão genuína. Apesar de não ter vivido o que vivemos. As palavras de ordem, os punhos erguidos, os olhares cheios de entusiasmo...

— *Diretas já! Abaixo os militares!* — ele exclamou, ecoando os gritos que se faziam ouvir pelo país afora. E levou sua xícara vazia ao ar. Quantas vezes não teria erguido suas taças de cristal em homenagem aos ditadores das mais variadas procedências, para não falar dos nossos?

— É, Max... — continuei, cedendo uma vez mais à irresistível tentação de provocá-lo. — E como é que você vai ficar nesse Brasil novo que se anuncia?

— Bem melhor do que você... — ele brincou, oferecendo-me um charuto, que aceitei.

— Não tenho a menor dúvida... — disse tranquilamente. — Mas eu queria saber... *com você mesmo*. Como é que você vai ficar com você

mesmo?

— Querido... — ele murmurou com um sorriso irônico. — *Cobranças?* A essa altura? Você já se esqueceu de nosso cristal?

Não, eu não me esquecera do cristal que, anos antes, ele girara diante de meus olhos, confiando à variedade de suas facetas a função de lidar com minhas dúvidas e hesitações. Mas que *ele* se lembrasse do episódio me surpreendia... Imaginava que a cena desaparecera havia muito de seu passado. Um equívoco, pois Max não se esquecia de nada.

— Não... — respondi por fim, devolvendo seu isqueiro. — Não me esqueci daquele cristal. Nem de meu silêncio quando você girou a esfera para mim. E aí acrescentei:

— Como também não me esqueci do medo.

15

Medo... Não era um assunto sobre o qual eu desejasse falar em uma noite de festa. Mas era inevitável que ele se infiltrasse em uma conversa que, cedo ou tarde, teríamos que ter. *Então, que fosse ali*, pensei, *e naquele momento*.

Ainda assim, mantive-me calado. A absoluta imobilidade de Max me intrigava. Ao contrário do meu, o dele era um silêncio *de quem aguarda*. Lembrava um pouco um animal, entre o bote e o recuo. O que aguardava, nem eu nem ele sabíamos ao certo. Nosso diálogo corria o risco de reproduzir outro, semelhante, ocorrido doze ou treze anos antes em Santa Teresa, quando eu pouco dissera — e ele mais tateara do que falara. Só que os papéis agora estavam invertidos. Além disso, tatear não fazia parte de meus planos.

— Você tinha uma teoria sobre o medo, lembra? — perguntei quando ele por fim acendeu seu charuto. — Você falava em *constância*, em *instrumento do sistema*, um sistema que duraria por várias gerações. Falava em *intimidação* no tom de quem menciona uma receita culinária. Mas para mim...

Aqui, fiz uma nova pausa. Sabia que, de seu canto, ele me espreitava. A sensação estava longe de ser incômoda. Mesmo porque eu me encontrava empenhado em resgatar algo que também não chegara a traduzir em palavras durante aquela conversa.

— Mas para mim — repeti — *o medo tinha uma forma*, que por vezes me dava a impressão de ser tangível de tão densa. Assim como uma neblina espessa, dessas que umedecem nossas mãos e fazem com que as roupas colem em nosso corpo.

Um garçom se aproximou com uma bandeja de licores. Optamos, ambos, por um conhaque.

— Não se tratava de um medo... — prossegui então — ...de um medo que, do fundo do Planalto Central, pudéssemos associar a violências, desmandos ou arbitrariedades. Até porque nenhum de nós jamais vira alguém ser preso ou torturado. O horror morava ao lado.

— Boa frase, essa, excelente... — ele cortou com uma risada. — Daria um ótimo título de filme.

Depois de uma baforada e um breve momento de reflexão, contudo, emendou:

— Melhor no presente, porém: *O horror mora ao lado*. Você não acha? Mais incisivo. *O horror mora ao lado*. Uma história que ainda está por acontecer...

— *Morava ao lado...* — repeti surdamente. — Morava nas delegacias policiais do Rio, nos porões dos quartéis de São Paulo e do resto do país. Como, poucos anos depois, moraria em aldeias perdidas do interior, no sertão da Bahia e em dezenas de lugares de que nunca tínhamos ouvido

falar. *Mas que estavam sempre a centenas e centenas de quilômetros de Brasília.*

Max continuava fumando, mas seu olhar agora evitava o meu. A mim, naquela noite estrelada, pouco me importava a direção que seus pensamentos pudessem ter tomado. Hoje sei que eles talvez tivessem dado uma parada no Café Sorocabana, em Montevideu, para travar um primeiro contato com o britânico Raymond Thurston. Ou estivessem revisitando o pôquer com os adidos militares, de quem Max extraía informações para uso próprio — que por vezes nem repassava a seus superiores. Poderiam, também, ter feito uma escala adicional no temido estádio nacional de Santiago, onde ele testemunhara cenas que até hoje frequentavam seus pesadelos. Ou quem sabe registrassem o depoimento do casal infiltrado pelo SNI entre os exilados brasileiros no Uruguai?

— E era isso o que dava a Brasília seu aspecto irreal... — prossegui no mesmo tom. — O fato de que as decisões *partiam de lá*, do silêncio do Planalto Central. E que seus resultados, sob a forma de boatos, murmúrios ou conversas reservadas, *retornavam para lá*, dando então origem a outras operações em tudo semelhantes. Mas os gritos, o desespero e o horror *jamais chegavam até nós*, os jovens diplomatas que acabávamos de baixar em Brasília na primeira leva da mudança do Itamaraty. Nós, que vivíamos enfurnados em uma das obras-primas da arquitetura nacional, entre espelhos-d'água e obras do barroco brasileiro. Nós, que nos sentíamos perdidos em uma cidade que mais parecia um cenário de peça, que tivesse por protagonistas, além de uma beleza estéril e congelada, a tensão, o silêncio e...

Max cortou meu interminável monólogo. Mas em um tom casual, que nada teve de desagradável ou agressivo:

— Essa fase inicial da mudança para Brasília você bem sabe que não peguei. Fui transferido para Montevideu meses antes. Só morei em Brasília depois, em 1981. Dizem que a cidade já tinha melhorado muito em comparação com esse período inicial a que você se refere.

Com isso, concentrara-se na parte objetiva de minha fala. E se mantivera à margem da verdadeira conversa. *De que valeria, então, insistir?*, cheguei a me perguntar.

No fundo, ele talvez até tivesse razão. Que motivos poderia eu bem ter, em uma amena noite carioca, para misturar as sombras de Brasília, velhas de doze ou treze anos, às do Alto da Boa Vista de 1983? Logo eu, um burocrata que, como Max não ignorava, jamais passara por um perigo real — e nunca tomara uma atitude que pudesse provocar algum tipo de retaliação de parte do poder constituído?

Eu bem sabia que, herói, jamais havia sido. Não criticara em voz alta meus superiores, nem me demitira, seguindo o exemplo de dois colegas que haviam desistido da carreira da forma mais discreta e anônima possível. E muito menos pegara em armas. Havia, ao contrário, integrado uma orquestra — da qual Max fora solista. Mas em meio à qual ele dificilmente se teria destacado se não estivéssemos, todos, em alguma medida, afinados a seu redor. E se, no item protestos, esmurrara algumas mesas de bares, fizera-o na companhia de amigos cuja indignação acompanhara a minha, em perfeita sintonia com o número de chopes bebidos. O heroísmo passara, portanto, a várias léguas de mim. Só não estava convencido de *não me ter acovardado* — em

determinadas circunstâncias. Nada que chegasse a representar uma falha grave de caráter. Mas algo que se situasse na vizinhança de um mal-estar — quem sabe, até, de uma pequena incorreção. Poderia, por exemplo, ter deixado de cumprimentar certas pessoas cujas trajetórias criminosas não ignorava. Em meu ano e meio na América Central, para me valer apenas de um exemplo, apertara por dever de ofício, mas sem hesitar, a mão de conhecidos tiranos na região, a quem fora apresentado socialmente. E, em uma ocasião, jogara pingue-pongue com um deles em um melancólico fim de festa. (“*Si me ganas, te mato*”, ele brincara, mostrando a pistola na cintura sem deixar de ranger os dentes.) Mais de uma vez — e isso me mantinha por vezes desperto à noite —, poderia ter discordado de um chefe em uma questão que envolvesse princípios, no lugar de me calar. Ou, pior, de concordar — com um sorriso que, de volta ao lar, me levaria a escovar os dentes até minhas gengivas sangrarem. A esse filete avermelhado, que logo desaparecia pelo ralo da pia, se limitava a extensão de minha irritação comigo mesmo.

Como eu nada dissesse por um momento, enfrentando a luta sempre desigual que havia anos travava com meus fantasmas, Max intuiu corretamente que poderia partir para o ataque. Colocou então um cotovelo sobre a mesa e apoiou o rosto na palma de sua mão, reduzindo a distância que nos separava. Em seguida, afastou de lado o candelabro e o arranjo de flores desfeito e, sem desviar o olhar do meu, preparou seu bote:

— Esse papo sobre Brasília, nessa fase inicial, é meio mortal. Dá muito sono. Vamos falar de algo mais interessante. Desse Brasil novo que se anuncia, disposto a rever as injustiças do passado. No contexto

do Itamaraty, por exemplo, que *casos mais especiais* você conhece de injustiças cometidas em nosso ambiente? Além do pessoal cassado pela comissão convocada pelos militares?

— ...que não foram poucos. Quarenta e quatro funcionários.

O tom, até aqui amável, endureceu:

— Dos quais *apenas treze diplomatas*. E te digo mais: em comparação com os demais órgãos públicos, *sim, foram poucos*. Em muitos casos, as cassações e aposentadorias compulsórias foram mais do que merecidas.

— Como saber? Se os acusados nem direito de defesa tiveram?

Aqui, ele tratou de reacender seu charuto. Depois, tentou aprofundar a tênue linha de convergência que imaginou haver detectado em nosso diálogo:

— Pode ser. Mas uma coisa é certa: mal ou bem, implementamos uma política externa que despertou o interesse geral. E que tem inspirado respeito, por sua independência.

— Interessante paradoxo, esse de nossa política externa... — comentei por minha vez no mesmo tom ameno. — Considerando-se o regime do qual provinha.

Hesitei por um momento, irritado comigo mesmo — mais do que com Max. Não queria que fosse *ele* a pessoa a louvar o pequeno grupo de visionários que, com boa dose de risco pessoal, resguardara os ideais do Ministério e preservara nossa dignidade no exterior. Mas o problema não chegou a se colocar, porque Max se encarregou de dar sequência à conversa:

— Desses paradoxos vivem os países. *Mutatis mutandis*, o mesmo se dá nos Estados Unidos, para citar exemplos recentes. Foi o republicano Nixon quem reconheceu a China. Como hoje é o republicano Reagan quem melhor negocia com os soviéticos. O Partido Democrata, com quem temos afinidades de outro tipo, só nos prejudica. São essencialmente protecionistas.

— Além da obsessão tão desagradável e inoportuna com essa questão dos direitos humanos, não é? *Que amolação!*

— Pode brincar à vontade... — ele riu. — De toda forma, não é disso que eu queria falar. Queria falar de tuas *queixas mais pessoais*. Daquela época mais pesada. No Ministério.

— Minhas *queixas*, Max?

— As que você *não* comentava comigo. Comigo, você só resmungava. No máximo. Sempre me perguntei por quê. Considerando nossa velha amizade...

As cigarras que amarrassem os cintos.

16

— *Tudo era absurdo*, Max. A começar pelo sufoco no qual vivíamos. E no qual continuamos a viver.

— Ok. Fale-me então da ditadura.

— Max, o que me interessa, o que deveria te interessar, é outra coisa bem diferente. Que inclui o Ministério, mas vai bem além. *Bem além dele...*

— Sou todo ouvidos.

— Ok. Comparados aos atos de violência que se deram pelo país afora, claro, os casos ocorridos entre nós nem de longe parecem graves. Não se pode falar em agressões físicas, em sangue, tortura ou curra. Não houve casos de filhos menores vendo seus pais dependurados no pau de arara. Não ocorreram casos de *pais vendo seus filhos sendo torturados*. Nada se deu que se compare aos choques elétricos em vaginas de freiras, ou nos ânus de adolescentes...

— Exatamente.

— *Exatamente...?!*

— Estou atento a *tuas* palavras, meu querido. Estou tentando descobrir aonde *ocê* quer chegar. E não avaliando a intensidade de um

choque no ânus alheio. E sou o primeiro a lamentar que coisas do gênero tenham ocorrido. Se é que ocorreram.

— Aonde eu quero chegar? Ao seguinte: o sangue e a violência não bastam para avaliar o que se passou entre nós. No Ministério, para começar por ele, houve quem ficasse indiferente ou cínico. Houve quem jogasse sua carreira pela janela, transformando uma profissão digna em um mero emprego. Esse gênero de quadro, transplantado para outros contextos sociais, mais pobres ou mais radicais, pode ter levado centenas de pessoas ao desespero pelo país afora, e quem sabe ao suicídio.

— Ou, pior: à luta armada.

— *Pior?*

— Do ponto de vista dos militares, é claro.

— Claro.

— E então?

— Max... Quantas pessoas não terão sido aliciadas, pressionadas, corrompidas pelo esquema vigente? Pessoas que em condições normais jamais teriam saído de seus trilhos e valores, fossem eles éticos, morais ou religiosos? E que, mais adiante, quando confrontadas por parentes e amigos com as consequências de seus atos, foram levadas à depressão ou ao desespero, quando não a gestos mais extremos, sem jamais constar do inventário do horror? *Sem jamais deixar uma marca nas filigranas da ditadura?*

— Você sabe o que eu acho disso tudo? — ele indagou com uma voz cansada.

— Não, Max. O que é que você acha disso? Adoraria saber.

Ele então respirou fundo e disse:

— Quando a história desse período for escrita, mas escrita com isenção e sem manipulações de um lado ou outro, ficará claro que essas não foram ações planejadas por militares ou líderes políticos. E muito menos, como tem circulado, por banqueiros ou empresários... *Foram obras orquestradas no mais absoluto segredo.* Como se a CIA tivesse contratado Merce Cunningham, um artista já no auge de sua fama nos anos 60 e 70, para *coreografar a sucessão de golpes que iriam se suceder uns aos outros entre nós.* Tanto que toda a região caiu como um castelo de cartas.

Não resisti à tentação de oferecer uma contribuição, com o coração apertado que fosse:

— Em sintonia com os bailarinos que desfaleciam no palco à medida que as luzes se apagavam, as cortinas se fechavam e a burguesia aplaudia.

Sem registrar a ironia, Max incorporou meu comentário e foi adiante:

— Pode ser... — ele disse. — A diferença é que não havia plateia. Porque o teatro permanecia deserto. Enquanto do lado de fora, como de hábito, o povo era tratado a pontapés. Até que, decorridos uns vinte anos, e cessados os feitiços representados pela ameaça cubana e a ascensão de Allende, o teatro voltaria a se encher aos poucos. Em questão de meses, as cortinas se abririam para salas agora lotadas. E o castelo de cartas se reergueria diante dos olhos de todos, sob as palmas que então celebrariam a democracia restaurada.

O aluno superara com folga o mestre. O embaixador em Montevideu desaparecera nas sombras do passado. E foi em silêncio que ouvi sua conclusão:

— Só que o povo continuaria do lado de fora. Já não apanhava ou era torturado. Mas a pouco mais do que isso se resumiriam suas conquistas. E se você algum dia me citar a esse respeito, não apenas negarei tudo, como direi ter sempre suscitado de que havia algo de estranho em sua personalidade.

Eu, então, bati palmas. Seis ou sete, não mais... Das lentas e bem cadenciadas, que abrem espaço para vazios tão expressivos quanto o som que geram. Palmas que ecoam de maneira lúgubre no meio da noite. Pois eram momentos de extrema lucidez como esse que me davam a medida exata da percepção que Max tinha de sua própria tragédia — e do inferno em que se metera. Ou assim achava eu.

— E você sabe o que é bem pior? — ele indagou ao sentir que prendera minha atenção. — O pior, meu querido, é que, em vinte ou trinta anos, ninguém mais falará disso no Brasil. Lá para 2010 ou 2012, nem os historiadores se interessarão por esse tema. *Ninguém mais tocará no assunto, a não ser marginalmente.* Nas estantes das livrarias, as obras a esse respeito estarão nas prateleiras dedicadas a temas históricos. *Por ordem alfabética.* Dependendo do nome do autor, um relato sobre torturas no Brasil nos anos 70, por exemplo, poderá ser encontrado entre uma obra sobre O Segundo Império e outra dedicada ao cultivo da cana-de-açúcar na escravidão. Se for encontrado.

— É possível — admiti. — *Porque estaremos ocupados em pagar a conta da impunidade.* Que sempre fará parte das realidades do país

daqui em diante.

Além de indignado e impotente, sentia-me furioso comigo mesmo. E com o destino que me levara a sentar a sua mesa. Tanto que me levantei:

— Algo mais, ou posso me retirar de cena, desejando a você boa sorte nas margens do Sena?

— Sim, haveria algo mais. Sente-se, caríssimo amigo. E veja se aguenta firme. Porque é coisa pesada. E nada agradável.

Parecia mesmo decidido a ir até o fim.

— Se alguns desses mortos e desaparecidos a que você e a imprensa se referem o tempo todo — disse ele depois que voltei a me sentar —, veja bem, não *todos*, e sim *alguns*, pudessem um dia regressar do inferno ou do paraíso, ou de onde quer que se encontrem, eles se ajoelhariam aos pés de seus parentes e amigos, *se ajoelhariam aos pés deles*, e pediriam perdão pelas tristezas causadas. Por eles. *Causadas por eles*.

— Max...

— Pela infantilidade dos atos cometidos — ele continuou surdamente —, pela estupidez de suas divisões, pela imaturidade com que agiram ao abraçar causas perdidas. E pela forma com que se deixaram manipular pelas velhas raposas de nossa esquerda. *Pediriam desculpas de joelhos*. Pelo sofrimento causado. Não às suas vítimas, em geral soldados imberbes (porque eram esses infelizes que morriam, e não seus superiores), ou uma gente que nada tinha a ver com o pato, como os pobres gerentes de bancos assaltados, ou os estrangeiros que, por simples amorismo, eram confundidos com agentes da CIA. *Não...* A esses, eles nem precisariam pedir perdão, porque não passavam de *acidentes de percurso*, como adoramos dizer em nosso meio. Mas

pediriam, sim, desculpas *aos parentes e amigos* que haviam amado. E que haviam deixado devastados. Quando não feridos ou mutilados. Porque muitos foram presos e torturados *apenas pelo triste privilégio de conhecê-los*.

— Max... — ainda tentei lembrar — e os militares, responsáveis por tudo o que ocorrera *antes*? A começar pelo golpe? *E seus assessores e amigos empresários*, a turma que dava cobertura aos torturadores? E os treinava? Ou financiava?

— Esses ficam em situação comparativamente melhor.

— *Comparativamente melhor?*

— Porque esses só precisariam pedir desculpas às suas vítimas. *Você me desculpe, meu querido, mas estávamos em uma guerra, você de um lado e eu de outro. E eu te matei. Porque era você ou eu...* Bem mais fácil do que pedi-las a quem se ama.

E, diante de meu silêncio:

— Pensa em olhar para tua irmã, que foi currada e torturada por dias a fio *só porque era tua irmã*, com zero culpa no cartório. E tente abrir a boca. E vamos admitir que você consiga. Abrir a boca. Que palavras sairiam lá de dentro? *Lenin e Guevara tinham razão, o partido é que estava errado?* Complicado, você não acha?

— Max! — exclamei entre admirado e assombrado. — *Um mundo sem vítimas ou culpados...* E Nuremberg, como ficaria nisso?

— Não, meu caro. Ao contrário. Existe um mundo cruel, *onde todos são culpados*. Por ação ou omissão. Um mundo no qual as fronteiras entre o bem e o mal não são nem vagas nem imprecisas: *elas simplesmente não existem*. Ou, quando existem, trocam de lado com

enorme facilidade, dependendo da região do globo em que você se encontre.

— *A História escrita por seus vencedores e variações afins?*

— Uma visão menor, essa fórmula. Superficial, como tudo que lida com temas dessa magnitude. Mas, se você quiser colocar nesses termos redutores, sim.

— E como ficam, nesses teus cenários despojados de valores, as noções de agressor e agredido, de vítima e culpado?

— Ficam onde sempre estiveram: dentro da cabeça dos homens.

Pela primeira vez, olhou diretamente para mim por alguns segundos:

— Ao chegar a Paris e assumir minhas funções, decidi reler o preâmbulo constitutivo da carta da Unesco. Você se lembra do texto? Chegou a ler alguma vez?

— Devo ter lido. Não me lembro.

— *Não, meu querido. Você não leu. Porque, se tivesse lido, não teria se esquecido.* Ele, sozinho, explica a razão de ser das Nações Unidas. De forma poética, inclusive. E é de uma simplicidade que chega a ser pungente. Vale mais do que as centenas de relatórios quilométricos que a ONU vem produzindo ao longo de quase quatro décadas.

Mas, fiel a seu estilo, ele ainda me faria esperar por uns segundos. E aí recitou, de olho nas estrelas:

— *As guerras nascem nas mentes dos homens, e é nas mentes dos homens que as defesas da paz devem ser erguidas.*

Deu, então, mais uma baforada em seu charuto.

— *Nas mentes dos homens...* — repetiu. — Segundo o lado ou a tendência a que pertençam, claro. O que se passou no Brasil e continua

a se passar na América do Sul é um microcosmo do que ocorre no mundo em todas as suas latitudes. Onde quer que existam conflitos. E, pelo visto, a tendência universal é piorar. Mesmo porque estamos falando de um caldo de cultura que engrossa com a fome, a miséria e a ignorância. E esse trio, como sabemos, só irá aumentar.

Decidi cortar a retórica com um golpe baixo, o mais agressivo que desfecharia contra ele em toda a noite:

— Se é assim, por que você se sentiu tão compelido a tomar um partido? *A ponto de mudar de lado em 64 sem pestanejar?* O que se passou *na mente do homem Marcílio Andrade Xavier?*

Max, invulnerável como sempre, voltou a olhar de frente para mim e indagou:

— E quem te disse que mudei de lado?

17

Lancei um olhar a nossa volta. Fora um garçom, éramos as únicas pessoas no jardim. Os demais convidados tinham desaparecido no interior da casa, de onde agora provinham vozes abafadas, entrecortadas por risos e os arpejos de um piano.

Foi quando ouvi Max dizer:

— Convicções são um luxo, meu caro. Reservado para aqueles que não participam do jogo. *Eu participei do jogo.*

Ainda calado, puxei o cinzeiro limpo que o garçom colocara na mesa momentos antes e apaguei meu charuto. Dediquei um momento a essa operação, como se ainda ruminasse um derradeiro plano que me levasse à vitória em uma batalha cujo sentido oculto agora me escapava.

De pé a meu lado, Max cruzou os braços e me brindou com seu tratamento professoral:

— A verdade... — proclamou — ...é que jamais saberemos o que teria ocorrido com o país se os militares *não* tivessem dado o golpe.

Baixou a cabeça a ponto de quase encostá-la à minha e murmurou em meu ouvido:

— Acontece, porém, que *deram...*

Do interior da casa continuavam a chegar vozes e risos. Os arpejos de piano, contudo, tinham cedido lugar a um estudo de Chopin, pareceu-me que despojado de algumas de suas notas principais. Algo próximo ao desamparo me dominava. Mais calmo, quase aliviado, Max, concluía, em um tom casual, como se agora lidasse com detalhes de relevância menor:

— Quanto ao resto da população, exceto pelo grupo que pegou em armas (e depois se arrependeu, como eles próprios um dia reconhecerão), ou da turma que optou pelo exílio, todo mundo se adaptou às novas realidades. E procurou ir levando a vida como podia.

Levantei-me por minha vez. Mais do que cansado, sentia-me nauseado. Não bebera para tanto. Ou assim achava. Dei alguns passos no gramado, respirando fundo, enquanto, ainda parado, Max parecia procurar os demais convidados. Não se dera conta de que estávamos sós naquele jardim, perdidos como dois fantasmas em uma paisagem tomada pelas trevas.

Ele então se aproximou em um passo que nada tinha de firme e colocou a mão direita sobre meu ombro, como se ainda confiasse na possibilidade de que pudéssemos resgatar um fragmento de amizade que fosse. Sem condições de me mover, decidi reagir:

— Nem todo mundo, Max... — consegui dizer. — Nem todo mundo, para citar suas palavras, *procurou ir levando a vida como podia*. Mais de seis mil pessoas foram presas nas duas semanas que se seguiram ao golpe. Os que permaneceram encarcerados, por meses ou anos a fio, ou os que vieram a morrer por maus-tratos ou inanição, deixaram para trás famílias que não puderam refazer suas vidas.

Para meu alívio, pois já não dispunha de energia para duelar com ele, Max balançava a cabeça como um boneco de mola. Não sei se em sinal de concordância ou por força da bebida.

— Os demais resistiram a sua maneira... — prossegui em um tom mais firme, como se, aos poucos, recuperasse minhas forças e, com elas, certo grau de lucidez. — Sem pegar em armas, mas defendendo seus princípios. Esses também pagaram um preço alto. Professores universitários foram demitidos. Sobreviveram dando aulas particulares. Fui aluno de vários. Centenas de parlamentares cassados tiveram seus direitos políticos suspensos. Por dez anos. Uma eternidade para pessoas na flor da idade, para não falar das mais idosas. *Dez anos...* Líderes sindicais foram torturados. Os que sobreviveram acabaram emudecendo.

Max continuava balançando a cabeça, como se soubesse aonde eu pretendia chegar e já me esperasse sentado ao fim da linha. Assim mesmo segui em frente:

— Profissionais liberais perderam seus contratos e viram seus antigos sócios trocando de calçada para fugir deles. Conheci dezenas de casos desse gênero. Casos vergonhosos, humilhantes. Porque o estrago que se deu entre nós não decorreu apenas de uma violência grosseira e ostensiva. Também se produziu em cenários menores, por vezes domésticos e modestos, frequentados apenas pelas vítimas e seus parentes mais próximos. Nos becos, e não nas praças e avenidas. À luz de lanternas, e não de lâmpadas ou holofotes.

Estava inspirado. Se Max me esperava em algum lugar, melhor seria que armasse sua tenda.

— Outros tiveram seus pedidos de empréstimos negados. O banco de seu ex-sogro foi um dos poucos que continuaram a ajudar a quem, pelas normas vigentes, não deveria. Por essas e outras foi à falência. Entre meus amigos, muitos foram forçados a tirar os filhos dos colégios. Outros foram obrigados a mudar de bairro ou de cidade. Casamentos implodiram, por pura tensão ou medo. E deixaram em herança filhos perdidos, inseguros. Boa parte dessas pessoas tomou o rumo do exílio, desenraizando famílias inteiras. Estamos falando de milhares e milhares de seres humanos, Max.

Aqui ele ergueu a mão livre ao ar, em um claro sinal de assentimento, como se reconhecesse a validade de todos os pontos levantados — e alguns mais que eu ainda desejasse evocar.

— *Quase todo mundo, se você preferir...* — ele corrigiu. — Quase todo mundo procurou ir levando a vida como podia.

Demos alguns passos na direção da casa, ele ainda com a mão no meu ombro. Parecia satisfeito com o fato de que um resquício de diálogo ainda pudesse ocorrer entre nós. E quando tomou a palavra, sua voz pela primeira vez soou serena. Nem agressiva ou irritada, nem impaciente ou irônica — mas tranquila e ponderada:

— Tanto assim é que, de modo geral, os engenheiros e arquitetos construíram prédios elogiados e habitados por inúmeras famílias, os médicos e dentistas trataram de seus pacientes, os professores deram suas aulas, os fazendeiros e camponeses plantaram soja ou café, os advogados advogaram, os juízes julgaram, os burocratas bateram ponto, sem jamais deixar de tirar suas férias ou licenças-prêmio. E todos receberam seus salários no fim do mês, você e eu inclusive. *Quase todos.*

Por vinte anos. *Quase todos aderiram.* Alguns por convicção. Outros, reconheço, por não terem alternativa. Ou por imaginarem que, com o tempo, as coisas mudariam. Exatamente como nós no Itamaraty, que ainda por cima vivíamos isolados do mundo real. Aqui e no exterior.

A pretexto de pegar um cigarro no bolso do paletó, consegui livrar meu ombro de sua mão. *Isolados do mundo real...* Melhor desistir, decidi, acendendo meu isqueiro. E, pela última vez naquela noite, dediquei-me à contemplação das estrelas. Como se, do infinito, elas pudessem administrar a frustração que sentia. Enquanto isso, Max deixou-se cair em uma cadeira. Parecia estar na iminência de entregar os pontos. Ao cansaço, porém, jamais a mim.

Só que era um cansaço bem maior do que jamais poderia supor, *velho de quase duas décadas.*

— Vai ser preciso dar tempo ao tempo... — ouvi-o murmurar. — Os argentinos tardarão a superar os pesadelos de que foram vítimas. O que sucedeu entre eles foi terrível demais, as cicatrizes permanecem fundas e não fecharão tão cedo. Dois longos e ferozes períodos ditatoriais, separados por um breve entreato peronista e coroados por uma guerra absurda. *Trinta mil mortos em dezessete anos...* Não há eleição que dê jeito nisso. Alfonsín assume acorrentado a cadáveres, governará entre fantasmas. O cheiro da morte paira sobre o país.

Poderia estar falando sobre algo que sucedera em Marte por mera culpa de deuses desatentos. E foi nesse mesmo tom que prosseguiu:

— Os chilenos ainda viverão seu inferno por anos sem fim. Lá fala-se em cinco ou seis mil mortos. *Por enquanto...* Porque, ao contrário do Brasil...

Aqui ele se permitiu um olhar em minha direção para se certificar de que acompanhava de perto o exercício.

— ...no Chile não existe perspectiva de solução. Até onde pude entender do país durante a fase que vivi em Santiago, a direita está bem entrincheirada. Ainda aguentará firme por muito tempo. Meu ex-chefe em Montevideu costumava afirmar quando inspirado: *“Se há um país onde a velha escola prussiana deixou, entre seus militares, discípulos dignos desse nome, esse país foi o Chile.”* Ele dizia isso com orgulho, como se chileno fosse.

Com ternura, fez uma breve escala naquela que, pelo tom de sua voz, bem poderia ter sido a menos dramática das tragédias — mas não fora:

— Os uruguaios sofreram perdas humanas proporcionalmente ainda mais graves. Mas a barra por lá pesou de maneira distinta. Para uma nação que se orgulhava de ostentar as tradições mais democráticas do continente, *foram longos onze anos...* Tempo suficiente para atingir uma população no que ela tinha de mais precioso: seu orgulho, sua dignidade. Mas nós, em compensação...

Dera a volta completa. E chegara àquela que, a seus olhos, era a joia da coroa. Seu tom deixou de ser distante. Como se toda a região a que se referira — seus mortos e desaparecidos incluídos — fizesse agora parte de um mesmo painel, fixado em uma parede circular instalada em um museu.

— Nós... Nós vamos tirar nossos problemas de letra... Apesar de tantos anos sombrios... Mais de vinte anos.

Ao notar o meu silêncio e, talvez, minha imobilidade, ele se calou. A seguir, endireitou-se em sua cadeira. E produziu um bocejo forçado,

cuja função não me escapou: reduzir suas frases às proporções de um comentário anódino.

O jogo de cena não encobriu o essencial: *Max estava na muda*. Dava o primeiro passo rumo ao futuro. Como fizera anos antes em um momento inspirado, ao beijar o anel do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Fascinante e patético momento, esse que eu tinha o privilégio de testemunhar. Um momento que, no caso de alguns animais, se traduz em perda acentuada de pelos. Mas que, no caso dos humanos, se dá apenas no plano da integridade — quando algo dela ainda sobrevive à devastação pessoal. Em certo sentido, a revelação de Max não deixava de representar uma homenagem a minha pessoa, sob a forma de uma prova de confiança. Era, no fundo, uma derradeira demonstração de amizade.

Em questão de minutos, iríamos nos separar. E, quem sabe, muitos anos se passariam antes que voltássemos a conversar. Quando o reencontrasse, ele seria *uma outra pessoa*. Um Max novo em folha, simpático e reluzente. *O Max de minha juventude*, ainda pensei, tomado pela tristeza, o Max socialista que integrara o Gabinete do último Chanceler progressista do país. Se o reencontrasse nessa nova fase — e fechasse os olhos —, quem sabe o revisse tal como fora outrora?

Sentia-me às voltas com uma ligeira vertigem, que tinha um pé no álcool e o outro em versos que costumávamos recitar no Itamaraty, quando falávamos de literatura caminhando sob a sombra das palmeiras-imperiais do velho Palácio, ao redor do espelho-d'água onde nadavam os cisnes:

*Time present and time past
Are both perhaps present in time future,
And time future contained in time past.**

*Quem sabe Eliot abrisse uma brecha para nossa reconciliação?
Bastaria esquecer o Max atual e me concentrar no anterior, que acabara
de renascer diante de mim... E, assim como o país agora se preparava
para fazer, resgatar o futuro do passado.*

Foi quando notei, a distância, que uma das portas da varanda da casa se abriu, projetando sobre o gramado um intenso fecho amarelo, logo ocupado por uma sombra, que depois de um momento de hesitação ganhara contornos e se transformara em silhueta. Esta se pôs a avançar em nossa direção, mas com uma tal languidez que a identificação de seu sexo se tornou supérflua. Ao vê-la, Max ergueu-se lentamente de sua cadeira.

— Adeus... — murmurei.

— Adeus... — ele respondeu.

Nota:

* O tempo presente e o tempo passado

Estão ambos talvez presentes no tempo futuro

E o tempo futuro contido no tempo passado.

18

Essas duas conversas com Marina e Max, a poucos meses de intervalo, me levariam a abandonar de uma vez por todas a atitude apática que eu até ali mantivera com relação às contradições de meu antigo companheiro. E como ninguém preserva uma amizade vulnerável ao veneno da dúvida, decidi abandonar a letargia que me envolvia — e que a essa altura já beirava certo nível de cumplicidade. Passei então a dar maior credibilidade aos boatos que corriam a respeito de Max. E resgatei do passado os comentários ambivalentes que ele emitira a cada discussão nossa.

De fonte em fonte, deparei-me em 1993 com uma matéria da revista *Foreign Diplomatic Review* intitulada “Operação Condor”. O artigo era redigido com base em arquivos da temível organização secreta, achados no Paraguai por uma de suas vítimas.

“Presos atirados de aviões ao mar” — denunciavam os textos. *“Atirados vivos... Amarrados ou metidos em sacos de lona. Ainda lúcidos, jogados de cinco a oito mil metros de altura...”* E esse era apenas *um* dos aspectos da famosa *operação*, cujo nome se inspirava em uma ave que se alimentava, sobretudo, de carniça.

Estava tudo lá, a frequência mensal das missões, o número de presos embarcados em cada voo, as drogas administradas às vítimas antes da partida *“para acalmá-las sem que perdessem totalmente consciência do que lhes acontecia”*.

Mas a reportagem não ficava aí. Em uma lista capeada pelo famoso *Anjo da Morte*, da Argentina, e seguida pela infame quadrilha chilena da Dina — com seu chefe Contreras à frente —, alguns nomes de torturadores ou agentes brasileiros também figuravam com honra. E, entre eles, o do coronel Cordeiro, citado em trigésimo sétimo lugar, logo abaixo de seu quase xará uruguaio Manuel Cordero.

Embora abalado pela matéria, em momento algum a vinculei diretamente a Max — apesar de sua amizade com o homem do IBC. Ela representou para mim, apenas, um exemplo extremo do manto macabro que se abatera sobre a região por trinta anos. E, como se possuísse uma espécie de arquivo morto, depusitei a reportagem junto às revelações que, desde então, haviam chegado a minhas mãos, mas cujas reais implicações ainda se mantinham nebulosas.

Dois anos depois, no entanto, todo um painel, que até ali se mantivera impreciso e abstrato, ganhou forma, contexto e nitidez.

Tudo ocorreu por cortesia de um coronel carioca que conheci em Viena — um homem com quem formei uma breve e estranha amizade. Chamava-se João Vaz. Estávamos em 1995 e mais de uma década havia transcorrido desde o fim da ditadura. Integrávamos, o coronel e eu, uma delegação responsável pela elaboração de um convênio sobre crimes transnacionais, em uma morosa reunião promovida pela ONU. Àquela

altura na reserva, o coronel fora incluído na delegação, da qual eu era membro, na qualidade de simples assessor.

Uma noite, acabamos jantando juntos. O coronel era bem mais velho do que eu e lembrava um pouco, pelo tamanho e pelo jeito oscilante de caminhar, um velho urso de circo, daqueles cujo temperamento tivesse conquistado sua suavidade com o passar do tempo. Uma das novidades mais aflitivas daqueles anos de transição política, para mim ao menos, consistia na súbita humildade e simpatia que os militares de quase todas as patentes procuravam agora irradiar quando em contato com os civis, como se o fato de sorrirem com enorme constância significasse que nenhum deles tivesse tido algo a ver com o terror pelo qual o país passara. Mas, naquela noite, esse pensamento tão carregado de feroz ironia nem me veio à mente. Ao contrário: sentia-me feliz vendo meu convidado esfregar suas largas mãos em sinal de contentamento do outro lado da mesa. A cena superava a perspectiva com que me defrontava desde minha chegada — a de jantar sozinho uma vez mais.

Como convém em restaurantes vienenses no inverno, trocamos falsas confidências ao pé da lareira. Falamos, primeiro, de família. E, logo, das viagens que havíamos feito, dos países onde havíamos vivido. Ao relembrar sua fase em nossa embaixada em Montevideu, João Vaz casualmente mencionou o nome de Max. Perguntou-me se eu o conhecia. Respondi que sim, mas sem entrar em pormenores.

— Que *figura*... — murmurou ele, sem mover os olhos das brasas de nossa lareira.

Endireitei instintivamente o corpo na cadeira e, pela primeira vez, encarei o coronel com atenção. Aguardava um sinal adicional de sua

parte, por menor que fosse, algo que melhor explicasse a melancolia visível em seu olhar.

— Ele trabalhava para os ingleses... — comentou, como se falasse para a lareira.

— Para *os ingleses*? — não tive como deixar de exclamar, sem conseguir conter um riso de espanto.

— *É...* Para o MI6... — continuou. — *Ele trabalhava para o serviço secreto britânico. Trabalhar* talvez seja um termo excessivo. Digamos que *cooperava com eles*. E o mais incrível você nem sabe... Quem nos alertou foi...

Aqui ele colocou a mão sobre meu braço, com uma familiaridade que sinalizava boas perspectivas em matéria de cumplicidades que ainda pudéssemos estabelecer ao longo da noite.

— O alerta veio de Washington! Nós do SNI fomos avisados pela CIA! Hein? O que você me diz disso?

— Incrível! — exclamei.

— Vocês sabiam, no MRE, que ele fazia parte *do esquema*, não é?

— Claro... — respondi sem hesitar.

Acrescentando no mesmo tom:

— Mas essa história do MI6... *Isso* ninguém jamais soube. No MRE. Que seja de meu conhecimento, é claro.

— Levamos dois anos para descobrir... E olha que jogávamos pôquer duas vezes por semana em minha casa.

— *Pôquer!?*

Meu tom mal encobria minha surpresa. Só não engasguei com o vinho por puro milagre.

— É... *Pôquer*. Max era o único diplomata a participar de nossa roda. Perdia quase sempre, mas era bom perdedor. De qualquer forma, não jogávamos grandes fortunas. Uns cem dólares era o máximo que ele deixava por noite. Na época, até que era dinheiro, considerando-se que jogávamos duas vezes por semana...

Uma concessão:

— Às vezes, ele ganhava.

E um desabafo, quase carinhoso:

— Nunca peguei ele blefando!

Por sorte, a conferência da ONU ainda duraria oito dias. Ao longo desse tempo, para a crescente satisfação do coronel, que descobriu em mim um amigo sempre disposto a escutar o relato de suas aventuras, jantamos juntos outras três vezes.

O Max que descobri graças a meu parceiro de gastronomia vienense revelou-se bem mais surpreendente, como personagem, do que aquele com quem desenvolvera uma tão bela amizade em meus primeiros anos de carreira. Dividira sua personalidade em 1964 e, não contente com a proeza, voltara a subdividi-la em Montevideu, como se tentasse reduzir progressivamente sua individualidade em nichos cada vez menos visíveis... Mas, quando levantei essa hipótese para o coronel em nossa noite de despedida, quando até champanhe havíamos bebido e já enrolávamos a língua sem constrangimento, meu interlocutor conseguiu por uns segundos colocar de lado os efeitos do álcool que ingerira e me lançou um olhar carregado de amargura:

— Pode ser. Mas, pelo que soube, ele jamais perdeu de vista seus objetivos pessoais. E nunca jogou limpo com seus chefes, seus colegas

de carreira, conosco, com os brasileiros, exilados ou não, com os uruguaios e até mesmo com os ingleses. Só não brincou com os americanos, porque ali sentiu que iria se ferrar. Aquela turma jogava pesado. Mas se você reparar bem nas histórias que te contei, o denominador comum de todas as suas ações correspondia sempre...

Parou por alguns segundos, em busca da expressão que refletisse seu pensamento com fidelidade:

— ... ao do estrategista *que perseguia um projeto pessoal*. O time de Max contava apenas com um jogador: ele próprio. Bem cedo, nosso amigo se deu conta de que seus superiores, dentro e fora do Ministério, seriam passageiros e perderiam força ou prestígio, desaparecendo aos poucos, fosse pela idade, fosse por alianças mal costuradas, à medida que ele subisse na carreira. Usava-os então no limite estrito de suas necessidades. Nem um centímetro a mais, nem um a menos. E dava a cada qual, apenas, uma quota de atenção proporcional à utilidade que pudesse ter. Sabia, além disso, e como ninguém, comprar na baixa e vender na alta.

Depois de mais um gole de champanhe e um aceno para o garçom, perguntou:

— Você o conhece bem?

— Sim... E não...

— Engraçado, você agora falou como ele. Dependendo do assunto que estivesse sendo discutido, era assim que Max costumava responder. Nisso ele lembrava um gringo que ficou amigo meu em Montevideú. Esse, sim, um amigo de verdade, com quem me correspondo até hoje. Quando eu perguntava sobre certos temas, ele quase sempre respondia:

“Yes...”, para então fazer uma pausa e acrescentar com um sorriso malicioso: “...*And no...*”

Aqui o coronel se permitiu uma longa pausa. Solene, diria até. E me olhou através da bruma de nossos numerosos uísques e vinhos — e, agora, em particular, das taças de champanhe que nos faziam companhia —, como se estivesse medindo os prós e contras de ir fundo em suas lembranças. Mas acabou dando de ombros. Tudo somado, era um homem que se encontrava bem mais próximo do fim da vida do que de seu começo. E que, por isso, já não temia ninguém.

Debruçou-se então na mesa.

— Eric Friedkin é o nome de meu amigo americano. Nossas filhas frequentavam a mesma escola. Escola americana, por sinal caríssima.

Retirou a garrafa do balde e, depois de uma olhadela na direção de minha taça, que permanecia cheia, completou a dele.

— Ele era adido para assuntos agrícolas da embaixada americana. Na realidade, como eu desconfiava, e fui confirmando aos poucos, à medida que nos tornamos mais íntimos, ele trabalhava para a CIA.

Saudei a entrada em cena do novo tema com um generoso gole de champanhe.

— Chefiava o escritório da CIA *para toda a América do Sul*. Ou seja, o suposto adido para assuntos agrícolas da embaixada norte-americana respondia diretamente ao *James Pyne* em Washington, o mesmo personagem que denunciara ao Kennedy a existência de foguetes soviéticos em Cuba na crise dos mísseis. *Apenas isso...* E assim como eu contigo agora, aqui em Viena, ainda que sem essa bela lareira...

— *...e sem o champanhe...*

— *Sem o champanhe...* — ele ecoou, antes de prosseguir. — Lembro que estávamos em um bar quando Eric me falou pela primeira vez de Max. Entre outras coisas, contou que passou noites discutindo com seu colega do MI6 britânico *para decidir qual dos dois serviços secretos deveria abordar Max*, se eles ou os ingleses. Veja você o cartaz de teu colega...

— Abordar? — indaguei sem voltar a conter minha incredulidade. — *Mas abordar por quê?*

19

— *Calma, rapaz...* — disse o coronel, rindo. — Calma, que a história tem sua graça. *E é boa.*

Tinha razão. Iniciado o mergulho rumo ao passado, eu precisava agora deixá-lo falar em paz. Sem dar vazão a minha própria perplexidade.

— Apesar da posição discreta que ocupava na hierarquia da embaixada, Max foi logo notado pelos serviços secretos *dos dois países*, que obviamente contavam com excelentes sistemas de escuta espalhados em embaixadas selecionadas, entre as quais a nossa, “*uma potência regional*” nas palavras de Eric. O brilho intelectual de Max se destacava nas gravações.

Nova visita ao balde de gelo, novo resgate à garrafa, que dessa vez fez uma breve escala em minha taça antes de se deter na dele.

— Não sei se você o *conheceu bem...* Segundo Eric, ele era sobretudo frio e objetivo, dotes extremamente apreciados nesse meio. Contava, também, com uma qualidade preciosa aos olhos dos estrangeiros que acompanhavam de perto seus progressos: *tinha jogo de cintura.*

Dependendo do interlocutor com quem conversasse, tanto podia oscilar para a esquerda quanto namorar a direita. O cara era um artista!

De meu lado, boca calada. E um novo gole de champanhe.

— Suas palavras possuíam *conteúdo intelectual*. Era isso que Eric dizia. Max tinha, segundo ele, condições de enfrentar discussões mais... *mais aprofundadas*. Com professores, jornalistas, políticos. E com simpatizantes das mais variadas tendências. Acreditava ele que, até, com militantes ligados aos Tupamaros durante o golpe militar no Uruguai...

Ligeira interrupção, para que eu registrasse a naturalidade com que recorrera ao termo “*golpe*”. No qual, por sinal, estivera envolvido até a raiz de seus cabelos, ainda que em papel secundário.

— Max valia seu peso em ouro. Era brilhante, sutil, discreto. E passava por um nativo. Não havia quem se comparasse a ele. E quem não o cobiçasse.

A essa altura de nossa conversa, estimulado pela bebida, fiquei pensando em Max e, também, nesse agente da CIA. Que fim teria levado? Um homem hoje pacato, quem sabe aposentado na Califórnia. Mas que fora protagonista de eventos que haviam afetado a sorte de uma série de países em nossa região — para não falar do destino, nem sempre feliz, de seus habitantes. E esse homem havia participado de um universo do qual Max também fizera parte, ainda que, nele, ambos tivessem desempenhado papéis diferenciados. Teriam chegado a se conhecer?

Não me ocorreu perguntar. Nem me pareceu relevante saber. Mas, nessa mesma noite, descobri outras coisas. Entre elas, que a CIA tinha chegado à conclusão de que seu centro de treinamento de policiais não

vinha dando bons resultados nem com os uruguaiois nem com os chilenos. *Por dificuldades culturais*, como Eric dissera a João Vaz. A CIA decidira então pedir ajuda ao Brasil, sugerindo que ex-alunos brasileiros, que tivessem frequentado o curso, passassem a prestar “assistência técnica” às polícias uruguaia e chilena. (“*Mas não aos argentinos*”, ressaltara Eric, “*porque esses tinham aprendido tudo que sabiam com os mercenários franceses, gente que se formara na derrocada da Indochina e se aperfeiçoara na guerra da Argélia...*”)

Aproveitei-me do excelente desempenho do coronel para interromper:

— Mas... *E Max nisso tudo?* Como é que ele se encaixava em todas essas...

O coronel riu. Estava feliz com meu espanto.

— Eles acabaram *rachando* o Max. Está entendendo? *Os dois serviços secretos utilizaram-se de Max em comum acordo.*

Quem agora me amparava era o coronel.

— Na embaixada, Max cuidava de quê? — ele indagou, esticando o braço na direção do balde de gelo.

— Que eu me lembre... — respondi hesitando um pouco — de cooperação técnica.

— Exatamente. *Cooperação técnica...* Essa, digamos, foi a parte do latifúndio que coube à CIA. *A parte confidencial.* Max foi encarregado de coordenar o entrosamento dos policiais brasileiros que passaram a treinar os uruguaiois. Foi essa a *metade* da CIA.

— E a outra ?

— A outra ficou com os britânicos. E essa não era confidencial. *Era secreta*. Durante mais de dois anos, ninguém soube do que se tratava. E é por isso que a própria CIA, preocupada com alguma falta de transparência por parte dos ingleses, *passou a vigiar de perto o MI6!* Segundo Eric, não era a primeira vez que isso acontecia e ele desconfiava que o serviço secreto britânico retribuía ocasionalmente a gentileza... E é então possível – a dedução foi de meu ex-chefe, nosso adido em Montevideú – que, ao receber os primeiros indícios de que algo de grave poderia estar acontecendo, a CIA tenha queimado Max junto ao SNI. Até porque, àquela altura, nosso herói estava prestes a ser transferido para Santiago. E, pelo que ele soube, no Chile, a CIA... Bem, *a CIA queria o Max só para eles...*

— Mas que indícios foram esses, *de coisas graves?* — insisti, servindo-me de mais meia taça de champanhe. — Do que se tratava?

— Disso Eric só falou por alto comigo. Mencionou *contrabando de urânio, energia nuclear e Alemanha*. Por alguns comentários adicionais, que ele mais resmungou do que fez, deduzi que os ingleses devem ter farejado uma oportunidade de negócios nessa área nuclear com o Brasil. E podem ter tentado tirar a Alemanha da jogada, *mas sem deixar os gringos saberem*. Para que eles não entrassem em campo, é claro.

— O que não conseguiram evitar. A Westinghouse chegou a nos vender a usina de Angra 1. Mas ficou nisso. Porque logo depois, para a irritação dos americanos, veio o acordo nuclear com a Alemanha, de 1975.

— Exatamente... — suspirou o coronel João Vaz, como se fosse ele quem tivesse perdido um negócio avaliado em bilhões de dólares. — E a

KVD, uma subsidiária da Borgward-Stiz, é que acabaria se dando bem em toda essa história.

Consolou-se atacando sua enorme sobremesa pelos flancos.

— Pois é... — comentou depois de duas garfadas. — Uma montanha de dinheiro em jogo. A questão vista hoje fica mais clara. Mas, na época, tudo não passava de conjecturas. Antes de servir em Montevideú, nosso embaixador tinha chefiado a missão brasileira na Alemanha. E desde então costumava passar suas férias em Bonn. Todas... *Só que ninguém passava férias em Bonn, nem mesmo turistas coreanos!*

Por alguns minutos, o coronel se dedicou a sua sobremesa. Vencido esse desafio, desabafou:

— Você nem pode avaliar quantas ramificações esse assunto tem. Algumas inacreditáveis... Uma que me ocorre agora: Max era amigo de um coronel, por acaso de minha turma, o Cordeiro. Newton Cordeiro. Personagem complicado, esse sujeito. Trabalhou conosco no SNI até que descobrimos seu envolvimento em uma história pouco clara, que tivemos de abafar. Ele foi obrigado a passar para a reserva e acabou no IBC. Mas aí parece que andou se metendo em coisas mais estranhas. Pois bem. Para minha surpresa, o Newton apareceu em Montevideú e foi bater na embaixada. Cruzei com ele na entrada. Como imaginei que viera me ver, fui logo fechando a cara. Qual não foi minha estupefação quando, após fazer um afago em meu braço e passar por mim sem me dirigir uma única palavra, ele foi direto para a sala de Max — *na qual entrou sem bater*. Depois descobri que estava hospedado com o casal! Esteve pelo menos três vezes em Montevideú. E se hospedava sempre com eles.

Por mais intrigado que estivesse, senti, por puro instinto, que Newton Cordeiro era um tema que bem poderia desestabilizar nossa conversa. Porque eu teria de mencionar a referência feita a seu nome no artigo da revista *Foreign Diplomatic Review* relativo à Operação Condor. Melhor abrir mão dessa parte do labirinto. Sentia-me cansado, além do mais. O jantar fora pesado. E a conversa, embora amena, não me poupava de suas ressonâncias dolorosas. Quanto à bebida... Para variar, continuava jorrando. Resolvi, assim, me valer da chegada da bandeja de licores para mudar de assunto.

— Coronel... — disse, demonstrando uma simples curiosidade. — O senhor chegou a conhecer a esposa de Max?

O rosto do coronel por pouco desapareceu atrás da primeira baforada de seu charuto. E o gole que deu no conhaque nada teve de discreto. A combinação dessas proezas conferiu ânimo novo a sua voz:

— *Marina...* Ela se aproximou de mim em uma recepção e me contou, sem se dar conta do que dizia, que Max chegava em casa de nossas noitadas “*e se trancava em seu escritório*”. E ainda brincou, com aquela voz pastosa dela: “*Que raio de jogo é esse, major, que sempre leva meu marido a perder dinheiro no pôquer e, ao chegar em casa, ainda trocar seu lugar no leito comigo por um relatório? De que é que vocês tanto falam enquanto jogam?*”

E aqui meu velho urso terminou por demonstrar que, tudo somado, a vida algo de útil lhe ensinara, ainda que sob a forma de dúvidas nunca esclarecidas:

— *Marina...* Acho, às vezes, que ela sabia o que estava dizendo... Mas de que lado jogava, isso nunca descobri... A relação dos dois era meio

estranha, no mínimo tensa. Nunca soube o que se passava ali...

Assim é que as dezenas de fragmentos colhidos em minhas noitadas com o coronel, bem como as peças que jaziam adormecidas havia anos em meu arquivo morto, tornaram-me refém de uma obra a que somente eu teria acesso. Como se o destino desejasse a um tempo me recompensar e me punir por diligências que eu, no fundo, quase fizera a minha revelia.

E é essa obra que retomo agora desde o início dos anos 70, quando Max acabava de chegar a Montevideú.

PARTE III

20

Para quem desembarcara em Montevideu imbuído do espírito de um cruzado, embalado em uma armadura, com escudo no braço esquerdo e espada desembainhada na mão direita, as duas primeiras semanas de Max na embaixada se revelaram decepcionantes. Sendo numerosos os funcionários ali lotados, sua posição hierárquica, apesar de promovido havia pouco a primeiro-secretário, era relativamente obscura: cinco diplomatas, além dos três adidos militares, tinham precedência sobre ele, dos quais diversos com acesso direto ao embaixador. Este não deixou de recebê-lo com afeto para um cafezinho em sua sala. Tampouco deixou de marcar em sua homenagem, mas para dali a três semanas, um almoço na residência, quando, como não se furtou a dizer, também *“aproveitaria para despedir o adido naval de partida para Brasília”*, e ao qual compareceriam — aqui deixou escapar um suspiro de desalento — os demais colegas e suas esposas. *“Você e sua mulher poderão então conhecer toda a nossa fauna...”*, concluiu antes de se despedir.

Três semanas..., pensou Max, mal ocultando sua surpresa. Pior: a conversa entre eles, da qual tanto esperara, não durara nem cinco

minutos. *Problemas de agenda*, sugerira a secretária ao vê-lo sair cabisbaixo, antes de despachá-lo de volta ao primeiro andar. Para quem vivera um momento de grande intimidade com o futuro chefe em sua biblioteca meses antes, o tratamento equivalia a um descaso. Ocorreu-lhe que, na ocasião de seu diálogo original, *fora cortejado*. E que, agora, caíra na categoria menos relevante *dos conquistados*. Como tal, nada mais era do que um membro adicional de uma equipe — liderada, vale lembrar, por um dos homens fortes do Ministério. Apesar de magoado, Max não deixou de mandar flores para a embaixatriz, em seu nome e de Marina, com uma rápida menção ao prazer que ambos teriam de revê-la em breve. Fez o mesmo com a esposa do ministro-conselheiro. O casal recebeu de cada uma delas um amável cartão de agradecimento.

Em que pesem esses dissabores iniciais, nosso recém-chegado soube, uma vez mais, ser paciente e aguardar sua hora — por saber que, cedo ou tarde, ela viria. Em Montevideú, contudo, o cenário era bem distinto. Estava *em posto*. E não em qualquer posto: em uma embaixada comandada com punho de ferro por um dos homens mais temidos do Ministério. O próprio jargão do Itamaraty acentuava sua sensação de aprisionamento. Para início de conversa, não fora transferido: *fora removido*. Além disso, encontrava-se *lotado* em repartição no exterior. Termo que fazia com que se sentisse asfixiado, como uma sardinha em lata.

Do ministro, segundo homem na embaixada, recebera a indicação de que, por determinação superior, se ocuparia do setor de assistência técnica. A notícia o surpreendeu, pois imaginou que sua reconhecida experiência em temas sul-americanos o credenciaria para integrar a

equipe política. Limitou-se, porém, a baixar a cabeça e morder os lábios. Deram-lhe uma sala no térreo, com uma mesa, três cadeiras e um sofá desbotado, que mal disfarçava as saudades que sentia de suas duas poltronas, das quais restavam apenas oito marcas fundas no tapete, quatro de cada lado. *Alguém as roubara*, imaginou Max, *valendo-se das semanas que haviam transcorrido desde a partida de seu antecessor*. Suspeita que sua secretária confirmou com um sorriso enigmático. Mais revelaria, sugeria sua postura, se cortejada e bem-tratada.

Esmeralda era uruguaia e contava tempo para a aposentadoria. Seus cabelos brancos e ar sereno davam provas de que, em seus trinta anos de serviço, percorrera, em sentido inverso, todos os postos confiados a auxiliares locais: principiara na década de 40 como secretária particular do então embaixador, de quem fora amante. Passara, em seguida, para a assessoria do ministro-conselheiro, e dali fora descendo, de chefes e de andares, até chegar ao térreo, onde se concentravam os diplomatas mais jovens e os auxiliares dos adidos militares.

Ela se tornaria amiga de Max em questão de dias — por logo descobrir com quem lidava. E por não ter papas na língua. Quando estimulada, não escondia o que pensava da vida, dos homens e dos diplomatas em particular. Tanta franqueza surpreendera Max e logo o encantara, a ponto de lhe proporcionar, naquelas difíceis semanas iniciais, sua única verdadeira fonte de alegria. Gostava de provocá-la a revelar segredos irrelevantes sobre a embaixada e seus personagens, capricho a que ela acedia a conta-gotas, dele sempre obtendo em troca alguma informação que arquivava para uso futuro — jogo do qual eram

ambos exímios adeptos e que os aproximaria ainda mais com o passar do tempo.

Esmeralda ocupava uma saleta contígua à de Max. Já no primeiro dia de convívio, notara o olhar desapontado de seu novo chefe ao reparar na modéstia dos quadros de sua sala. “*Além de tudo, são tristes...*”, dissera então, para surpresa de Max, que estava acostumado a adivinhar os pensamentos alheios, mas não a ver os seus tão desnudados. “*Em perfeita sintonia com a vista de nossas janelas...*”, comentara ele por sua vez. E com razão, já que os dias de sua chegada haviam coincidido com uma chuva intermitente que acentuara a melancolia de uma rua quase sem pedestres. “*A chuva em Londres é poética...*”, declamara ela, citando versos de seu primeiro chefe e amante que, inconformado com a transferência da Inglaterra para o Uruguai durante a guerra — transferência a que devia a vida, pois sua residência em Londres fora destruída por uma bomba dias após sua partida —, passava seu tempo se lamuriando, “*mas em Montevideú é água triste que nada acrescenta à paisagem...*”

Que desastre, pensou Max ao ouvir os versos (em tradução livre, pois Esmeralda, como confessou encabulada, já não mais se recordava da versão original em língua inglesa “*que soava infinitamente melhor*”), enquanto imaginava os dois amantes deprimidos em sua cama uma geração atrás, olhando para essa mesma chuva que agora caía em seu presente com igual persistência. Nem por isso deixou de sorrir para ela e louvar o poema, por entender que representava o derradeiro legado da relação. Em seguida, deixou a depressão da secretária de lado para se concentrar na sua. *Pensar que poderia estar em Washington ou Paris...*

Para se reanimar, dedicou seus primeiros dias a Marina e à tarefa de encontrar uma casa para alugar, no que foi auxiliado pelas informações de vários colegas e suas esposas, que, de forma gentil, logo os convidaram para jantar. Com base nessas sugestões, entraram em contato com um corretor conhecido da embaixada e se puseram em campo. A bagagem, que viera por terra e já chegara a Montevideu, se encontrava retida na alfândega aguardando liberação. Dali seguiria para um depósito, até que o casal dispusesse de um endereço.

Hospedados em um hotel central, confortável e elegante, mas que já vivera tempos melhores (“trata-se de *um hotel correto*”, lhe dissera ao telefone o ministro-conselheiro em um tom indiferente), Max e Marina se descobriam prisioneiros de um quarto onde o chão atapetado ondulava sob seus pés, e cuja dimensão, sem ser modesta, tampouco permitia excessos. Com isso, viviam esbarrando um no outro. E pedindo desculpas em voz baixa, como se certo grau de cerimônia tivesse se infiltrado de forma sub-reptícia na relação. Suspiravam sem saber por que, e passavam boa parte dos fins de noite lendo na ampla cama de casal, que rangia a cada página virada.

Por ser mais jovem e de natureza expansiva, Marina enfrentou melhor a situação. Ao longo dessas duas semanas iniciais, vestiu-se com simplicidade e andou pela cidade, fosse assistida pelo corretor indicado pela embaixada, com vistas a pré-selecionar residências que reveria mais adiante com o marido, fosse na companhia da esposa de algum colega, que se revezava com outras senhoras nessa tarefa. E era mesmo disso que se tratava: de um mutirão de apoio, a ser cumprido por força de tradições que haviam ajudado a todas no passado — e que, já com

Marina incorporada ao time, beneficiariam as esposas que ainda viessem a desembarcar em Montevideu.

Longe de incomodá-la, a variedade de acompanhantes permitiu-lhe travar conhecimento com o universo feminino do posto, na faixa profissional de seu marido, naturalmente — pois as esposas dos colegas graduados, e com mais razão as dos adidos militares, não participavam desse esforço coletivo, reservando suas energias para as recém-chegadas que se encaixassem em seu nível hierárquico. Todos esses pequenos sinais sociais foram sendo digeridos aos poucos por ela, acompanhados da impressão penosa de que estavam sendo implementados, em seu caso particular, com um rigor adicional por ser ela, de solteira, uma *Magalhães de Castro*, sobrenome que havia soado o alarme no patamar mais elevado daquela confraria, pois que deixava em posição de inferioridade o da própria embaixatriz, para não falar das demais integrantes de sua corte.

Essa havia sido, inclusive, a principal razão da tentativa de veto da embaixatriz à anunciada remoção de Max, quando, meses antes, soubera do convite que o marido fizera ao jovem diplomata. Informada das origens aristocráticas de Marina pela esposa do ministro-conselheiro, ela certa noite indagara ao esposo, enquanto retirava os brincos diante da penteadeira: “*Mas o que é que uma Magalhães de Castro espera encontrar em Montevideu?*” Ao que o embaixador, que naquele exato instante descalçava os sapatos e movia com grande alegria os dedos dos pés finalmente liberados da prisão a que haviam sido confinados desde a manhã, respondera com exemplar economia: “*O marido.*” Acrescentando, diante do ar ainda severo da esposa: “*E, com*

sorte, a felicidade a que, com variadas possibilidades de êxito, todos aspiramos.”

Na intimidade, o embaixador era homem dotado de um finíssimo sentido de humor e de uma personalidade encantadora. À qual ninguém, nem mesmo a esposa (que deixara de escutá-lo havia anos), tinha acesso. Era, assim, detentor de um segredo que guardava zelosamente e que pretendia um dia revelar, apenas, em suas memórias. Nesse meio-tempo, concentrava-se na tarefa de operar na contramão do bem, convencido de que não haveria solução política para nossa região que dispensasse sacrifícios que só seriam entendidos em duas ou três gerações mais. Acreditava que, com a cumplicidade do tempo, o esquecimento baixaria sobre cada gota de sangue derramado nesse processo que julgava tão legítimo quanto necessário. E que tudo o mais era secundário ou irrelevante.

21

Esmeralda bateu à porta de Max e, como de costume, entrou logo em seguida:

— A secretária do embaixador pediu para o senhor subir.

— Subir?

Esmeralda riu:

— *Ao paraíso.* Ao terceiro andar.

O gabinete do embaixador... Max deixou de lado seu jornal, apagou o cigarro, colocou o paletó e perguntou:

— Terá chegado meu dia de glória?

— Com duas semanas de posto? — brincou Esmeralda, que voltara a se sentar e agora lixava as unhas. — Eu ficaria surpresa.

Max optou pela escada, embora o pequeno elevador estivesse parado no térreo. Subiu sem pressa, como um homem que não dispensa uma oportunidade de exercitar as pernas, sem deixar de combinar o hábito com um momento de introspecção. Demonstrava assim ao mundo, que o ignorava por completo naquele momento, e a si mesmo, que estava calmo.

Na antessala do embaixador, a secretária já o aguardava de pé, com o jeito empertigado de quem mal disfarça certo grau de impaciência. Sem um sorriso ou uma palavra de saudação, abriu a porta e recuou para que ele passasse.

— Bom dia, Marcílio... — disse o embaixador sem se levantar. Apontou para a cadeira em frente e esticou o braço em sua direção quando o jovem colega se sentou. Após o aperto de mãos, abriu uma das gavetas à direita da mesa, de onde tirou um cachimbo e uma latinha redonda de fumo.

— Meu primeiro cachimbo do dia. O médico só me permite dois. O segundo dá certa graça a meu almoço. Mas o melhor, naturalmente, *é o terceiro*, que fumo escondido à noite, sozinho, no terraço. Em minha idade, Marcílio, as alegrias se reduzem a pouco. Vivo um constante paradoxo: os segredos aumentam a minha volta, mas os prazeres secretos diminuem. Veja você...

Max sorriu com o simpático desabafo. E com o toque de melancolia nele contido. Teve assim a esperança de que participar desse momento matinal em certa medida representava uma honra, que lhe estava sendo concedida a título especial. O embaixador, contudo, não parecia interessado em suas reações. Tanto que foi de olho nos galhos das árvores que perguntou:

— Você ainda está muito chateado comigo?

— Chateado, embaixador? — espantou-se Max realmente surpreso.

— Mas como, se...

Com um gesto, o embaixador impediu que ele continuasse:

— Esse setor que te confiei, de assistência técnica. A sala modesta...
Os móveis acanhados... Esmeralda recitando seus velhos poemas...

— Imagina, embaixador, cooperação técnica é um assunto que...

— Bobagem, meu filho. Você e eu sabemos disso. Mas foi necessário.

— Necessário?

O embaixador voltou-se para ele:

— Para efeitos internos. É a cobertura ideal de que você necessita. Assim como foi importante te manter a distância por alguns dias. Aqui todo mundo vigia o entra e sai em minha sala. E eu precisava neutralizar a fama que te precedeu. *Oficial de Gabinete do Ministro de Estado... Oficial de Gabinete do Secretário-Geral...* Você aqui vai ter de desaparecer na paisagem. E quanto mais rápido, melhor.

Com um gesto da mão, impediu que Max abrisse novamente a boca. Longe de uma indelicadeza, tratava-se de um apelo. Não havia tempo a perder:

— Às onze e meia o coronel vem me ver com um americano amigo dele. Ele está atrás de mim há uma semana para que eu receba esse sujeito.

Consultou sua agenda e murmurou devagar, como para si próprio, o nome completo ali registrado:

— *Daniel A. Matrone*. E esse "A." não deve ser de anjo. Um americano do FBI, ou da CIA, que o adido conhece desde seus tempos no Brasil. Segundo ele, jogavam golfe juntos. Deve ser mentira. Esse adido mente muito. Você já ouviu falar de militar jogando golfe? Só se for com granadas. Você joga golfe?

— Não, embaixador.

— Pôquer?

— Pôquer, sim.

— Ótimo. O Vaz...

Uma pausa. O fumo fora transferido para o cachimbo com a ajuda do polegar. Faltava agora riscar o fósforo.

— O major João Vaz é aquele grandalhão desengonçado. É o número dois desse coronel golfista. O Vaz veio do SNI. Mas faz o gênero relações-públicas, simpático, coisa e tal. Ele vai te convidar para sua roda de pôquer. E você vai aceitar. Para surpresa dele.

— Surpresa? Por quê?

— Porque dei ordens explícitas a todos os diplomatas para recusarem o mesmo convite até aqui. Aguardava tua chegada.

— E eu...

— Você vai aceitar. E perder. Perder bem mais do que ganhar. Pode ganhar de vez em quando, aqui e ali. Discretamente. Eles gostam de patos, mas não são burros.

— Desculpe, embaixador. Mas não estou vendo...

— Preciso de informações. Do *segundo escalão dos adidos*. E cedo ou tarde eles vão acabar se abrindo contigo. Segredos, não vão revelar. São treinados para isso.

— Mas então...?

— Em geral, eu tomo conhecimento sobre o que sabem *antes deles*. Mas ignoro... *o que não sabem*.

— O que *não sabem*...

— É. E é isso que me interessa. O que não sabem. *E por que não sabem*. Ou seja, o que seus chefes escondem deles aqui. E por que

razões. Fique atento às dúvidas, às especulações. Às incertezas.

Max preferiu não insistir. O tema lhe parecia por demais barroco. O embaixador riscou o fósforo. Com ele aceso entre os dedos, permitiu-se uma sugestão de ordem técnica:

— Na mesa, blefe o menos possível. E evite pagar o blefe alheio. Desfaça as trincas que receber de mão. Isso deve bastar. Mas abra o olho. Eles são espertos nesse tipo de jogo.

Aqui o embaixador deu uma vez mais as costas a Max e dedicou suas primeiras baforadas aos galhos das árvores que por pouco encobriam as janelas:

— Combinado?

— Combinado, embaixador.

— Ótimo. Considere isso um investimento. Tire o prejuízo de sua verba de representação. Em troca, você está dispensado de organizar jantares em sua casa. A não ser para seus amigos pessoais, claro. Financeiramente, ficará uma coisa pela outra, com uma vantagem adicional: sua mulher beijará suas mãos em sinal de agradecimento. Porque esses uruguaiois de terceiro escalão que precisam de vez em quando ser convidados por vocês inspiram um tédio mortal.

Voltou-se para ele:

— Como vai sua mulher, por sinal? Marina...

— Bem, embaixador, ela...

— Está sobrevivendo a nosso covil de megeras? Isso aqui é um covil de megeras... Como toda embaixada grande. Os homens em geral se dão bem entre si. Mas o mulherio forma clãs divididos por arame farpado e cercas de espinhos. Sem que nenhum deles saiba, são todos

coordenados por minha mulher. Ela se diverte um bocado com isso. Temos três clãs nesse momento, os três em pé de guerra.

Max riu e discordou com bom humor:

— Longe disso, embaixador, todas têm sido muito gentis e nos ajudado muito. Já encontramos até um bom apartamento graças a elas.

— Apartamento? *Em Pocitos?*

— Não, acabamos optando por um duplex muito simpático, perto do centro. Para Marina será melhor. E como ainda não temos filhos, um jardim não fará falta...

O embaixador considerou o assunto por alguns segundos. Depois deu seu parecer:

— Até o ano passado, eu teria discordado dessa escolha. As casas em Pocitos e Carrasco são bem mais simpáticas... Mas as coisas vêm mudando neste país. Em breve a barra vai pesar com os Tupamaros. Até aqui, eles têm brincado de capa e espada com a polícia. Assaltam um banco aqui, uma joalheria ali... Mas agora os dois lados estão tirando as luvas. E os militares vão entrar em cena pra valer. Quanto mais perto vocês estiverem da chancelaria, melhor. Vocês estão chegando na última fase de tranquilidade dessa cidade. Em uma questão de meses vamos viver uma guerra de guerrilha. Até o governo cair. Para um lado ou para outro. No que depender de mim, *para nosso lado*.

Seguiu-se um silêncio, durante o qual o embaixador dedicou o melhor de sua atenção a seu cachimbo e aos galhos de suas árvores. Logo, porém, mudou de assunto:

— O Carlos Alberto te apresentou a todo mundo?

Carlos Alberto Pereira Campos era o ministro-conselheiro.

— Sim, embaixador. Alguns colegas eu já conhecia da recepção em sua residência no ano passado, ou de reuniões no Rio de Janeiro...

— E os adidos e seus assessores? Temos toda uma tropa acampada por aqui. Nove ou dez milicos. Quase todos com umas mulheres de chorar.

— Fui apresentado aos adidos e a alguns de seus assessores, mas ainda não deu para...

— O mais fino e inteligente é o brigadeiro. O capitão de mar e guerra, que está se despedindo, também ficou amigo meu. Trata-se de um homem hábil. Mas o do exército é de matar. Esse coronel que está vindo me ver agora com o gringo é barra-pesada. Conquistou seus galardões no DOPS de São Paulo, onde dizem que fez misérias. Aqui, em menos de seis meses, quase conseguiu queimar todas as pontes que eu vinha a duras penas construindo com os militares uruguaios graças ao antecessor dele. Este, sim, um homem de primeira.

Max mexeu-se de leve na cadeira, como se buscasse uma posição mais confortável. Sabia que tanta franqueza, além de inesperada e pouco usual, elevaria o diálogo para patamares mais sensíveis. Todas as frases até ali, as mais banais inclusive, haviam ultrapassado, com folga, os limites de uma conversa convencional. O embaixador não tardou em lhe dar razão:

— Marcílio, vamos ter de ser francos. Sua remoção para cá foi decidida bem antes de sua vinda no final do ano passado. *Bem antes...* Naquela ocasião, você foi incluído na delegação a pedido meu e por uma única razão: queria te conhecer pessoalmente. Os maços pouco dizem sobre as pessoas. Sua remoção já estava acertada. Só passou pelo

Ministério no estágio final, o das providências e da papelada. As decisões, como você deve saber, foram tomadas *em outro nível*. Certo?

— Sim, embaixador. Quer dizer...

Max foi alvo aqui de um olhar direto, seguido de uma cachimbada:

— *Quer dizer...?*

— Quer dizer... Sim e não, embaixador.

— Ótimo, Marcílio, ótimo. *Sim e não*. Lembre-se bem dessas palavras lapidares. Elas resumem de maneira exemplar sua missão em Montevideú. Ao contrário da diplomacia mais tradicional, raramente surgirão espaços para nosso tão cômodo e agradável *talvez*.

Riram por um momento, o embaixador satisfeito, Max preocupado. Tanto que, sentindo o clima pesado, correu um risco no limiar da imprudência e saltou uma etapa da conversa — para ir direto ao que não fora explicitado:

— Desculpe, embaixador, mas qual é a urgência?

Com a pergunta aproximavam-se do ponto central da visita. Tanto que o silêncio foi preenchido por várias cachimbadas, dessa feita na direção do teto.

— A urgência, Marcílio, é que vou embora... — respondeu o embaixador. — E o Carlos Alberto também. Eu, para trabalhar na Presidência por dois anos, antes de me aposentar. Os alemães estão atrás de mim com algumas propostas interessantes. Quando deixar o Itamaraty, eu me entregarei às delícias da iniciativa privada. Vou ganhar algum dinheiro.

— O senhor fala alemão?

— Eu me formei na Alemanha! — Max ouviu em tom inflamado a título de resposta. — Antes da guerra! Você não se deu ao trabalho de ler meu currículo? Sou dos raros germanófilos do Ministério... E, antes de vir para cá, servi na Alemanha. Fui transferido de Bonn para Montevideú!

Logo, porém, se acalmou. E, para evitar que Max ficasse sem graça com a distração cometida, emendou com uma confidência em tom simpático:

— Não aceitei a embaixada que me ofereceram semana passada. Em Roma, morreria de tédio. Fiz então ao pessoal da Presidência uma oferta que não tiveram como recusar.

E acrescentou um adendo de menor relevância:

— E nosso Carlos Alberto irá para um novo posto, que ainda está sendo negociado. Ou seja, vamos partir os dois, ao mesmo tempo.

Depois da volta completa no picadeiro, novo olhar certo na direção de Max — e a conclusão:

— *Essa é a urgência. Temos quatro meses para formar uma parceria.*

22

— Uma parceria? — indagou Max, sorrindo amavelmente.

O embaixador pousou o cachimbo no cinzeiro, recostou o corpo contra a cadeira, que se inclinou para trás sob seu peso.

— Estou há seis anos em Montevideú, meu filho. Cheguei pouco antes da Revolução de 64.

Max registrou com desconforto o *meu filho*. Sem soar propriamente falso, algo tinha de artificial. E havia a questão dessa parceria, ainda suspensa no ar entre eles.

— Marcílio, em quatro meses mais serei substituído por um medalhão da velha guarda, cujo nome, por enquanto, não posso revelar. Nem vem ao caso. O que interessa é que vocês vão se dar muito bem. Trata-se de pessoa amena e cordial. Mas meu substituto virá para cá com a única função de empurrar papéis. Quem vai mandar na embaixada será seu número dois. Um homem de minha total confiança. *Minha cria*, por assim dizer. Servimos juntos duas vezes. A última na Alemanha, antes que eu fosse transferido para cá. E é com ele que você vai se entender. A parceria que quero formar é com vocês dois. Nossa triangulação vai funcionar comigo na Presidência e vocês aqui. Trata-se

de Carlos Câmara. Ele está vindo da Escola Superior de Guerra. Já ouviu falar dele?

— Carlos Câmara... — murmurou Max como para si próprio. — Não... O nome não me diz nada. Frequentei o pessoal da ESG em certa época, eles me chamavam de vez em quando para conversar, mas o...

— Não importa... *Ele* te conhece. E já sabe tudo a teu respeito. Daí nossa conversa aqui hoje. Para começarmos a pensar nessa transição. Se tudo der certo, o Carlos e você terão a rara oportunidade de participar de um momento decisivo da História de nosso país.

Após uma pausa, o embaixador continuou em velocidade de cruzeiro.

— E está na hora de você tomar conhecimento do projeto que estamos desenvolvendo aqui. E na região.

— Na região?

Novas cachimbadas, mais curtas, quase ofegantes de tão impacientes. Em um mundo ideal, que reproduzisse com fidelidade os desejos mais secretos do embaixador, não existiriam espaços para perguntas. E, com mais razão, para as que repetissem palavras cujo som ainda ecoasse na sala.

— Digamos, por enquanto, que é uma operação de pinça, na qual não desempenhamos nenhum papel mais ostensivo. Somos, no máximo, *observadores interessados*. Se consultados, damos nossa opinião. Com base na experiência do que ocorreu no Brasil entre 1960 e março de 1964. Eles escutam, tomam algumas notas, cochicham muito entre si...

— *Eles, quem*, embaixador?

A pergunta parecia óbvia, mas não era. Max estava interessado em saber o nível em que se situava essa interlocução, já que o Uruguai tinha um governo constituído e democraticamente eleito. *Em que nível das forças armadas uruguaias* — pois era evidente que delas se tratava — *falaria o embaixador?* Este, porém, ignorou a pergunta, como o juiz que, em um jogo de futebol, não vê a falta grosseira cometida a dois palmos de seu nariz.

— Cada país, nesta região, vive suas realidades, com seus desafios próprios. E muitas delas nada têm a ver com as nossas. Mas já passamos por um processo no mínimo semelhante. E eles, não. Isso nos dá, por um lado, uma vantagem. E, por outro, uma enorme responsabilidade. Não podemos nos meter. Mas também não podemos nos omitir. É um quadro que vai exigir muita paciência, mesmo porque os cenários, aqui e no Chile...

O Chile... Uma nova peça no tabuleiro do embaixador.

— ...ainda vão demorar a amadurecer antes do inevitável conflito. E estamos sozinhos nessa cobertura. Os americanos nos avisaram que não querem saber de envolvimento. Já têm problemas suficientes no Vietnã. Além disso, quase se queimaram no Brasil com a operação Brother Sam, e não faltou quem, na Europa, denunciasse a intromissão deles em nosso país. Por debaixo do pano, tudo bem, eles se dispõem a ajudar. Como fizeram conosco. Mas de forma ostensiva, não. Sou capaz de apostar que a visita do Matrone tem a ver com isso. Ele não tem nível hierárquico para pedir uma entrevista comigo. Está vindo me transmitir um recado.

Max dava-se conta, como quem vive um sonho acordado, que seus quatro anos de Secretaria-Geral lendo telegramas e ofícios vindos de Montevideú pouco tinham a ver com os afrescos que o embaixador ia desenhando em seu teto com toda a naturalidade. Como se a distância que separasse a vida real dos textos equivalesse à que existe entre uma fotografia em foco e uma imagem mal delineada em um mata-borrão. Nada do que lhe estava sendo dito constara sequer das entrelinhas do que lera. (E Max se considerava um excelente leitor de entrelinhas, o melhor de sua geração.)

A revelação teve a vantagem de levá-lo a entender melhor a natureza da presente conversa — e a direção que ela ainda poderia tomar. O embaixador tinha *dois* canais de comunicação. E o Itamaraty era apenas um deles. Formal, como se fachada fosse. Compreendeu, também, que seu chefe, entre frases e baforadas, o atraía aos poucos para um labirinto no qual se sentia absolutamente em casa — e com o qual ele, Max, precisava se familiarizar com toda a urgência se desejasse sobreviver naquele ambiente. E foi com ansiedade que aguardou o que viria.

Aqui, o embaixador olhou para o relógio e pegou o telefone. Pediu dois cafés e água. Max afundou-se um pouco mais em sua cadeira, ainda que fosse fisicamente difícil, pois o móvel espartano no qual se sentara era todo feito de ângulos retos. E contava com um espaldar alto.

— As coisas ainda vão demorar. Um ano, dois... Talvez mais. Vai ser um jogo de cartas marcadas, com um curtíssimo intervalo entre os dois...

Nova consulta ao teto, essa mais breve:

— ...*processos*.

O teto soprara *países*. O chefe dissera *processos*. Max ouvira *golpes*.

— *Os dois processos...* — repetiu o embaixador, como para impor ordem às vozes que disputavam espaço entre eles. — Esse intervalo de três meses entre os dois... *os dois processos*, já está decidido. Não por nós, felizmente.

— Por quem? — indagou Max com um fiapo de voz.

Para sua surpresa, a pergunta mereceu resposta, ainda que parcial:

— A esse respeito, quanto *menos* você souber, melhor. Deixe isso por conta do Carlos. É ele quem vai operar nessa faixa. A sua será outra, bem distinta. E, de certa forma, mais importante.

Max não sabia de que forma acolher essas palavras. Se honrado ou assustado.

— O que interessa é que, nesse meio-tempo, as tensões vão se intensificar nos dois países. E vamos acabar tendo que nos meter. Mas da maneira mais discreta possível. Tão discreta quanto a dos americanos. E olhe que eles até teriam poder de fogo de sobra para se queimar. Poderiam, com folga, se dar a esse luxo. Mesmo porque sempre fizeram o que bem entenderam na América Latina. Então, um desastre a mais, um a menos...

O embaixador era um homem de extrema direita. Com o comentário, porém, demonstrava sua repulsa pelos desmandos de Washington.

— *Mas nós, não...* — prosseguia ele. — Jamais poderemos ser acusados de envolvimento. Daí que quanto menos pessoas souberem dos esquemas que vierem a ser montados, caso se tornem mesmo necessários, melhor.

A gravidade do momento encontrou um contraponto ideal na tristeza do embaixador quando se deu conta de que o fumo de seu cachimbo chegava ao fim. Ele se viu então forçado a optar por um atalho que levasse a conversa a termo sem maiores delongas:

— Nosso trabalho consiste em acalmar os militares... — continuou, sem se desviar de um rumo previamente traçado. — E evitar precipitações.

Aqui Max ousou formular a pergunta que faltava nessa equação:

— E a Argentina, embaixador?

Dois suspiros e uma última cachimbada. E, para surpresa de Max, nova resposta — dessa feita esclarecedora:

— Na Argentina, tudo pode acontecer. Por sorte, o Onganía, para certo tipo de imprensa internacional, passou a encarnar o protótipo do gorila. Com isso, deixa nossos generais no chinelo. Mas a verdade é que o peronismo tem raízes fortes. E Perón pode até voltar da Espanha. Se isso suceder, se ele regressar mesmo, acabará incendiando o país e reinando sobre cinzas. E os militares voltarão. Dessa vez, mais ferozes ainda. E para ficar.

Depois de um instante de reflexão, continuou:

— Os ódios por lá são antigos, têm raízes profundas, encravadas em uma desilusão constante. Acontece algo de inexplicável com esse país, extraordinário em tantos planos... Algo que, curiosamente, talvez até explique a intensidade e a natureza elaborada de sua arte, do tango a Borges. O que vier a ocorrer na Argentina será de uma ferocidade superior ao que poderá se dar no Chile. Se bem que...

Aqui, hesitou. Max ficou sem saber se por falta de ideias ou palavras. O fato é que voltou sua atenção para outra frente de batalha:

— E tem mais: se esses dois países um dia deixarem para trás suas diferenças históricas e ainda se unirem ao Uruguai, não vamos poder ficar de fora. Mesmo porque, tudo somado, *os pioneiros de todo esse processo teremos sido nós*. Fomos os primeiros a correr os riscos. *Dois anos antes da Argentina!* E os primeiros a dar o tom do que ainda viria. *E ainda virá.*

Max teve então direito ao mais intenso olhar da manhã, sem floreios, jogos de palavras ou cachimbadas:

— O quadro, Marcílio, é simples: a sobrevivência de cada um desses países, a nossa inclusive, depende da segurança coletiva dos quatro. Não que o Brasil esteja, *na atual conjuntura*, enfrentando o menor perigo. Mas que nossa segurança futura passará, em boa parte, a depender da deles, não tenha dúvida. Só que o pessoal do Itamaraty não se convence disso. *Umas antas esses nossos colegas!* Eles se recusam a entender que todo esse processo está encadeado.

Seguiu-se um gesto de impotência, dirigido ao teto mais do que a Max.

— Não tive então outro recurso. Passei a me entender diretamente com o SNI. E até mesmo com eles tive de jogar pesado...

Sobre o particular, contudo, preferiu se calar. O velho guerreiro tinha se batido em inúmeras frentes. Deu então uma nova guinada na conversa:

— Por outro lado, uma vez vencida essa primeira etapa de conflito civil, tampouco podemos ficar vulneráveis a uma eventual estabilidade

alheia. *E à união que dela possa resultar.* Precisamos, então, participar desse clube desde já. Precisamos entrar nessa sociedade.

— Da qual somos membros fundadores...

— Não brinque com isso, Marcílio!

Max nunca imaginara que o embaixador fosse homem de se exaltar.

— Mesmo porque, nesse meio-tempo, você terá se transformado em um notável especialista em cooperação técnica, *com ênfase especial na complexa área de treinamento de pessoal.* E será chamado a coordenar projetos que justifiquem e viabilizem nossa participação desinteressada... *nos problemas internos que nossos amigos vêm enfrentando.*

O fumo acabara. Dele, restava apenas o aroma adocicado no ar.

— Não apenas por uma questão estratégica... — murmurou, novamente em paz consigo mesmo. — Por outras considerações de igual importância.

— Como, por exemplo... — atreveu-se Max.

— Como, *por exemplo,* a criação de uma classe média na região. Uma classe média *confiável,* que um dia finalmente aprenda a votar. E que, com isso, corte a ameaça marxista pela única raiz que interessa.

— A do acesso ao bem-estar social?

— A do acesso ao mercado.

Logo, porém, veio a emenda em um tom condescendente, quase terno:

— Vá lá, Marcílio... *A do acesso ao bem-estar social.* De toda forma, uma coisa está ligada à outra. E não digo que a primeira não seja

importante. Mas vai ser por causa *da segunda* que os americanos, responsáveis por esse circo a nossa volta...

Circo..., pensou Max surpreendido com o rumo — e o nível — da conversa.

— ...vão nos sugerir que o desarmemos em uns dez ou quinze anos mais. Pior: vão nos pressionar nessa direção. Porque, até lá, a ameaça cubana e o perigo representado por Allende no Chile terão desaparecido. E o liberalismo voltará a reinar. A região deixará de comprar armas e consumirá televisões, geladeiras e fogões. Ou o que mais inventarem daqui pra frente. Nada mau, não?

Por sorte, o café foi servido. Veio acompanhado de dois copos d'água e de um prato com uma maçã cortada em quatro. O embaixador tirou um pequeno frasco do bolso do colete.

— Você me desculpe, meu filho. Mas preciso comer uma maçã antes de enfrentar esse maldito remédio. Mas vá tomando seu café, antes que esfrie.

23

Curiosamente, o *meu filho* pesara menos. Talvez porque, dessa feita, o mimo se apresentasse sob a forma de um bálsamo, por ilusório que fosse. Ainda assim, Max se sentia, havia já alguns minutos, às voltas com um mal-estar cujas origens tentava em vão identificar.

Meia hora antes, nada mais fizera do que contemplar a rua deserta do outro lado da janela de sua sala, adiando o momento em que se dedicaria a uma plácida leitura do jornal, a que se seguiria outra, igualmente amena, dos telegramas do dia trazidos por Esmeralda — que o aguardavam em sua carteira de entrada.

Agora, porém, encontrava-se metido em uma intriga no mínimo regional. Na qual, se bem entendera, seria chamado a desempenhar um papel de certa relevância. E isso tudo, pelo visto, sem conhecimento formal do Itamaraty. O *Ministério fornecia apenas a moldura*, que permitia ao embaixador, e a seus eventuais aliados (*comparsas*, diriam seguramente alguns), atuar em certa direção. Max fazia parte desse grupo. Mas o diletantismo de antes, que tanto tivera de charme, corria sério risco de se transformar em camisa de força.

Por um lado, sentia-se preocupado. Por outro, mal podia controlar a excitação que, aos poucos, começava a dominá-lo. Jamais imaginara fazer... *Fazer História*.

Seu interlocutor, que o observava de perto, interrompeu seus pensamentos:

— *Sim e não*, Marcílio.

— Perdão?

— Não se assuste. As grandes jogadas internacionais se processam nesse nível. Em um tabuleiro bem pequeno, onde as peças são negras ou brancas. Não existem meios tons, nem as especulações que costumam fazer as delícias da comunidade acadêmica. *Nada de talvez*. Era nisso que você estava pensando, não?

— Era. Mais ou menos.

— É por isso que você está aqui hoje. Para dar início a um processo de desmistificação. Que obedece a duas razões. A primeira, entender as dimensões de nosso desafio. Ele tem a ver com o fato de que a região, em si mesma, não tem a menor importância nesse tabuleiro. A não ser como espelho de outro.

— *Espelho de outro...* — ecoou Max surdamente.

— É... Para os americanos, não passamos do Vietnã de amanhã.

— Como?

— É por aí: para a CIA, Cuba é hoje o vietcongue de amanhã. Ou você acha que um homem como Nixon entende de América Latina? Fora as aporrinhações de fronteira com o México? Ele entende de União Soviética e de Guerra Fria. Ele respeita ou teme a China. Provavelmente nutre um desprezo olímpico pela Europa. *Mas América Latina?* Somos

menos que nada no radar dele. Um radar em que a África nem existe, fora o Egito, por causa de Israel.

— E a segunda? *A segunda razão?*

— Essa é mais importante. E, também, a mais agradável: conhecer de perto o mecanismo do qual você é parte.

Pronto. Haviam chegado ao âmago da questão.

— *Mecanismo?* — indagou Max, demonstrando uma surpresa que havia muito já nem sentia.

Seu chefe liquidara com a fruta e agora enfrentava o remédio. Isso feito, desfez-se, com três batidas secas na beirada do cinzeiro, das cinzas do cachimbo, que recolocou com um suspiro na gaveta junto à lata de fumo. E deu dois goles no café. Somente então comentou em um tom casual:

— Marcílio, *surpreso de todo* você não pode estar... Convenhamos!

E sem lhe deixar espaço para reagir:

— Seu nome já constava de nossos planos havia pelo menos dois anos, como te disse. *Pelo menos...*

Max sentia dificuldade em acreditar.

— E com base em que critérios... — principiou ele.

— ...a escolha foi feita? — completou o embaixador.

— É.

— Pense bem, Marcílio. Essas coisas podem doer. Ainda que, em seu caso, estejamos lidando com características que eu admire pessoalmente. E que considere, a justo título, como qualidades. E não defeitos, como querem alguns.

— Vamos a elas, embaixador.

— No teu caso, seu nome chegou a meu conhecimento pela agilidade com que você trocou de lado em 64. E diria mais: pelo enorme sentido de oportunidade demonstrado na ocasião. Uma gazela não se teria movido com maior graça e leveza. *Aquele beijo no anel do Cardeal...* Nem eu teria pensado nisso.

Antes que Max pudesse desaparecer por alguma dobra do tapete, a secretária bateu à porta e deu três passos na direção da mesa do embaixador.

— O coronel chegou — ela anunciou. — Está sentado na sala de espera.

E inclinou a cabeça, para ler o nome no cartão social que trazia na mão:

— Com o senhor... Da-ni-el Ma-tro-ne... — enunciou.

— Com o senhor Daniel A. Matrone... — corrigiu o embaixador, com um sorriso amigo na direção de Max. — Mande-os esperar um pouco. E faça-os entrar uns minutos depois que o Secretário Marcílio nos deixar.

Voltou-se então para Max, a quem, agora de pé, estendeu a mão. A mão da parceria:

— Vamos ver o que nosso anjo deseja... — disse então, antes de acompanhá-lo até a porta. — Continuaremos essa conversa em alguns dias.

Max deixou a sala por uma saída lateral. Encontrou-se em um corredor, onde permaneceu por alguns instantes, perdido em pensamentos. Estava, na realidade, aturdido. Tanto que precisou apoiar a mão contra a parede por um bom minuto. Antes de dar os primeiros

passos rumo à escada, ainda escutou a parte final das apresentações: “*Call me Dan, ambassador. Everyone calls me Dan...*”;* dizia uma voz. “*Fine, Dan*”, ouviu o embaixador responder. “*As for you, you may address me as Your Excellency.*”**

Notas:

* Pode me chamar de Dan, embaixador. Todo mundo me chama de Dan.

** Ótimo, Dan. Quanto a você, pode me chamar de Vossa Excelência.

24

Nos meses que se seguiram, Max se viu às voltas com sérios desafios em duas frentes: em casa e no trabalho. O primeiro cenário era, de longe, o que o preocupava mais — talvez por se sentir sem condições de entendê-lo. Notava apenas que Marina, apesar da alegria demonstrada com a recente notícia da gravidez, se distanciava cada vez mais dele, sem que as razões desse afastamento obedecessem a alguma lógica a que tivesse acesso. “*A gravidez mexe muito com as mulheres...*”, dissera-lhe Esmeralda, com quem se abrira em um raro momento de desamparo. “*Sobretudo a primeira...*” Max consolou-se com as duas frases, até se recordar que Esmeralda jamais tivera filhos e provavelmente devia suas informações às confidências de alguma amiga.

Quanto ao trabalho, o ambiente se complicou por uma combinação de fatores, alguns previsíveis, outros, não. Na linha da primeira conversa que tivera com seu chefe sobre os Tupamaros, o clima de guerra civil começou, de fato, a se intensificar no país. O governo se mantinha a duras penas, as crises políticas se sucediam, aumentavam os números de vítimas de ambos os lados. Os militares se agitavam, em muitos casos emitindo declarações contraditórias.

Por ameaçador que fosse esse cenário externo, contudo, o que mais afetaria Max nesse plano objetivo do dia a dia acabaria sendo o clima de transição que tomara conta *da embaixada* tão logo a notícia da substituição do embaixador passara a circular.

Foi como se todo um império estivesse a ponto de ruir e outro, cujos detalhes, formas e contornos fossem de todos desconhecidos, estivesse prestes a ser instalado em seu lugar, sem que os vassallos ali residentes contassem com dados que lhes permitissem reorientar suas alianças e, quando existentes, reprogramar seus talentos. No universo feminino esse estado de coisas teve efeitos devastadores, pois todos os clãs ruíram como que por encanto, e um vácuo se criou ao redor da embaixatriz — que, para sua perplexidade, viu seu poder e seus caprichos deixarem de ser respeitados a cada dia que passava.

A cidade e o país ameaçavam implodir de mil maneiras. Mas o que acontecia entre os muros da missão diplomática parecia infinitamente mais grave aos olhos de seus ocupantes.

Contra esse complexo e instável pano de fundo, o embaixador e sua esposa ofereceram certa noite, aos três adidos e a todos os funcionários diplomáticos, um jantar de despedida. Segundo a prática, deveriam tê-lo feito bem mais adiante, ou seja, às vésperas de sua partida. A antecipação sinalizava um desejo do ainda titular do posto: o de demonstrar a todos que não temia o futuro. Ou como dissera em privado a Max horas antes do evento, em sua sala: *o de segurar o touro pelos chifres*. E um de seus maiores prazeres, nesse processo (que só revelara a seu jovem colega), consistia em ser detentor do segredo supremo: o alto destino que o aguardava em Brasília.

Assim é que, dos vinte e quatro comensais ao longo da interminável mesa, apenas dois brilhavam com intensidade na penumbra (pois a embaixatriz optara por um banquete à luz de velas, de modo a acentuar o clima de velório a que se vira relegada): o anfitrião e Max. Nem as mais finas louças inglesas nem os cristais das inúmeras taças de vinho resplandeciam como eles. Para não mencionar os candelabros e os arranjos de flores minuciosamente distribuídos a intervalos regulares sobre a impecável toalha branca, que tampouco conseguiam rivalizar com os dois em finura e elegância.

De toda aquela gente relegada ao anonimato, Marina era, de longe, a mais deprimida. Naquela mesma tarde, por uma infeliz coincidência, tivera seu fatídico encontro com Nilo Montenegro. Com isso, passara a parte inicial do jantar suando frio e sem saber onde pousar os olhos.

Mal chegados de volta ao apartamento, contudo, a crise por que passavam ganharia contornos concretos: *Marina falara de seu encontro com Nilo*. Em uma questão de segundos, transformara suas insinuações em críticas. Pela primeira vez desde que se haviam conhecido, levantara a voz e erguera um dedo ameaçador na direção de Max. Este negara com veemência as acusações de que era alvo “*pelo simples fato*”, como alegara, “*de trabalhar na embaixada*”. Mas ficara abalado com o tom de sua mulher. E diante da melancolia com que ela acolhera suas explicações — uma melancolia que, dali em diante, a acompanharia como uma sombra. Seria possível... *Seria possível que sua mulher desconfiasse dele? Ou algo soubesse de concreto a seu respeito?*

Já na manhã seguinte, Max se apressara em examinar a ficha do ator nos arquivos da embaixada. *Nilo Montenegro...* Não conseguia se

recordar de suas feições, *mas o nome era familiar*. Teria sido colega de palco de Ana? Teriam saído juntos em algum fim de noite, como ocorria com frequência no mundo do teatro? Tranquilizou-se quando viu que nada constava de sério contra ele na ficha que tinha em mãos, a não ser a circunstância fortuita de que dividira, até pouco, um quarto e sala com um ex-guerrilheiro exilado havia seis meses em Montevideu.

Este, sim, pelo que descobriria algumas noites depois, em sua mesa de pôquer, era um elemento perigoso. Dera-se conta disso quando, entre uma rodada e outra, o major João Vaz indagara ao número dois da aeronáutica *“se o pacote tinha sido embarcado”*, ao que o rapaz, que na ocasião juntava suas cartas, respondera com um lacônico *“afirmativo”*.

Na hora, Max não tivera como ligar um fato ao outro. Até que, depois de examinadas suas cartas com o cuidado que mereciam, o jovem oficial colocara algumas fichas na mesa e comentara, em voz mais baixa, *“só não sabemos o que fazer do cara que rachava o aparelho com ele”*. Completadas todas as apostas, o major, que naquela noite ganhava praticamente sozinho, acoplara a sorte de Nilo à sua. *“Nada. Não façam nada...”*, recomendara contando suas fichas. E acrescentara: *“Pelo que sei, não passa de um simples ator.”* E dera um bom gole em seu uísque. Assim se decidiam os destinos dos homens.

Tudo somado, o embaixador errara e acertara ao mesmo tempo ao infiltrar Max na roda de pôquer do major Vaz. Errara porque Max jamais conseguiria detectar, naquele grupo coeso, o clima de dúvidas ou incertezas que seu chefe supunha prevalecer entre eles. Não teve, portanto, como supri-lo de informações sobre a existência de dissidências ou desconfianças que pudessem merecer algum tipo de

registro naquele meio. Em compensação — e aqui o embaixador acertara sem querer —, uma vez conquistada a confiança de seus companheiros de jogo (um gênero de confiança que em geral se estabelece entre homens que frequentam um mesmo clube, independentemente de classe ou distinção), Max não poderia ter tido melhor acesso ao submundo no qual aqueles seres operavam com naturalidade e desenvoltura.

Que se tratava de um submundo, e dos piores, Max não teve dúvidas. Era como se aquelas mãos que seguravam cartas ou fichas tivessem, momentos antes, lidado com vidas e destinos — que ainda palpitassem a sua volta. A única evidência de que Max dispunha para uma percepção de tal forma soturna era a quantidade de bebida que todos ingeriam sem jamais demonstrar, ao final da noite, o menor sinal de estarem embriagados. A esse fato se somava a empunhadura de ferro de que cada um dava provas ao cumprimentá-lo na chegada e na saída, e que levava nosso herói a colocar as mãos debaixo da torneira de água quente por alguns minutos ao chegar em casa, antes de redigir suas notas e fichá-las.

Em sua presença, os oficiais evitavam revelações explícitas sobre a natureza de suas respectivas áreas de atuação. Mas era inevitável que, para ouvidos atentos como os de Max, qualquer palavra que soasse como se tivesse sido grafada em itálico ganhava uma ressonância particular quando emitida. As brincadeiras e provocações, por outro lado, também ajudavam. “*Nosso Pedrinho hoje está escondendo muito o jogo...*”, insinuara certa vez alguém na mesa. “*Deve ser porque não leu bem seu manual de instruções...*”, dissera outro, rindo. “*E ainda não sabe que,*

cedo ou tarde, todos os segredos vêm à tona...”, concluía um terceiro para alegria geral. *“Basta apertar o botão certo...”*, lembrara um quarto mal contendo a euforia, *“... ou recorrer ao megafone e aos bons mergulhos submarinos...”*, completava o primeiro, fechando o círculo harmonioso.

Mas quando Max, aproveitando o embalo fraterno, tentara participar da descontraída troca de amenidades (*“Nesse caso também quero dar uma lida nesse manual...”*, sugerira), todos se haviam calado. *“Gente fina não entra nesses papos...”*, comentara o major Vaz com um sorriso paterno, de modo a atenuar o mal-estar causado pelo súbito silêncio. Ao que Max, baixando seus quatro ases na mesa, respondera: *“Não se esqueçam de que também possuo um manual...”* Não contente, acrescentara ao recolher suas fichas — sem deixar de passear um olhar irônico ao redor da mesa: *“...impresso na mesma gráfica responsável pelos textos de vocês.”* Fora então muito aplaudido.

A cena equivalera a um rito de passagem. Todos haviam rido de sua presença de espírito. Max até recebera alguns tapinhas de felicitações nas costas. Não porque ganhara aquela rodada — apesar de esse fato, por si só, representar uma proeza rara. Mas porque dera a todos um recado claro: navegavam em um mesmo barco. Pouco importava que alguns circulassem pelas passarelas superiores, ostentando belos ternos ou uniformes, enquanto outros, metidos em roupas manchadas de carvão ou graxa, cuidavam das fornalhas no porão. Sem o esforço coletivo, não chegariam a bom porto.

A partir dessa noite, Max passou a ser um deles. A título honorário, bem entendido. Como se faltasse apenas, para a formatura, aprender a

dar os choques com a intensidade correta. Ou se familiarizar com o uso da palmatória, do megafone, dos afogamentos, do pau de arara, sem esquecer o manejo dos cães policiais, especialmente treinados para abocanhar, sem destroçá-los, os testículos dos presos mais reticentes. Presos que chegavam às salas de tortura envergando capuzes negros impregnados, como um deles revelaria depois, *pelo cheiro do medo*.

O episódio tivera, no entanto, desdobramentos de outro tipo. Levara o major Vaz a chamá-lo de lado, no habitual intervalo reservado aos sanduíches e às coxinhas de galinha, para uma conversa a dois.

— Max... — ele principiara, dando a impressão de que pisava em ovos. — Nós sabemos que você conta com a plena confiança do embaixador. E, de nosso lado, temos recebido sinais positivos sobre seu trabalho. Um bom trabalho de avaliação, que nos tem ajudado muito. Na esfera em que operamos. “*Nas trincheiras do bem*”, por assim dizer.

— Obrigado, major.

— Max, pelo amor de Deus! Me chame de Vaz, como todo mundo aqui.

— Ok, Vaz. Obrigado, de toda forma, pelo elogio.

— Pois é... Eu estava pensando que você talvez pudesse nos dar uma ajuda adicional. Depois de consultar o embaixador, é claro. Mas a gente conversa em outra hora. Se você tiver um tempinho livre, passo em sua sala amanhã para um café. Que tal?

— Com todo prazer, Vaz.

— Trata-se de uma proposta que poderá te interessar. E que, como disse, nos ajudaria muito. Para você, pode representar uma...

Faltava-lhe a palavra — e Max não tinha como auxiliá-lo sem se expor. Pois sabia exatamente aonde ele queria chegar. O major precisava se entrosar melhor com a embaixada. *Em decorrência de uma situação específica.*

— ...uma variação em suas atividades... — concluiu o major, retornando à mesa de jogo.

25

Na biblioteca da residência, o embaixador supervisionava de uma poltrona o encaixotamento de seus livros, trabalho que vinha sendo realizado por diversos homens uniformizados da empresa transportadora. Max, que pedira para ser recebido por uns minutos, aguardava, na entrada, que ele terminasse de dar instruções ao gerente da firma. Quando os dois homens se despediram, Max se aproximou e, depois de cumprimentar seu chefe, anunciou:

— O major Vaz veio me ver hoje pela manhã em minha sala. Para uma conversa a dois.

O embaixador pôs-se a separar em silêncio os exemplares de livros e revistas que desejava doar ao Instituto Cultural Uruguai-Brasil dos que pretendia jogar fora. Com a ponta do dedo indicador, designou para Max a estante situada a sua frente, onde se encontravam as obras completas de Goethe, Hermann Hesse e Nietzsche.

— Todas em suas versões originais... — disse com orgulho.

Depois, convidou o colega, com um gesto, a se sentar em uma cadeira a seu lado. E emitiu um profundo suspiro, como se deixasse com

enorme dificuldade o mundo das letras para aterrissar no mais banal da realidade.

— Nosso bom Vaz... — murmurou então.

E aí, mudando de tom, como se despertasse, perguntou:

— Como vai ele? E o que queria contigo?

Max olhou para os carregadores que entravam e saíam com as caixas. O embaixador, com um gesto discreto, instruiu-o a prosseguir.

— O que ele quer — respondeu Max então — é transferir um item da agenda deles para nós. Melhor dito, para mim.

— *Um item da...* — e aqui o embaixador não pôde deixar de rir. — Desde quando essa turma trabalha *com agenda*, Marcílio? Eles trabalham com as mãos! E com os pés! No máximo com alicates e outros apetrechos!

O embaixador mantinha com os adidos uma relação de amor e ódio. Ora expressava sua admiração e até seu reconhecimento por alguns deles, ora os reduzia a pó. Valia-se de suas informações, mas se sentia irritado por depender deles para obtê-las.

— Embaixador... — Max explicou com paciência —, a linguagem é *minha*, não foi bem assim que ele se expressou. Mas o que o major quer é isso mesmo: transferir um assunto, que é deles, para mim. Ele gostaria que eu passasse a colher informações de um casal que o SNI infiltrou entre os exilados brasileiros em Montevideú há dois anos e meio.

O chefe saltou do humor negro à incredulidade com a velocidade de um raio:

— *Que você passe a...* Mas que maluquice é essa, Marcílio? *Nós jamais operamos nesse plano.* Nosso universo é outro. *Nós não*

assumimos responsabilidades operacionais! Somos como o SNI. Um *pequeno* SNI. Como é que você foi abrir espaço para um pedido dessa natureza, que agora pode nos...

— Perdão, embaixador. Mas o assunto surgiu de forma espontânea, na mesa de pôquer. O major, que está longe de ser má pessoa, como o senhor sabe, me chamou de lado. E, hoje, veio me ver em minha sala.

— Então essa conversa, digamos, mais reservada, se deu a dois?

E, diante da resposta afirmativa de Max:

— Bom. E que tipo de cachorro saiu desse mato?

Max também notara, nesses poucos meses de convívio, que seu chefe fazia certo jogo de cena quando se deparava com situações inusitadas. Em geral, para se preservar e manter suas opções em aberto, enquanto digeriria o que lhe era dito.

— Desse mato, saiu o casal, embaixador. Os assistentes dos adidos não estão dando conta do recado. Já não conseguem extrair nada de relevante dos dois. O que não seria grave se todos os oficiais, sem exceção, não sentissem que *algo* de importante eles têm a revelar.

— Nada burro esse casal.

— O major desconfia que essa turma que aí está, depois de tantos anos de contato, não tem mais...

— ...como dar o devido valor ao que o casal sabe. Ou julga saber.

— Exatamente. Hoje, são quase amigos de tanto se frequentarem, ainda que sempre em bases clandestinas. E o assunto teria a ver com o Chile.

Como Max previra, o embaixador pulou da poltrona.

— *Como*, com o Chile?

— Isso ninguém conseguiu saber.

O embaixador pôs-se a caminhar de um lado a outro da biblioteca semidesfeita, evitando, aqui e ali, as pilhas de livros e as caixas entreabertas. Os homens uniformizados haviam desaparecido, como por encanto.

— Isso pode ser interessante... — disse finalmente, quando parou diante da cadeira de Max.

Este se levantou. Por alguns instantes permaneceram como que em suspenso, um diante do outro. Max tinha uma cabeça a mais do que o embaixador. Olhavam-se na diagonal. *Interessante, mas perigoso*, pensavam — e pelas mesmas razões. Uma vez cruzadas determinadas pontes, ficava difícil retroceder. Ainda assim, a resposta do embaixador surpreendeu Max. Pela primeira vez desde que o conhecera, seu chefe hesitava:

— É muita responsabilidade para mim nessa reta final. Cozinhe o major. E deixe para resolver isso com o Carlos Câmara, quando ele chegar. Falta menos de um mês. O que vocês dois decidirem estará bem. Mas o assunto tem de ficar entre nós três. Você disse ao Vaz que me consultaria?

— Foi ele próprio quem sugeriu. Jamais supôs que eu agiria por conta própria...

— Isso é bom e ruim ao mesmo tempo. Bom, porque ele demonstra ser um homem de caráter. Ruim, porque vamos ter de incluí-lo no segredo. E eu não gosto de ficar na mão de ninguém. É um risco que não podemos correr.

— E não apenas com ele. A turma que vem interrogando o casal vai acabar tendo de saber.

— Não necessariamente, Marcílio. Esses projetos têm um começo e um fim. Basta vir uma ordem superior para encerrar uma operação. Os militares vivem fazendo isso. Faz parte dos cenários apocalípticos deles.

— Queima de arquivos?

— Algo parecido. Mas sem a violência que em geral associamos à expressão. É no sentido original mesmo, que remonta à época medieval, quando certos documentos, de tão controvertidos, iam parar na fogueira — mesmo que os hereges a que estavam associados fossem poupados. São curiosas essas questões de linguagem, não? Seja como for, qualquer operação, como a que diz respeito a esse casal, por exemplo, tem uma vida útil determinada. Depois de concluído o ciclo a que se destina, é dada por encerrada. Basta uma ordem superior. Com a papelada, o processo é mais simples ainda. *Queima-se*. Eu próprio quase não tenho arquivos. Nossa Santa Aliança só existe em minha cabeça. Apesar disso, ela está mais viva do que nunca.

Aqui ele se permitiu um breve momento de ternura:

— Você sabe que eu estou até gostando desse apelido? *Santa Aliança...*

Em seguida, voltou a dar alguns passos pela sala, dessa vez com as mãos cruzadas atrás das costas.

— Agora sobre o Vaz: dê a entender a nosso amigo que estamos pensando no assunto.

Estacou e se voltou para Max, que encarou fixamente:

— *Não mais do que isso.* Procure descobrir as implicações financeiras. Quem financia o casal. Não vou ser eu. E desconfio que a administração do Itamaraty não disponha de uma rubrica orçamentária que permita lidar com um assunto desses.

Aqui ambos riram durante um bom tempo da excelente tirada.

— Embaixador... — retomou Max —, fiquei com a impressão, por um comentário do major Vaz, de que o casal estaria disposto a qualquer coisa em troca de sua liberdade.

— *Liberdade?*

— É... Pelo que entendi, eles estão aqui forçados. Operam em Montevideú contra sua vontade.

— *Forçados?*

Sem se dar conta, quem agora descumpria a regra de não formular perguntas que ecoassem palavras recém-enunciadas era o próprio embaixador.

— Sim. E a história é meio terrível. Como sempre nesses casos...

O chefe aguardava, imóvel como um tigre em sua savana. Nesse universo, já ouvira de tudo um pouco. Max prosseguiu:

— Parece que foram presos e torturados no Brasil há uns três anos, um em cada estado. Em São Paulo, o homem. Em Pernambuco, a mulher. Eles nem se conheciam. Aí, depois de muita tortura e ameaça de morte, por crimes que teriam sido até menores segundo me deu a entender o major, alguém teve a brilhante ideia de infiltrá-los entre os exilados em Montevideú. E eles concordaram. Em troca, tiveram a vida salva... Com isso, vêm circulando pela comunidade há dois anos e meio. Foram muito bem acolhidos. E tem mais um detalhe, meio prosaico.

Aqui Max hesitou um pouco. Estava, no fundo, constrangido. Mas produziu o arremate final que completava a informação:

— Antes da chegada deles a Montevideú, o exército os casou.

— O exército *os casou*?

A perplexidade do embaixador superava a de Max, quando este escutara a mesma história pela manhã.

— É... Já chegaram aqui como casal, de papel passado e tudo. E com várias marcas de tortura, dessas de tirar dúvidas dos marxistas mais desconfiados. As marcas são reais. Entre outras coisas, o rapaz perdeu o olho direito, a moça dois dedos da mão esquerda. Foram apresentados um ao outro na véspera do embarque. E foram treinados aqui mesmo, em Montevideú, pelos adidos e alguns de seus adjuntos.

— Imagine a noite de núpcias que não terão tido! — exclamou o embaixador, que logo se arrependeu do comentário e mordeu os lábios.

— E os dois têm parentes... — prosseguiu Max, passando por cima da frase infeliz. — Parentes que podem ser presos a qualquer momento caso eles tentem fugir.

— Meu Deus! Esses militares, francamente... *Que ideia mais diabólica...* E pensar que precisamos trabalhar com essa gente! Que horror...

Mas o lado pragmático logo predominou sobre o pouco que lhe restava de dignidade:

— E isso pelo menos produziu resultados?

— Cerca de cinquenta presos no Brasil nesses últimos dois anos... — respondeu Max sem hesitar, como se prestasse contas. — Em consequência direta das informações obtidas por eles entre os exilados.

Um êxito completo, segundo o major. Duas redes clandestinas desfeitas. Uma terceira a ponto de cair. E vários dados com relação a Cuba. Quem está lá, quem já regressou e para onde foi. Esse tipo de coisa.

— *Esse tipo de coisa?* São informações da maior importância, Marcílio. E ninguém desconfiou deles? Nem no Brasil? Nem por aqui?

— Até agora, não. Deve ser por isso que estão tentando vender caro o que sabem: para pular fora.

— Óbvio.

— E precisam de passaportes para regressar ao Brasil.

— Claro... Daí o Vaz querer nos envolver na jogada. Converse um pouco mais com ele. Insista no fato de que ainda estamos pensando. Pode até dar a entender que o mais provável é que *não* aceitemos. Aí fale com o brigadeiro. E na primeira oportunidade, pegue uma carona no avião da FAB para já ir trocando ideias com o Câmara. Esse assunto pode ser mais urgente do que a gente supõe. E nem um pio pelo telefone. Aqui ou no Brasil.

Como Max não se despedisse, apesar do tom conclusivo com que a última frase fora enunciada, o embaixador aguardou de olho nele.

— Parece que as crianças desconfiam deles... — Max murmurou, como se falasse para si próprio, e essa informação, mais do qualquer outra, o perturbasse.

— As crianças?

— É... Os filhos dos exilados. O casal comentou com um dos militares que os guris ficam olhando para eles sem dizer nada. Os pais parecem ter engolido a isca de anzol e tudo. Mas os filhos, não. Os pais então reclamam dos meninos. “Cumprimente a tia Maria Helena...”

dizem. “Fale com o tio Heitor.” Mas as crianças não se movem. Como se sentissem algo de estranho no ar. Curioso, não?

— Os animais têm isso também. Um sexto sentido...

— Mas também pode ser paranoia deles.

— É... Pode ser.

Com um suspiro, o embaixador voltou a se sentar. Já não era possível se despedir nesse tipo de clima. Se havia um estado de espírito com o qual o embaixador lidava mal era a melancolia. Para se reanimar, decidiu então regressar a uma trilha mais familiar:

— *Essa coisa do Chile...* — murmurou por fim, como se o assunto não tivesse deixado de ocupar a parte central de sua atenção. — Pode ser um esquema para testar a segurança nas fronteiras. Descobrir os pontos mais vulneráveis para cruzar pela Argentina. Quando a barra começar a pesar no Uruguai. Eles vão tentar atravessar em grandes números. Sem chamar a atenção. Coitados... Mal sabem que vão saltar da panela para cair na frigideira...

Deu uma olhadela para Max. Este se manteve calado.

— E além dessa questão? — indagou. — Do que mais suspeitam os adidos?

— Da existência de armas... Querem saber onde estão escondidas as armas.

— Que armas? Não existem armas...

O tom vinha agora despojado da indignação anterior. Aos ouvidos de Max, soara até desanimado.

— Eles não estão convencidos disso. E acham que estão enterradas em alguma fazenda. Chegaram a ensinar o casal a jogar damas.

O embaixador, novamente perplexo, voltou-se para Max:

— *Damas??*

— É que os exilados organizaram um campeonato de damas. Entre eles. Coisa completamente inocente. Só que os adidos, estimulados por seus assessores, acabaram convencidos de que eles se valiam das partidas para trocar informações sobre as armas. Chegaram a ponto de supor que determinadas jogadas tinham um significado específico!

— Mas isso é inacreditável.

— E o casal teve de aprender a jogar damas para poder participar do campeonato. Chegaram na rabadá, claro. E não descobriram nada. Nada sobre armas. Mas ficaram sabendo dos esquemas montados sobre roubos de passaportes.

— Passaportes? *Brasileiros?* Isso nos interessa de perto.

— Pois é... Os exilados contaram a história às gargalhadas, entre uma partida e outra. Porque o esquema foi ideia de um deles, que já regressou ao Brasil. A coisa partiu daqui.

— *Daqui de Montevideú?*

O tom voltara a conquistar uma sonoridade indignada, só que agora matizada por um esboço de preocupação. Como se o embaixador se sentisse de repente responsável por uma falha de segurança ocorrida em sua gestão.

— É. Daqui de Montevideú... — confirmou seu subordinado olhando para o chão.

Para sua surpresa, Max descobria algo de inédito: o prazer em provocar seu chefe. Uma sensação nova, que se fazia acompanhar de outra, também misteriosa, na fronteira do mais puro deleite — *a de tê-*

lo em seu poder... Quem sabe conseguisse desmistificar a fama terrível que acompanhava o embaixador como uma sombra? Em uma questão de segundos, o homem assumira, se não as proporções, pelo menos as feições de uma criança assustada. Como se todos os males que ocorressem no território sob sua jurisdição, e em particular os que dissessem respeito a roubos de passaportes, pudessem ser atribuídos a ele.

Uma novidade para Max. Uma novidade que exerceria grande influência em sua vida. (Embora ele ainda não tivesse consciência disso — e os efeitos da experiência por que passara naquele momento só viessem a se fazer sentir bem mais adiante.) Para prolongar a sensação, inventou uma tosse seca, que o levou a se socorrer com um lenço. E foi só depois de dobrar este último com cuidado e recolocá-lo lentamente no bolso da calça, operação que seu chefe acompanhou como que hipnotizado, é que ele deu sequência a seu relato:

— Em uma feira de couro, há uns três anos.

O embaixador, curvado em sua poltrona, fez um esforço para se lembrar do evento. Transitava de tigre em sua savana a gato em seu porão. E, como que tomado por uma súbita esperança, indagou:

— Organizada pela embaixada?

— Sim... — respondeu Max casualmente. — Pelo setor de promoção comercial da embaixada. Vieram centenas de exportadores brasileiros.

— Ah... sim... sim, estou me lembrando... — respondeu o chefe ainda em voz baixa. — Na época até alertamos o Itamaraty.

— Parece que a feira foi realizada durante o inverno, fazia muito frio — insistiu Max. — Os visitantes vindos do Brasil deixavam seus casacos

nos vestiários. Em alguns casos com os passaportes dentro dos bolsos. Sumiram dezoito de uma só vez. E aí a notícia se espalhou pelo circuito secreto dos exilados.

O prazer que Max extraía agora do abatimento de seu chefe era quase palpável de tão visível. Mas a única pessoa que poderia ter se dado conta do fenômeno estava com a cabeça entre as mãos, de olho fixo no tapete.

— Nos meses seguintes sumiu uma grande quantidade de passaportes brasileiros de vestiários em diversas feiras organizadas pelo Itamaraty pelo mundo afora... — informou Max, retomando aqui seu tom de relator. — Em Paris, em Londres, em Roma e até em Tóquio. Quando as operações não passavam pela turma do vestuário, eram os intérpretes que entravam em ação.

— *Os intérpretes?* — balbuciou o embaixador, sem tirar os olhos do chão.

— É. Os intérpretes dos brasileiros. Nossos exportadores raramente falavam alguma língua. As empresas que contratavam os intérpretes, por sua vez, estavam infiltradas de exilados. Ou de brasileiros a eles ligados. A qualquer descuido do visitante, a qualquer ida ao banheiro, *zup*, o passaporte sumia do bolso do paletó deixado no encosto da cadeira...

Aqui o embaixador lançou um olhar ferido na direção de seu colega. Aquele *zup* passara das medidas. Percebendo que se excedera, Max adotou um tom contrito:

— Com isso dezenas de famílias de exilados puderam se mover pelo mundo. E algumas até conseguiram regressar ao Brasil. Graças a esses esquemas.

— Pobre gente... — murmurou o embaixador, para espanto de Max, que se viu confrontado com um tom de voz imbuído da mais profunda tristeza. — No fundo, eles até que...

Calou-se a tempo, porém.

A tempo de quê?, Max se perguntou, tentando em vão captar algo de invisível que acabara de passar a um palmo de seu nariz.

Amparado por essa indulgência, que já o salvara de situações penosas no passado, o embaixador se ergueu lentamente e olhou para Max de alto a baixo, como se o estivesse vendo pela primeira vez. Teria plena consciência de que era isso que ocorria entre eles — que realmente o via pela primeira vez?

Fosse esse o caso, ou não, pegou o jovem colega pelo braço com uma familiaridade paterna e o aproximou da estante situada à frente deles, em cujo centro havia uma prateleira vazia, exceto por um único volume. A um comando silencioso de seu chefe, Max retirou o livro da estante com cuidado.

— Uma primeira edição, meu filho... — comentou o embaixador em uma voz trêmula.

E frisou, transformando o artigo indefinido em definido:

— *A primeira edição...*

Em seguida, na ponta dos pés e debruçado sobre o ombro de Max, recomendou:

— Dê uma olhada na primeira página.

— *Der Zauberberg...* — leu em voz alta Max, que não falava alemão e que, por isso, se sentiu inseguro quanto à pronúncia, além de também ignorar o sentido das duas palavras.

— *A montanha mágica...* — traduziu o embaixador em um sopro.

Tocado pela emoção do chefe, Max notou que o livro, publicado em Berlim, datava de 1924. E que, pouco abaixo do título, em uma letra azulada e miúda, quase apagada pelo tempo, havia uma assinatura: *Thomas Mann*.

26

Quase nada se sabia entre nós sobre o serviço secreto britânico, fora o que se via nas telas dos cinemas por cortesia de James Bond e seus colegas — que sempre fumavam cachimbos e suspiravam mais que falavam, dando a todos a impressão de que a arena internacional conseguia ser tão tediosa quanto uma partida de críquete. Já a CIA ocupava lugar de destaque na realidade dos militares brasileiros, tanto quanto no imaginário de seus adversários. Mesmo porque, em comparação ao tigre amordaçado de hoje, a instituição, nos anos 60 e 70, equivalia, em poder e autonomia, a uma potência. Tinha carta branca para atuar com toda liberdade, praticamente sem apresentar contas. Seus tentáculos se estendiam pelos labirintos do mundo inteiro e, com mais razão ainda, pelo modesto quintal que mantinham ao sul de suas fronteiras, quando por ali soava algum alarme.

Embora os recursos humanos e financeiros da agência continuassem a privilegiar as diversas frentes da Guerra Fria, em particular em uma Europa dividida pelo muro de Berlim e um Sudeste Asiático que ameaçava se transformar em um grande Vietnã, algo de sua energia teve, assim, de se voltar para esses incômodos vizinhos — que até ali vinham

merecendo um olhar meramente rotineiro. O cuidado da CIA com a América Latina em certa medida se assemelhava ao do jogador de xadrez, que maneja seus peões sempre pensando na proteção do rei. E nós, ao sul do equador, éramos os peões.

Para evitar o óbvio, a agência montara sua base de operações na América do Sul, não no Rio de Janeiro ou Buenos Aires, como seria de esperar, e ainda menos em Santiago (onde a temperatura política se elevava a cada mês), mas na pacata e discreta Montevideú. E o MI6 britânico, depois de considerar Lima como alternativa por algumas semanas, havia seguido o exemplo americano.

Assim foi que Max, que já participara de várias reuniões com a CIA para tratar das operações técnicas que passaria a coordenar com as forças policiais uruguaias, acabaria também travando contato com o MI6 britânico — em seu entender por mero acaso.

Naquela época, Max vivia uma curiosa fase de encantamento consigo mesmo, com a aptidão natural que ia desenvolvendo à medida que desempenhava suas funções — funções cujo alcance preciso ignorava, segundo o embaixador, “para seu próprio bem”. Ao contrário de afligi-lo, esse cuidado o estimulava, por apelar para um lado aventureiro de sua personalidade que até ali permanecera submerso, tal um talento oculto.

Na embaixada, despachava seus assuntos ostensivos com o conselheiro. Mas já não tinha com quem tratar dos demais pontos de sua agenda, que se expandia a cada dia e a cada novo conjunto de circunstâncias — uma vez que o titular do posto se ocupava agora apenas de detalhes relativos a sua mudança.

Em sua frente doméstica, Max passara a viver um momento de tranquilidade. A noite fatídica do jantar de despedida do embaixador, quando o assunto de Nilo Montenegro caíra como um raio sobre sua cabeça, ficara para trás. Marina, tranquilizada com a perspectiva de um parto que se anunciava normal, parecia haver mudado de ânimo, como se o convívio com a próxima maternidade tivesse relegado a um plano secundário os fantasmas que a tinham perseguido em certa fase. Apesar da instabilidade política que a cada dia dificultava os movimentos de todos, ela continuava a viver sua rotina de leituras e idas a cinemas. Consolidara algumas amizades na embaixada, pessoas com quem enfrentava os percalços que incidiam sobre a vida social dos habitantes da cidade.

Liberado que estava das angústias da mulher, Max vivia sua fase de especial riqueza. Adquirira, pela primeira vez em muitos anos, uma estranha e fascinante sensação de liberdade — que reforçaria suas aspirações rumo a voos mais longínquos.

E, de fato, essas aspirações acabariam se materializando em um dos cenários mais urbanos do país. Pois seria no Café Sorocabana, um bar perto da Chancelaria uruguaia, que sua vida daria uma nova e inesperada guinada.

A exemplo do Rick's Café, imortalizado no filme *Casablanca*, o Sorocabana devia seu êxito à variedade de sua clientela e ao fato de também representar um território neutro, no qual conviviam diplomatas de segundo escalão de embaixadas de procedências diversas, jovens e simpáticas datilógrafas ou arquivistas da Chancelaria uruguaia, correspondentes estrangeiros de países vizinhos (e até alguns europeus,

quando de passagem pela cidade), jornalistas locais de facções divergentes e certo número de desconhecidos que todos sabiam simpatizar com os Tupamaros — além de policiais de olho neles. Era assim comum que, antes ou depois de alguma gestão oficial na Chancelaria local em representação de sua chefia, Max por ali fizesse uma escala técnica em busca de café e novidades.

Em seus quase cinco meses de Montevideú, Max já passara pelo Sorocabana muitas vezes, a princípio levado por companheiros da embaixada, mais adiante por conhecidos uruguaios e finalmente, como era o caso naquela manhã, por conta própria. Ficara, inclusive, amigo de Fernández, dono do estabelecimento, que acabara de obter uma licença provisória para servir bebida alcoólica, uma conquista controvertida aos olhos de muitos, já que, até ali, o estabelecimento se limitara a suas funções de café *stricto sensu*. Com Fernández agora investido de responsabilidades novas, Max passara a lhe confiar segredos de drinques variados. Dias antes, haviam longamente debatido o desafio representado pelas *margaritas*, ocasião em que o brasileiro discorrera sobre o descaso de que vinha sendo vítima a bebida em anos recentes, por força da falta de ortodoxia que levara certos *barmen* a usar, nas palavras de Max, qualquer tipo de limão — e, pior, qualquer tipo de sal.

O Sorocabana, segundo diziam os entendidos, era na realidade o que havia de mais próximo aos tradicionais cafés madrilenhos, com fregueses que sempre ocupavam as mesmas mesas, sendo que alguns deles chegavam até a trazer suas máquinas de escrever portáteis, ou se valiam do espaço como escritório, como era o caso de advogados que marcavam encontros com clientes e passavam horas examinando papéis

ou escrituras. Suas mesas de ferro com tampo de mármore eram pequenas e redondas. Ao fundo do salão, uma porta se abria para uma barbearia, e era comum ver cavalheiros confiando seus cabelos e barbas a mãos hábeis do outro lado. Homens que depois regressavam ao salão cheirando a lavanda e lá estreavam seus cortes recém-feitos. Sentavam-se então a uma mesa para completar o serviço — o que, no caso, significava ter seus sapatos engraxados por garotos que os garçons só toleravam nas horas de pouco movimento.

No dia que nos interessa aqui, Max e Fernández exploravam em voz baixa no balcão as possibilidades de importar cachaça para o Uruguai — e passar a incluir caipirinhas entre as alternativas oferecidas pelo bar. Max acabara de definir a cachaça como um dos segredos mais bem guardados de seu país, quando o telefone tocara e Fernández o deixara a sós. O vizinho a sua esquerda, que até ali lhe dera as costas, envolvido que estava em outra conversa, voltara-se então para ele:

— Se você quer manter segredo, o Sorocabana não é o lugar mais indicado para tratar do assunto...

Soltara a frase em inglês, aproveitando a ausência de Fernández, que agora se encontrava na extremidade oposta do bar. E, também, porque sabia que seria entendido à perfeição. Como previra, a resposta que recebeu não o desapontou:

— *Secret is my middle name...*[1] — respondeu Max com uma pronúncia impecável, mas no tom casual de quem não atribui maior importância ao que diz. Tanto que, mal enunciadas suas palavras, dirigiu-se a uma mesa que acabara de vagar, deixando o inglês às voltas com seu gim-tônica no balcão.

Max passou então a registrar, no bloco que retirou do bolso, o que acabara de ouvir da Chancelaria uruguaia sobre determinada candidatura brasileira, que corria sério perigo de derrota na ONU. Pretendia livrar-se com urgência dessa tarefa, de modo a disponibilizar sua mente para o que o Sorocabana ainda lhe reservasse em matéria de surpresas. Porque seria capaz de apostar o salário do mês que o inglês voltaria à carga. Terminado seu texto, que releu antes de recolocar o bloco no bolso, acenou para Fernández, a quem pediu mais um café.

Como previra, e agora confirmava com o canto dos olhos, o ex-vizinho de balcão se aproximava de sua mesa.

— Raymond Thurston, da embaixada britânica... — apresentou-se ele.

Max se levantou e apertou a mão que lhe fora estendida. Apresentou-se, por sua vez. Em seguida, com um gesto amável, convidou o colega a se sentar.

— *Oh, Brazil...* — murmurou o inglês de forma simpática, instalando-se em sua cadeira. Parecia realmente encantado.

— *Yes, Brazil...* — ecoou Max, sem emitir uma única sílaba adicional.

Viviam algo de quase sensual naquele momento, chegou a pensar para seu deleite. Como se ele, Max, tivesse tomado a aparência de uma atraente mulher que contasse, entre suas opções, a de se deixar seduzir por um estranho. Tanto que, na sequência, o casal deu mais um passo próprio aos rituais da tribo a que pertenciam: trocaram cartões. Após o que engrenaram uma conversa leve.

Max costumava ser ágil quando confrontado com situações novas. Mas essa, além de diferente, era extremamente delicada — tanto por seu

possível alcance quanto pela imprecisão de seus contornos. Descartou, pelo tom das frases trocadas, mais do que sua substância, que aquela fosse uma abordagem de outro gênero e implicações. Eliminada a hipótese, abriu-se para uma constatação paradoxal e, até, perturbadora — pois, em certo sentido, notou de imediato que o encontro algo tinha em comum com um processo de sedução.

Em seus meses de Montevideú, fizera, por dever de ofício, visitas de cortesia a todos os diplomatas em sua faixa profissional. Recordou-se, então, que enfrentara sérias dificuldades ao tentar marcar hora com o conselheiro da embaixada britânica. Este, ainda por cima, quando o recebera, nada de útil ou original lhe dissera sobre o Uruguai, os países vizinhos ou qualquer assunto que se relacionasse, indiretamente que fosse, à política externa de suas nações ou à de terceiros países.

Max pensou assim que, no caso presente, a melhor defesa seria o ataque. E descreveu a cena da entrevista frustrada para seu companheiro de mesa — que achou enorme graça na história. Encorajado por ele, floreou um pouco sua versão. Disse que seu compatriota não demonstrara o menor interesse pelo Brasil — *única potência na região afinal*, como não deixou de agregar casualmente. Exagerando um pouco, contou que o colega falara, sobretudo, de uma casa de campo que possuía em um condado distante de Londres, onde criava cavalos de raça. E que se desinteressara por completo de sua pessoa ao saber que ele não jogava polo.

— Ronald Barns não passa de um idiota (“*a pompous ass*”) — o outro comentou quando Max terminou seu relato.

Ainda que secundárias no contexto mais amplo do encontro, duas cenas dignas de nota acabavam de ocorrer em perfeita sincronicidade. A primeira por obra de Max. Tendo decidido tomar a ofensiva, ele rompera com as mais elementares normas protocolares, para não falar de regras básicas de educação, e criticara um dos superiores hierárquicos de um homem que acabara de conhecer. A segunda por obra do inglês, que se apressara em falar mal de seu próprio colega, cujo nome, até ali não mencionado, declinara em alto e bom som, para em seguida ridicularizá-lo. Mais do que uma demonstração de solidariedade, que pudesse ter por objetivo um simples gesto de desagravo, sua atitude sinalizava um desejo de formar com Max, se não uma aliança, pelo menos uma cumplicidade inicial. Com o passar do tempo, esse tênue vínculo não poderia dar origem a outros?

Nada mau para um primeiro encontro, pensaram então em perfeita sintonia, enquanto falavam de outras coisas. O inglês se candidatara a um segundo gim-tônica, sem deixar de perguntar ao colega se ele não consideraria substituir seu café frio por algo de menos danoso para sua saúde. Max acedera à sugestão e pedira a Fernández um martíni. Haviam então brindado a seus respectivos países.

Passaram a falar de política. Com isso, se soltaram um pouco. Sem incorrer em exageros, mas dando vazão a sua latinidade, Max pôs-se a gesticular em apoio aos momentos mais incisivos de suas frases. Nessas horas, o inglês recorria ao único contraponto com o qual se sentia mais à vontade: balançava a cabeça em sinal de assentimento. Cada qual obedecia, assim, às instruções de seus coreógrafos pessoais. Como pertencessem a escolas distintas, a harmonia corporal não chegou

propriamente a representar o ponto alto desse primeiro encontro. Mas sinais de outro tipo responderam pela boa química criada entre os dois. Corriam como impulsos elétricos por entre as palavras, entremeados de pausas sempre oportunas, e que por isso eram acolhidas com alívio por ambos. Nessas horas concentravam-se em suas bebidas. Ou olhavam a sua volta em busca de novidades. Max cumpria com discrição seu papel de fêmea, e o inglês o de macho, embora a contragosto, neste segundo caso — por uma questão elementar de cortesia.

Na mesma noite, Ray passaria a seguinte mensagem cifrada para sua matriz: *“Travei contato. Ronnie B. fez um excelente trabalho. Deixou nosso amigo indignado com o tratamento recebido em sua visita de cortesia, fato que em muito contribuiu para nos aproximar. Em pessoa ele é mais alto do que as fotografias pareciam indicar. (E menos simpático do que as gravações poderiam sugerir.) Em compensação, trata-se de pessoa refinada. Pude detectar duas qualidades adicionais: espírito de aventura e total desprezo por dinheiro. Notei também uma clara dose de desencanto, que me parece interessante registrar. Fala e escreve fluentemente quatro línguas. Leu Ezra Pound e Eliot (de quem traduziu para uma revista literária brasileira o primeiro dos Quartetos, ‘Burnt Norton’). Evitou fazer qualquer comentário pessoal sobre seu chefe, fora o fato de que possui uma primeira edição autografada de obra de Thomas Mann da qual jamais se separa quando viaja. Age como quem aguarda alguma coisa. Se tivesse que me valer de uma pintura para descrevê-lo, diria que se trata de um cão de caça com uma pata erguida e a língua de fora, farejando o ar a sua volta... Os primos ficaram satisfeitos com essa primeira conversa. Conforme combinado, vão se*

concentrar nas operações de cooperação técnica, por sinal já iniciadas. Abriram um arquivo para ele. Codinome Sam Beckett. Em homenagem àquela curiosa frase gravada na semana passada, quando ele declarou para Esmeralda considerar-se ‘o Samuel Beckett da diplomacia brasileira’. Temos um agente nas mãos — imprevisível, porém. Ficamos de almoçar no clube quarta-feira. Proponho adotar o mesmo codinome Sam Beckett dos primos.”

[1] Traduzida livremente, a expressão sugere intimidade com segredos de todo tipo.

Menos de uma semana depois da partida do embaixador e sua esposa, evento que lotara a pequena sala VIP do aeroporto de Montevideu, o Uruguai fora vítima de fortes chuvas que, sem atingir dramaticamente a capital, haviam causado sérias inundações no interior, com inúmeras mortes.

Inspirado em catástrofe semelhante, que se abatera sobre o país alguns anos antes, o adido da aeronáutica sugerira aos diplomatas que um socorro imediato fosse prestado às vítimas pela FAB. Foi assim providenciada a vinda de um Hércules com gêneros alimentícios, tendas e cobertores, além de médicos, enfermeiros e remédios, em uma operação realizada com agilidade pelo governo brasileiro — e que logo seria imitada por outras missões diplomáticas de países vizinhos, além do México, Espanha e Estados Unidos.

As manchetes e fotos dos jornais locais, no entanto, caberiam ao Brasil, cujo avião fora o primeiro a pousar em Montevideu. Vinha pilotado por um brigadeiro que não deixara de abrir a pequena janela de sua cabine de comando, com a aeronave ainda taxiando na pista, para fazer tremular as cores de nossa bandeira com as da nação uruguaia, um

gesto muito aplaudido pelos presentes na pista e amplamente divulgado à noite nas televisões de todo o país.

A embaixada se mobilizou de modo a melhor articular com as autoridades locais as providências relativas à distribuição dessa ajuda, que seguiria para o interior do país em aviões menores ou helicópteros e, em certos casos, caminhões e outros veículos do exército. No entanto, em meio a toda essa agitação, um fato inesperado tomou os diplomatas brasileiros de surpresa — avisados que foram por telefone apenas ao chegar ao aeroporto: o novo encarregado de negócios, ministro Carlos Câmara, desembarcaria com a mulher e a filha menor desse mesmo avião.

Ao antecipar sua chegada em alguns dias e, sobretudo, ao abrir mão dos privilégios inerentes a uma viagem na primeira classe de um voo comercial — em favor de outra que todos sabiam desconfortável ao extremo —, o diplomata sinalizou, nas palavras estampadas em todos os matutinos do dia seguinte, “o carinho adicional com que o país irmão encarava a tragédia de que era vítima o heroico povo uruguaio”.

Para Max, esse episódio, marcado por enorme visibilidade, deu outro tipo de sinal, carregado de presságios sombrios. O homem viera mesmo para mandar... Com pelo menos duas agravantes: longe de assumir o papel discreto que sua missão exigiria — na ótica de Max ao menos —, o desembarque triunfal já deixava implícita uma clara mudança de estilo, se comparada à maneira discreta com que o ex-embaixador viera até aqui operando de seus bastidores. Por outro lado, e isso parecia igualmente grave aos olhos de Max por denotar uma indelicadeza pessoal para com o futuro embaixador, marcava um profundo contraste

com a chegada de seu próximo chefe — que só desembarcaria da Europa em um vapor da Cunard Lines duas semanas depois. Uma chegada que já se anunciava infeliz, se contrastada ao flagelo de que o país fora vítima.

Conforme secretamente acertado entre eles, Max apertou a mão do novo colega na pista de desembarque como se não o conhecesse, ignorando, inclusive, o afago em seu braço quando se tinham cruzado na fila de cumprimentos. Desta última também haviam participado as esposas, sendo que algumas atracadas a seus chapéus — tamanha a ventania gerada pelas hélices ainda em movimento.

A esse encontro inicial no aeroporto, seguiram-se outros, mas de natureza setorial. Primeiro, com os três adidos e seus assessores. Depois, com as demais áreas da embaixada, da política à econômica, passando pela parte de imprensa e de relações protocolares. Max, como titular e membro único do setor de cooperação técnica, foi incluído em uma das últimas reuniões, com a turma do cultural, a que se juntou o diretor do Instituto Cultural Uruguai-Brasil (fechou a fila o pessoal do setor administrativo).

Nessas duas ocasiões, notou que lidava com um homem vaidoso. Sem se tranquilizar de todo com a novidade, imaginou que alguma vantagem poderia extrair dela. Quem sabe, com um pouco de sorte, as relações entre os dois pudessem então se tornar mais equilibradas?, chegou a se perguntar. Pois a ascendência natural que Carlos Câmara tinha sobre ele poderia ser compensada pelo talento especial que Max vinha refinando havia anos, e que tão bem soubera adaptar ao cenário peculiar de Montevideú.

Assim como seu ex-chefe fizera, ao oferecer com grande antecedência seu jantar de despedidas, Max decidiu então, ele também, pegar o touro pelos chifres. E, decorridas duas semanas da chegada de Carlos Câmara, convidou-o para almoçar em um dos restaurantes que havia frequentado com o embaixador. Este aceitou de bom grado e sugeriu a Max uma data.

No dia marcado, Carlos Câmara dispensou o Mercedes 280 com chofer a que tinha direito como encarregado de negócios, privilégio que iria perder em uma semana mais com a chegada do titular do posto, e seguiram viagem no carro de Max, depois de terem tido acesso ao estacionamento por uma porta lateral da embaixada.

No meio do caminho, porém, ocorreu algo de inesperado. A certa altura, como Max estivesse a ponto de dobrar à direita, seu convidado pediu-lhe que seguisse reto. Max ainda tentou dizer que conhecia o caminho, quando ouviu um “*vai por mim*” que o levou a obedecer sem hesitar. Daí em diante, seu companheiro foi lhe dando indicações da rota a ser seguida até chegarem a seu destino. Estavam, de fato, no pátio arborizado de um restaurante. Só que se tratava de *outro* restaurante. “*Deixe comigo*”, repetiu seu parceiro com toda gentileza quando, uma vez mais, seu anfitrião tentou desfazer o que julgava ser um equívoco. Desistindo então de encontrar uma explicação para o mistério, Max resignou-se a sua sorte e estacionou o carro.

O maître os aguardava na porta, de forma respeitosa. Max reprimia a duras penas seu desconforto. E acabou optando pelo silêncio de vez, sentindo que talvez estivesse sendo testado. De que tipo de prova se trataria, contudo, não tinha a mais vaga ideia.

Pediram um aperitivo, Carlos um kir, Max, por sugestão do maître, uma taça de champanhe. Dedicaram-se em seguida ao menu. Max consultou a carta de vinhos e, atento ao prato escolhido por seu convidado, pediu um *bordeaux*.

— Vamos sair daqui meio altos... — o outro comentou, rindo.

— Ao contrário... — assegurou Max.

Brindaram, cada qual avaliando suas chances de ter razão. Carlos Câmara porque ainda não tomara pé da situação e não imaginara ser confrontado tão cedo por seu colega mais jovem. A bebida poderia assim servir de desculpa caso escorregasse um pouco na conversa. Max porque precisava sair daquele encontro com uma noção clara do terreno em que pisavam — a começar pelo restaurante em que se encontravam. Necessitava, por isso, do álcool. Para injetar um grau de audácia, contida que fosse, em suas perguntas.

Carlos Câmara não demonstrou pressa em enfrentar assuntos que pudessem ser taxados de substantivos. Sabia que, por uma questão hierárquica, caberia a ele dar o pontapé inicial na conversa que cedo ou tarde se instalaria entre eles. Elogiou o restaurante como se refletisse uma escolha de Max, louvou a qualidade e variedade do menu, fez perguntas sobre a existência, ou não, de quatro estações delimitadas no Uruguai — que o levasse a optar por uma casa em lugar de um apartamento.

Max comentou, na mesma ordem, cada um dos tópicos levantados por seu convidado. Contou que travara conhecimento com aquele restaurante mais específico (e frisou, em sua frase, tanto o *aquele* quanto o *específico*) por uma cortesia do embaixador. Com quem, por

coincidência, havia almoçado naquela mesma mesa. Mencionou, ainda sobre esse tema, a existência de pelo menos outros sete ou oito estabelecimentos de bom nível na cidade, dos quais dois deles italianos e outros dois uruguaios. Confirmou, por ouvir dizer, e não por experiência própria, a existência de quatro estações no país, que justificassem uma eventual opção por uma casa com jardim, mas lembrou o alerta político vigente, que tornava os apartamentos menos vulneráveis aos ataques tupamaros.

Sem morder a isca política que lhe era oferecida de bandeja, seu interlocutor passou a indagar pelos adidos e funcionários do quadro. Ainda que tivesse recebido do embaixador a ficha de cada um, demonstrou interesse pela opinião de Max. E isso por uma razão sincera: pela idade que tinha e posição intermediária que ocupava na embaixada, era mais provável que sua visão fosse mais útil e arejada do que a do ex-chefe — quem sabe arbitrária por temperamento e vocação.

Nesse balé ficaram, até que as entradas foram trazidas à mesa. Uma sopa de cebolas para Carlos Câmara, um *patê de campagne* para Max. O vinho, servido e aprovado, inspirou um novo brinde, dessa vez mais caloroso:

— A nossa amizade... — propôs Carlos Câmara.

— Que seja eterna... — brincou Max, modulando com um toque de humor e ceticismo sua adesão aos votos de seu convidado.

Mesmo porque se algo havia de claramente inviável naqueles tempos severos e inclementes era juntar as palavras *amizade* e *eterna* em um mesmo brinde, em se tratando de dois estranhos operando em um país que não era o deles — encarregados, ainda por cima, de uma missão

que, com boa vontade, poderia ser definida como mirabolante. E que o futuro, dependendo da direção dos ventos, tenderia a classificar de ilegal ou criminosa.

Foi essa constatação, mais intuída que expressada, que levou Carlos Câmara a mudar de atitude — e aludir à clandestinidade que os unia:

— As coisas têm tudo para dar certo... — murmurou ele de olho em Max, como se sentisse a necessidade de animá-lo.

E acrescentou, balançando sua taça contra a luz:

— Bom vinho e bela cor. Excelente escolha.

28

Max deixara que um longo momento de silêncio se sucedesse ao brinde de seu convidado. Mas havia terminado por concordar com sua avaliação otimista, movendo a cabeça em sinal de assentimento. Logo a seguir, no entanto, emitira um suspiro — de tal forma profundo que se sentira na obrigação de justificá-lo:

— Sim, em teoria as coisas podem dar certo... — reconheceu. — Mas, na prática, tudo me parece tão...

Tentou repassar ao outro a responsabilidade de qualificar suas reticências. Lidava, porém, com um profissional. E a bola lhe foi devolvida sob a forma de perguntas encorajadoras:

— ...vago? *Impreciso?*

Diante da concordância silenciosa de Max, o outro decidira corrigir o rumo da conversa:

— Nem tanto.

E aqui um novo Carlos Câmara subiu ao palco. Assertivo e tranquilo ao mesmo tempo. Atento à necessidade de iluminar a cena, mas sem se expor demais no primeiro ato:

— Contamos com um esquema montado em cooperação com amigos da ESG, que por sinal te conhecem e te mandaram um grande abraço. Um esquema que tem o aval do SNI e, naturalmente, de nosso chefe. Coisa simples e objetiva. Sem riscos maiores de envolvimento. Ou melhor: *de uma eventual exposição nossa a um envolvimento.*

Por um momento, contudo, ainda falaram dos oficiais da ESG a que Carlos Câmara se referira. Concentraram-se em dois em particular. Max se recordava de ambos. Mas o que o interessava, agora, *eram os detalhes.* Tanto que se debruçou sobre a mesa para ouvi-los. Carlos Câmara não se fez de rogado:

— Nosso negócio, aqui, vai ser simples. Uma repetição, proporções guardadas, do que foi feito no Brasil com ajuda americana. Com o mesmo cuidado e muito dinheiro: vamos participar, discretamente que seja, do esforço de desestabilização do governo. Comprando espaço em jornais, publicando matérias pagas nas revistas, infiltrando nas estações de rádio e televisão. Vamos ajudar a burguesia uruguaia a se defender. Vamos fazer com que eles botem a boca no trombone!

— Mas...

— E vamos apoiar o Partido Colorado de todas as maneiras possíveis, inclusive intermediando as remessas financeiras americanas para suas campanhas eleitorais. E, *na hora H*, se necessário, vamos, sempre na cola da CIA, ajudar a criar condições para que a própria Presidência...

— ...A própria Presidência... — repetiu Max, que acompanhava o roteiro cena a cena.

— ...tome as medidas excepcionais que se tornem necessárias.

— Ela própria? — indagou Max. — Um golpe branco, então?

— Branco. Dado... *pelos colorados!* — exclamou Câmara, rindo. — E transferindo discretamente o poder aos militares.

— E no Chile? — indagou Max, como se participasse de um jogo em que as caixas fossem se abrindo uma a uma para revelar prendas.

— Isso ainda está sendo considerado. Como apoiar os militares no Chile e na Argentina ainda está sendo objeto de estudo. As realidades por lá são outras.

— *Argentina...* — murmurou Max. — Mas por quê? Vão ocorrer mudanças por lá também?

— Não... Pelo menos não já. Mas o peronismo está cada vez mais forte. E a metamorfose de Eva Perón em Isabelita, que até pouco era objeto de piadas até nos meios oficiais argentinos, já começa a ser levada a sério. Fascinante país, a Argentina...

Aqui, Carlos Câmara assumira a pose que os argentinos em geral adotavam quando se referiam ao Brasil, qual seja, a de um lorde inglês falando de algum país africano subsaário, pelo qual o Primeiro Mundo, mantidas certas distâncias, precisasse nutrir carinho e compreensão. Logo, porém, regressara ao eixo central da conversa:

— Mas duas coisas são certas. Primeiro: silêncio absoluto sobre esses temas com os adidos *daqui*. Vamos operar *com os de lá*. E esses já receberam ordens para se calar.

— Os de Santiago.

O outro fez que sim com a cabeça. Depois de ligeira hesitação, agregou:

— E os de Buenos Aires.

Em seguida, acrescentou:

— Em ambos os casos, vamos nos limitar apenas ao pessoal do exército e da aeronáutica. Os adidos da marinha estão fora.

— Por quê? — perguntou Max em um tom agora mais jovial, talhado para acentuar entre eles um clima de cumplicidade. Sentia-se, além do mais, tomado por uma genuína curiosidade.

— O de Santiago está passando para a reserva... — respondeu Carlos Câmara de bom grado, satisfeito com o papel de liderança que ia aos poucos assumindo na parceria.

Lentamente, seus lábios foram esboçando um sorriso, que deu origem a uma risada:

— E o de Buenos Aires... O de Buenos Aires tem uma amante! Uma bailarina de tango! O pobre está apaixonado! Despachou a coroa de volta para São Paulo...

— Que maravilha! — exclamou Max. — Um brinde à marinha!

— Dizem que a pobre senhora armou o maior escândalo no aeroporto... — prosseguiu Carlos Câmara, unindo-se com prazer ao brinde. — Para deleite da ala feminina da embaixada, que compareceu ao aeroporto *au grand complet*, a velha chegou a dar uma guarda-chuvada no marido na última hora. As mulheres aplaudiram, e várias gritaram “muito bem, Cordélia!”. São terrivelmente cruéis, nossas esposas. Nenhuma delas quis perder a festa...

— Pelo menos alguém se diverte nesse circo! — exclamou Max, prolongando o momento de alegria e descontração.

Ambos riram por um bom momento. Carlos Câmara parecia contente por ter logrado quebrar o gelo entre eles. Era a primeira vez que se sentia à vontade com o jovem colega. E este — *afinal, por que*

não? — aderiu ao clima do momento. Por cortesia de uma mulher, e não de qualquer mulher: uma dançarina de tango! E do firme golpe de guarda-chuva de outra, na cabeça de um almirante ainda por cima! Uma beleza...

— Segundo ponto, de extrema importância! — proclamou Câmara, voltando sua atenção para a agenda que lhes cabia examinar. — Nem uma palavra sobre esse assunto entre nós, na embaixada e na residência. Estou trazendo um pessoal do SNI para fazer uma varredura em ambas. Os americanos instalaram com toda a certeza um sistema de escuta nos dois locais.

— *Não acredito...* — murmurou Max, perplexo.

— E, se bobear, os ingleses também. Eu não quis tocar nesse assunto com nosso chefe em minha vinda anterior para não ofendê-lo. Mesmo porque, àquela altura, já era tarde. Só não entendo como é que ele possa ter comido uma tamanha mosca. E comeu! Verifiquei com os adidos e com o pessoal da segurança na primeira reunião que mantive com eles. Ninguém pensou nisso. Ficaram todos tão espantados quanto você agora.

— Mas então... — principiou Max, sem ter tempo de completar, tal a velocidade com que foi interrompido:

— Sim, eles sabem de tudo.

Produzido o efeito, tranquilizou-o:

— O que não tem a menor importância. Não estamos jogando contra eles. Simplesmente entramos em campo com eles. Para ajudá-los em uma tarefa que, no fundo, *é deles*.

A frase refletia o orgulho ferido do diplomata promovido a guerreiro — a sua revelia. O aliado tradicional deixava aos poucos a linha de frente, havia que preencher certas lacunas. Para consolá-lo, Max saiu-se com uma frase que teve, pelo menos, o mérito de afagar o ego de seu parceiro:

— Daí a mudança de última hora. Do restaurante.

Seu convidado sorriu.

— É... — reconheceu. — Respeitei tua opção original quanto à linha gastronômica. Só mudei de local.

E, depois de uma ligeira pausa:

— Telefone, por enquanto, só para amenidades. A essa altura, já sabem tudo sobre você. Quanto a mim, sou velho conhecido deles. E até amigo, no caso de certas figuras.

Max hesitou. “*Não seria o caso de falar de Ray?*”, perguntou-se por um momento. “*Melhor aguardar*”, decidiu. E olhou a seu redor, fascinado. Sentia-se lisonjeado diante da possibilidade de que alguém pudesse desejar segui-lo. Tratava-se, para ele, de uma clara mudança de status. Carlos Câmara, no entanto, logo se antecipou a suas fantasias, reduzindo a importância relativa do que dissera:

— Tudo isso não passa de mero jogo de cena, é claro. O mais provável é que os gringos nem se interessem por nós nesse nível. Mas, se estiverem atentos, o recado fica dado. Já transmiti o primeiro ao chegar de maneira espalhafatosa. Foi mesmo para dar um sinal. De independência.

E, após terminar a sopa de cebolas, que proclamou *magnífica*:

— Mas você e eu vamos ter de ser prudentes. Em homenagem a nossa agenda mais reservada. Conversas a dois, daqui pra frente, só em saunas e piscinas. Os restaurantes, como são poucos, acabam sendo perigosos também.

— No inverno ficaremos mudos... — comentou Max. — Porque se as piscinas mal existem, as saunas por aqui são raras.

Carlos Câmara riu:

— Estava brincando... — disse. — O essencial é o seguinte: sermos muito discretos e abrirmos os olhos.

Os cacifes fatalmente aumentariam. E, com eles, as apostas. A fumaça ficaria mais espessa ao redor da mesa de jogo.

Nessa mesma noite, Ray Thurston transmitiria a seguinte mensagem ao MI6: *“Sam Beckett tem chefe novo e parece por enquanto aturdido com a novidade. Do pouco que me disse hoje, colhi duas impressões contraditórias, que poderão responder pelo conflito que vive no momento. Por um lado, referiu-se com certa admiração ao personagem. Por outro, fiquei com a clara impressão de que daria um braço para vê-lo morto e enterrado, de preferência a léguas daqui. Creio que esses sentimentos ambivalentes se resolverão com o tempo, mas apenas em parte. E é nessa brecha que talvez encontremos algum espaço para operar. Preciso, no entanto, de dados mais objetivos sobre o que foi apurado até aqui em Bonn com respeito às negociações nucleares entre os dois países. Não que tenha pressa em introduzir o assunto. Mas para não desperdiçar uma oportunidade, caso ela surja de forma inesperada.”*

Max não alimentou grandes ilusões ao reavaliar as linhas gerais desse almoço, embora tivesse apreciado a atmosfera de cordialidade em que transcorreria. Sentiu, apenas, que um clima de rivalidades fatalmente se instalaria um dia entre Carlos Câmara e ele. Eram parecidos demais para sobreviver a um convívio tão marcado pela clandestinidade. Tudo fariam, é claro, para levar a cabo a missão que lhes fora confiada. Mas um dos dois não sobreviveria à experiência. Restava saber quem.

Nos dias que se sucederiam ao almoço no restaurante francês, um episódio social relevante voltaria a aproximá-los. Dera-se quando o vapor *Aurora*, da Cunard Lines, finalmente despontara nas costas uruguaias e dali a algumas horas atracara no cais do porto de Montevideu — com a lentidão majestosa reservada aos últimos transatlânticos de sua espécie.

O fato, largamente antecipado pela comunidade brasileira residente na cidade, como pela sociedade local, mereceu a meticulosa atenção dos membros da embaixada — que compareceram em peso à cerimônia de desembarque. Do *deck* da primeira classe, encontrando-se o imponente navio ainda a alguns metros do cais, o titular do posto e sua esposa

acenovam para os colegas agrupados abaixo, alguns dos quais agitavam lenços brancos em retribuição às saudações que vinham do alto.

O novo chefe, portador de bigodes finamente penteados, era um *grand seigneur* por excelência, um fidalgo da velha guarda como antecipara a Max seu antecessor. Corpulento e alto, vinha muito bem embalado em um terno azul-marinho que se fazia acompanhar por uma camisa clara e uma gravata em tons pastel, detalhes que foram apreciados como novidades preciosas — habituados que estavam todos às tonalidades sombrias do antigo chefe. Revelou-se, de imediato, generoso em matéria de galanteios dirigidos às senhoras, sobretudo as mais idosas, que por isso se declararam encantadas. Não percebiam que, se era a elas que suas palavras amáveis se dirigiam, seus olhares tinham por destino as mais jovens, cujas curvas faziam reverberar em seu espírito emoções de outro tipo e intensidade.

Marina, em seu sétimo mês de gravidez, fora alvo de especial atenção da embaixatriz, que se desdobrara em gentilezas e oferecera a residência para a realização de um *babyshower* em data que fosse de sua conveniência “*e do baby*”. A certa altura, sem deixar de murmurar uma ou outra palavra amável às pessoas que a ela se dirigiam, mantivera com a futura mamãe um diálogo à parte: “Você joga *bridge*, minha filha?”, indagara. “Não? Que pena... *Bridge* é muito útil em nossa vida.”

Soltara então outro suspiro, bem mais profundo e prolongado, cuja intensidade Marina comparara aos que ocasionalmente ainda emitia, e se permitira um conselho: “Aprenda, querida, você vai gostar.” Seguiria-se aqui um sorriso enigmático, ao abrigo do qual a velha senhora se recolhera em pensamentos, antes de voltar à carga: “Os casamentos

cedo ou tarde se transformam, mas as cartas são fiéis.” E logo viria a pérola preciosa: “O rei de espadas sempre zelou por mim.”

Encantada, Marina descobrira então o que muitos tardariam meses e até anos para confirmar: faltava, à cabeça da embaixatriz, um parafuso. Mas era pequeno o suficiente para dela fazer, no máximo, um ser excêntrico e, quando muito, imprevisível. *Tudo somado*, pensara Marina, *um significativo progresso com relação a sua antecessora*. Mesmo porque não haveria clã que vingasse em sua gestão.

No carro, ao regressarem do porto, Carlos Câmara e Max tinham trocado olhares significativos que tudo diziam a respeito da opinião que haviam formado sobre o novo chefe. Na presença do motorista que os acompanhava na ocasião, contudo, nada disseram. Mas cada qual concluiu por conta própria — e com razão: *antes assim*. Confirmava-se, dessa forma, o prognóstico do ex-embaixador: teriam o caminho livre para atuar em paz. Ao abrigo da cobertura ideal, além do mais: uma embaixada dotada de chefia socialmente prestigiada.

Devia-se este último detalhe à fama que precedera o casal. As grandes famílias uruguaias haviam dado as costas aos representantes anteriores do Brasil, por uma série de motivos que tinham em comum a antipatia crônica que nutriam com relação aos dois — fermentada ao longo de quase seis anos de hostilidades recíprocas. Mas agora se preparavam para saudar seus sucessores com homenagens de todo tipo. Mesmo porque, para alguns deles, tratava-se de velhos conhecidos. Pois o embaixador e a esposa eram ambos gaúchos. Possuíam terras do lado brasileiro da fronteira e até contavam com primos no país, ainda que distantes. Por esse conjunto de razões, e outras mais que apenas certa

classe social sabe distinguir por faro ou instinto, o casal foi recebido com o respeito e a simpatia que lhe eram devidos. Em consequência, passaram a figurar no terceiro lugar da lista dos sequestráveis — logo após seus colegas dos EUA e do Reino Unido, mas à frente do alemão e do espanhol —, lista essa periodicamente revista e atualizada pelos Tupamaros.

Os meses que se sucederam à chegada do vapor *Aurora* se caracterizariam pelo recrudescimento da atmosfera de violência no Uruguai, que tornaria a vida dos habitantes da cidade difícil e até perigosa. Um diplomata do consulado brasileiro fora sequestrado (seria solto vários meses depois, em decorrência de gestões intermináveis que tinham mobilizado ambos os países e desgastado suas relações). O norte-americano Dan Matrone (“*Call me Dan, ambassador, everybody calls me Dan...*”) também havia sido capturado, sem ter, contudo, a sorte do brasileiro, pois fora executado pelos Tupamaros, que sobre ele tinham então publicado dossiês detalhados, nos quais eram descritas as variadas técnicas de tortura ministradas pela CIA à polícia local.

A título de epílogo para uma fase de tal forma movimentada, aqui apresentada apenas em pinceladas genéricas, caberia ainda mencionar que, em setembro desse mesmo ano de 1970, dois meses após a chegada dos novos embaixadores, portanto, Marina e Max se tornariam pais de Pedro Henrique, nascido de parto natural na principal maternidade de Montevideu — contra a vontade do clã Magalhães de Castro, que tudo fizera no sentido de trazer a futura mãe de volta ao Rio de Janeiro para o nascimento da criança.

Mas Marina, que formara um sólido elo de confiança e amizade com seu ginecologista uruguaio, não arredara pé. Assim foi que, no dia 7 de setembro de 1970, “como que para conferir aos festejos da Data Nacional um brilho adicional que levara os demais a empalidecer”, nas gentis palavras que o embaixador pronunciara em seu discurso na embaixada, Pedro Henrique veio ao mundo. E, pelos berros que deu, não demonstrou ter gostado do que viu.

30

A atuação clandestina de Carlos Câmara e Max atingiria seu clímax um ano depois dos fatos até aqui descritos, ou seja, em dezembro de 1971, e viria à luz por conta de uma revelação que jorrara da boca do ministro em uma noite de festas nos jardins da embaixada.

O verbo, tão pouco usual no caso de uma pessoa comedida como ele, se justifica aqui, tamanha fora a excitação do diplomata ao revelar a seu colega o que soubera. E, verdade seja dita, sua trepidação tinha razão de ser: por cortesia de conhecido seu na CIA, Carlos Câmara tivera acesso à transcrição das conversas de Richard Nixon com o Presidente Médici, em reunião realizada dias antes em Washington — ao longo da qual o primeiro pedira ao segundo “que o Brasil apoiasse a desestabilização do Chile”.

Dissera Nixon na ocasião, de forma textual: “Existem muitas coisas que o Brasil, em sua condição de país sul-americano, poderia fazer — e os EUA, não.” Segundo Carlos Câmara, uma dessas transcrições explicitava que, estando nosso país de acordo, “meios financeiros e assistência discreta norte-americana seriam colocados a serviço do Brasil”.

— É claro que não vamos poder atuar da maneira como eles querem — disse Carlos Câmara, dando um tapa entusiasmado na coxa de Max. — Tanto que nos negamos a cooperar. Ostensivamente, ao menos. *Mas não deixa de ser o sinal verde que nos faltava. E vindo do mais alto nível possível.*

Max ficara extasiado diante do desafio com que se deparariam. E, com a agilidade que o caracterizava, logo se antecipara aos próximos lances. Nosso governo, tendo-se negado a cooperar, *ficaria livre para agir*. Sem repassar informações aos EUA — *a não ser quando o processo estivesse concluído*. Para então, de provas nas mãos, colher os dividendos da cooperação, sem o risco de se expor a vexames em caso de fracasso. E Max, a essa altura, já suspeitava de que dividendos se tratava.

Mais que *dado*, intuiu com seu brilho habitual, o sinal verde de Nixon fora *recebido*. Na hora, o pedido da Casa Branca merecera um simples registro da parte brasileira. Um registro polido. Tão logo encerrada a visita protocolar, porém, fora sopesado e analisado com volúpia e mal disfarçada cobiça. Serenados os ânimos, abriria então portas para uma atuação secreta.

Nada de muito direto. Nada que, nem de longe, pudesse dar origem a boatos ou especulações de qualquer tipo. Uma incisão cirúrgica, se tanto, com base em um número reduzido de atores. Gente que não deixasse rastros de espécie alguma — ou que, em caso de adversidade, pudesse *“ter sua presença no Chile negada de forma inequívoca e peremptória”*.

Max também supunha que, como recompensa por uma missão que todos sabiam delicada, a força-tarefa teria liberdade de ação — e ficaria

dispensada de prestar contas por seus atos ou gastos. Operaria como uma unidade autônoma e estanque. Em consequência, somente poderia ser integrada por pessoal da mais estrita confiança das chefias em Brasília. Um pessoal que já gozasse de experiência anterior na matéria. Ia, assim, aos poucos, compondo seu próprio perfil.

O encontro Nixon/Médici havia sido acompanhado com grande interesse pelo COS da CIA em Montevideu. Seria, por isso, objeto de análise igualmente detida por parte do MI6 na mesma cidade. Nessa fase, Raymond Thurston expediria nada menos do que sete mensagens cifradas a Londres. A quarta é transcrita abaixo, já que se refere a Max — bem como a Câmara (codinome “Batman” para o MI6) e ao então embaixador (codinome “Zorro”): *“A parte mais relevante do diálogo de Beckett e Morcego, segundo o próprio Sam me confidenciou duas noites atrás, diz respeito aos entendimentos reservados ocorridos em Washington entre Nixon e o Presidente brasileiro Emílio G. Médici, a que me referi em comunicações recentes. Além do que já é de nosso conhecimento, assinalo que, segundo Beckett, o alto escalão militar brasileiro teria ficado entusiasmado com as ideias discutidas por ambos os líderes, mas que o Itamaraty jogara ‘sem sombra de hesitação’ um balde de água fria nesse fervor, ‘à luz dos objetivos mais amplos e permanentes da política externa brasileira.’ O Chanceler brasileiro teria inclusive ameaçado colocar o cargo à disposição. O Presidente Médici valera-se então do protesto do Chanceler para garantir a ambos os lados que os oficiais chilenos teriam todas as condições de resolver seus problemas sozinhos, opinião ostensivamente apoiada por Zorro. Este último, no entanto, tão logo o Chanceler dera as costas, fora chamado*

‘por ordens superiores’ a assumir o comando da operação sugerida por Nixon, à qual seria atribuído o mais alto grau de sigilo. No entendimento de que ela seria liderada por Morcego a partir de Montevideu e implementada por Sam Beckett no campo. Ao monitorá-la em bases diárias, Zorro nada diria de sua eventual evolução ao Presidente (a não ser uma vez encerrado o processo — e assim mesmo em caso de êxito deste último). Como previsto por Sam Beckett em sua conversa inicial comigo, do acordo também constaria que apenas quinze oficiais participariam do grupo que operaria no Chile. Na realidade, se a avaliação de Beckett estiver correta, a ‘Santa Aliança’ tão carinhosamente idealizada por Z. estaria mais viva — e mais protegida — do que nunca, sendo que, hoje, dotada de recursos virtualmente ilimitados. Sam Beckett parece agora bem animado por poder integrar esse seleto grupo de apenas quinze operativos que atuará no Chile. Carlos Câmara, que teria preferido excluí-lo a tê-lo sob suas ordens nessa operação tão repleta de visibilidades potenciais, foi forçado a rever sua posição. Passando agora ao assunto que nos interessa de perto, reitero, de maneira mais incisiva, meus apelos anteriores de acesso a toda e qualquer informação disponível sobre o tema nuclear, antes que nosso herói venha a se deparar com ele sem ter como dialogar. Por não saber como se situar — e o que buscar. Preciso, também, sensibilizá-lo para nossas posições, o que tampouco é fácil, pois até aqui só temos conversado sobre essa questão de forma genérica.”

31

Os meses foram passando. E, com eles, as tensões entre os dois colegas iam se acirrando. Apesar dos estreitos laços de cooperação que uniam Max a Carlos Câmara no plano profissional, a atmosfera pesada de clandestinidade em que operavam acabaria por cobrar seu preço. Em meados de 1973, os sinais mais claros da crise que eclodiria entre eles se faziam sentir de forma inequívoca. Do choque entre os dois resultaria a transferência de Max para Santiago.

Vivíamos, na América do Sul, a proximidade dos golpes militares que, na sequência do que ocorrera no Brasil e Argentina, seriam deflagrados, primeiro, no Uruguai e, semanas depois, no Chile. A tensão existente, de forma separada e estanque em cada um desses países, acabaria por afetar “o posto de observação avançado” em que operavam nossos comparsas.

O mal-estar entre eles possuía raízes antigas, que de certa forma até antecediam a relação. Com o tempo, tinham implacavelmente evoluído do plano genérico dos desentendimentos para o mais rarefeito do confronto. Já na chegada triunfal de Câmara a Montevideú, a bordo do Hércules da FAB, Max vira uma bravata inaceitável que beirara o mau

gosto. Nem o almoço que se seguira no restaurante francês, com seu lado simpático e ameno, contribuía para serenar os ânimos.

Assim como Max o via com desconfiança, Câmara tampouco conseguia entender o que o embaixador, um homem hábil e prudente, imaginara encontrar em Max. E se lamentava por ter de lidar com pessoa de tal forma arredia e independente, quando a natureza da missão de que estavam investidos exigiria alguém mais delicado e sutil. Ambos, em suma, viam no outro os mesmos defeitos, o que comprova a sabedoria do embaixador — que neles via as mesmas qualidades. Tanto que, ao escalar o duo, sempre lidara com as duas faces de uma mesma moeda. *No momento de agir, eles não falharão*, pensara com razão. E completara para seus botões: *Não importa que venham a se odiar. Quanto mais se odiarem, melhor atuarão*.

Os eventos se precipitaram na vizinhança dos golpes, quando Carlos Câmara acusara seu colega mais jovem de protelar determinada ação junto aos chilenos com a finalidade explícita de extrair vantagens pessoais e políticas de um trabalho que era essencialmente coletivo.

As notícias que tenho sobre a briga são escassas ou nebulosas. Mas consta que, ao receber de Max, a título de resposta, uma máxima calcada em Sun Tzu (*“um soberano não mobiliza suas tropas em estado de ira”*), Carlos Câmara, que também conhecia de cor a obra do mestre chinês, teria retaliado com outro trecho da *mesma* máxima e, por medida de segurança, ainda disparara duas frases de Max Weber e uma de Adorno na direção de Max, em uma salada de citações que enfurecera seu adversário por apanhá-lo desprevenido.

Uma trégua temporária ainda vigoraria entre os dois diplomatas durante algumas semanas por iniciativa de Carlos Câmara — o tipo de trégua que prenuncia tempestades. Sentindo o colega irritado com o fosso que crescia entre eles, e talvez já antecipando o golpe baixo de que pudesse vir a ser vítima um dia por cortesia do parceiro, valera-se de sua condição de mais antigo para flexibilizar as regras sobre encontros públicos a que ambos se atinham. E, a pretexto de retribuir o convite de Max, àquela altura velho de exatos dois anos, chamara-o para almoçar.

Quando iam pelo prato principal, inscrevera na agenda do dia um tema a que aludira fugazmente em ocasião anterior, e falara, pela primeira vez de forma franca e até casual, de um projeto que, em suas palavras, *interessava de modo muito particular aos militares brasileiros*. Baseava-se, como confidenciou baixando a voz até torná-la virtualmente inaudível, em ideia que partira dele, Carlos Câmara, havia alguns anos. E acrescentara: *“De meus tempos com nosso chefe na Alemanha.”* A tão decantada temática nuclear começara por fim a entrar em cena.

Na primeira oportunidade, Max trocara ideias sobre o assunto com Ray Thurston. Os dois tinham conversado algumas vezes sobre energia nuclear, mas sempre de maneira vaga. A hora de mudar de patamar parecia haver soado. *“Preciso de munição”*, dissera Max a Ray a certa altura. *“De algumas fichas que me permitam ao menos sentar à mesa...”*, completara.

Assim foi que o MI6, para extrair o máximo proveito das revelações que esse diálogo viesse a proporcionar, julgara chegado o momento de ceder às sugestões de seu agente. E passara-lhe algumas informações classificadas sobre o tema, colhidas em Bonn e outras capitais

(Washington, naturalmente, mas também Paris e Moscou). Todas elas diziam respeito ao Brasil e aos progressos que o país vinha ou não fazendo nessa área nuclear.

Ao saber que teria acesso a esses dados, Max sentiu-se como o guerreiro a quem é confiada a nave-mãe da frota imperial. Quando voltasse a se reunir com Carlos Câmara, estaria munido de fichas reluzentes. Sentiu, também, algo de mais importante, que transcendia o fato em si: um arrepio de orgulho por ter sido aceito pelo MI6 em seu “*inner circle*”.

Pouco importava que Sua Majestade nada soubesse a seu respeito — *Raymond Thurston sabia*. E se alguém lhe dissesse que perdera o rumo, a ponto de estar se envolvendo em manobras que redundassem em um conflito de interesses com seu próprio país — uma irresponsabilidade inadmissível dado seu perfil de diplomata —, responderia que irresponsáveis eram aqueles que tentavam nuclearizar nossa nação e, com isso, abriam espaço para uma corrida armamentista de proporções imprevisíveis na região. Deus escreve certo por linhas tortas, como é sabido. E se Max ilustrou aqui o ditado em todo seu esplendor, não foi tanto para se alinhar aos que se opunham à nuclearização da América Latina, mas para desferir em seu rival um golpe que supôs mortal.

A conversa fatídica com seu superior ocorreu dias antes de Max realizar mais uma de suas missões a Santiago, valendo-se como de praxe do jatinho da FAB (cujos pilotos já cruzavam os Andes de olhos fechados). Max retomara casualmente com Carlos Câmara o tema nuclear, dessa feita contribuindo, *ele*, com alguns dados adicionais.

O fato, inédito, tomara de surpresa seu parceiro, causando-lhe visível perplexidade. Dando-se conta do êxito obtido, Max não resistira à tentação de ir além do que lhe fora recomendado por Raymond Thurston: cruzara a fronteira entre o que poderia sugerir e o que convinha omitir. Referira-se a detalhes que não teria como conhecer, entre eles, ao estágio em que se encontravam as negociações Brasil-Alemanha.

“Estaria Max em contato com o embaixador sobre o tema?”, perguntara-se Câmara, assombrado. O colega assumira de repente, a seus olhos, uma dimensão ameaçadora. De subordinado, promovera-se a rival.

Este, por sua vez, lera nos olhos de seu superior — e vira em sua expressão corporal — tudo que emanara da figura do ex-embaixador três anos antes, quando, a dias de sua partida para o Brasil, fora confrontado com a questão do roubo dos passaportes brasileiros. Notara o susto, farejara o medo. Fortalecera-se com ambos.

Carlos Câmara se convencera então da existência de laços que vinculariam Max diretamente à CIA, de um lado; e, de outro, ao chefe de ambos no Palácio do Planalto. E, nos dois casos, ele, Carlos Câmara, fora alijado da linha de frente de atuação. Ficara sem entender como isso bem poderia ter ocorrido.

Tratava-se, como se verificaria depois, de um caso clássico de pura paranoia. Um sentimento, por sinal, comum nesse ambiente sinistro, por resultar da atmosfera fechada e opressiva na qual todos viviam e operavam, um clima que por vezes desestabilizava emocionalmente atores cuja profissão de fé tinha por base a desconfiança e a intimidação.

Para algo, porém, o alerta servira: sentindo-se ameaçado, Câmara decidiu agir. Datam dessa época as sementes que conduziriam à implosão de Max. Pois Carlos Câmara conhecia Eric Friedkin (o homem da CIA em Montevideu) de seus tempos na Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro.

Sob um pretexto qualquer, procurou Friedkin. Falou ao amigo de suas preocupações sobre a maneira cada vez mais desenvolta e (a seu ver) perigosa com que o subordinado vinha atuando em Santiago. “*Jamais gostei dele*”, comentou Eric secamente, antes de despejar sua bomba: “*Ao contrário dos ingleses, nunca confiamos completamente nesse sujeito, a não ser para temas de treinamento.*”

Carlos Câmara por pouco não caíra de sua cadeira. Engolira em seco e indagara com um fiapo de voz: “*Dos ingleses!?*” E Eric, que se ressentia do silêncio observado por seu interlocutor quando o sondava sobre determinados temas que interessavam de mais perto a Washington, deleitara-se com a maldade: “*Você não sabia? Max trabalha para eles. Até codinome tem... Não chega exatamente a ser um grande segredo.*” Câmara pedira-lhe um copo d’água e se levantara, lenço na mão, para caminhar pela sala em busca de ar.

Digerida a informação, contudo, tinham decidido unir forças e queimar Max. E fazê-lo logo — antes mesmo que ele retornasse de seu breve périplo a Santiago. Eric concluía a conversa com a seguinte avaliação pragmática: “*Sabemos, como vocês, que ele não operou mal no Chile. Mas as coisas por lá amadureceram e já não precisaremos dele.*” E acrescentara, após mais uns segundos de reflexão: “*A melhor maneira de*

nos livrarmos desse rapaz consistiria em dar um jeito de transferi-lo para Santiago. O que ficaria por sua conta.” Enfatizara o “*por sua conta*”.

Carlos Câmara, ainda em estado de choque com a conexão inglesa de Max, demorara a entender o que se escondia por trás do projeto de Eric: “Santiago? Logo Santiago?”, balbuciara, dando vazão a sua perplexidade. “Sim...”, o outro respondera em um tom persuasivo. E indagara: “Onde melhor enterrá-lo do que Santiago?” Para então acrescentar: “Uma Santiago nova, com as coisas já resolvidas no Chile, uma cidade na qual ele não teria o que fazer.”

Valendo-se da ausência de Max (e de um voo extra do jato da FAB rumo ao Brasil), Carlos Câmara então realizara uma viagem-relâmpago a Brasília, quando confrontara seu chefe no Palácio do Planalto. Na ocasião, em tom nada agressivo — mas dotado de uma firmeza que não escapou a seu interlocutor —, colocara na mesa todo o patrimônio nuclear que haviam acumulado juntos em Bonn, desde os primeiros contatos feitos ainda socialmente até a minuta de acordo escondida em local secreto. E falara do que Max parecia saber sobre o assunto, detendo-se no rosto do embaixador à medida que debitava suas palavras.

Ao finalizar, sem fazer qualquer transição entre um assunto e outro, pedira a cabeça do subordinado.

— Mas por que, se ele está trabalhando tão bem? — indagara o embaixador, acendendo seu cachimbo.

Como velha raposa que era, não chegara propriamente a demonstrar surpresa. Ao contrário, até alimentara um secreto prazer com a novidade — por saber que cedo ou tarde ela viria. E, também, por

guardar certa mágoa do jovem colega, cujo insaciável apetite e ambição detectara em seus derradeiros dias em Montevideu.

— Porque ele se referiu ao senhor em termos desrespeitosos... — respondera Câmara. — E porque está trabalhando para os ingleses.

O embaixador, descartando a primeira frase por julgar que mais pertencia ao domínio das travessuras e, por isso, jamais poderia ser alvo de sua atenção, sorria de modo compreensivo ao se deter na segunda — e se permitira uma observação conciliadora:

— Para os ingleses... Quem diria...

Duas cachimbadas depois, o olhar fixo em seu novo teto, murmurara, quase que para si mesmo:

— Marcílio sempre teve muito bom gosto... E era mesmo inevitável que, cedo ou tarde, buscasse um melhor nicho, comparado ao pardieiro onde o metemos...

Câmara mantivera-se inflexível. E, pela primeira vez desde que trabalhavam juntos, em vinte anos, portanto, fechara a cara para seu chefe. Embora nada tivesse dito de contundente, sua postura refletia o clássico “ou ele ou eu”.

Ganhou a parada — como esperava. Mesmo porque o embaixador tinha outras prioridades em mente e não era homem de se desgastar por tão pouco:

— Mas vamos promovê-lo a conselheiro antes de transferi-lo para Santiago... — exigira.

E antes que seu companheiro protestasse:

— Tratarei do assunto hoje mesmo com o Presidente.

Em seguida ponderara, a mão pousada sobre a do amigo:

— Para que ele continue a nos querer bem. Vá por mim, meu filho, com um sujeito desses, é mais prudente.

Câmara terminara por ceder. Vencera a batalha — no que esta tinha de essencial. Seguiu diretamente da reunião para a Base Aérea de Brasília, onde o fiel avião da FAB o aguardava. E conseguiu desembarcar em Montevideú antes que Max retornasse do Chile.

Na tarde seguinte, haviam-se reunido a dois, como sempre faziam quando Max regressava de viagem. E Câmara ouvira de seu colaborador um relato minucioso sobre o quadro político e militar no país andino. Max vinha animado. Não descartara a possibilidade de que o golpe no Chile ocorresse antes mesmo do uruguaio. Depois de trocarem impressões sobre o assunto, ambos haviam deduzido que, no fundo, a ordem pouco importava. O que, sim, interessava eram os formatos distintos que os processos assumiriam: radical no Chile, moderado no Uruguai — sendo que este segundo país manteria uma democracia de fachada com os generais mandando dos bastidores. Uma ideia que, no Brasil, contava com a simpatia da cúpula militar, pois deixava nosso país mais protegido contra eventuais acusações de interferência. Tínhamos, além disso, uma extensa fronteira com o Uruguai. Em nada nos interessava a vizinhança de uma liderança truculenta de formação prussiana como a que se anunciava no Chile.

Uma semana depois dessa conversa, ao cruzar com Max no andar térreo da chancelaria, Carlos Câmara comentou, no tom de quem anuncia uma boa-nova: “Acaba de chegar um telegrama com a notícia de sua remoção.” Ainda de pé junto à porta de entrada, Max fechou a duras

penas o guarda-chuva molhado que trazia na mão e indagou com uma voz apesar de tudo firme:

— Remoção? Para onde?

Câmara, impiedoso, ainda se dera ao luxo de brincar:

— Escondendo o jogo, hein...? Agora só falta sair daqui promovido a conselheiro...

Em dois dias mais, chegaria o telegrama com a notícia da promoção.

Os canalhas não dormem..., pensou Max, enfurecido.

Soube, no entanto, controlar-se — parafraseando para uso próprio a máxima de Sun Tzu: “Um guerreiro não ergue sua espada movido pela cólera.”

Max tardaria uma década para dar o troco. Este viria sob a forma de artigos destilados nos jornais durante quase um mês. O que levaria Câmara a uma aposentadoria sumária e humilhante para a alegria dos inimigos que colecionara em seus anos de carreira. Esperneou o quanto pôde. Mas os militares, na época preocupados com a anistia em seus próprios quadros às vésperas da instalação de um governo civil, não moveram um dedo por ele. Nem se deram ao trabalho de identificar, como ele exigira, o autor das notícias vazadas a seu respeito. E, quando o Congresso Nacional, fazendo eco à indignação da opinião pública, exigira sua cabeça “como o fascista número um do Itamaraty”, Max encontrava-se de férias no mar Egeu, em um cruzeiro pelas ilhas gregas — a convite de um importador de café.

PARTE IV

Há coisas que apenas os loucos e as crianças têm condições de perceber. O infante Pedro Henrique Magalhães de Castro Andrade Xavier antevira a sua maneira o que estava por acontecer nessa nova e estranha terra em que se via confinado: antes mesmo de cair vitimado por fortes febres, abrira um berreiro nos saguões do aeroporto de Santiago quando a família desembarcara procedente do Rio de Janeiro.

Os três tinham passado duas semanas no casarão de Santa Teresa, descansando da mudança realizada às pressas em Montevideú. Por puro instinto, o pequeno ser sentira, mais do que vira, o desamparo estampado no rosto do pai, a que se contrapunha, de forma até harmoniosa, a palidez da face da mãe. Pois não havia ninguém a esperá-los no aeroporto.

Ninguém... Fora, naturalmente, os guardas que inspecionavam os passageiros de forma mal-encarada. E que tinham lançado olhares irritados para a criança que não cessava de gritar, logo desviados para as oito malas de fino couro adornadas por tiras de camurça, que formavam um semicírculo atrás do qual os viajantes se abrigavam, como se entrincheirados estivessem.

Comparado ao desembarque em Montevideu três anos antes, quando Marina e Max tinham sido recebidos por seus colegas em meio a sorrisos e braçadas de flores, Santiago revelou-se de imediato com a cara que teria nas duas décadas seguintes: fria, severa e hostil. No saguão cheio, transformado em discreta praça de guerra pela iminência do golpe, não havia mesmo um único funcionário designado pela embaixada para recepcioná-los.

Inconformado, Max saiu caminhando pelo andar térreo do aeroporto. E foi salvo pelo motorista da adidância, que o reconheceu e o cumprimentou de longe, levando o oficial a que servia, um dos assistentes do adido naval, a se aproximar dos recém-chegados. Por uma feliz coincidência, o militar acabara de embarcar a família para o Brasil, em férias. Acolheu-os, bem como a volumosa bagagem que os acompanhava, comportando-se sempre como se agisse à revelia de seus superiores, e conduziu-os em sua van para o hotel indicado por Max, no Barrio Cívico, a dois passos do Palácio La Moneda — o tradicional Hotel Carrera. Durante o trajeto do aeroporto para a cidade, contudo, o jovem oficial mal trocara duas frases com ele ou Marina.

A bem da verdade, Max tampouco se recordava de lhe haver dirigido uma única palavra em suas missões anteriores. Para reparar a falha, desdobrava-se agora em gentilezas, tendo por duas vezes se referido a ele como o *anjo da guarda de sua família*. O afago, porém, esbarrara no mutismo do oficial. *Estava mais para guarda do que para anjo*, deduzira Max. Apenas o motorista se aventurara a um comentário mais pessoal: *“La cosa por aqui está muy mala, señor secretario...”*, dissera.

“*Consejero...*”, corrigira Max, levando o homem a morder os lábios e se calar por sua vez.

Nos dois primeiros dias, Marina estranhara a omissão das esposas dos colegas, fato que a magoara — dada a necessidade que tinha de obter um pediatra para o filho. Nenhuma viera ao telefone ou retornara suas chamadas. O que lhe parecera estranho, para não dizer revoltante. Pois, de Montevideú, conversara com várias delas havia pouco mais de duas semanas. *O que bem poderia ter ocorrido nesse meio-tempo?*, perguntava-se chocada, sem entender por que razão deveria se conformar em ver seu filho sendo atendido pelo médico do hotel.

Max, por sua vez, logo se debateria com problemas de igual monta: os aliados do embaixador, ou aqueles que fingiam seguir seus preceitos por conveniência, haviam rifado seu nome de suas respectivas agendas, por terem sabido que a transferência de que fora alvo, a sua revelia, tivera origem em manobra palaciana concebida no mais alto nível. E nem sua promoção a conselheiro neutralizara o desprestígio que se abatera sobre ele. Soara como prêmio de consolação.

A esse grupo tinham-se somado os adidos — que sempre haviam sido tratados com frieza ou condescendência por Max em suas visitas. Em um primeiro momento, ao menos, todos tinham fechado a cara (e as portas) para Max, Marina e Pedro Henrique. Este último, apesar de nem ter três anos de idade, já se confrontava, assim, com as humilhações decorrentes do ostracismo a que seus pais se viam relegados.

O que dizer, para completar o quadro, dos raros liberais que sobreviviam a duras penas na embaixada, deslizando como sombras pelas paredes enquanto aguardavam suas transferências para outros

postos? Por mais que Max tentasse se aproximar deles, atrás de apoio e informações práticas (corretores que ajudassem o casal a encontrar casa, médicos que cuidassem do filho doente, contas bancárias que pudessem ser abertas com urgência, aluguel de carro que facilitasse deslocamentos em uma cidade privada de táxis ou transportes coletivos devido às greves), por mais que citasse autores que todos haviam lido com fervor em outras épocas, a fama de colaborador fascista que o precedera no bojo de suas recentes missões ao Chile colocava por terra qualquer possibilidade de contato com esse grupo dissidente.

Desprezado por ambos os lados dessas facções irreconciliáveis, Max vivia seu inferno pessoal. E foi em meio a essa atmosfera dilacerada que, uma manhã, fazendo a barba no banheiro de seu quarto de hotel, ouviu tiros.

De início, chegou a confundi-los com fogos de artifício. Mas não eram nem dez da manhã. *Fogos, a essa hora?*, ainda pensou. *Não*, logo sentiu, *eram disparos*. E vinham dos tetos dos prédios ao redor da praça.

Entreabriu a janela e, pouco abaixo, a cem metros de seus olhos, viu três tanques. Deslocavam-se na praça deserta, em uma linha reta que levava ao La Moneda. Logo, porém, pararam a meia distância. E ali ficaram, perfilados, como animais de grande porte prontos para o combate.

Marina se aproximou da janela, com Pedro Henrique ao colo. Max, com um gesto, obrigou-a a recuar. Os disparos recrudesciam, as balas pareciam resvalar sobre os tanques, que continuavam imóveis, como que indiferentes aos tiros.

Max olhou para seu relógio. Eram 10:05. Os francoatiradores continuavam a disparar seus fuzis, só que, agora, soldados armados de metralhadoras ocupavam posições estratégicas na praça e atiravam de volta. As rajadas das metralhadoras se sobrepunham aos tiros dos fuzis.

Max fez com que Marina e Pedro Henrique se sentassem no chão do quarto, no canto mais afastado das janelas. Cercou os dois de almofadas e travesseiros. Sempre agachado, voltou então para a vizinhança das janelas. Havia tomado dois aposentos contíguos no hotel, de tal forma que o segundo quarto, de esquina, ampliava sua visão em ângulo sobre a praça. Foi para lá que se dirigiu.

Ligou a televisão, como se necessitasse de confirmação para o que se desenrolava diante de seus próprios olhos. Mas na tela só surgiram velhos enlatados e anúncios. Precipitou-se sobre o rádio. Colocou-o em uma mesa próxima às janelas, que fechou uma a uma. O som captado era fanhoso, como se viesse de longe. O que o mantinha próximo era sua carga de emoção contida. Max reconheceu a voz. Salvador Allende falava.

Despedia-se... As palavras soavam como que vindas de um mundo que já pertencesse à História: “*Quizás sea ésta la última oportunidad en que me pueda dirigir a ustedes...*”

Max ouvia assombrado. “*Mis palabras no tienen amargura...*” Sentado no chão, o corpo colado contra a parede, Max encolhia a cada frase, enquanto a voz de Allende crescia. “*La Historia es nuestra y la hacen los pueblos.*”

“*Tengo fe en Chile y en su destino...*”

O rádio silenciou. Da praça, subiam gritos dos soldados e palavras de ordem de seus comandantes. Foi então que dois estrondos se sucederam. Max voltou a abrir uma das janelas. Lá fora, o Palácio La Moneda ardia em chamas.

O primeiro tanque disparara contra o Palácio. O segundo e o terceiro atiraram simultaneamente. As balas haviam aberto rombos na fachada do La Moneda, de onde agora escapavam fumaça e poeira.

Max agachou-se contra a parede de seu quarto e ali ficou enroscado sobre si mesmo. Mais adiante, não saberia dizer por quanto tempo permanecera nessa posição. Recordaria apenas que Marina e Pedro Henrique haviam-se mantido calados e imóveis, como se petrificados estivessem. Todos, no entanto, tinham despertado subitamente com uma explosão que fizera o hotel estremecer em suas bases.

Max correu para a janela. Atacado por tanques, o Palácio agora estava sendo bombardeado por aviões. Olhou para cima. Dois jatos davam voos rasantes sobre a praça. A cada mergulho deixavam cair suas bombas. Consultou o relógio. Faltavam agora dez para o meio-dia. Os soldados continuavam a disparar tiros de metralhadora contra a fachada, em uma praça virtualmente deserta.

O La Moneda em chamas! A poucos metros de seus olhos...

Com as mãos trêmulas, foi entreabrindo as outras janelas e, sempre agachado, circulou nervosamente entre elas, tapando os ouvidos a cada bomba que caía, a cada disparo dos tanques. Emudecido, viu soldados invadirem o prédio. Assistia a algo que ia além das imagens. Algo que agora permaneceria para sempre em sua memória. Mas como uma cena

que não lhe pertencesse — e à qual tivesse tido acesso na qualidade de intruso.

34

Por motivos cuja origem não teria como identificar, Max viveu as cenas da queda do La Moneda como quem passasse por um transe. O que sucedera do outro lado dos muros do hotel desencadeara em seu espírito um conflito distinto — que o precipitaria na direção das conquistas que ainda o aguardavam no futuro.

Quando se encontrava agachado contra a parede de seu quarto, recolhido sobre si mesmo como um caracol enquanto todo um país implodia a sua volta, percebera que, uma vez mais, chegara a hora de recomeçar. Só que já não mais da estaca zero. E essa seria a novidade a diferenciar o desafio que enfrentaria com a disciplina e obstinação de que dera provas em ocasiões anteriores. *Havia sido usado e descartado?* Pois agora que conhecia o jogo em sua inteireza, e dispunha de trunfos para reagir, roeria com renovada paciência seus freios. E renasceria de suas cinzas como o Chile ressurgiria das que haviam tomado o La Moneda.

Horas depois, em uma embaixada tumultuada pelos acontecimentos, foi o único a manter a cabeça fria. Sentado a sua mesa, com a porta da sala fechada, e absolutamente imóvel, fez então o que os franceses

chamam de uma “*mise au point*”, uma sucinta reavaliação estratégica pessoal. O fato de que os primeiros cadáveres de civis metralhados pelos militares já aparecessem nas calçadas não o distraiu da tarefa. Nem o desespero dos funcionários locais a sua volta, nervosos com a falta de notícias dos seus, o perturbou. Mais adiante, circulou pelos corredores, como um autômato. Concentrava-se unicamente em seu universo. Quanto maior a agitação, mais sereno e imóvel ele ficava em seu olho de ciclone.

Não temia a CIA. Cumprira o trato com ela celebrado na área de treinamento de policiais no Uruguai — e acreditava que a esse ponto se limitava sua dívida com os americanos. Não tinha qualquer tipo de receio no que se referia ao MI6, porque, apesar de ter alimentado fantasias de grandeza com respeito ao Serviço Secreto de Sua Majestade, jamais repassara a Raymond Thurston informações que não fossem anódinas — e dele não recebera remuneração de qualquer espécie. Pouco ou nada receava do SNI, porque sempre mantivera relações corretas com seus representantes, entre eles o major Vaz, que por sinal o visitaria em Santiago mais de uma vez (fazendo jus a uma rodada de pôquer improvisada em sua honra). Do lado da ESG, acolhera em Montevideu antigos companheiros de Escola, todos já oficiais graduados. Finalmente, só tinha a agradecer ao Ministério, a cujos quadros pertencia, pelas duas promoções-relâmpago de que fora alvo.

Restava-lhe assim, apenas, lidar com o ostracismo de que estava sendo vítima *em Santiago* — cuja origem preferiu atribuir a causas menores. Às intrigas de Carlos Câmara, por exemplo, que talvez tivessem envenenado seu novo chefe. Daí que o titular do posto mal

escondera seu desprezo por ele. Considerava-o *um garoto de recados* do ex-embaixador em Montevideu — por quem tampouco nutria especial apreço.

Quando regressou ao hotel, reencontrou Marina, que ainda trazia Pedro Henrique ao colo. O médico não lograra chegar, o bairro estava cercado. Max só conseguira passar pelas barreiras para ter acesso ao Carrera em sua dupla condição de diplomata estrangeiro e hóspede do hotel. O toque de recolher havia sido decretado em todo o território nacional. Ao lado, o La Moneda ainda fumegava. A gerência do hotel recebera ordens de evacuar seus hóspedes em vinte e quatro horas. O saguão do estabelecimento estava tomado por soldados.

— Você embarca amanhã para o Brasil com o menino — disse Max à mulher com a calma de quem anuncia uma decisão longamente amadurecida. — Na embaixada não ponho os pés até vocês partirem. Pode começar a fazer as malas, enquanto falo com a Varig. Se necessário, viajarão na cabine do piloto. Não há hipótese de não embarcarem amanhã cedo.

— Revi diante de mim o *Homem do Trem* — confessaria-me Marina anos depois. — Aquele que me salvaria de uma vida regrada, previsível e monótona de pobre menina rica, o que faria de mim uma mulher feliz. Havia muito que esse homem deixara o palco de minha existência, se é que alguma vez chegara realmente a pisar em cena. Mas ele tinha voltado. Ao salvar meu filho, ele me salvava. E, com isso, liquidava todas as dívidas que tinha contraído comigo. As outras, que fizera com credores de todo tipo, dentro e fora do Ministério, ele pagaria pelo resto da vida. *Ou não...* Mas, comigo, estava quite. E embarcamos no dia

seguinte para o Rio de Janeiro, como ele prometera. Em um Chile em pé de guerra, jamais encontraríamos médicos ou hospitais em condições de cuidar de Pedro Henrique. Estavam todos ocupados com catástrofes de outro porte. O coitado foi recebido no Rio por uma ambulância mandada por meu pai, que nos aguardou na pista do Galeão com dois médicos e uma enfermeira. Em poucas semanas, já estava correndo pelos gramados de Santa Teresa, ele que havia dias nem se movia e vivia entre meu colo e a cama. Em um mês já era outra criança.

O que para Marina representara um momento de profundo alívio, para Max se traduziria em uma sensação mais relevante ainda — que se produz quando um homem tem a rara oportunidade de restaurar sua dignidade perdida. Já não mais a reboque dos acontecimentos, mas à frente deles.

Jamais se sentira dominado por tamanha clareza. Mas arrancar o filho dos braços da morte — pois era essa a dimensão que o quadro clínico de Pedro Henrique assumira a seus olhos — seria apenas a fagulha inicial, a primeira de uma série que o levaria a articular, em questão de semanas, a completa reversão de seu status na embaixada. Para isso, contudo, teve de vender sua alma ao diabo por uma segunda vez desde 1964 — e dessa feita por preço vil: trocou-a por urânio.

Traduzindo em palavras a decisão a que chegara de olho nas ruínas fumegantes do Palácio La Moneda, Max decidira ceder aos apelos de seu velho amigo Newton Cordeiro. Negociaria um pacto com o coronel. Passaria a lhe dar, no Chile, o que não tivera condições de lhe conceder em Montevideu: os contatos de que necessitava para abrir determinadas portas. No caso, junto aos empresários ligados aos militares chilenos,

que pudessem se interessar por certas matérias-primas valiosas de que dispunha o Brasil — e às quais ele, Newton Cordeiro, tinha acesso facilitado por força de uma das inúmeras tramoias urdidas à sombra da ditadura.

Em troca, Max pedia pouco: pressão total sobre o Itamaraty, no mais alto nível, para que obtivesse a chefia do setor de promoção comercial da embaixada. Com carta branca para agir. Sem que seus projetos e telegramas passassem pelo crivo do embaixador. Já havia, no Ministério, pelo menos um precedente dessa natureza em outro posto: Nova York, cujo setor comercial atuava de forma independente. Bastava evocá-lo e colocá-lo em prática em Santiago também, *por ordens superiores*.

Sabedor, por seu amigo coronel, de que as negociatas secretas relacionadas a contrabando de material sensível se processavam havia anos nos círculos militares, Max não teve qualquer constrangimento em impor suas condições. Julgara, até, que pedira pouco. No que tinha razão. Mas, no momento, era do que necessitava. Para abrir espaços na direção que lhe convinha nessa nova etapa de sua carreira. Na promoção de nossas exportações encontraria refúgio contra os desgastes sofridos na trincheira política em que transitara até ali. Hibernaria nesse ambiente mais aprazível, enquanto fortalecia todo tipo de contatos — que mais adiante balizariam sua lenta volta ao poder.

Newton Cordeiro, ao negociar com Max, logo vira que o amigo estava fragilizado. E sentiu que poderia incluir um dado adicional ao pacote sendo considerado, que o ajudaria a consolidar seu prestígio junto ao empresariado brasileiro e a seus colegas militares. Solicitou então a Max que se valesse de suas funções para reforçar junto a

determinados grupos chilenos a necessidade, como dissera, “de desbloquear determinados nós e apertar outros”.

Max não gostou da ideia. Era vaga o suficiente para abrigar maquinações escusas. Mas acabou concordando. E ficou de organizar encontros ocasionais de empresários dos dois países, durante os quais os brasileiros — ostensivamente no Chile em missões comerciais — trocassem experiências no campo da repressão. Experiências que facilitassem acertos de contas que as Forças Armadas dos dois países nem sempre tinham condições de patrocinar — por falta de mandato ou interesse. Operações que, no caso do Brasil, por exemplo, colocassem um ponto final a assaltos e sequestros. Ou que, no caso do Chile, desestimulassem atividades sindicais clandestinas, para não mencionar movimentos que pudessem gerar instabilidade fundiária. Projetos, em suma, que viessem ao encontro do interesse mais específico da classe empresarial. Em qualquer campo que lhes conviesse.

Especialista que era nas fraquezas de Max, o coronel conhecia bem o gênero de combustível que movia o amigo: ambição. A essa matéria-prima original, contudo, somara-se um poderoso aditivo — mais manipulável ainda: uma dose persistente de rancor. *Max movia a vingança*. E parecia disposto a pagar o preço que fosse para atingir os objetivos que se traçara.

Tanto melhor, pensou o coronel: caso soubesse jogar suas cartas, faria dele o que bem entendesse. Ou assim achou. Não resta dúvida, porém, que, nessa fase inicial ao menos, a parceria serviu aos dois em proporções bastante desiguais.

O processo que transformaria radicalmente a posição de Max na embaixada teria início a três exatas semanas de sua chegada. Dera-se quando o embaixador, ao folhear os telegramas do dia, fora informado por um deles que, “por decisão superior”, seria criado um escritório comercial independente em Santiago sob a chefia do Conselheiro Andrade Xavier. Este, desde já, ficava autorizado a tomar as providências necessárias para esse fim, o que incluía “alugar escritório apropriado em local distinto ao da embaixada” e contratar funcionários especializados que “o habilitassem ao bom desempenho de suas funções”.

Em separado, um segundo telegrama autorizava a aquisição de dois veículos de uso exclusivo do setor comercial, sendo um deles de representação e o outro de serviço.

O embaixador engasgara a cada palavra das mensagens — e trincara os dentes quando confrontado com cada um dos dois veículos. Mas sentiu que aquelas ordens vinham do alto e que nada lhe restava fazer, fora se calar e não passar recibo.

35

Para perplexidade geral, Max não pareceu atribuir grande importância a seu triunfo. Ou se dele extraiu alguma alegria, manteve-a sob rigoroso controle. Deixou crescer uma barba e passou a examinar a melhor maneira de lidar com seus novos desafios. Entre eles, avaliar as providências práticas que suas funções exigiriam. Mal agradeceu as felicitações que passou a receber daqueles que o haviam ignorado até ali. Tampouco atribuiu relevância ao fato de que as portas do embaixador se mantivessem fechadas para ele — situação que não se alteraria até a troca de chefias dali a ano e meio.

Foi além. Para que não pairassem dúvidas sobre sua índole de funcionário disciplinado, valeu-se do fato de que o Chile se defrontava com sérios conflitos internos para cumprir com zelo algumas funções consulares, até que tivesse condições, uma vez serenado o clima político, de se desincumbir das tarefas que lhe haviam sido confiadas. Sabia que, naquelas primeiras semanas, o país não teria como incluir o comércio entre suas prioridades.

Não seriam poucas as noites em que sentiria saudades do convívio com seus cabos e sargentos. Mesmo porque, com eles, pelo menos sabia

onde pisava. Foi assim se dando conta de que não havia mesmo escapatória: no meio em que gravitava não existia saída para os que escolhiam atalhos. As portas que se abriam a título de alternativa tendiam quase sempre a dar sobre alçapões.

Alguns meses se passariam antes que ele entrasse em campo, fosse na pele de adido comercial, fosse em seu papel mais velado de consultor empresarial. Foram tempos difíceis e delicados para Max, apesar da excepcional reviravolta que o beneficiara na embaixada.

Por um lado, Marina continuava no Rio de Janeiro com Pedro Henrique — e nosso amigo se descobria sozinho em uma cidade inóspita. Por outro, suas funções consulares o levavam a tentar localizar brasileiros desaparecidos, a pedido de parentes desesperados que, sem alternativas, viam-se obrigados a telefonar diariamente do Brasil em busca de notícias. Para tais tarefas Max não contava com a menor ajuda de sua própria embaixada e menos ainda, naturalmente, da polícia secreta chilena. Pois esta recebera, do gabinete do embaixador, sinais ambíguos sobre sua pessoa.

Tentou, então, ter acesso a nossos compatriotas exilados, em busca de informações que pudessem ajudá-lo. Ingenuidade sua, já que todos fugiam dele (e de qualquer diplomata ou funcionário brasileiro) como o diabo da cruz. Viu-se assim, como quem tateia às cegas, obrigado a fazer diversas incursões em hospitais e necrotérios, até finalmente ir bater no Estádio Nacional. Nas três ocasiões em que lá esteve, regressou à embaixada pálido e, segundo comentaria um colega seu de posto anos depois, “com a incipiente barba mais grisalha”.

Max enfrentava um delicado paradoxo: quanto maior a distância que tentava colocar entre o horror e ele próprio — ao se preparar para envergar os trajes mais discretos de adido comercial, como viria a fazer dali a poucas semanas —, mais a repressão colava a sua pele.

Para sorte sua, contudo, um dos adidos militares, de longe o menos radical dos três representantes de nossas Forças Armadas, se apiedara dele. Não era homem rancoroso e, por isso, não se sentira ofendido pela arrogância de que o jovem diplomata dera provas quando de suas incursões anteriores a Santiago. Nessas ocasiões, julgara-o apenas infantil, além de inseguro. Daí que lograra detectar no recém-chegado qualidades que o próprio ignorava possuir.

Assim foi que o oficial perspicaz chegou a uma conclusão um tanto inesperada, ao intuir que, se encontrasse espaço para agir, Max se empenharia em ajudar os exilados brasileiros — apesar das ordens em contrário do embaixador. Pois este, para a perplexidade e crescente irritação do adido — que julgava haver limites para certo tipo de perseguição —, mandara fechar as portas da missão diplomática para nossos compatriotas, deixando-os expostos à violência da polícia secreta chilena.

Uma tarde, esse oficial cruzara com Max pelos corredores da chancelaria e o convidara para um café. *No dia seguinte*, precisara. “Antes da hora do expediente”, frisara ainda. Em seguida, mencionara o nome de uma confeitaria situada em bairro distante da embaixada. Missão cumprida, colocara um dedo sobre os lábios e seguira em frente.

Max não soubera bem o que pensar. Notara algo de antigo na maneira com que o convite fora formulado. Algo que mais parecia

evocar um romance clássico de espionagem, desses escritos entre as duas guerras, cuja atmosfera dificilmente pudesse ser associada à complexidade que os cercava em plena década de 70. Mas seu isolamento no trabalho era tal que acabou encarando a oportunidade com ânimo renovado.

A ponto de, na manhã seguinte, dar com a porta da confeitaria fechada, o que o levara a esticar as pernas no frio por dez minutos, até que o empregado, com pena dele, erguera as grades do estabelecimento antes da hora prevista.

Dali a instantes, o adido chegara. Depois de um breve cumprimento, sentara-se diante de Max e fora direto ao ponto:

— Procure esse pessoal.

E deslizara sobre a mesa, em sua direção, uma folha de papel dobrada em dois. Mas mantivera os dedos sobre ela.

— É uma embaixada — dissera. — No papel escrevi três nomes. Do país e de duas pessoas. E, em último lugar, escrevi uma palavra.

Aos ouvidos de Max, o que lhe fora dito soara como pouco e muito. Pouco, pela parcimônia das palavras. Muito, pela enormidade do que lhe era dado inferir. A solenidade do momento, além do mais, o incomodava. Como se houvesse algo de ridículo, ou de forçado, naquela encenação.

— Não fale desse assunto com ninguém. Nem com sua mulher no Brasil. As linhas estão totalmente vigiadas... — recomendara o adido, depois de olhar para os lados. — Vá até lá de ônibus, para chamar a menor atenção possível. Eles abrem às dez. No balcão, indague pelo primeiro nome que aparece no papel. Quando o funcionário chegar,

pergunte pelo segundo nome. Diga que vem da parte de Pedro. O funcionário indagará: “Ele se curou da doença?” Você responderá: “Graças ao remédio que você lhe deu.” Ele então te levará a uma saleta. Um brasileiro que se encontra refugiado nessa embaixada virá te ver. Quando estiverem a sós, diga a palavra.

— A do papel.

— É... — respondera o adido em um tom impaciente.

Que outra?!, seu olhar parecera sugerir. Mas logo voltara ao tom pausado:

— Explique-se com ele. Fale sobre seu trabalho. Diga a verdade, que só quer ajudar. De uma forma ou de outra. Diga a ele que *eu* confio em você. Pode mencionar meu nome. Somos parentes e fui eu que consegui metê-lo na embaixada correndo um sério risco. No porta-malas de meu carro. Sim, graças a minha chapa diplomática. Agora vá ao banheiro, leia e decore o que está escrito, e volte aqui, *com o papel*. O banheiro fica ali, à esquerda.

— Agora? — indagou Max, surpreso e algo inquieto.

Teria gostado de ouvir mais. O que, exatamente, nem saberia dizer. Com quem se entrevistaria? Receava, no fundo, cair em uma armadilha. Estava longe de se sentir refeito da última trapaça de que fora vítima.

— Agora... — o outro respondera com firmeza.

Max erguera-se. Somente então, ao passar pelo adido, reparara que, sob o casaco entreaberto, ele nem de terno estava. E, menos ainda, claro, de uniforme. Trajava uma roupa esporte, camisa, suéter grosso e cachecol. Tratava-se de uma precaução, dadas as circunstâncias — mas que escapara a Max. E era esse fato que o incomodava. Como se, nesse

cenário peculiar, ele se sentisse fora de forma e, portanto, desatento a detalhes desse gênero.

Chegado ao banheiro, trancara a porta e abriu com cuidado a folha dobrada em dois. Registrara o país da embaixada, decorara os dois nomes e estacara diante da palavra final. Se visse sua imagem refletida no espelho, notaria que seus lábios se moviam à medida que absorvia sua lição, tal um analfabeto — recém-iniciado no mistério das letras — às voltas com um texto interminável. Apesar de acostumado a operar nos bastidores, era a primeira vez em que se sentia realmente na clandestinidade. Pois não se preparava para descumprir ordens expressas de seus superiores? E se meter sabe-se lá em que conluio com o inimigo?

Encerrado o dever de casa, dobrara a folha novamente em dois, guardara-a no bolso do paletó, lavara as mãos e voltara para a mesa.

— Tudo certo? — perguntara o adido.

— Afirmativo! — exclamara Max, recorrendo à linguagem que aprendera em sua roda de pôquer de Montevideú. E deslizara a folha de volta pelo tampo da mesa.

Continuava sem entender a razão de sua ida ao banheiro por tão pouco, quando poderia ter lido o papel na mesa em que se encontravam. Mesmo porque não havia uma alma sequer na confeitaria, fora o garçom e uma mulher que se movia atrás de uma porta de vidro que levava à cozinha. Lançou um olhar desconfiado para sua xícara, como se o adido tivesse se valido de sua ausência para colocar gotas de algum veneno em seu café.

— Você vai falar com um homem de cujas opiniões discordo — disse o adido. — Mas que é decente. E honrado. Só não sei se ele vai te ajudar. Pode não confiar. E com razão. Eu, no lugar dele, não confiaria. Mas é uma tentativa. Para te ajudar *a ajudá-los*. Porque eu sei que você, no fundo, não é má pessoa.

— Como é que você sabe? — indagara Max, sério.

— Porque somos parecidos, você e eu... — respondera o adido sem pestanejar. — Pelo que sei de teu passado. E pelo que tenho podido ver desde que você chegou. Embarcamos nessa canoa por afobação, sem saber por quê. *Um conjunto de circunstâncias*, minha mulher sempre diz, quando me vê meio deprimido.

Ambos, então, tinham sorrido. E dado de ombros, cada qual de um lado da mesa. Pela primeira vez desde que chegara a Santiago, Max relaxara um pouco com alguém de seu trabalho.

Movido por essa atmosfera amigável, sentira-se à vontade para esticar as pernas e formular a pergunta que o importunara ao longo da noite:

— Mas por que confiar em mim? A esse ponto? Quem te garante que...

— Você... — o adido interrompera. — *Você* garante.

— Ainda assim... — murmurara Max, como se honrado estivesse, quando, na realidade, se sentia encabulado.

Nada o preparara para esse tipo de diálogo. E com esse gênero de interlocutor. Foi quando se deu conta de que ele, também, trajava o hábito de outro personagem. E que a cena protagonizada por ambos, naquele café deserto, em uma cidade ela própria sitiada, mais depunha sobre a estranheza daqueles tempos do que sobre sua normalidade.

O garçom depositou na mesa uma cesta com torradas amanteigadas. Os dois se serviram de açúcar, leite e deram um gole em seus cafés. Quando o garçom se afastou, o adido, pela primeira vez, olhou para Max de frente:

— Você atuará como *cônsul do Brasil*. Cônsul é um título e tanto, que remonta à Roma Antiga, a Napoleão, ao Barão do Rio Branco...

— O velho Barão daria voltas no túmulo se soubesse do que participei... — interrompeu Max amargamente.

— Com sorte... — prosseguiu o outro sem notar o comentário —, com um pouco de sorte, desse dia você não se esquecerá.

Aqui ele olhou para o relógio e, depois de um último gole em seu café, se levantou.

— Agora vou para casa... — disse, pondo fim ao encontro. — Ontem declarei-me gripado, hoje não apareço na embaixada. A conta é sua. Não precisa se levantar.

36

Na manhã seguinte, Max se dirigiu à embaixada indicada. Na recepção, indagou pelo funcionário cujo nome ecoara em seus sonhos. Fizeram-no sentar em um banco por um momento. Quando o funcionário apareceu, Max foi chamado pela recepcionista. O diálogo se deu, conforme antecipado. E ele foi conduzido a uma sala contígua, onde se pôs novamente a aguardar, dessa vez sentado em um sofá.

No meio da sala havia uma única mesa com seis cadeiras. As cortinas se mantinham fechadas para a luz do dia. Três lâmpadas, uma de pé e as demais no teto, iluminavam a sala.

Max esperou por algum tempo. Seus olhos não tinham onde se deter e escorregavam pelas paredes, pois não havia um único quadro na sala. Esta também era pobre em objetos de decoração, exceto por alguns cinzeiros de pedra-sabão e dois castiçais perdidos no alto de uma estante, em cujas prateleiras amontoavam-se pilhas de revistas velhas. Decorridos dez minutos, uma porta se abriu no extremo oposto da sala e um homem alto e magro entrou. De tão lívido que era, mais parecia uma aparição.

Max se levantou e deu dois passos em sua direção. O homem se sentou à mesa e sugeriu, com um gesto, que ele ocupasse a cadeira em frente à dele.

— Brasileiro? — indagou em português, quando Max se acomodou.

— Sim, brasileiro... — respondeu o visitante.

O homem aguardou em silêncio. Max desviou o olhar do ser diáfano, como se esperasse que, por força daquela singular palidez, as paredes atrás dele cedessem às evidências — e se recobrissem de quadros ou trepadeiras. Mas elas se mantiveram insensíveis às circunstâncias. Max então respirou fundo e, com toda a dignidade possível, enunciou em um tom neutro:

— *Bacalhau.*

O outro acolheu a palavra como se saudação fosse — e fez que sim com a cabeça, encorajando-o a prosseguir. Max então se pôs a falar. Explicou a situação em que se encontrava. Queria ajudar, mas não tinha como. Confessou, a rigor, que nem sabia ao certo como ajudar. Queria pelo menos evitar mortes desnecessárias, se lograsse agir a tempo. E tranquilizar as famílias que telefonavam sem cessar do Brasil. Até onde era possível... Mas... Por onde começar? Com quem falar? Aonde ir? A quem pedir ajuda? Aludiu também, por alto, às dificuldades com que se deparara na embaixada e na polícia chilena.

O homem ficou calado. Depois pôs-se a rir baixinho, os olhos cravados no chão. Balançava um pouco a cabeça de um lado a outro.

— Se entendi bem — ele disse por fim —, você está na mesma situação que nós. Emparedado. Entre a Dina e seu embaixador. Sem ter para onde correr.

— É... — concordou Max. — Em certo sentido, sim.

— É muito engraçado... — insistiu o outro. — Você não acha?

— Sim... — respondeu Max.

E aí acrescentou:

— ...e não.

Sentiu a gota de suor nascer no alto da testa, bem na raiz de seus cabelos. Enxugou-a com a palma da mão. E emendou, como se buscasse uma área de convergência:

— Mas entendo que você ache...

À falta de palavra melhor, contentou-se em repetir:

— ...*engraçado*.

O homem calou-se por um momento. Recuara a cadeira, como se necessitasse de mais espaço para pensar. Sua tez ganhara um pouco de cor.

— Sinto muito... — disse por fim. — Mas não tenho como ajudar. Nem sei onde estão as pessoas. Tudo aconteceu muito de repente. Na véspera do golpe eu tinha organizado um jantar lá em casa, coisa bem simples. Como tem faltado de tudo em Santiago por causa da greve dos *camioneros* convocada pela direita, e dos *acaparamientos* dos gêneros alimentícios, como eles gostam de dizer aqui, eu tinha meia galinha no forno, alguns ovos na geladeira e contava com minha horta, porque morava numa casa com jardim nos arredores da cidade, horta na qual minha mulher e eu tínhamos plantado couve, tomate e alguns outros legumes. Alguém traria arroz com salsichas e a sobremesa também estava garantida. Uma amiga que nessa noite cruzou a cidade a caminho de nossa casa viu um batalhão passando, com soldados carregando fuzis

e metralhadoras. Não marchavam em formação, mas olhavam para os lados como se espreitassem algum inimigo. Quando ela nos falou disso, ficamos sem saber o que pensar. Na manhã seguinte, bem cedo, fui acordado por um cavalo. Tinha quebrado a cerca e estava fazendo um estrago em nossa horta. De onde surgiu, não sei, parecia perdido. *Um animal de circo, cheguei a pensar, abandonado pelos donos à própria sorte...* E tinha fome. Suas costelas estavam expostas, de tão magro que era. Fui até o jardim para enxotar o cavalo. *E aí vi...*

Max mantinha-se suspenso a suas palavras.

— Atrás dele, atrás do cavalo que se afastava mancando, a meio quilômetro de distância, *vi na neblina os tanques descendo em fila indiana na direção do centro da cidade.* Acordei minha mulher e alguns amigos que tinham dormido lá em casa por falta de transporte, e nos mandamos em cinco minutos. Cada qual foi para um canto. Eu fiquei grudado em minha mulher enquanto pude, até que não deu mais. A Dina tinha meu retrato. Dali em diante, ficamos isolados uns dos outros nos mais variados bairros, pulando de casa em casa, com os telefones dos amigos cortados e os vizinhos deles nos denunciando mal nos viam entrar. Minha mulher, grávida de oito meses, está em outra embaixada.

Aqui fez uma pausa e olhou para Max, antes de prosseguir.

— Meu primo me trouxe até aqui. Mas depois se recusou a fazer qualquer coisa por mim. Eu até entendo. E sou muito grato. Pode dizer isso a ele de minha parte. A barra pesou firme. E pesou para todo mundo... As rádios a nossa volta insistiam: *denunciem os estrangeiros que não sejam de sua confiança, denunciem os inimigos do Chile...* E, mesmo que eu soubesse onde andam os companheiros, também não te

ajudaria. As coisas não têm sido fáceis para nosso lado. Mais do que a vida, perdemos a esperança. A esperança morava no Chile. Você tem um cigarro?

Max se recordou de um dos primeiros filmes de Buñuel, ainda em sua fase mexicana, *La ilusión viaja en tranvía*.

— Tenho. Aqui...

— Obrigado.

— De nada. Fica com o maço.

— Fósforos?

— Isqueiro.

O outro pegou o isqueiro.

— Por favor, fique com ele.

— *Um Dupont?* Você está louco? Nem pensar. Eu seria fuzilado pelos companheiros.

Riram... O homem acendeu seu cigarro. Depois contemplou o isqueiro por uns segundos, sopesando-o em sua mão direita. Parecia pensar em outros tempos, quando possivelmente tivesse possuído um igual, ou quem sabe melhor. Em que mais pensaria?

Decorrido um momento, ele devolveu o isqueiro. Recuperara um pouco mais de cor. A hora de partir, contudo, chegara:

— Obrigado pelos cigarros... — disse, erguendo-se. — E boa sorte.

Max não conseguiu responder. *Boa sorte...?*

— E sua mulher? — indagou então.

— Não sei onde ela está. Só soube que conseguiu asilo em outra embaixada.

Max sentiu que ele mentia. Como o adido previra. Quem sabe, coberto de razão... Uma mulher grávida de oito meses, refugiada sabe-se lá em que situação, com dezenas ou centenas de pessoas dividindo um único banheiro, prestes a dar à luz uma criança... Uma criança que talvez nunca viesse a conhecer o pai...

Max também teria gostado de desejar boa sorte ao desconhecido. Mas não se sentiu em condições de fazê-lo. Limitou-se a erguer a mão em uma vaga saudação quando o homem, ao chegar à porta, voltou-se para ele uma última vez. O sorriso, que por momentos passara por seu rosto, desaparecera. Mas ele assim mesmo apontou para o maço de cigarros que ainda trazia na mão e levantou o polegar:

— Valeu... — disse, antes de fechar a porta.

Após a partida do homem, a sala como que encolheu à volta de Max. Este se levantou e deu alguns passos de um lado a outro, até que se deixou cair pesadamente sobre as almofadas do sofá. Queria fumar, mas no bolso do paletó só encontrou o isqueiro. Olhou para o relógio sem ver seus ponteiros. Imaginou que alguém viria por ele. E esperou.

Dali a alguns minutos, o funcionário seu conhecido regressou e o acompanhou até a saída. Lá chegado, embora estivesse em mangas de camisa, e a temperatura do lado de fora não fosse propriamente amena, ele cruzou a porta com Max. Quando este já havia descido alguns degraus da escadaria de pedra que o conduziria à calçada, a voz do homem soou no ar frio da manhã:

— *Gracias...*

Max voltou-se em sua direção. Tudo em seu jeito, do brilho no olhar ao esboço de sorriso que retirara vinte anos de sua idade, confirmava

sua gratidão. *Uma tentativa fora feita*, sua expressão parecia sugerir. Não lhe cabia julgar se fora bem ou malsucedida. Mas queria registrar sua satisfação — a título pessoal. E, se o fazia, era porque gestos como o do visitante, vindos de onde viessem, se tornavam a cada dia mais escassos.

Em um impulso que por pouco o surpreendeu, Max subiu agilmente os degraus que o separavam do homem e apertou sua mão. Pela primeira vez, então, desde 31 de março de 1964, vacilou — a ponto de quase perder o equilíbrio. Depois, deu as costas ao funcionário e voltou a descer os seus degraus. Ao chegar à calçada, afastou-se em passos ligeiros.

Por alguns dias a experiência com o compatriota exilado levava Max a revisitar em pensamento suas “Hostes do Bem” — expressão a que recorria com certa periodicidade em um tom jocoso. Infelizmente, porém, ela não criaria raízes em seu coração. Pois Max era, sobretudo, um homem racional, blindado contra os bacilos da emoção.

O adido que tentara ajudá-lo a cumprir suas funções consulares seria transferido de regresso ao Brasil dali a um mês — e Max jamais o reveria. O funcionário da embaixada estrangeira, com maior razão ainda, também desapareceria de sua vida para sempre. Quanto a *Bacalhau*, sim, nosso amigo o reveria. *Sim e não...* Porque, vinte anos depois, em Brasília, com o país redemocratizado e os derrotados de ontem no poder, Max se escondera atrás de uma pilastra para não ser reconhecido pelo agora alto funcionário da administração federal — quando por pouco dera com ele em uma cerimônia pública da qual também participava. Receara que o ex-adido tivesse contado ao parente refugiado na embaixada o que sabia sobre seu envolvimento com o SNI.

De toda forma, a insensibilidade de que dera provas ao não valorizar o episódio com o exilado cobraria seu preço. E o castigo viria — a

cavalo, como se costuma dizer. Pois, se os deuses haviam proporcionado a Max uma oportunidade de brilhar no firmamento, os diabos também se manteriam atentos a seu destino e logo entrariam em cena.

Assim é que, duas semanas depois de ter vivido sua aventura redentora — como classificara a experiência —, ele recebera um telex urgente do coronel Cordeiro indagando se não estaria pronto a exercer, “em parte que fosse”, suas novas funções.

Respondera que sim. E dali a uns dias tomara um drinque com seu novo protetor no luxuoso hotel em que ele se hospedara. O coronel fora direto ao ponto: queria apresentá-lo a um banqueiro paulista que o acompanhara a Santiago. E que desejava trocar ideias com ele “sobre uma questão de caráter pessoal”. Max dera de ombros. Não tinha como se opor ao coronel.

O banqueiro dali a pouco se juntara aos dois no bar. *Como um boneco de mola que saísse de sua caixa*, pensara Max. Mas nada em seu porte e atitude permitiria associá-lo a um brinquedo. Seus jogos eram outros e mais complexos. Vendia armas.

Ainda bem, pensou Max, aliviado. *Armas...* Não se tratava então do material sensível que tanto interessava a seu amigo Cordeiro, e que só poderia ser administrado em bases clandestinas. E era assunto que, dada sua natureza, fugia a sua competência. Além das inúmeras restrições em vigor, algumas das quais objeto de resoluções da ONU, era tema processado pela área política da embaixada. Poderia, no máximo, encaminhar o visitante ao colega responsável pelo assunto. Nisso estava quando se deu conta, pelo silêncio de seus interlocutores, *que havia*

mais. Olhando melhor, reconheceu então o homem sentado a sua frente.

Conhecia-o de fotografias — e de reputação. Chamava-se Marco Ferrari e se valia de sua ascendência italiana para realçar a bonomia pessoal que o ajudava a suavizar uma personalidade rica em arestas. Era banqueiro, mas também representava interesses que o mantinham à testa de um amplo conglomerado comercial. *Last but not least*, fora um dos principais financiadores da Operação Bandeirante, que Max julgara operar apenas em território brasileiro. Não era só de armas, então, que ele desejava falar.

Na conversa que se seguira, o visitante dera várias voltas ao redor de Max, tal o peixe maior que observa o menor antes de dar o bote. Demonstrara curiosidade por sua carreira e formulara perguntas genéricas sobre o país em que se encontravam. A certa altura, tentara saber se não teriam amigos comuns. À falta desses, concentrara-se nos gostos que compartilhavam em campos variados da arte e cultura. Havia também falado de esportes. Só não baixara ao terreno mais pessoal dos respectivos núcleos familiares.

O que teria vindo fazer no Chile?, perguntava-se Max enquanto deixava a conversa fluir. E por que razão entremeava suas frases com tantas pausas, durante as quais o observava em silêncio, como se procurasse avaliar de que estofado era feito?

Havia mesmo mais, Max deduziu por fim. Teria esse *mais* a ver com a Oban? Mas *como*, se a organização jamais atuara no exterior, que se soubesse? Aproveitando que o visitante encomendava seu drinque ao garçom, com instruções específicas sobre a maneira de fazê-lo,

sussurrou uma rápida pergunta ao coronel. “Não, não é nada disso...”, murmurou Newton Cordeiro na mesma velocidade. “A rigor nem sei bem o que quer, ele não me disse. Só sei que vai precisar de uma ajuda sua.”

Uma ajuda... De que gênero?

A um sinal discreto do banqueiro, o coronel se levantara para ir ao banheiro — e essa saída estratégica despertara sua atenção.

— Max, sei que podemos confiar em você — disse Ferrari.

Max fez que sim com a cabeça. O uso do plural o preocupava. O coletivo pesava havia anos sobre os ombros dos defensores da *Revolução*.

— Também sabemos que você está convencido da importância da guerra em que estamos todos metidos. Uma guerra *de vida ou morte*.

Max deu um gole em seu drinque e acenou para o garçom.

— Há aqui no Chile uma população de brasileiros.

Max se deteve, a mão ainda no ar, como o cão de caça que de súbito estaca.

— Brasileiros *exilados*... — continuou o outro em um tom mais baixo.

O coronel brilhava por força de sua ausência. Era evidente que saíra de cena por uma razão.

— Um deles...

Mais do que hesitação, a pausa expunha a agonia. A segurança de que o homem dera provas até ali abria espaços para um terrível mal-estar. Tanto que sua voz, embora raivosa, soava frágil:

— Fui jurado de morte por um deles. *Um terrorista*. Um assassino.

Max não teve alternativa. Vivia uma dessas situações extremas que se assemelham a duelos — e das quais apenas um dos adversários emerge de pé. Encurralou seu interlocutor contra a parede. Da maneira mais econômica e impiedosa possível:

— E...? — indagou.

O banqueiro acendeu o primeiro cigarro da noite. Depois de uma longa tragada, pronunciou sua sentença:

— Ele não pode regressar ao Brasil.

O pior ainda viria:

— Trata-se de questão que, para mim, não tem preço.

Por mais preparado que estivesse, por mais que esperasse o bote, Max se sentiu abatido em pleno voo. Como se tivesse, ele, recebido o disparo destinado ao militante. E se entristeceu. O pior dos homens sempre conserva algumas ilusões sobre si próprio — e eram essas que acabavam de ser alvejadas. O outro seguia em frente tal um tanque, blindado por sua empáfia, protegido por seu dinheiro:

— Pelas informações de que dispomos, ele estaria em mãos da Dina. É quase certo que tenha matado o Boilensen há uns dois anos. O próximo da lista sou eu. Isto é, *se ele voltar ao Brasil*.

E a repetição, como se inescapável fosse:

— Ele não pode voltar.

Em homenagem a suas ilusões, então, em homenagem ao que delas ainda restava naquele bar impessoal de hotel, Max conseguiu reunir forças para controlar sua indignação. Mas não teve como lidar com sua tristeza.

A forma com que trabalhou sua repulsa, contudo, a maneira que encontrou para regressar lentamente ao reino dos homens, muito teve a ver com as armas de que se valera em sua juventude: entrincheirou-se na ironia a um tempo ferina e sutil. Até onde era possível aproximar sentimento e diplomacia, conferindo uma forma a ambos, transformou-se em uma lâmina de samurai.

— O setor consular da embaixada se ocupa de vistos e passaportes — principiou em uma voz pausada. — Além de legalização de documentos.

Aqui contou com calma até vinte. A cada segundo, seu interlocutor empalidecia um pouco mais.

— Toda a parte relacionada com imigração local fica por conta das autoridades chilenas — prosseguiu no mesmo tom. — Cabe a elas decidir se determinado cidadão, em nosso caso, brasileiro, pode ou não permanecer no país além dos prazos previstos em lei.

O banqueiro não pestanejou. Seu rosto não refletia nenhuma expressão em particular. Newton Cordeiro regressou a seu assento esfregando as mãos. O garçom serviu uma nova rodada.

— Muito interessante, tudo isso, como você vê... — disse Ferrari, em um tom subitamente animado, como se viesse embalado em uma conversa que o coronel agora passaria a acompanhar caso pegasse o bonde andando.

E prosseguiu, no mesmo tom:

— Mas reconheço ser assunto complexo. Daí minha consulta. Claro que o que foi dito aqui fica entre nós dois.

O coronel registrou as últimas palavras com satisfação, sem notar o olhar ferido em que vinham embaladas. E aguardou as seguintes, para se

situar no diálogo. Max se limitou a pegar um punhado de amendoins na mesa.

— Claro... — disse por fim.

Haviam tomado o terceiro drinque, quase em silêncio. Ferrari sugeriu então que passassem à mesa. “*Aqui mesmo, no próprio hotel*”, agregou, apontando para o restaurante anexo ao bar, como se estivesse em casa. Não se afastaria nem um milímetro do roteiro previsto: seguiria o protocolo até o fim. Ainda que seus dentes e entranhas trincassem.

Foi a impressão que Max reteve do encontro. Poder e fúria emanavam daquele homem. E ressurgiam sob a forma de impotência. Ferrari aspirava ódio, mas transpirava medo.

Uma vez sentados, contudo, seu anfitrião esfregou as mãos. Era como se tivesse recuperado suas forças. Max recusara-se a lhe prestar um favor? Acharia quem o atendesse, ainda que a preços mais elevados. Quanto ao jovem diplomata, o futuro diria. Não perdia por esperar.

O coronel Cordeiro, que até ali passara a noite virtualmente calado, viu-se então promovido à condição de maestro em uma orquestra reduzida a dois músicos despojados de instrumentos. Não se fez de rogado. E se saiu até muito bem do desafio. Estava, além do mais, feliz consigo mesmo, pois se desincumbira a contento da missão que lhe fora confiada. A ponte entre os dois homens fora erguida, como atestava a harmonia que reinava na mesa. Pôs-se a cargo da conversa amena, que mereceu contribuições alternadas de Max e do banqueiro.

Com os olhos, acompanhava a garrafa de vinho, cuja rolha ia sendo extraída com vagar. *Um excelente jantar, um ótimo vinho... O que de melhor poderia esperar como grande agenciador que fora da noite?*

Max, a quilômetros dali, pensava em Carlos Câmara. Estivesse seu colega lotado no Chile, teria o banqueiro tido a ousadia de submeter *a ele* a missão que tentara lhe confiar?

— Excelente escolha... — disse, depois de provar o vinho, cuja taça girou em sua mão. — Bela cor.

Continuou então a contribuir para a conversa:

— Em outras palavras — comentou —, o que você propõe, se entendi bem, seria uma tutela. Caberia tutelar os militares. Sem que eles se dessem conta. O que poderia ser feito por meio de um trabalho de pinça.

— Exatamente... — reagira o banqueiro a sua frente, que agora desejava apenas abandonar o recinto.

— Uma operação — retomava Max no tom sinuoso e especulativo de quem contempla um tema acadêmico — que, no topo da administração, alimentasse as vaidades dos escalões superiores do poder militar, sem retirar dos setores empresariais a responsabilidade que lhes caberia nas bases da pirâmide.

— Responsabilidade junto aos antigos sindicatos, onde até hoje devem existir armas escondidas... — declamava o banqueiro. — Junto aos vários grêmios estudantis, onde manifestos continuam sendo impressos e distribuídos. Junto aos artistas, que provavelmente voltam a se mobilizar, produzindo as mesmas peças teatrais, só que agora maquiadas.

Peças maquiadas..., pensou Max de repente entristecido. *Por onde andaria Ana...? E o que diria de tal expressão? Trabalharia, ela própria, em peças maquiadas no Rio de Janeiro? O que diria dele, se*

soubesse que um crime lhe fora encomendado? O que diriam seus antigos companheiros de jazz ao saber que dinheiro lhe fora oferecido para providenciar a morte de um homem que, em outras épocas ou circunstâncias, bem poderia ter participado do grupo da Urca?

Da *aventura redentora* que vivera com seu patrício exilado ao pesadelo por que passara com seu banqueiro, Max percorrera, em questão de dias, os dois extremos de uma mesma paleta. Pensava no primeiro como uma digressão de juventude, algo na fronteira do romantismo. E no segundo como um mal-estar que se recusava a desaparecer. Apesar dos pesares, contudo, a vida seguira seu curso e ele pouco a pouco lograra se concentrar em seus projetos mais rotineiros.

Aproximar empresários dos dois países acabaria se revelando, para Max, uma tarefa fácil e até agradável. Do lado brasileiro, o desafio já vinha pronto e embalado por cortesia das grandes confederações de indústria e associações comerciais. Possuía várias vertentes, todas ancoradas em antecedentes que, agora, caberia apenas reforçar. Tratava-se, em suma, de trabalhar avenidas conhecidas de modo a explorar novos caminhos que viessem a se abrir.

Do lado chileno, o mesmo se dava — ainda que a economia local estivesse fragilizada. Mas Max contava com alguns laços sólidos no país, derivados dos contatos por ele mantidos com determinados grupos da

alta burguesia local ao longo dos doze meses que haviam antecedido à queda de Allende.

Eram eles poderosos e secretos, pois com esses grupos ele discutira, em suas sucessivas visitas ao Chile, a pauta de alternativas elaborada pela CIA em Montevideu e posta em prática dez anos antes no Brasil, por força da qual o governo brasileiro de então fora sistematicamente sabotado e desestabilizado.

Seguindo o modelo brasileiro e, mais adiante, o uruguaio, o empresariado chileno operara de modo a um tempo leve e pesado. No primeiro caso, financiando greves que paralisassem os setores produtivos até estrangulá-los por completo, trazendo pânico à classe média e imobilizando o movimento operário e camponês.

Em decorrência da atuação desse grupos, financiados por banqueiros que em muitos casos recebiam verbas repassadas pela CIA, quase todos os setores cruciais da economia chilena haviam cruzado os braços, como se dera de forma mais espetacular com os *camioneros*. Privados de transporte, todo tipo de gêneros de primeira necessidade não circulariam, a não ser muito raramente.

No segundo caso — e esse deixaria inúmeras vítimas inocentes por seu caminho —, organizando, com a cumplicidade de representantes do exército, atentados contra gasodutos, torres elétricas ou linhas férreas, que seriam então perpetrados por grupos paramilitares e atribuídos (uma vez mais, como no Brasil e no Uruguai) aos grupos de extrema esquerda.

Naquela fase, Max também participara dos entendimentos que tinham por objetivo manipular os meios de comunicação através de

matérias pagas em jornais e demais veículos audiovisuais, com vistas a colocar centenas de mães de família nas ruas batendo suas panelas em busca de gêneros alimentícios inexistentes. Os *panelazos*, como ficariam conhecidos no Chile, poderiam — novamente a exemplo do que se dera no Brasil dez anos antes — se alternar com grandes marchas religiosas, “*cujas imagens*”, nas palavras da CIA “*fotografam muito bem na imprensa internacional, dada a imponência dos crucifixos*”. As cinco semanas que Fidel Castro passara no Chile em dezembro de 1971 tinham sido particularmente úteis *a título de espantalho* nesse gênero de campanha, “*um presente dos deuses, nas palavras da CIA*”.

Eram esses os trunfos com que contava Max para seu trabalho mais ostensivo nessa nova fase que se anunciava. Considerando que os valores conservadores se encontravam firmemente entrincheirados no poder e que a elite chilena já respirava aliviada com os primeiros resultados de sua bem-sucedida campanha, restava ao diplomata colher os frutos dos contatos feitos meses antes — deslocando-os, dessa feita, para o entrosamento com os exportadores e investidores brasileiros, que voltavam a migrar na direção do Chile.

Foi a época em que Max brilhou no circuito social chileno. E não lhe faltaram recursos para esse fim. Montava feiras dos produtos mais variados, pagava passagens para que jornalistas e investidores chilenos visitassem nossas capitais estaduais, organizava recepções suntuosas em hotéis de luxo.

Nos meses que se seguiram ao golpe, vários empresários locais e suas esposas descobriram uma vocação irresistível para festas, projetando um alívio que bem ilustrava a ansiedade por que haviam passado. Assim

mesmo, ouviam mais do que falavam e bebiam mais do que ouviam. Estavam, no fundo, traumatizados. E se refaziam dos sustos acumulados.

Max se daria conta de como eram lúgubres essas pessoas? De como eram desprovidas de brilho, para não mencionar qualidades até mundanas, como jogo de cintura, malícia ou sentido de humor? Em algum momento se arrependera de haver ajudado, marginalmente que fosse, a liquidar com o que de melhor houvera no país — os intelectuais, os artistas, os professores, os estudantes, os liberais?

Ou estaria tão deslumbrado com seu esplendor que se tornara imune a dúvidas desse gênero, satisfeito por brilhar em um palco agora deserto?

Max debruçara-se com tal determinação sobre os projetos que viabilizariam sua reinserção na carreira que se descuidara do contraponto pessoal representado por seu pequeno núcleo familiar.

Nos meses após sua chegada a Santiago, viajara por duas vezes ao Rio de Janeiro para estar com Marina e acompanhar a recuperação de Pedro Henrique. Em ambas, os reencontros tinham se passado como se visitasse parentes distantes. Dedicara suas noites a ouvir jazz com velhos amigos, com quem fora a shows, programas de que sua mulher participara em apenas uma ocasião. A mãe de Marina falecera recentemente e esse fato tampouco ajudara. Contribuíra, ao contrário, para cercar o casarão de Santa Teresa de tristezas — acrescidas por incertezas de todo tipo aos olhos da filha.

Na realidade, longe de aproximá-los, essas visitas haviam afastado o casal ainda mais. Pedro Henrique tratara o pai com curiosidade e não ternura, dando claros sinais de que se interessava mais por sua nova barba do que por sua pessoa. Assim, o que se passaria com Marina, em seu retorno a Santiago, já pairava no ar. Max nada mais fez, nessa época,

do que reforçar, aos olhos da mulher, a sensação de indiferença com que a via — perdido que estava em seus próprios labirintos e transições.

No fundo, portou-se como o cego que sempre fora com relação à esposa. Esta não se queixou. Havia muito desistira de insistir. Só não sabia exatamente que rumo tomar. Via-se reduzida às dimensões de uma mulher de outras eras, que haviam precedido até mesmo a de sua mãe. Quem a observasse de perto, e desejasse — por exemplo — lhe oferecer um presente, optaria por uma manta. Era como se Marina tivesse envelhecido precocemente e, nesse processo, se fragilizado.

Ignorar a esposa em Montevideu representara um erro. Um erro que não tivera grandes sequelas. Insistir nessa atitude, contudo, traria consequências mais graves. Porque um dia Marina regressaria ao Chile. Mais cansada, mais combalida. E a vida retomaria seu curso, agora a duras penas.

Com efeito, dois meses depois de ter deixado Santiago, Marina retornou do Rio de Janeiro, abraçada a um Pedro Henrique que aprendera a falar português, mas se recusava a dizer *papai* — problema que em momento algum afetou Max.

A indiferença deste último com respeito ao filho nada tinha a ver com desamor. Todas as energias de que dispunha estavam voltadas para seus projetos. E nenhum deles, naquela fase, incluía o menino. Imaginava que seriam bons companheiros quando o guri (como dizia, buscando na terminologia a intimidade que a vida real não lhe proporcionava) aprendesse a ler. Conversariam, então, sobre Monteiro Lobato e Júlio Verne.

No trajeto do aeroporto, o casal havia conversado sobre o clima que prevalecia na cidade. A atmosfera política, segundo Max, lembrava um pouco o Brasil depois de 68, “só que com uma quantidade maior de botas”. Apontara para os uniformes cinza dos militares, bem como para os trajes verdes dos *carabineros*, cores vistas em todas as ruas, avenidas e praças da cidade, chamando também sua atenção para os recados que essas presenças explícitas davam às mais variadas classes sociais, fossem elas simpatizantes ou opositoras do regime: aqueles homens, com suas fardas, armas e ideias haviam chegado para ficar.

O tom frio e distante com que enunciara essas palavras deixara Marina deprimida. Surpreendeu-se, no entanto, e agradavelmente, ao dar com a casa que Max alugara em um bairro residencial, cujo nome lhe pareceu apropriado a suas circunstâncias: *Providencia*. Quando o carro estacionou em frente ao jardim, reanimou-se. Acordou Pedro Henrique, que durante todo o trajeto dormira aninhado em seus braços.

O menino, ainda aturdido com a viagem de avião, a que se seguira um interminável processo de desembaraço alfandegário e um sinuoso percurso de carro, olhava a ampla residência esfregando os olhos, dando sinais claros de que nada entendia do que se passava a sua volta. Marina, por sua vez, observava as paredes da casa vizinha, que recebiam retoques de dois pintores, graças aos quais — como explicou Max — os vestígios de balas até então existentes “desapareceriam por fim”.

— Ao contrário — agregou ele retirando as malas do carro — do que ocorreu com o cadáver a que se destinavam os tiros.

E como ela o olhasse sem entender:

— Não ficou estirado na calçada nem cinco minutos, o tempo da mulher e da filha abraçarem o morto...

Para então completar diante do silêncio da esposa:

— Em menos de vinte e quatro horas, as coitadas fizeram as malas e sumiram do bairro. Pelo que soube depois, a casa foi desapropriada. Pertencia a um alto funcionário do governo Allende.

De mãos dadas com Pedro Henrique, Marina reuniu então, com enorme dificuldade, as forças de que necessitava para subir os degraus que a levariam até a porta de entrada de seu novo lar.

Logo, porém, algum tipo de rotina se instalaria entre eles três, que incluiria a busca de um jardim de infância para o herdeiro, tarefa agora facilitada pelo empenho demonstrado pelas esposas dos colegas. Móveis foram comprados, pois os de Montevideú, que haviam acabado de chegar, não seriam suficientes para o tamanho da casa.

A violência associada a diversas formas de repressão ainda se faria sentir no país por muitos anos, com arbitrariedades de todo gênero sendo perpetradas pelos militares. A essas corresponderiam atentados contra o governo. Mas a atmosfera de batalha campal dos primeiros dias já começara a se dissipar na época do regresso de Marina e Pedro Henrique. E a cidade, se não voltara ao normal, ajustava-se aos novos tempos.

O Estádio Nacional continuava cheio de presos. Sabia-se que cativeiros menos ostensivos eram mantidos pelos militares em seus quartéis. Os nomes das bases Tacna e Arenal, entre muitos outros, eram sussurrados pelas esquinas da cidade. Os próprios membros da Dina se referiam ao centro de repressão José Domingos Cañas como “uma casa

de tortura que funcionava como um relógio”. Policiais eram vistos em seu pátio em mangas de camisa, jogando baralho entre um interrogatório e outro.

Em compensação, os cinemas, teatros e restaurantes reabriam aos poucos. E, para espanto dos que sofriam ou eram perseguidos, iam encontrando sua clientela. Algo na atmosfera reinante naqueles ambientes seguramente mudara, supunha Marina. Algo de quase palpável, que talvez passasse pelas conversas. Essas já não transitavam pelo meio-termo mais corriqueiro da normalidade, que confere aos bares e cafés de uma cidade sua graça: ora se davam em voz baixa, sugerindo algum grau de intimidação, ora soavam excessivamente gritantes, evocando triunfalismos de origem variada. No entanto, para quem operava esses estabelecimentos, e se limitava a buscar o lucro necessário ao bom encerramento das contas no fim do mês, era possível que um semblante de rotina pairasse no ar.

Marina, porém, sempre veria o país a sua volta de forma distinta e pessoal:

— O pior que ocorreu no Chile — disse-me ela muitos anos depois — viria bem mais adiante. Com a normalização do terror. E com o que as pessoas deixaram de ver. Algumas por ignorância. Outras por opção.

Ao ouvi-la, recordei-me de um artigo que havia lido recentemente, sobre certas fotografias nas quais tudo parece normal por omitirem o horror que se passa ao lado. Como as cenas de Paris sob a ocupação alemã, onde o que interessa não é tanto o que se vê na imagem — e sim *o que não se vê*. Assim, os casais que tomam seus cafés nos bares da *rive gauche*, ou que passeiam de mãos dadas no Bois de Boulogne, em si

mesmos, nada têm de notáveis. A não ser pelo fato de que, a poucos metros dali, naquela hora exata, centenas de judeus — homens, mulheres e crianças — são colocados em vagões de trens e mandados para as câmeras de gás dos campos de concentração.

PARTE V

40

Essa minha conversa com Marina ocorreria em 2004, três décadas após seus tempos em Santiago, portanto. E se deu em um passeio ao redor da Lagoa, no Rio de Janeiro. Na ocasião, tínhamos ambos consciência de que ela se expressara como estrangeira. Ou seja, como uma observadora que tivera uma vida privilegiada no Chile, sem sofrer os constrangimentos que haviam incidido sobre uma parcela considerável da população.

Uma observadora, contudo, que se achava assim mesmo no direito de lidar com o assunto pelo ângulo do contágio. Como se a violência dirigida contra terceiros fosse um bacilo que a tivesse contaminado.

Foi movida por essas emoções que ela insistiu:

— O pior veio com a lenta consolidação desse triste processo...

Apelou para a memória, em busca da formulação exata:

— No Chile, o nível da violência desencadeada pela extrema direita tomou a todos de surpresa. A brutalidade não abriu espaços para dúvidas. Os militares chilenos jamais hesitaram. E, onde não puderam atuar, deixaram que forças paramilitares operassem. E estas trabalharam sem restrições. Sem ônus para o governo...

Concluía então com o sorriso repleto de melancolia que lhe era próprio:

— Um mistério tudo isso, considerando os antecedentes dos dois países onde morei. Não estávamos em uma Argentina, onde os golpes eram habituais. Ou mesmo no Brasil, onde havíamos suportado formas variadas de autoritarismo. Tratava-se de uma nação que, como o Uruguai, era considerada “a Suíça da América do Sul”. E eu, por uma coincidência tão patética quanto trágica, acabei vivendo nessas duas Suíças, vendo ambas mergulharem no mesmo abismo com três meses de intervalo.

Fazia sol no Rio, um sol de inverno que ia e vinha por entre as nuvens, ideal para uma caminhada amena e descompromissada como a nossa. A distância, o Cristo se mantinha encoberto. A vegetação cerrada a sua volta, no entanto, já brilhava na luz das primeiras horas da manhã. A cidade se oferecia à contemplação, como certas ruínas antigas se deixam admirar, despojada de vaidades e confiante em sua beleza.

— Só que, no Chile — continuou Marina —, a atmosfera era prussiana... Uma arrogância autoritária se fazia sentir no ar nas ocasiões mais simples. Para não falar das formais, sempre pesadas e solenes, mesmo quando celebravam algo de supostamente leve, a data nacional de um país amigo, a inauguração de alguma exposição de arte, uma mostra de filmes musicais... Era como... Era como se uma nuvem acinzentada tivesse baixado sobre o país em bases permanentes. Os chilenos já tendem a ser lúgubres e deprimidos por natureza. Imagine embrulhá-los em um manto adicional de melancolia, que afetava a todos, até quem apoiava o governo. E que pairava sobre toda a

sociedade, dividindo famílias e amigos, nivelando o país por baixo de mil maneiras. Nem a prosperidade que aos poucos viria, porque ela sempre vem para certa classe social nesses cenários, compensaria esse tipo de perda, que acabou emudecendo toda uma geração.

Sua fala ganhara um tom ligeiramente solene. Deixara de ser a amiga que caminhava de *jeans* a meu lado — e eu logo vi por que: reunia suas forças, como um atleta que entra em sua reta final.

— Eu mesma, apesar da vida amena e confortável que levava, só não enlouqueci de vez porque topei com o Paolo. O fotógrafo italiano de que te falei. E aí, sim, enlouqueci de vez.

Seu olhar evitara o meu. Minha companheira estava às voltas com uma sensação juvenil de pudor.

— Na festa em que nos conhecemos, na casa de um colega francês de Marcílio, engrenamos uma conversa. A certa altura, a propósito de nada, ele me disse: “Se há um país onde eu não quero criar nenhum tipo de raiz é o Chile...” E aí acrescentou: “Paradoxalmente, também é um país do qual não consigo arredar pé há quase quatro meses.” E aí me lançou sua isca, disfarçada em desafio: “Mantenho-me vivo graças a essa contradição.”

A quantas mulheres carentes ele não teria dito as mesmas sandices, pensei por meu lado.

— Era um comentário bobo... — Marina prosseguiu, agora plenamente disposta a investigar esse nicho de seu passado. — Mas que, pelo seu lado avesso, tinha a ver comigo: porque, ao contrário do que ocorria com Paolo, meu paradoxo vinha me matando aos poucos. Três festas depois voltamos a nos encontrar. Dessa vez, estava preparada:

tinha tomado duas taças de vinho ao vê-lo entrar na sala. Com isso, criei coragem para tocar no assunto de meu ponto de vista. Mencionei seu paradoxo. Na hora, ele nem pareceu se lembrar. *Falei então do meu.* Aí ele lembrou e me pegou pelo braço. Subimos um lance de escadas e chegamos ao terraço do apartamento. Marcílio tinha ficado sentado no andar de baixo, com um grupo de amigos. No terraço, Paolo deu um sorriso maroto, tirou do bolso de sua jaqueta de couro uma latinha que pousou sobre o parapeito, molhou o indicador na boca e levantou o dedo sobre a cabeça para ver se ventava. E aí produziu suas frases: “Se você quiser, podemos unir nossos paradoxos. É mais divertido do que descobrir afinidades...”

Nesse ponto, ela se calou. Para logo retomar:

— A partir daí mergulhei de cabeça. Por quase um ano. O tempo que durou minha história com ele. E com a cocaína.

Passou a mão pelos cabelos, como se precisassem ser arrumados. Hoje, afinal, era uma senhora. Tinha netos...

— Enquanto isso, Marcílio se ocupava de sua guerra particular. Ele estava sempre em guerra. Ostensiva ou secreta. Contra o Carlos Câmara, contra seu ex-chefe de Montevideú, contra todo mundo... Contra ele próprio, no fundo... E não era para tanto. Porque, na época, ele já conseguira tudo que desejava! Montara seu escritório, contratara sua equipe, comprara seus carros e obtivera do Itamaraty uma verba de representação que equivalia à de nosso escritório em Nova York. Nossa casa, então, vivia cheia. De empresários chilenos, brasileiros, e até de jornalistas... E Paolo estava sempre lá, na ala dos jornalistas e fotógrafos. Porque ele acabou fazendo amigos nesse meio, desconfio que pelo pó

mais do que pelo talento. Marcílio achava muita graça nele... Tratava-o como se fosse uma raridade, algo entre um objeto de arte e um cachorro de raça. Nossos salões viviam cheios, um triunfo em meio às ruínas da devastação chilena... Foi o início da fase de grande prestígio social de Marcílio na carreira, que a partir dali ele desenvolveria como poucos... Porque em Montevideu nós praticamente não recebíamos em casa, a não ser os amigos mais íntimos, e assim mesmo raramente. Acho que isso tinha a ver com o trabalho de Marcílio, na área de cooperação técnica... Nunca soube direito o que ele fazia por lá, mas...

Fez aqui uma ligeira pausa e me lançou um olhar de lado, como se me sondasse — mas logo continuou:

— ...vida social é que não tínhamos. Em compensação no Chile... Na embaixada ninguém conseguia acreditar. O Newton Cordeiro, cada vez mais bem-entrosado em certas esferas, devolvera com juro os favores que Marcílio lhe prestara. E, apesar de sua condição de estrangeiro, abria as portas de Santiago para ele. Porque o dinheiro abre portas. O dinheiro vinha dos empresários paulistas, alguns dos quais ficaram amigos nossos naquela época. Hoje em dia, volta e meia vejo o nome de um deles sendo citado como responsável pelo financiamento da tortura no Brasil. Seja como for, graças ao dinheiro deles, e ao meio de campo feito pelo Newton Cordeiro, que era craque nessas coisas, Marcílio teve acesso à alta classe empresarial. Viviam lá em casa, almoçando ou jantando com brasileiros de passagem, com quem depois ficavam trancados em papos intermináveis, fumando charutos cubanos. O embaixador não entendia nada e se roía de inveja. Fora a cúpula militar, ele se dava apenas com uma quantidade interminável de padres, a cujas

missas assistia com a esposa e a filharada, e com umas quantas famílias tradicionais chilenas de morrer de tédio. Marcílio brincava que, quando convidadas para jantar na residência, elas já chegavam embaladas em suas próprias teias de aranha! O danado tinha muito sentido de humor... Mas uma coisa é certa: o embaixador não se conformava com o prestígio dele.

Aqui, ela se permitiu uma risada.

— Dizem que o homem vivia bufando pelos corredores: “Quero só ver as estatísticas de nosso comércio no ano que vem... Quero só ver as estatísticas de nosso comércio no ano que vem...” E nessas horas, pelo que soube, não faltava quem respondesse: “No ano que vem, embaixador, nosso conselheiro já vai estar longe...” Em seu escritório, Marcílio mantinha uma sala à disposição do Newton. Você soube que, alguns anos depois, ele foi assassinado em Beirute, ou em Damasco, vendendo armas? Pois é... Veja só... Ele tinha mesmo vocação de traficante! Em Santiago, duas vezes por mês, lá chegava ele! E sempre com seus empresários a tiracolo. Trazia presentes cada vez mais caros para Pedro Henrique, que nem por isso gostava do “tio Newton”, como ele fazia questão de ser chamado pelo pobre menino... *Tio Newton, pode?* Pedro Henrique detestava o coronel...

— Sábia criança... — ainda consegui murmurar, já meio zozó com tamanho falatório.

— O embaixador tinha atribuído essa designação do Marcílio para chefiar a parte comercial (a que chamava de *uma grande molecagem*) ao colega dele na Presidência, nosso antigo chefe em Montevideu. O Carlos Câmara deve ter sido o único a perceber que a novidade tinha tido outra

origem. A partir de então, ele deve ter ficado aguardando o tiro que, como dizia Marcílio quando falava nele em um tom gélido, “o abateria por sua vez”. E a verdade é que, alguns anos depois, ele foi aposentado. Quando os militares caíram. Por causa daqueles artigos que surgiram na imprensa contra ele, escritos sabe-se lá por quem. O Carlos ainda teria tido uns quinze anos de carreira pela frente... Dançou feio.

41

Hoje, quando me recordo desse diálogo em nossa caminhada pela Lagoa, e penso no acidente aéreo que vitimaria minha amiga na Europa nesse mesmo ano de 2004, fico sempre impressionado com seu sabor de despedida. Talvez pelo traço de melancolia que se fez sentir entre as palavras, mesmo nos momentos mais leves de nossa conversa.

Na manhã de junho a que me refiro, Marina já não vivia com Nilo Montenegro havia tempo. Em compensação, atravessava uma ótima fase. Perdera peso e nem de longe aparentava a idade que tinha. Renovara suas energias ao conseguir, havia já algum tempo, se reaproximar em bases permanentes dos filhos, cuja custódia perdera para Max na sequência do divórcio assinado ao regressar de Washington. Na época da separação, Pedro Henrique tinha onze anos e Maria Isabel uns sete.

Max ganhara a custódia das crianças nos tribunais após uma penosa batalha judicial, a que as colunas sociais dos jornais haviam se referido com a insistência que costumam associar a sobrenomes mais conhecidos. Com base nesses detalhes, e em outros inventados, Max envenenara os filhos contra a mãe por anos a fio, o que dificultara o

contato entre eles. Os poucos dias que passavam juntos por ano, além do mais, contrastavam com o estilo regrado que o pai tinha condições de proporcionar aos meninos no exterior, para não mencionar o padrão de vida a que estavam habituados como filhos de diplomata. Este diferia da situação de Marina, que descera alguns degraus em nossa escala social após o falecimento do pai — ocorrido na esteira da falência de seu banco.

Só depois de adultos (e eles próprios casados), é que voltariam a se entrosar melhor com a mãe. E assim mesmo em um processo marcado por uma série de idas e vindas. A razão era simples e bem depunha sobre a correção do caráter de Marina: ela jamais revelara às crianças o que a levava a se separar. E muito menos o tipo de homem que tinham por pai.

— Você compreende, era um tema sobre o qual eu não podia falar... — ela comentou em nosso passeio. — Se eles tiverem de saber um dia quem seu pai realmente é, ou foi em certa fase, que descubram por si próprios. Nunca por mim. Daí que, entre mim e Marcílio, a disputa pelo afeto das crianças foi sempre tão desigual. Para elas, eu não passava de uma mãe que abandonara o lar, depois de viver com elas e o pai em três cidades remotas, abrindo mão desses cenários para desfazer nossa família.

Aqui ela parou de caminhar e se pôs a olhar para as águas da Lagoa.

— Por muitos anos meus filhos associaram o Brasil, onde pela primeira vez puseram os pés de maneira mais permanente em 1981, a uma casa que já não seria *nossa*. E sim de um trio que se alternaria, tendo a mim, ou ao pai, à frente. Mais adiante, as crianças também

acabariam sabendo de meu envolvimento com drogas, outra gentileza de Marcílio, ainda que àquela altura eu já tivesse parado de vez e o assunto estivesse morto e enterrado, velho de uns dez anos... Ele não precisava ter feito isso...

Encerrada a pausa, retomamos nosso passeio.

— Enquanto pude, segui o conselho de meu pai. E me concentrei em meus filhos. Até que houve um momento, em Washington, em que não suportei mais. A gota d'água se deu quando Max teve o desprate de convidar um cara da CIA para almoçar conosco, achando que eu não perceberia. O sujeito nem precisava de carimbo na testa. Bastava o olhar. O olhar e o cabelo escovinha. Aí eu saí de casa. Fiz uma mala, peguei as crianças na escola e fui direto para um hotel. E daí para o Brasil. A verdade é que eu já havia saído de casa em certo sentido fazia tempo. Desde Montevideu. Desde Nilo... Paolo não passou de uma explosão. Exacerbada, ainda por cima, pela descoberta da droga. A ruptura, interna, aquela que sangra sem ninguém perceber, se deu com Nilo. Em nosso encontro de Montevideu. Eu nunca me recuperei do que ocorreu naquela esquina.

Fora no Uruguai, no início dos anos 70, que o casamento sofrera seu primeiro abalo. Quando ela desconfiara das possíveis duplicidades de Max.

— Hoje já nem sei se aguentei tanto tempo pelas crianças, por meu velho pai, por sentir que alguma culpa tinha no cartório, por esperança, temor ou insegurança. Às vezes eu me sentia como aquelas personagens de filmes de gângster dos anos 40, os tais *films noirs* sobre os quais vocês dois viviam discursando, uma espécie de Barbara Stanwyck ou Ida

Lupino do Itamaraty. Marcílio nunca chegou a tocar fisicamente em mim, não fazia seu gênero. Mas me atingiu de maneiras piores. E eu acabei entrando na pele da vítima pelo álcool. Em Montevideu, bebia cada vez mais. Isso tudo, mais adiante, explicaria Paolo. *Típica crônica de um caso anunciado...*

— Nosso grande fotógrafo! — proclamei com uma ponta de ciúme cuja origem preferi não investigar.

— Você acha graça, mas o Paolo era bem interessante. E viveu uma história muito louca naquela época, antes de me conhecer. Ele chegou ao Chile de ônibus, vindo da Bolívia, onde tinha feito uma série de fotos para o *National Geographic*. Nas mochilas trazia um quilo de pó. Um quilo! Não sei o que tinha na cabeça. Ele me disse que o pó vinha dos índios, de quem ficara amigo depois de morar na tribo deles por semanas a fio. Pode até ser... O fato é que chegou ao Chile uma semana antes do golpe. Ou seja, dois ou três dias antes de nós. Turista, italiano, jornalista, ninguém se deu ao trabalho de remexer as mochilas dele, que traziam mais roupa suja do que limpa, e algumas peças de artesanato onde escondera sua droga. Dias depois, o caos mais absoluto baixou em Santiago: bombardeios, tanques, tiroteios, cadáveres nas ruas... O que fazer do pó? Era esconder ou jogar pela privada abaixo. Ele resolveu esconder. Afastou umas telhas próximas à pequena varanda de seu quarto, impermeabilizou o pacote e enfiou o tesouro no telhado de sua pensão. Aí se mandou para as ruas com sua máquina fotográfica. Allende morto, Pinochet e sua triste gangue no poder, e Paolo com sua montanha de pó escondida no telhado de sua pensão. Fora o que havia cheirado antes de sair pra rua.

Aqui, ela me lançou um olhar para verificar se eu acompanhava bem a cena. E foi adiante:

— Marcílio e eu estávamos ilhados em nosso hotel. Pedro Henrique tremia de febre. No dia seguinte ao golpe, embarcamos os dois às pressas para o Brasil. Não sei se é fantasia minha ou não, mas acho que ainda saía fumaça do La Moneda.

Haviam sido dias excepcionais. A chegada, o desamparo, o ostracismo, o filho doente, os tanques nas ruas...

— Paolo me contou depois que conseguiu chegar ao palácio em chamas com muita dificuldade. Deve ter passado bem debaixo das janelas de nosso hotel... E aí viu que tinha se esquecido de colocar filme na máquina! De tão louco que estava... Ele, um fotógrafo profissional! Caminhões com cadáveres passavam por ele, gente de carro agitava lenços cantando ou esbravejando, alto-falantes anunciavam o toque de recolher... Tiros ecoavam nas ruas, centenas de disparos, manifestantes eram perseguidos, encurralados e assassinados a alguns metros dele. E ele sem filme na máquina... Começou a fotografar mesmo sem filme, de tão pirado que estava. Aí foi preso por uma patrulha. Arrancaram a máquina das mãos dele, que quebraram a coronhadas de fuzil, revistaram suas roupas, puseram ele nu de cócoras por uma hora em uma delegacia. Mas acabaram soltando a figura, de tanto que gritava... Louco e italiano ainda por cima, era mesmo demais para um primeiro dia de guerra civil!

Assim é que duas pessoas que ainda iriam viver toda uma história juntas enfrentariam, naquelas dramáticas horas, realidades a um tempo diferentes e iguais. O italiano, correndo pelas ruas da cidade, às voltas,

não com o horror, mas com a impossibilidade de registrá-lo. Marina, a poucos metros dele em seu quarto de hotel, aflita, não com o que se passava do outro lado de suas janelas, mas com o drama do filho doente que trazia nos braços.

— Quando entrei de cabeça em minha história com Paolo, eu às vezes até torcia para que Marcílio adivinhasse a vida secreta que eu levava. Para substituir a existência imposta por ele.

Fiz um esforço para não deixá-la muito só em meio a suas lembranças:

— Eu estava em Los Angeles nessa época. Meu primeiro posto. Quando os rumores sobre tuas histórias com pó chegaram até a mim, fiquei preocupado. Sabia que as coisas entre você e Max não andavam bem. E achei que você ia entrar nessa de cabeça.

— Entrei mesmo... — ela comentou, rindo. — E passei a gostar de experimentar com outras coisas. Tomei ácido, mescalina, comi cogumelos andinos... E Marcílio não se dava conta. Vivia muito ocupado. Graças ao Cordeiro, tinha chutado o embaixador para escanteio. E agora era o todo-poderoso chefe do setor comercial. Desde que pudesse telefonar à última hora e me pedir para improvisar um jantar formal para doze pessoas, e depois encontrar tudo arrumado, flores ao centro da mesa e garçons a postos, o resto não interessava.

Alisou os cabelos, que a brisa havia embaraçado.

— Quando é que você soube do Paolo? — perguntou então, já mais tranquila. — Quando te falei dele em meu apartamento no Jardim Botânico? Depois da morte de papai?

— Não... — respondi no mesmo tom casual. — Foi bem antes, ainda em Brasília, pelos corredores do Ministério. Mais ou menos na época em que o lance rolou entre vocês. Soube pelas mulheres dos colegas... Só não entendi como é que Max não...

— *Desconfiou?* — ela interrompeu. — Se Marcílio não prestava atenção a mim!

Logo, porém, ela se voltou para o tema que agora se inscrevera em nossa agenda de modo insidioso:

— As mulheres dos colegas... — ela suspirou. — Pobres mulheres, com raras exceções... Um livro deveria ser escrito sobre elas um dia. Um *coffee-table book*, patrocinado por Yves Saint Laurent, Gucci, Valentino, Paco Rabanne, Givenchy, Chanel... Apertadas em suas saias de couro ou camurça... Equilibradas sobre os saltos de seus sapatos... Ostentando bolsas, echarpes e cintos quase idênticos. Como se contorciam, de olho umas nas outras...

Fez uma pausa, como se desejasse trazer à tona, com a maior fidelidade possível, cenas de que tivesse participado:

— E pensar que eu fui uma delas... — disse por fim. — Nada fácil, ser esposa de diplomata. Pelo menos naqueles tempos. Hoje em dia, não... Quase todas trabalham, estudam. Ou até ingressam na carreira. Onde muitas se dão até melhor que os maridos. Mas em minha época...

O desabafo não pararia aí:

— O terrível é que dependiam, não dos maridos, o que foi natural em nossa geração, mas do êxito dos maridos. Quanto mais bem-sucedidos eram, mais cheias de si elas ficavam. O inverso também ocorria. As esposas dos fracassados, dos não promovidos, dos tímidos e

desajeitados, tendiam a definhar, como flores murchas. Essas ocupavam então lugares mais discretos nas salas e nos sofás, eram as últimas a se servir nos bufê. Em compensação, eram as primeiras a ter seus amantes, como se desejassem punir os pobres dos maridos por uma humilhação...

— ...de que se haviam tornado alvo por culpa deles — completei, para não deixá-la sozinha às voltas com um difícil final de frase.

— É... — ela concordou com uma voz fraca. — Uma total falta de clareza. O sistema é que era perverso, todo baseado em uma incrível inversão de valores.

O depoimento acentuara sua tristeza.

— Mas, no caso das *poderosas*, tudo se passava com muita classe, por meio de palavras mal sussurradas, de narizes empinados, de gestos solenes, de olhares cheios de ironia e indiferença. Como se o mérito dos maridos também as envolvesse. E elas então só precisassem administrar essa grandeza. Com a ilusão de que igualmente brilhavam. Quando eram só suas joias, seus olhos e, em alguns poucos casos, *seus dentes* que brilhavam.

Tanta ironia só poderia disfarçar antigos rancores.

— Elas só se davam conta do que realmente valiam quando os maridos eram destronados. Aí sumiam por dois ou três meses, faziam uma dieta ou uma plástica e voltavam a entrar em cena com toda discrição. Exatamente como atores que passam a aceitar papéis secundários quando perdem a memória ou envelhecem.

Por meu ar desanimado, ela poderá ter notado que exagerara. E me cansara. Tanto que moderou o discurso:

— Havia exceções, é claro, mulheres dotadas de luz e vida próprias, professoras universitárias, artistas plásticas, escritoras. Mas eram uma minoria, vista pelas demais com grande desconfiança.

— Como ameaças, quem sabe.

— Talvez... Não sei.

— E o Nilo? — perguntei, tentando uma vez mais evitar que continuássemos a trafegar na contramão da luz, naquela bela manhã que os deuses nos haviam proporcionado até ali. — Quando é que vocês se reencontraram?

Tínhamos parado para tomar uma água de coco. Marina não me respondeu de imediato.

— Depois de nossa cena desastrosa em Montevideú? — ela indagou por fim. — Só fui rever Nilo em 1981, quando voltei para o Rio, já decidida a me separar de Marcílio. Encontrei com ele por acaso em um restaurante no Leblon. Sempre fui míope e estava com os óculos metidos em minha bolsa. Demorei a reconhecer o homem que se aproximava do meu grupo. Até que ele me abraçou. O melhor e mais carinhoso abraço que recebi em minha vida! Pelo menos foi o que senti na hora... Emendou naquele abraço dado dez anos antes. Como se nada de ruim tivesse ocorrido entre nós dois. Mas, dessa vez, não deixei que ele desaparecesse na esquina. Dali mesmo, do restaurante, saímos abraçados. Meus amigos entenderam. Alguns até bateram palmas. Com toda essa festa saímos dali e fomos direto para a cama dele. Ele tinha uma cama enorme.

Aqui rimos muito. O Cristo Redentor emergiu do alto das nuvens por alguns segundos, abençoou a longa noite de amor dos dois e voltou

a se recolher.

— De madrugada, ele me pediu desculpas por aquela tarde em Montevideu. Explicou que, poucos dias antes, seu melhor amigo tinha sido sequestrado na porta de casa. E levado de volta ao Brasil em um jatinho da FAB.

— Em um jatinho... da FAB?

— É. Ele estava convencido de que nossa embaixada tinha participado da operação. Os adidos com certeza, ou um deles. E é provável que o embaixador também estivesse a par. Aquele homem era sinistro... Enfim...

Por um momento, pareceu perder o fio de suas ideias. Deixei-a achá-lo sozinha.

— Parece que vieram oficiais do Rio para ajudar a polícia uruguaia no sequestro. Na época, o Uruguai ainda era um país democrático. No papel, pelo menos. O golpe deles só ocorreu mais adiante. Em junho de 73, eu me lembro bem. Mas os militares dos dois países vinham colaborando havia anos. E as forças policiais também. Por causa dos exilados brasileiros que viviam por lá. Daí o horror do Nilo quando me viu associada a essa gente. Hoje, fala-se muito da “Operação Condor”, mas na época esses países já cooperavam entre si, ainda que de maneira informal. A Operação Condor só radicalizaria o processo. E os argentinos ainda foram inventar essa coisa doida de atirar presos no mar... Uma gente muito doente.

Sorriu com uma ironia amarga:

— Tem saído muita matéria sobre esse tema nos jornais ultimamente. No fundo, com o tempo, a gente acaba sabendo de tudo. Ou quase

tudo. Não em detalhes. Mas nas grandes linhas.

— E o amigo do Nilo? — indaguei.

— Henrique ou Antônio... O sobrenome também não lembro agora.

Deixamos nossos cocos vazios de lado e voltamos a caminhar. Era domingo, algumas bicicletas passavam por nós.

— Em Montevideu, Marcílio me mantinha presa a sua teia — ela comentou então. — Uma teia macia e confortável... Sempre que um dos fios se rompia, ele se reaproximava de mim. O suficiente para me dar uma dose de esperança. E, quando isso não bastava, a gente transava. Nessas horas, eu ficava com a sensação de que ele pensava em outras coisas.

— Outras mulheres?

— *Outras mulheres?* Não... Não sei. É possível... A sensação que ele me passava era que pensava em outras coisas. Como se estivesse sempre preocupado. E em momento algum conseguisse se desligar completamente de seus problemas. Ou de seus fantasmas...

Parou, de frente para as águas da Lagoa.

— Mas fomos levando... A certa altura, já no Chile, ele sentiu que eu estava cada vez mais distante dele, além de muito nervosa e irritada. Pó dá muita rebarba... Tivemos uma briga séria quando, em um jantar na casa de um empresário amigo dele, eu me inclinei sobre a mesa para pegar o saleiro e uma gota de sangue pingou de meu nariz sobre a toalha. O anfitrião ficou lívido e as pessoas mais próximas também. É que as cartilagens de minhas narinas não andavam lá muito católicas, e eu tinha passado a tarde cheirando... Lembro só do terrível silêncio

naquela mesa, de uma ponta a outra, enquanto meu vizinho de cadeira colocava minha cabeça para trás e me emprestava o lenço dele.

Após uma pausa, retornou a seu passado:

— No carro, a caminho de casa, Marcílio reclamou de mim pelo que classificou, bem à moda dele, como *um episódio desagradável*. Eu não disse nada. E ele não insistiu. Mas, em casa, voltou ao assunto. Parecia mesmo desconfiado, mais que irritado. Como se algo, *algo de estranho*, estivesse se passando comigo.

Essa lembrança mais específica parecia haver acentuado sua tristeza.

— Mas, no dia seguinte, ele caiu em si. “Afiml, nada de grave se passou...”, veio me dizer pedindo desculpas. “Um acidente que poderia ocorrer a qualquer um...”, ainda comentou.

E ela não pararia aí:

— Mas quem agora não queria conversa era eu. Ele então começou a me ver pela primeira vez... E sentiu que poderia estar mesmo começando a me perder. Não que ele desconfiasse de algo ou de alguém. Mas acho que o sexto sentido dele finalmente passou a funcionar. E já não era sem tempo! Em questão de dias o receio foi promovido a medo e daí a pânico. Afiml, era eu quem segurava toda a barra social dele. E, no fundo, a emocional também.

Não havia o menor traço de triunfo em sua voz, apenas um tremendo cansaço.

— A partir dali, ele passou a fazer um enorme esforço para me reconquistar. Por coincidência, por essa época, o pó do Paolo acabou. Nós devemos ter cheirado meio quilo cada um em doze meses... E o maluco resolveu voltar à Bolívia pra comprar mais. Me pediu um

dinheiro emprestado, que eu dei, claro. E ele nunca mais voltou. Nós já não andávamos muito bem um com o outro, eu desconfiava que ele tivesse tido uns casos... Enfim, o fato é que ele nunca mais voltou. Pode ter sido preso na fronteira com o pó. Ou ter sido morto na Bolívia. A barra por lá também não andava fácil...

Seguiu-se um prolongado silêncio. Era, de fato, muita história para quem tinha sido criada no Colégio Jacobina e frequentado o Country desde garota. Quem eu tinha a meu lado, agora, era uma mulher angular, mais próxima dos sessenta do que dos cinquenta, como se as histórias que acabara de me contar tivessem cobrado seu preço em anos.

— Seja como for, resolvi dar um tempo. Além de cortar o pó, reduzi muito a birita e só passei a beber socialmente. Comecei a fazer ioga. Marcílio, com essa história de trabalhar na área comercial, também tinha deixado de lado sua antiga melancolia de Montevideú. Continuava a se dar com os mesmos canalhas, é claro, mas eram canalhas mais bem-vestidos, alguns gostavam de ópera, sabiam como comer à mesa, em certos casos até falavam línguas... Tudo somado, então, nossa vida não chegava a ser tão ruim. Marcílio tinha um lado divertido, que você conheceu bem. Era engraçado, culto, agradável. Socialmente, tratava a todos como iguais, em uma intimidade que fascinava as pessoas. Nesse meio-tempo, tinha havido uma troca de embaixadores. O novo chefe era muito boa-praça e não tinha nada a ver com a turma do Pinochet, como o anterior. Enfim, as coisas foram melhorando, não para o país, mas para nós, em nosso pequeno mundo. Só sei que, quando dei por mim,

estava grávida. E a gracinha da Bel nasceu poucos meses antes de sermos transferidos para Washington.

Prosseguimos com nosso passeio a passos lentos, como convém a pessoas mais velhas, preocupadas em evitar buracos e outros acidentes de percurso. Até que Marina pareceu criar coragem para indagar:

— Você afinal conseguiu descobrir algo... algo... *de mais concreto?*
Sobre ele?

Preparava-me havia anos para a pergunta. Sabia que, cedo ou tarde, ela viria. Como sabia que, chegado o momento, eu tentaria enfrentar o assunto com a precisão de um cirurgião que estivesse abrindo a barriga de Max atrás de um tumor — com sua ex-mulher a centímetros de nós. Por um lado, não a enganaria sobre o estado de saúde do paciente. Ou seja, bem ele não estava. Por outro, nada diria que pudesse deprimi-la ainda mais.

Algo, contudo, eu teria de revelar. Mesmo porque Marina sabia que eu não cessara de buscar a chave do enigma que, bem ou mal, nos unia. Se ela abandonara o cenário diplomático por força de seu divórcio, eu nele permanecera.

— Cheguei a algumas conclusões... — respondi por fim. — Nada que me permita formar um quadro completo. De todo modo, prefiro não te

envenenar com os pormenores. Mesmo porque, por enquanto, são apenas parciais.

E, diante de seu olhar desapontado, peguei-a em meus braços e disse:

— Marina, essa história de Max parece uma praga: ela me persegue. Seus segredos insistem em correr atrás de mim, mas sob a forma de fragmentos. É como me sinto: perseguido por fragmentos do passado *dele*. Como se alguém, do céu ou do inferno, não me deixasse em paz. E, a cada seis meses, me soprasse uma frase a seu respeito, me desse uma pista nova. Ou abrisse uma porta para as loucuras relacionadas a ele, ou ao mundo no qual se meteu.

— Deus e o diabo na terra de Max? — ela brincou, soltando-se de meus braços.

— É... — Não consegui deixar de rir. — Exatamente...

— Mas...

Preferi me antecipar a ela:

— Mas posso te contar algo ocorrido no ano passado, já no atual governo. Um episódio, sobretudo, melancólico.

Fiz uma pausa. Oferecia-lhe algo de pessoal. Pessoal e recente. No lugar das respostas objetivas pelas quais tanto ansiava. Ela nada disse. E eu fui em frente:

— Quando minha filha caçula se formou no Instituto Rio Branco, eu estava em Brasília.

— É verdade — ela interrompeu em um tom alegre. — Esqueci de te dar os parabéns! Uma filha na carreira... *Terceira geração*... Não é pouca coisa.

— Pois é... Isso foi em abril de 2003. O PT vencera as eleições meses antes e chegara finalmente ao poder.

Hesitei um pouco quanto à melhor maneira de revisitar esse momento.

— O mês de formatura das novas turmas do Rio Branco — continuei então — varia um pouco, mas coincide sempre com uma data conhecida em Brasília como “o dia do diplomata”, em geral festejada em abril ou maio de cada ano. Encerrada a parte mais formal da cerimônia, passamos todos, Presidente da República, Chanceler, altas autoridades, formandos, seus parentes e convidados, diplomatas mais graduados, ao segundo andar do Palácio Itamaraty.

— Onde ficam os jardins suspensos de Burle Marx...

— Exatamente. Caminhamos em uma lenta procissão, escadarias acima, na direção do grande terraço no qual se realizaria a recepção que antecede o almoço oferecido pelo Presidente aos diplomatas recém-formados e suas famílias. Nesse coquetel, criam-se pequenos círculos de pessoas, que conversam entre si e depois perambulam, sozinhas ou em pares, de um grupo a outro.

Do plano geral, minhas lentes já haviam passado ao médio. Restava o *close*.

— E foi em um desses grupos que dei de cara com Max.

— Nosso grande artista... — brincou Marina, nervosa.

— ...nosso grande artista — concordei, rindo —, que me cumprimentou com a simpatia de sempre e...

— *E...?* — ela indagou vendo-me parar, como se eu hesitasse.

— ...e me puxou pelo braço com sua habitual familiaridade, para em seguida me conduzir até a longa balaustrada que se debruça sobre a esplanada, dando-me sempre seus efusivos parabéns pela formatura de minha filha, de tal forma que eu fiquei um pouco sem reação e me deixei levar.

— O parapeito que se debruça sobre a praça dos Três Poderes... — repetiu Marina. — E que, bem em frente, dá para o Ministério da Justiça. Um belo cenário para uma conversa entre vocês dois. *Poder, justiça...*

As coisas caminhariam melhor se Marina não me interrompesse tanto. A insistência com que o fazia, no entanto, denotava sua tensão. Como se ela desejasse saber — e ao mesmo tempo receasse ouvir — o que eu me dispunha a dizer.

— Max lamentou que a gente não se visse há tanto tempo. Eu não falei nada. E ele foi direto ao assunto. Quis saber se eu tinha guardado mágoas das duas horas que havíamos passado juntos em nosso jantar no Alto da Boa Vista vinte anos antes. Achei melhor dizer que não. Para não reabrir com ele, e logo naquele dia, uma agenda antiga e superada. Para que ele ficasse tranquilo, ainda disse que, ao contrário, tinha conservado boas memórias do encontro.

Fechei os olhos por um momento. E prossegui, depois de reabri-los:

— Ficamos em silêncio vendo os carros passarem pela esplanada. Ele sabia que eu mentia. E eu vivia com ele a sensação de imobilidade a que nos condenam certos pesadelos. Queria a todo custo regressar o mais depressa possível para o lado de minha filha. Receava que a insistência de

Max em permanecer comigo tirasse a beleza daquele dia, do que ele representava para nossa família.

O pior dos pesadelos, o da imobilidade em um cenário adverso.

— Foi esse sentimento de impotência... — continuei depois de um momento — que me levou a dar uma violenta guinada em nossa conversa, mesmo correndo o risco de ser impertinente. Conteí a teu ex-marido o que realmente pensava dele. E falei o quanto me incomodava que, apesar de seus malabarismos políticos, ou por causa deles, *ele tivesse acabado se dando tão bem na carreira*.

— Marcílio não deve ter achado a menor graça.

— Como sempre, não deu o braço a torcer. Ficou plantado. E eu então acabei dizendo que, em condições normais, se vivêssemos em um país sério, ele teria merecido o desterro. Ou uma aposentadoria sumária. Como ocorrera com Carlos Câmara.

— Ih... — reagiu Marina. — Você aí se...

Interrompi-a sem hesitar. A última coisa que queria agora era perder o fio da meada:

— Enquanto eu soltava o verbo, Max ia erguendo o corpo a cada frase. Meu monólogo foi mais longo do que estou te contando aqui. E, com certeza, mais elaborado e cruel. A coluna vertebral dele chegou a estalar quando falei no Carlos Câmara. Max ficou duro que nem uma estátua. E eu, inclinado sobre o parapeito, continuei firme. Sempre no tom de voz de quem tem pressa em concluir. Disse que, para mim ao menos, ele tinha tido, no mínimo, uma parte de responsabilidade pelo que ocorrera nos países por onde andara naquela época com seus parceiros de pôquer, que cheguei a chamar de *tristes aliados*. Ele e

outros colegas, cujos nomes permaneciam desconhecidos até os dias de hoje. Depois, voltei a criticar o fato de que o Câmara tivesse sido o único a pagar o pato e ser repudiado pelo Ministério. Pelo Ministério, como instituição. E pelos colegas, como Judas. Porque assim ficava muito fácil. Transformava-se um conhecido pilantra em boi de piranha e o resto da boiada passava em paz. Era fácil e, sobretudo, prático. Além de cômodo. E você sabe qual foi a reação dele a esse monte de desaforos?

— Não... — ela respondeu em um tom neutro. — Mas posso imaginar.

— Não, Marina, aí é que está. *Você não pode imaginar*. E é por isso que Max continua sendo o grande artista que é, o maior de todos em seu gênero: ele tem sempre um coelho novo em sua reluzente cartola.

Ela se manteve calada. E aguardou.

— Falando com aquela desenvoltura social que maneja como poucos, Max então me disse: “O Carlos Câmara foi com muita sede ao pote.” E eu caí em sua armadilha como um idiota. Comentei rindo, entrincheirado atrás de uma série de palavras bem elaboradas: “Você vai me desculpar, Max, e fico até triste ao te dizer isso, considerando nossa antiga amizade e os bons momentos que passamos juntos, talvez os melhores de minha mocidade, mas nunca vi alguém ir... ir com tanta sede ao pote como você...” Quando terminei, olhei para ele de um jeito maroto. *Sai dessa, querido!*, meus olhos diziam.

Marina fechou os dela. Já vira esse tipo de cena acontecer inúmeras vezes. Só não imaginara que, dessa feita, a vítima seria eu:

— Max aí me presenteou, a título de isca, com uma frase banal: “A sede do Carlos era de poder...”, disse com toda a naturalidade.

Da parte de Marina, nem um pio. O palco era todo meu.

“Não diga, meu caro...”, exultei por meu lado, já saboreando meu triunfo. “E a sua? A sua sede, Max... de que consistia?”

Marina agora mantinha os olhos fixos no chão. E não descruzara os braços, como se uma brisa fria estivesse passando por ela.

“A minha era idêntica, claro...”, ele respondeu com um sorriso ainda mais pronunciado. “Só que o Carlos... O pobre do Carlos se enganou de pote.”

— O eterno mágico... — suspirou Marina. — Imbatível, como sempre...

— Fiquei tão atônito que repeti de maneira mecânica sua frase. Pior, Marina: consegui transformar meu eco em uma interrogação, que acabou de matar o resto de indignação que ainda sentia: “O Carlos se enganou... *de pote?*”

Um pote rachado era o que eu agora tinha nas mãos. Sob a forma de um fiapo de voz. Tive a impressão de que Marina nem me escutava. Como quem prefere evitar imagens mais pesadas ou constrangedoras em um filme ou noticiário de televisão.

— E Max, depois de me lançar um olhar bem-humorado, repetiu: “É, ele se enganou de pote...” E concluiu: “...só viu o que estava diante dele. Enquanto que eu...”

Descrevi então a cena para Marina. Dando as costas para a Esplanada dos Ministérios, Max girara o corpo em um lento movimento, que eu tivera de acompanhar, de tão colado que estava nele. E movera um braço em um amplo gesto da direita para a esquerda pelo espaço a nossa frente. Com isso, apresentou-me a uma paisagem a um tempo familiar e

nova. Seus dedos deslizaram pelos jardins suspensos de Burle Marx, desceram na direção das pessoas postadas no terraço de mármore — cada uma delas perdida em seus anseios e expectativas —, passaram, sem se deter, no círculo do Presidente e sua comitiva, todos alegres e animados. E sua mão por aí foi, com a elegância de um regente de orquestra, percorrendo grupos variados de homens com seus ternos bem-cortados, pairando sobre as mulheres bem penteadas e maquiadas, até chegar aos jovens recém-formados e seus parentes. Para, já na extremidade oposta de seu percurso, aterrissar nas obras de arte, que iam de Aleijadinho a Portinari, dos móveis coloniais aos tapetes persas. Encerrada sua panorâmica, inclinou-se em minha direção e soprou sua receita pessoal de felicidade: “Eu perseguia *este pote...*”

Voilà..., ele deve ter-se dito ao me homenagear com uma pequena reverência que, em seu tempo, teria exigido um chapéu ornamentado de plumas e, quem sabe até, os famosos punhos de renda, imagem a que determinada imprensa invariavelmente recorre para descrever pejorativamente o universo social em que, segundo ela, se debatem os diplomatas e seus anseios. E Max, naquele instante, simbolizara à perfeição o núcleo mais penoso da requentada metáfora, dela encarnando, a um tempo, a violência sob cujo punho havíamos vivido por vinte anos, e a delicadeza da renda, que em boa hora tinha acolchoado sua reinserção nas rodas do poder.

Ao contrário de seus colegas de geração, ele estivera entre os raros privilegiados a viver o presente sem perder de vista, em momento algum, seu futuro. Enquanto que nós... Nós nos havíamos mantido suspensos no tempo, presos ao passado. E enfrentando realidades que

nada tinham a ver com nossos valores. Ou com nossa visão do mundo. Como poderíamos ver o futuro se o presente só refletia medo e ressentimento?

43

— Meu pobre amigo... — suspirou Marina por fim, me abraçando, como se me consolasse diante da mais inglória das derrotas.

Logo, porém, ergueu a voz e protestou:

— Nesse meio-tempo, você deu toda uma volta e acabou agindo como qualquer diplomata encostado contra a parede: não respondeu a minha pergunta. Eu te perguntei...

— Eu sei... — respondi com certa dose de irritação. — Você me perguntou se eu tinha descoberto algo de mais concreto sobre Max. E você ainda quer uma resposta?

Marina preferiu não insistir. Se desejasse explorar velhas feridas, já não teria como fazê-lo naquela manhã.

— Você leu o discurso dele? — ela perguntou mais adiante.

Mudara de assunto, sem sair do tema central. Diante de meu silêncio, foi mais específica:

— Não leu? O discurso mais recente?

— Sobre desarmamento? — indaguei em um tom distante.

— Não... — ela respondeu.

E aqui fez uma longa pausa.

— Sobre direitos humanos... — disse por fim.

— Em Genebra? — perguntei, agora interessado. — Não, não li. Por quê?

— Os meninos me mostraram o texto, na maior animação. Os dois têm grande orgulho do pai... Você precisa ver como ele desanca os regimes militares do passado e as atrocidades cometidas...

E abriu um par de aspas, com os dedos das duas mãos erguidas ao ar:

— ...“*nos tempos de exceção*”...

— Não me diga... — comentei já mais animado.

Por mais que eu negasse, Max ainda continuava a exercer sobre mim um fascínio permanente. Pela qualidade e diversidade de seus defeitos, tivessem eles raízes no mais puro cinismo, como era o caso aqui, ou em causas mais penosas.

— É... — confirmou Marina. — Incrível, não?

— Ainda bem que os generais e o Cardeal, a quem tudo deve, já bateram as botas... — emendei em um tom mais alegre.

— Como era poderosa aquela gente... — lembrou Marina, em uma voz que, por pouco, sugeria admiração. — Mandavam e desmandavam no país. Para não falar do efeito corrosivo das ganâncias que despertaram a sua volta.

— Li outro dia no *Economist* uma frase sobre Eichmann que se aplica a quase todos eles: “*Like most of his fellow Nazis, he was monstrous only when fate gave him power.*”[1]

Marina continuava com Max na cabeça. Ainda assim, prossegui em meu esforço solitário e inútil de acertar minhas contas com o passado:

— E pensar que o único dos generais-presidentes que poderia ter aspirado à condição de estadista também seria o mesmo a reconhecer “que a tortura era necessária”...

Aqui Marina me interrompeu e trouxe à tona o que a preocupava:

— Os meninos não entenderam meu silêncio — disse então. — Quando acabei de ler a página final do discurso do pai. O tal discurso sobre direitos humanos. Eu não consegui pronunciar uma única palavra. Não deu nem para tentar.

Sem disfarçar a amargura que a dominava, chegou a rir:

— Eles devem ter pensado que eu sentia falta de Marcílio... E da vida gloriosa que havíamos levado juntos! Então, para me consolar, eles me contaram que o pessoal da Presidência continuava *encantado* com o pai. Da Presidência da República. E que o prestígio de Marcílio nas altas esferas do poder só fazia crescer. Dizem que o nome dele chegou a ser considerado para o segundo cargo no Ministério.

— Secretário-Geral?

Marina, porém, nem registrara minha surpresa. Voltara a correr em sua raia própria e solitária.

— Um sujeito que passou parte da vida perseguindo sindicalistas e intelectuais. De quem agora recebe belas embaixadas... Negou passaportes a muitos, porque disso eu sei. Se é que não fez coisas piores. Bem piores...

Um longo olhar em minha direção, um último apelo silencioso por uma resposta... Prefери acompanhar o voo dos pássaros sobre os veleiros.

— E Marcílio agora é admirado pelos ex-guerrilheiros que combateu... — exclamou em um tom no qual a ironia predominava sobre a raiva. — Ganha palmas, é elogiado por seus discursos. Continua enganando a todos!

Com isso, voltamos a rir...

Sucedeu então algo de inédito comigo. Ao mesmo tempo, uma emoção semelhante pareceu se apossar de Marina. Max, que até ali nos separara — perdidos que havíamos estado em décadas de dúvidas e incertezas a seu respeito —, subitamente saíra de cena. E, com isso, nos unira. O riso nos libertara de sua história, abrindo espaços para que construíssemos a nossa — se assim o desejássemos. Por modesta e incipiente que fosse. E esse sentimento inesperado nos tomava de assalto.

Continuamos a caminhar. Lidando agora com um fenômeno distinto. Peguei a mão de Marina na minha. E ela, com a mesma naturalidade, entrelaçou seus dedos aos meus.

A distância, um casal jovem com um carrinho de bebê se aproximava, precedido por duas crianças. Logo, a pequena família passou por nós, a mãe sorrindo para o bebê, o pai limpando os óculos escuros com um lenço, as crianças em estado de graça.

— Felipe! — gritou o pai. — Sai de perto da rua! Fica junto de tua irmã...

Olhamos para o pequeno quinteto que se afastava, o menino com os braços abertos, correndo em zigue-zague pela calçada como se fosse uma avioneta indo da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, o pai, preocupado, apertando o passo em sua direção, a mãe com seu

carrinho, a menina atenta aos buracos para não sujar os sapatos imaculados.

— Era essa a família que eu imaginei ter um dia, quando me casei...
— suspirou Marina, como se voltasse a si.

Prosseguimos então com nosso percurso matinal. O Cristo Redentor emergia uma vez mais de trás das nuvens. Pelo visto, agora viera para ficar... A vida continuava, com suas alegrias e tristezas. Sempre movida por lembranças que se sucediam umas às outras, e que jamais desapareceriam de todo.

Lembranças que, com um pouco de sorte, talvez levassem certos mortos a não se sentirem tão esquecidos. E certos vivos a empalidecer em meio à culpa que os cercava a cada noite um pouco mais.

— Que tal voltar? — perguntou Marina por fim. — Não estará ficando meio tarde?

Eram perguntas que tinham a ver com as realidades de nosso presente. Mas que em nada afetariam nosso futuro. Ou assim pensamos.

— Ok... — respondi.

Depois de um tempo acrescentei, como para mim mesmo:

— Mas foi belo nosso passeio...

Despedi-me então da Lagoa com um derradeiro olhar. Sem saber que também me despedia para sempre de Marina.

— Gostei tanto de te rever... — ela murmurou por sua vez, enroscando seu braço no meu enquanto atravessávamos a avenida. — Quando é que você volta ao Rio?

— Breve... — prometi em um tom confiante.

Quando chegamos à calçada do lado oposto, acenei para um táxi que passava e dei um longo e carinhoso abraço em minha amiga. Um abraço que, desde sua morte, vem se prolongando a cada noite.

[1] Como a maioria de seus companheiros nazistas, ele se tornou monstruoso apenas quando o destino lhe concedeu poder.

44

Cerca de dois anos depois da morte de Marina, em 2006, portanto, quando eu servia pela segunda vez em nosso consulado em Los Angeles, fui ao Rio de Janeiro visitar meus filhos. Na viagem de ida, ao folhear as páginas de um jornal, dei com o anúncio da missa de sétimo dia da esposa do coronel João Vaz. Ao chegar, telefonei para ele. Desde nosso encontro em Viena, havíamos trocado cartões de Natal e conversado algumas vezes por telefone.

De início, ele não logrou me situar em seu núcleo de conhecidos, pois ainda se encontrava sob o impacto da perda que acabara de sofrer. Mas, quando procurei justificar minha ausência da missa de sétimo dia e mencionei nosso convívio em Viena, o coronel, para meu constrangimento, se pôs a chorar ao telefone:

— Minha pobre Matilde... — soluçou por um bom momento. — Você não pode imaginar como ela ficou emocionada ao ver o urso de pelúcia que você mandou para nosso neto!

— Que já deve estar um garotão! — exclamei por meu lado, tentando ajudá-lo a conter suas lágrimas. — Deve estar com uns dez ou onze anos, não?

Na verdade, já tinha me esquecido do urso que havia enviado a seu neto — no fundo uma homenagem a ele, coronel, e a seu jeito entre bonachão e desengonçado de caminhar pelas ruas de Viena em busca de nossos restaurantes. Mas, pelo visto, o bicho de pelúcia criara raízes afetivas duradouras na memória do militar:

— Foi o primeiro presente que fez o Ernestinho rir e bater palmas!

Pôs-se então a falar dos netos, que agora eram três. Sua tristeza foi minguando, até desaparecer por completo. Daí às recordações enraizadas nos prazeres da mesa foi um passo. Tanto que logo me convidou para jantar.

Combinamos que nos reveríamos em duas noites mais. Ele me indicou o restaurante, cujo nome e endereço, em Ipanema, me fez repetir. Disse que me esperaria por volta das oito. E que cuidaria da reserva.

— Só não garanto a lareira... — brincou antes de se despedir. — Mas a comida é pra lá de decente.

Na noite marcada cheguei ao local indicado com um ligeiro atraso. O coronel já estava instalado em uma mesa ao fundo da sala e acenou para mim com um gesto jovial. Quando me aproximei, contudo, notei que ele se levantou com dificuldade para me cumprimentar.

Nada perdera em matéria de porte ou altura, mas envelhecera visivelmente. Toda uma década, além do mais, tinha passado desde que nos havíamos visto pela última vez. E, em sua faixa de idade, esses anos costumam pesar. Deu-me, assim mesmo, um forte abraço, que nos remeteu sem transições a nossas noitadas.

Depois de uma escala obrigatória em homenagem à falecida, atacamos nossas caipirinhas. Em questão de minutos, já estávamos às voltas com uma animada conversa. A certa altura, ele me mostrou as fotos dos netos. “*Esse aqui é o Ernestinho*”, disse com indisfarçável orgulho, colocando sob meu nariz a imagem de um garoto gorducho atracado a uma bola de futebol. Seguiram-se alguns comentários sobre a filha e o genro, que moravam não longe dele.

— O que não é mau com a chegada da velhice — reconheceu com uma pitada de melancolia.

Logo, porém, o elo invisível que nos aproximara em Viena se fez presente com naturalidade na conversa:

— E Max? — o coronel indagou. — Que notícias você tem dele?

Contei que não via meu colega havia dois anos, mas que acompanhava a distância sua carreira com a admiração de sempre.

— Admiração e perplexidade... — ele brincou de olho em mim, depois de um segundo gole em sua bebida.

Mas a conversa ainda daria toda uma sinuosa volta protocolar antes de regressar a nosso personagem. Falamos do que ocorria na política e na economia do país, nas figuras que subiam ou desciam na gangorra do poder, nas glórias e fracassos da Seleção. Até que, servido o jantar, Max voltou a se juntar a nós, só que agora acompanhado de um coadjuvante, ele também nosso velho conhecido.

— Max sempre fascinou Eric — comentou o coronel, como se falasse de outro amigo comum.

E ergueu a cabeça de seu prato:

— Que tal a comida?

— Ótima.

E estava mesmo. Aproveitei o embalo para registrar, no mesmo tom caloroso, a entrada em cena da figura que acabara de sair dos bastidores:

— Eric Friedkin! O *Station Head* da CIA na América do Sul!

— *Chief of Station*, ou COS — ele corrigiu com a boca cheia. — Anos cruciais na história de nossa região, aqueles... A fase mais dura...

Olhou para os lados, pois nunca se sabia que orelhas poderiam estar escutando. E, nos dias de hoje, a caça às bruxas fascistas baixara de sua plataforma heroica de paixão política para o plano trivial das fofocas dos salões de beleza (“*Fulano? Nem me fale, querida. Dizem que foi um tremendo torturador...*”; e, depois de uma pausa furtiva, em uma voz mais baixa ainda, “*...nos anos de chumbo...*”).

— A fase mais dura... após nosso movimento militar de 64... — emendou por fim.

Satisfeito com o resgate da fórmula a que já vinha recorrendo desde nossos tempos de Viena, completou:

— Do Uruguai, onde se instalou após passar um breve período no Brasil, ele acompanhou os acontecimentos em Montevideú, no Chile e na Argentina.

Acompanhou..., ainda pensei, mantendo a duras penas o sorriso congelado nos lábios.

Nesse instante, por sorte, fomos interrompidos por um conhecido do coronel, que o puxou de lado e lhe apresentou seus pêsames. Após o que se puseram a conversar animadamente a um canto, enquanto eu me refugiava em meus pensamentos.

Ainda sob o efeito da maneira casual com que meu anfitrião se referira às atividades de Eric Friedkin, recordei-me do desabafo que Max se permitira na famosa festa de casamento, mais de vinte anos antes. Quando ele, valendo-se do gênio de Merce Cunningham, estabelecera um paralelo entre os golpes ocorridos na região e um exercício coreográfico inspirado e coordenado pela CIA.

Com muitos pedidos de desculpas, o coronel regressou a seu lugar. Parecia bastante satisfeito consigo mesmo.

— Um antigo colega de turma — explicou. — Veio me convidar para participar de uma reunião da velha guarda. Para ver se conseguimos melhorar o soldo do pessoal da reserva.

E depois de um aceno ao garçom:

— Passamos aos chopes?

Talvez atento ao próprio bolso, o simpático coronel afastara com discrição a carta de vinhos que o garçom tentara em vão lhe submeter.

— E onde é que nós estávamos?

— Eric Friedkin. E sua admiração por Max.

— É verdade... Mas *admiração* não é bem a palavra. Era mais um fascínio ocasional. Por vezes, ficava impressionado com ele. Mas, no geral, acho que se sentia mais *intrigado*. Como se não conseguisse situá-lo em contexto algum. Aliás, nisso não estava sozinho... E olha que ele se considerava um excelente *juiz de pessoas*. Ele jamais se enganava. Afinal, fora treinado para isso...

E, com um sorriso cheio de bondade, que apenas a idade confere aos homens que já aprontaram muito, mas que talvez assim mesmo escapem do inferno:

— Para isso e... *para enganar!*

Quem sabe arrependido com o comentário maldoso, logo emendou:

— Você mal pode avaliar como fiquei emocionado com o telefonema que ele me deu quando soube do falecimento da Matilde.

Em seguida, lembrou os velhos laços de família, consolidados pela filha de Eric, Nancy, que se tornara madrinha de Ernestinho.

— Recordo-me sempre das noites de inverno em Montevideu quando cozinávamos marshmallow com varetas de pau em nossas respectivas lareiras. As meninas eram pequenas e adoravam a farra...

Desviei meus olhos dos seus, subitamente úmidos, e me perguntei o que mais Eric Friedkin ainda não iria cozinhar pela noite afora, com outros tipos de varetas, depois de cantar canções de ninar para sua filha e a do coronel. Este, enquanto isso, também parecia disposto a regressar a temas mais objetivos:

— Ele era espertíssimo. Tanto que, no que se refere a Max (e isso ele só me confessou anos depois), Eric simplesmente *subcontratou os ingleses* para abordar nosso amigo. Com isso a CIA ficou de fora. E ainda deu a Max a ilusão de que era o rei da cocada, que passava a perna em todo mundo. Não é engraçado? Ou seja, no plano objetivo, o do treinamento das forças policiais uruguaias, a CIA se valia de Max e da embaixada brasileira. Mas, no plano secreto, a firma deixava os ingleses descobrirem o que Max realmente sabia — e sobre o quê. Eric tinha um nome francês para essa manobra. Chamava de trompe alguma coisa.

— *Trompe-l'oeil.*

— É isso mesmo. Vocês também usam isso no Itamaraty?

— O tempo todo. Foi a diplomacia do início do século 16, bem antes de Maquiavel e da pintura renascentista, que inventou o *trompe-l'oeil*. Baseava-se em uma espécie de engenharia visual, que serve para enganar o olho e que...

— Sei — disse o coronel, sem demonstrar grande interesse por essas minúcias.

Aproveitei então para insistir:

— Mas afinal... Afinal, o que é que Max sabia? Que fosse assim... Assim tão importante?

— No começo, nada.

— Nada?

— O curioso foi justo isso. Foram os ingleses que, aos poucos, o colocaram na pista do que desejavam saber. Do que *os americanos desejavam saber*.

— Em que área?

Dez anos antes, em Viena, ele se limitara a dizer que Eric, “em um comentário pouco inteligível”, mencionara em uma mesma frase “contrabando de urânio, energia nuclear e Alemanha”. Mas achei preferível não recolocar, por enquanto, essa lembrança mais precisa em cena.

— Eu sei que já se passaram muito anos... — ele acabou dizendo, depois de escolher o lado menos sujo do guardanapo para limpar a boca. — E que essa história é velha. Mas permanece secreta, apesar de superada. E teu colega continua na ativa. Nosso famoso Max... Se o assunto vier a público ele pode querer retaliar. E, nesse episódio, não há quem não tenha seu telhado de vidro.

Aqui uma lembrança providencial:

— Por sinal, encontrei com ele alguns meses atrás.

— Com Max? Onde?

— No funeral de nosso antigo embaixador em Montevideu. O homem da capa preta, como o chamavam... Depois de aposentado ele passou a trabalhar para os alemães.

Aqui ele riu. Como se introduzir os alemães na equação o divertisse por alguma razão.

— O velho trabalhou para eles até morrer. E ainda deixou um livro de memórias, no qual nem procura disfarçar suas opções políticas. O mais engraçado é que nós, no SNI, tínhamos uma ficha dele do tamanho de um bonde.

Novas risadas, cujas origens não tive como identificar.

— O melhor de seu livro ele deixou de fora...

Continuou a rir sozinho. Não era possível que tamanha alegria se devesse apenas aos alemães, uma gente que pode ter suas qualidades, mas que não prima pelo humor.

— E a ficha do embaixador? — indaguei.

— Essa é hilária. Mas essa eu não vou te contar.

Mas haviam sido tantos os chopes que ele foi aos poucos cedendo. O coronel, no fundo, adorava uma boa história. Sobretudo se escapasse ao controle mais rígido das normas de segurança.

— Ele tinha um hobby.

— É? Qual?

— Era fotógrafo.

— Não diga.

— Ele tinha um pequeno estúdio na avenida Marechal Floriano, não longe do Palácio Itamaraty, na direção do Colégio Pedro II. Dizem que rolava de tudo por lá. Meninhas de uniforme e tudo.

— Não diga, coronel.

— O homem da capa preta tinha uma agenda paralela. Mais quente que a dos reatores nucleares.

— Reatores nucleares? — indaguei inocentemente.

O coronel quis disfarçar, mas era tarde. Falara demais. Agarrou-se ao estúdio como quem se atraca a uma boia de salvação:

— Fazia de tudo naquele estúdio com as garotinhas. E fotografava suas proezas. As meninas brincando entre elas. Ou com ele, a dois, a três... Até que a mãe de uma delas foi denunciá-lo à polícia. E aí a gente teve de intervir. A garota tinha doze anos.

— O senhor pessoalmente?

— Imagina! *Eu...* Eu nem o conhecia. E só soube disso muito depois. Anos depois de regressar de Montevideú, tamanho era o segredo. Não... A coisa veio lá de cima. Do mais alto nível.

— Quem diria... E os reatores nucleares... Em Viena, o senhor...

— Que reatores nucleares?

Como retroceder? Saiu-se, então, pela tangente:

— Quem sabe disso é o Eric.

E eu, dando corda:

— O homem que sempre soube de tudo...

Diante de seu silêncio, apelei para o passado:

— Em uma de nossas conversas em Viena, o senhor chegou a dizer que...

Mas o coronel nada tinha de burro. E lidou com minha insistência buscando refúgio em sua recente tristeza.

— O telefonema de Eric me emocionou muito. Eu tinha esquecido que ele também tinha perdido a esposa. Foi preciso minha filha me cutucar. Minha querida Betty...

Nova pausa. E, finalmente, o embrião de uma ideia, quem sabe para conseguir se livrar de minhas perguntas, sem deixar de ser gentil com o homem do ursinho de pelúcia:

— Até que, por sinal...

Com meu doutorado pela Universidade de Viena em matéria de diálogos com o coronel, limitei-me a dar um gole em minha cerveja morna.

— Ele é teu vizinho.

— Eric Friedkin? *Meu vizinho?*

— É... Você não disse que está servindo em Los Angeles? Pela segunda vez? Então você deve conhecer bem a região... Ele mora perto de San Diego. Fica a menos de duas horas de Los Angeles pelo *freeway*. Bem na fronteira com o México. Do outro lado é Tijuana. Por sinal um horror, Tijuana.

— Quem diria... — não consegui deixar de murmurar.

Estava na realidade surpreso. *Eric Friedkin...* A minha disposição, se eu assim o desejasse. Entregue pela melhor das bandejas — a de um amigo comum. Era daquelas notícias que incorporam em doses iguais curiosidade e mal-estar.

O garçom se aproximava com a conta. O coronel impediu, com um gesto firme, que eu cuidasse dela.

— Você aqui está em minha cidade! — exclamou, pegando a nota e se esquecendo de que eu era tão carioca quanto ele.

E, voltando ao assunto que agora o mantinha animado — e a mim preocupado:

— Vou passar um e-mail te apresentando a ele. Como pessoa de confiança minha. Você vai gostar de conversar com o Eric. E ele contigo. Eric hoje em dia não tem nada do agente típico da CIA. Ao contrário, tornou-se um velho dromedário, como eu... Não que tenha mudado em sua maneira de pensar, nisso não mudou. Mas ele se suavizou, perdeu suas arestas.

Seus olhos sorriam, tomados por um encantamento enraizado na primeira infância. Eram olhos que buscavam, no passado, uma absolvição:

— É, de cabeça Eric continua igual, dá para sentir pelos e-mails. E pelos comentários da Nancy. Uma verdadeira relíquia nos dias de hoje. Continua inteligentíssimo, claro. Mas parou no tempo. Devia ser tombado.

A apresentação não chegava a ser propriamente animadora. Por outro lado...

O coronel agora examinava a conta em todas as suas minúcias, movendo os lábios à medida que somava as cifras iluminadas pelo abajur. Encerrada a inspeção, colocou umas notas no prato e indagou:

— E quem mais pode se dar ao luxo de não mudar nos tempos que correm? Só mesmo o Eric.

PARTE VI

45

Na geração de meus pais, ambos nascidos durante a Primeira Guerra Mundial, um homem de sessenta e poucos anos era considerado idoso. Já na de meus filhos, o indivíduo que me cumprimentava em minha sala de trabalho dificilmente faria jus ao adjetivo, embora estivesse próximo à casa dos oitenta. Jovem o visitante não era. Mas a figura que retinha minha mão na dele revelou-se dotada de uma leveza indicativa de boa reserva de energia.

Foi a primeira impressão que Eric Friedkin me deu. Algo ela devia a seu olhar e sua postura. E muito a seu físico, cuja forma pagava algum pedágio às esteiras e aos exercícios matinais a que provavelmente se dedicava. Sua expressão, além do mais, denotava uma tranquilidade mesclada a certo grau de distanciamento. A mistura não deixava de ter uma conotação curiosa, mas nada que comprometesse a sinceridade de seu sorriso. A pele curtida de sol, por sua vez, apontava para uma aposentadoria passada em veleiros de três mastros, quem sabe percorrendo mares distantes. E o cabelo escovinha, que tanto irritara Marina anos antes em Washington, acabava até combinando com o conjunto de modo natural.

Como o coronel João Vaz, ele era alto. Mas, à diferença do amigo, nada tinha de corpulento. Traçara uma linha reta da porta de entrada até minha mesa com a desenvoltura de quem, se necessário fosse, continuaria no mesmo ritmo até o horizonte, ainda que, para isso, tivesse de varar a janela e arcar com as consequências que o aguardassem do outro lado. Também ao contrário de seu antigo companheiro — que a meus olhos logo assumira sua *persona* de urso amestrado —, não poderia ser comparado a um animal.

— Encantado em conhecê-lo... — disse ele, demonstrando prazer por se encontrar em minha presença, enquanto eu fazia eco a suas palavras.

Ele tanto poderia se sentar em uma cadeira a minha frente como dividir comigo um sofá três metros adiante. Aguardou, sempre sorrindo, que eu indicasse minha preferência. Optei pelo sofá. Enquanto nos sentávamos lado a lado, a secretária, que havia pouco o introduzira em minha sala, voltou com a água e o café.

— Café brasileiro! — exclamou ele então no mesmo tom jovial. — Pelo menos assim espero...

O fato de falarmos inglês ajudava, por força desse “*you*” que tanto equivale a “*você*” quanto a nosso mais formal “*senhor*”. Pedi-lhe desculpas por tê-lo feito aguardar na recepção. Mas, como expliquei, não esperava que chegasse tão em cima de seu telefonema, quando ainda me encontrava às voltas com um relatório que seguiria dali a instantes para Brasília.

— Liguei aqui do *lobby* de seu prédio... — Eric informou em voz baixa, como se me revelasse um segredo.

A frase tanto poderia significar “*para que você não escapasse*” como ilustrar o espírito de liberdade com que se movia graças a sua rotina mais flexível de aposentado. Algo, contudo, ele terá notado em meu ar surpreso, pois emendou:

— Uma vez por mês, pego o San Diego Freeway e venho almoçar com amigos em Los Angeles. Velhos companheiros de trabalho, todos na reserva como eu... E seu prédio é uma de minhas alternativas favoritas de estacionamento: sempre tem vaga. Daí a dar um telefonema, foi um passo.

Depois de uma breve pausa, completou:

— Além disso, recebi ontem um novo e-mail de nosso amigo comum. O João...

A pronúncia ficara a meio caminho entre *João* e *John*, com ligeiro predomínio para o segundo.

— Nosso bom João Vaz queria saber se já tínhamos entrado em contato. O homem parece ter pressa em nos aproximar. O que é bem típico dele...

Rimos então um pouco, eu sem saber ao certo por que, ele em homenagem a seus velhos tempos de Montevideú. *O João é assim mesmo*, seu olhar dizia. Como seria de esperar, passamos então a falar do coronel. Em meu caso, descrevi como o tinha conhecido em Viena. E mencionei as razões que nos haviam levado a ficar amigos em uma cidade que à primeira vista nos parecera hostil — à noite e no inverno pelo menos. Referi-me, também, a supostos reencontros ocorridos desde então, com ênfase no que efetivamente se dera — quando de nosso recente jantar de Ipanema. E procurei compensar certas lacunas

com detalhes sobre a esposa recém-falecida, a filha e os netos. Especialmente...

— Ernestinho! — ele cortou. — Ernestinho Vaz! Uma homenagem do João a um de seus ex-chefes. O Ernesto...

Levantara a bola para que eu cortasse. Como eu nada dissesse, ele próprio completou, em voz mais baixa:

— ...*Geisel*.

Nesse meio-tempo, eu dera um gole em meu café. Para permitir que o general batesse em retirada. E, com sua partida, situasse nossa conversa uma vez mais no plano das amenidades. Eric registrou o que se dera sem pestanejar. Por meu lado, apreciei a sutileza de que dera provas. E passei a prestar maior atenção nele.

Notei que se sentia à vontade. E que olhava com satisfação a seu redor, detendo-se nos quadros, nas gravuras e nos posters das antigas edições da Bienal de São Paulo. Concentrou-se, depois, nas janelas. Sentado como estava, nada podia ver — fora o céu azul. Encontrou assim mesmo um jeito de expressar sua admiração:

— Trigésimo oitavo andar! Você deve ter uma bela vista daqui... Prédios dessa altura já estão se tornando comuns nessa área. Antes, só havia os de Century City. E, a algumas poucas milhas, os de Westwood. Fora os de *downtown*, é claro. Mas, por lá, o *smog* tende a ser insuportável...

Conhecia bem a cidade, embora só a visitasse ocasionalmente. Mas eu talvez a conhecesse melhor.

— Quando morei aqui pela primeira vez — comentei então —, já lá se vão mais de trinta anos, nosso consulado também ficava na Wilshire, só

que bem abaixo, do lado oposto ao museu, o velho LA County Museum.

— Sei de que prédio você está falando... — ele exclamou em um tom alegre, como se houvesse algo de curioso e até inusitado nessa nova coincidência. — Também costumo estacionar meu carro por lá. Chama-se Mutual...

— ...Benefit Life Building — completei por meu lado.

Voltamos a rir. Ernesto Geisel, não. Mutual Benefit Life Building, sim... Tateávamos em plena escuridão, mas sem ansiedades ou receios mútuos. Olhei para o relógio. A antiga pergunta de Marina sobre Max me veio à mente: *“Você afinal conseguiu descobrir algo... algo... de mais concreto? Sobre ele?”*

— Você tem planos para o almoço? — indaguei. — Seus amigos...

— Não liguei para ninguém. A rigor, é raro nos telefonarmos. Porque o local e o horário jamais mudam. Aparecemos por lá na última sexta-feira de cada mês e nos reunimos no bar. Por vezes dividimos uma mesa de dez, doze pessoas. Outras vezes, não passamos de seis ou oito. Alguns vêm com suas mulheres, no caso de serem conhecidas nossas, ou antigas funcionárias. Há quem jamais traga a sua. Ou seja viúvo, como eu agora. Varia muito. E a graça é um pouco essa. Claro, com o passar do tempo a roda vai diminuindo. Mas nesse tema ninguém toca...

Voltou-se então para mim:

— Isso dito, teria muito prazer em almoçar com você. Desde que o convite corra por minha conta.

— De modo algum... — respondi, brincando. — Neste consulado, estamos em território brasileiro, não se esqueça. Aqui mando eu. Gosta

de comida italiana?

E, diante de sua resposta afirmativa, acrescentei:

— Temos um italiano aqui perto, do outro lado da La Cienega. Costuma ser ótimo. E conta com um excelente *salad bar*...

Pedi então a minha secretária que nos reservasse uma mesa. A referência ao *salad bar* rendia homenagem a sua forma física — e à necessidade de preservá-la. Ainda que ele tivesse acolhido com visível prazer a ideia de uma boa massa.

Mais adiante, no elevador cheio, nos mantivemos calados. Como Max (e o coronel Vaz), Eric tinha uma cabeça a mais do que eu. Nos EUA, todo mundo tinha pelo menos uma cabeça a mais do que eu.

O italiano chamava-se Caffè La Strada. Não havia quem trabalhasse no prédio que não o conhecesse, de sanduíche e cerveja que fosse. À noite, contava com uma boa clientela também. E com música ao vivo. Um trio: piano, baixo e bateria.

Só tínhamos uma avenida para atravessar. Lado a lado, então, aguardamos o sinal. Fazia sol, era sexta-feira, o fim de semana se anunciava com temperaturas amenas. Cheguei a lamentar que nosso percurso fosse tão curto, pois é raríssimo andar pelas calçadas de Los Angeles, uma cidade onde dizem existir mais carros do que pessoas. Não tínhamos pressa. Mesmo porque em geral corremos atrás do futuro, jamais do passado. E era este último que nos aguardava no La Strada.

— Quer dizer, então, que você pertence à crescente espécie dos californianos adotivos... — Eric comentou rindo.

Andava com as mãos nos bolsos da calça, o blazer creme entreaberto deixando exposta uma camisa branca de mangas compridas. Calçava sapatos de camurça. Poderia ser um produtor aposentado de seriados de televisão. Ou um membro respeitado da máfia. Nesse segundo caso, faltavam apenas a corrente de prata no pescoço e os óculos escuros. Porque o grosso anel de ouro no anular ele já tinha.

— É... — respondi. — Morei aqui de 1973 a 1976.

Em outra época e outra vida, ainda pensei.

— Foi meu primeiro posto — acrescentei. — Gostei muito da cidade. Tanto que regressei. Três décadas depois...

— É mesmo? — ele indagou, meio intrigado. — Os estrangeiros em geral preferem São Francisco. Acham mais aconchegante e charmosa. E, sobretudo, mais fácil de entender.

— No início foi mesmo difícil... — reconheci. — Custei a me habituar a essa rede de *freeways*. E a uma cidade que não parecia ter um único centro, e sim dezenas. Mas fui aprendendo. Depois, quando passei a estudar à noite na Ucla, fiz alguns amigos. Aí a coisa ficou mais fácil.

— E o que é que você estudou? — ele indagou amavelmente.

Fazia as perguntas óbvias e, no processo, parecia se divertir. Com a seguinte diferença: demonstrava um genuíno interesse por minhas respostas.

— Cinema... — respondi.

— *Cinema?!* — ele exclamou, surpreso. — Não chega a ser muito usual. No caso de um diplomata.

— É que não sou um diplomata usual.

Nesse meio-tempo, havíamos chegado ao La Strada. Um dos garçons, Alberto, um homem em geral carrancudo (mas que ficara amigo meu em função de nossa paixão comum pelo futebol), aguardava na entrada. Por dever de ofício, apontou para algumas mesinhas na calçada, debaixo de guarda-sóis. Mas, tão logo sinalizamos nossa preferência pelo interior, abriu a porta para nós.

— *Very nice...* — murmurou Eric ao entrarmos na sala tomada pela penumbra. O local era pequeno, mas decorado com bom gosto. Uma canção napolitana podia ser ouvida entre os fragmentos de conversas que emergiam daqui e dali. Sem estar vazio, o restaurante ainda não se encontrava cheio. Restavam algumas boas mesas, e uma, de canto, reservada para nós.

O proprietário saiu de trás de seu balcão e deu alguns passos em nossa direção.

— *Il signore Giovanni...* — anunciei, apresentando-o a Eric, que apertou sua mão.

— Eric Friedkin... — declinou ele por sua vez. — Meu amigo brasileiro se referiu a seu restaurante em termos altamente elogiosos.

Enquanto Giovanni agradecia a gentileza com algumas palavras amáveis, pelas quais promovia a Itália e o Brasil à condição de um só país, Alberto se aproximou para indicar os *specials* do dia. E eu só conseguia pensar *estou frito, já somos amigos*. Foi nesse estado de alma, dividido e irritado comigo mesmo, que busquei refúgio atrás do menu.

Nada fácil levar essa conversa, continuei pensando, enquanto hesitava entre a lasanha e o espaguete à carbonara. E emiti um longo suspiro, como se algo no cardápio me causasse problemas. Eric suspirou por sua

vez. Imagino, em seu caso, pela variedade de opções com que se deparava. A partir de certa idade, tenho notado, o menu ideal se reduz a cinco pratos. Nuvens pairavam sobre nossa expedição gastronômica.

Mas tampouco era o caso de me queixar. Na pior das hipóteses almoçaríamos bem e nos despediríamos após uma conversinha trivial. Não haveria mal algum nisso. Eric quis saber se as porções eram grandes. Explicou que não costumava comer muito na hora do almoço. E apontou para o *salad bar* de que lhe falara. Combinamos, então, que, com a salada, racharíamos a lasanha. Assim teríamos direito à sobremesa. Por sugestão de Alberto, registramos logo esse pedido também: para Eric, um *Cannoli Sicilian style*, para mim, o *Tiramisú*. Seguidos por dois expressos, descafeinado no caso dele. Pronto: dever de casa feito. Ou quase:

— Um vinho? — indaguei em minha qualidade de anfitrião.

— Não, tenho muita estrada pela frente até minha casa... — ele agradeceu. — Mas tomaria um *bourbon* com prazer antes do almoço. E, com a lasanha, uma coca diet.

Pedi então uma taça de vinho tinto. Alberto fez um sinal para mim. Tinha algo a me dizer, mas não sabia se seria o caso de nos interromper. Com os olhos, encorajei-o a falar. Quanto maiores as interferências, melhor. Alberto valeu-se então da chegada dos pães, azeites e azeitonas, para trocar duas ou três frases comigo em italiano, língua que falo mal, mas entendo bem.

Quando ele se retirou, soprei na direção de Eric:

— Futebol...

— Eu sei... — ele respondeu. — Percebi logo.

E aí emendou:

— Passei mais de seis anos na América do Sul. Impossível sobreviver, naquela época...

Até hoje não sei se a pausa que produziu foi intencional.

— ...sem entender de futebol.

Bolas, balas..., pensei por meu lado.

— Belos anos, aqueles... — prosseguiu Eric em um tom agora introspectivo, após colocar algumas azeitonas em seu prato e me passar o pão. — Complicados, cheios de desafios. E, como sempre ocorre, cheios de recompensas também.

Tratava-se, por enquanto, de mera sondagem. Formulada em tom filosófico, que tanto poderia tender para a melancolia quanto para a leveza — dependendo de meus aportes. A ponte entre nós tinha sido erguida por pessoa de sua confiança. Era, portanto, sólida. Mas a referência a meus estudos na área de cinema e a meus tempos de estudante em fase tão conturbada na Califórnia havia abalado seus alicerces. Foi por esse flanco que ele se esgueirou, como o soldado que rasteja ao passar debaixo de uma cerca de arame farpado.

— Mas fale-me um pouco de seus tempos na Ucla nos anos 70. Deve ter sido uma fase fascinante.

Dependendo da escolha que fizesse, eu tanto poderia me concentrar no fim da Guerra do Vietnã, a que assistira dia a dia pela televisão, desastre a desastre, cadáver a cadáver, como mencionar a saga de Watergate, que também acompanhara com meus amigos e vizinhos até o espocar das rolhas das garrafas de champanhe com que havíamos celebrado a renúncia de Nixon.

Eram dois temas que Eric igualmente seguira, só que do outro lado da cerca eletrificada que nos separava — uma vez que, na época, ele já era figura destacada na CIA. Afinal, naqueles mesmos anos, em Montevideu, conhecera o coronel João Vaz — e Max — na condição oculta de *Chief of Station* de sua firma.

Se assim agisse, eu me posicionaria em bases mais pessoais, esclarecendo as coisas de cara — resignando-me, porém, a ver nossa conversa encolher até murchar. Desagradável ela não seria. Mas, longe, tampouco iria.

Por outro lado, e a opção era tentadora, eu poderia buscar refúgio em uma posição mais discreta. Para tanto, bastaria valer-me de minha condição de diplomata, treinado para observar cenários políticos de terceiros países — sem sobre eles opinar. Alternativa por sinal enraizada na realidade, dadas as funções a que se dedica um consulado, uma repartição limitada a prestar assistência a seus nacionais, conceder vistos, legalizar documentos e, fora isso, cumprir tarefas na área de promoção comercial e divulgação cultural — dois assuntos que até haviam ficado sob minha tutela nos anos 70.

O que não podia, porém, era hesitar. Meu convidado já comera três de suas quatro azeitonas. Foi então que tive uma inspiração. E decidi responder a sua pergunta de forma indireta, deixando que ele tirasse suas próprias conclusões. Descrevi um fato que ocorrera comigo e que me impressionara muito, pela maneira e intensidade com que se dera. Um fato que Eric interpretaria a sua maneira (acolhendo-me, ou não, entre os seus). Sem que eu vendesse minha alma ao diabo, ou deixasse de administrar o constrangimento que a evocação do episódio me

causava. Para tanto, bastaria apenas que, do painel a ser pintado a sua frente, eu omitisse alguns detalhes.

O episódio, para descrevê-lo por inteiro, se dera em um concerto de Joan Baez, uma intérprete e compositora por quem eu nutria paixão exacerbada desde meus dezoito anos. Além de linda, pura, inocente e sensível (a meus olhos juvenis e espírito romântico), ela lançara para a fama Bob Dylan, outro de meus ídolos. Sua música, de grande lirismo e simplicidade, tinha raízes em antigas canções folclóricas inglesas, irlandesas e americanas. Naquela época, porém, temas de protesto vinham conquistando espaço em seu repertório. O concerto, ao ar livre, tivera por cenário um anfiteatro improvisado nos gramados da Ucla. E lá estava eu, em êxtase, no meio da multidão, vivendo um de meus sonhos.

A certa altura, sob intensos aplausos, Joan Baez pôs-se a discursar contra os militares golpistas. E não eram poucos naqueles tempos... Deixando o violão de lado, ela de repente gritou: “*Tem alguém da Grécia entre nós?*” Vários braços se ergueram ao ar, os punhos cerrados. Seguiram-se urros contra os coronéis helenos e vivas à democracia, somados a palavras de ordem e apupos contra os gorilas e trogloditas. “*E do Chile? Tem alguém do Chile entre nós?*” Novamente, braços e punhos foram elevados ao ar. Seguiram-se gritos contra Pinochet e vivas a Allende. “*E da Argentina?*”, ela voltou a bradar. Mais punhos, urros e gritos de morte aos gorilas. Ela, então, lançou um último apelo: “*E do Brasil? Tem alguém do Brasil entre nós?*” Recordo-me de haver levantado o braço com entusiasmo. E entrevi, no meio da multidão, outra dúzia deles erguidos. Também nós fomos festejados, recebendo nossa quota

de palavras de ordem, vivas e aplausos. Arrepios de dignidade percorriam as espinhas dorsais de todos.

Quando a música continuou, várias pessoas a minha volta vieram me abraçar e me trazer sua irrestrita solidariedade. Queriam saber se eu precisava de alguma coisa. Um padre se ofereceu para ajudar a retirar do Brasil, em uma avioneta particular, algum parente meu que porventura estivesse escondido na selva amazônica. Uma jovem me deu a metade de seu cachorro-quente, com meia lata de cerveja morna. Um rapaz me cedeu seu cigarro de maconha aceso (“*keep it*”, insistiu), no qual me senti obrigado a dar duas tragadas, engasgando e tossindo a cada uma.

A todos agradei, emocionado por tantos gestos de amizade e desprendimento. Senti-me amado por esse mar humano. Passei o baseado adiante, mas ele, no lugar de se perder na multidão, como em geral vinha sucedendo, insistia em regressar a minhas mãos, o que me levou a dar mais uns tapas. A maconha, de primeira, tornava a vida insuportavelmente bela. Em minha cabeça Joan Baez e Joana d’Arc se confundiam em uma única e mesma musa. E essa musa, entre artista e guerreira, cantava apenas para um soldado trovador — *eu*.

Tudo prosseguira no melhor dos mundos até que o casal sentado a meu lado, depois de muito confabular entre si, como se estivesse urdindo um projeto de grande alcance, me perguntou se eu não precisaria de trabalho. E eu, dado o estado de euforia em que me encontrava, respondi que não, que já tinha trabalho, muito obrigado. Não satisfeito, senti-me levado a informar que trabalhava no consulado do Brasil. “*No consulado do Brasil??*”, o casal retrucou em uma só voz, às voltas com intensa crise de perplexidade. “Sim!”, confirmei, alegre, de

olho em Joana d'Arc que naquele instante piscara para mim. “No consulado do Brasil!”, repeti com orgulho. “*Para o governo dos gorilas??*”, insistiram os dois como que aturdidos. “Sim!”, repeti, sem prestar atenção ao que diziam, entregue que estava a minha musa. A perplexidade deles logo evoluiu para a estupefação e daí para o nojo, como se eu tivesse acabado de escapar de um leprosário com a finalidade explícita de contaminar a todos a meu redor. Em questão de segundos a notícia se espalhou como rastilho de pólvora. Gritos de dedo-duro (“*Informer! We have an informer here!*”) começaram a soar. Levei vários safanões e pelo menos dois chutes nas pernas, fui agarrado pelo colarinho e sacudido sem clemência. Até que um segurança apareceu e me tirou dali.

Mais que a dor e a decepção, eram os olhares de ódio e desprezo que me espantavam. Empurrado pelo segurança, que era um homem enorme e mantinha suas mãos atracadas a meus ombros, fui abrindo espaço à força entre as pessoas contra as quais ia me chocando. A cada cinco ou seis metros a raiva a meu redor decrescia, porque os grupos pelos quais agora passava já não sabiam ao certo o que ocorrera alguns degraus abaixo, entre outras razões porque estavam todos fumados. Restava, porém, o problema maior, de restaurar minha paz de espírito. E outro mais difícil, ainda que objetivo: explicar ao segurança, que só dizia “*go on, man, go on, don't stop and don't look back*”,^[1] que, ao trabalhar com comércio e com cultura, eu mantivera uma clara distância entre minha pessoa e os militares brasileiros. “*Just shut up and walk, man, just walk!*”, gritava o segurança.

A repulsa de que fora vítima não apenas me parecia injusta como incompreensível, sensação que a maconha exacerbava. Afinal, a quantos concertos de meus ídolos brasileiros eu não havia comparecido no Brasil, sem que ninguém exigisse de mim um atestado ideológico? Será que a única forma de protesto se resumia mesmo a pegar em armas e assaltar bancos ou sequestrar embaixadores? E a moçada da Ucla a meu redor? Algo mais fizera do que se masturbar para poder em seguida dormir em paz?

Ao descrever a cena para Eric, tive o cuidado, como indiquei, de ser seletivo com meus fatos e imagens. Da mesma forma, omiti a adesão entusiasmada às palavras de ordem e aos gritos contra os generais. E fiz a maconha desaparecer de cena. Concentrei-me na minha alegria em ter a oportunidade de ver ao vivo uma artista que admirava havia anos — e que só conhecia de disco. E no mal-estar que se instalara a meu redor quando, respondendo a uma pergunta casual de meus vizinhos, por pouco fora linchado por um exército de justiceiros.

Quando terminei, Eric virou de um gole só o que lhe restava de *bourbon* e fez um único comentário, que interpretei como favorável à causa da consolidação de minha credibilidade:

— A Califórnia, na época, não era mesmo um estado confiável. De lá para cá, essa moçada aprendeu a lição. Hoje, alguns dos caras que por pouco te lincharam naquele dia devem ser donos do prédio onde você trabalha.

Talvez..., pensei calado, enquanto nossas meias lasanhas se aproximavam, envoltas em suas fumaças. Selando com um tapa afetoso em minhas costas nosso primeiro esboço de cumplicidade, Eric propôs:

— Que tal explorarmos esse teu *salad bar*? — indagou. — Nem que seja para dar tempo a nossa massa de esfriar um pouco?

Vendo-me ainda abatido com minha própria história, ele então se inclinou sobre meu ombro e procurou me consolar:

— Eu também gostava muito da Joan Baez... — confessou. — Minha filha roubou todos os discos que eu tinha dela. Eram pequenos, vinham em 45 rotações.

[1] “Vai em frente, cara, vai em frente e não para nem olha para trás.”

Eric Friedkin não residia em San Diego, e sim a trinta quilômetros de lá. Em um vilarejo de praia chamado La Jolla, a que os nativos se referiam de forma casual, e até com certa displicência, como *a seaside resort community*. Contava com uma praia circundada por colinas rochosas e entremeada por cânions — cenário que fazia do metro quadrado na comunidade um dos mais caros do país.

Nesse ambiente, o Eric Friedkin que revi foi bem diferente daquele que almoçara comigo três semanas antes em Los Angeles. Usava bermudas, camisa havaiana e alpargatas sem meias. Caminhou até meu carro enquanto eu estacionava. Antes mesmo de me cumprimentar, porém, lançou um olhar severo para o blazer que eu vestia sobre a camisa. Suas primeiras palavras ao apertar minha mão, quando eu ainda mal trancava o carro, tiveram por alvo essa parte mais específica de meu vestuário:

— Vamos te livrar imediatamente desse paletó ou os vizinhos pensarão que você é da máfia, e isso por aqui é coisa grave.

Não pude deixar de rir da brincadeira, entre outras razões por me recordar de que, em nossa caminhada rumo ao restaurante, eu também

o associara ao submundo italiano.

— Nem judeus nem mafiosos em nosso bairro...

A referência adicional introduzira no diálogo uma nota de mau gosto, pensei na hora. Ele passou então a discorrer sobre sua residência:

— Você nem imagina a dificuldade que minha mulher e eu tivemos em comprar essa casa, do jeito que a comunidade aqui é fechada. E olhe que isso já se deu nos anos 80... O corretor, apesar de nos ter sido apresentado por amigos comuns, olhou com enorme desconfiança para a ficha onde eu anotara, na categoria emprego, “funcionário público”.

Recordou-se a tempo de seu papel de anfitrião:

— O que é que você vai querer tomar? Prefere ficar aqui dentro, ou passamos de uma vez para a piscina? Tenho uma boa mesa com guarda-sol.

— Uma vodca-tônica, com uma rodela de limão. Quanto à piscina, boa ideia. Vamos até lá.

Com isso cruzamos a sala em direção à parte de trás da casa, fazendo antes uma escala no bar, onde me sentei em um banquinho alto, enquanto Eric se ocupava de nossos drinques do outro lado do balcão.

— Uma vodca-tônica... Sábia escolha, sábia escolha... — ele murmurou para si próprio.

A cozinha ficava a alguns passos do bar, separada da sala por um vasto balcão. Sem parar de falar e aludindo agora a nosso almoço (“gostei muito daquele seu italiano e já voltei lá com alguns amigos à noite, na sexta-feira retrasada”), ele foi até a geladeira e regressou com a garrafa de vodca, que colocou em um balde de gelo:

— Copo longo? — indagou.

E, ao me ver balançar a cabeça em sinal afirmativo:

— Vou te acompanhar. Na vodca, mas não no tipo de copo. Vou tomar a minha pura. E olha que em geral só bebo...

— *Bourbon...*

— O Vaz te contou? Ele nunca tinha bebido *bourbon...* Acabou gostando. Boa gente, nosso Vaz... Um bom sujeito.

No fundo, nada tínhamos em comum, Eric e eu, a não ser um coronel brasileiro por quem nutriamos uma remota simpatia. Exceto por isso, o que nos unia era uma sensação ainda indefinida, que ia de um prenúncio de desconforto a uma desconfiança recíproca apenas detectada.

Eu acabara de dirigir quase duzentos quilômetros rumo a sua casa, em uma busca provavelmente infrutífera de respostas para perguntas que talvez nem soubesse formular. Quanto a ele, ignoro que tipo de motivação poderia ter tido ao me convidar. Mas se há uma característica da natureza humana que sempre me encanta e até seduz, é seu lado imprevisível. E Eric Friedkin se preparava para me brindar com um belo exemplo desse traço tão raro nos dias que correm.

— Você não gosta nem um pouco de mim, não é?[1] — ele indagou em um tom tranquilo, dando um primeiro gole em sua vodca.

Tanto estava preparado para a pergunta que respondi no ato:

— Não, Eric. Nem um pouco.

E ainda me senti em condições de acrescentar:

— E é uma pena que seja assim. Mas não há nada que eu possa fazer.

Ele desviou seu olhar do meu e deu um segundo gole em sua bebida. Seguiu-se um longo silêncio.

— Você sabe... — ele disse por fim —, durante muito tempo, eu achei que alguém viria. Para me matar. A mim e a minha família.

Riu baixinho, como se agora ridicularizasse os antigos receios.

— Durante anos a fio, andei armado. Cheguei a manter uma pistola e até granadas em cada cômodo das casas por onde morei. Depois, isso foi passando. Ninguém veio... E o mundo foi mudando. Há cinco anos, quando vi a primeira torre do World Trade Center desabando diante de meus olhos na TV, ergui os braços para a tela, como se tentasse ampará-la com as mãos. Depois, diante da imagem da segunda torre caindo, tive uma reação terrivelmente egoísta. Pensei: *I am off the hook.*^[2] Quem se interessaria, agora, em acertar contas com um velho como eu, que ainda por cima participara de guerras pré-históricas se comparadas às atuais? Um homem que servira a uma CIA que nada tinha a ver com a de hoje? Na qual as pessoas se conheciam por seus prenomes e a eletrônica mal entrava em cena?

[1] Textualmente: *You don't really like me a bit, do you?*

[2]Ao estilo do peixe que, momentaneamente fígado, consegue escapar de seu anzol.

Agora que sabíamos o que pensávamos um do outro, o diálogo ganhou em foco e densidade.

— O Vaz me disse que você teria um interesse particular por Max.

— É verdade. Ele foi meu melhor amigo em certa época. Eu era muito jovem, tinha acabado de ingressar no Ministério, onde ele já brilhava como poucos...

— Eu sei...

— Sabe? Como? Eu nunca contei isso ao Vaz. Até mesmo...

— O Vaz não é bobo, você sabe.[1] *Todos aqueles jantares...*

O comentário me entristeceu. Pelo coronel, não tanto por mim... Apreciara a maneira ingênua, quase inocente, com que ele se portara comigo. O velho urso nada tivera de amestrado, então...

Mas... Mas era também possível que tivesse sido Eric, e não o coronel, quem chegara a essa conclusão.

— Mais um de seus *trompe-l'oeils*, Eric? — sondei, rindo.

Ele gostou. Era vaidoso.

Em vez de reagir, contudo, preferiu colocar algumas coxas de galinha na churrasqueira, que rodeou com salsichas de tamanhos variados.

Vestira um avental para dar conta da tarefa. Por um bom tempo, percorreu o circuito de ida e volta entre a churrasqueira e a mesa onde eu continuava sentado. Na escala que fazia não longe de mim, dava sempre um gole em sua vodca, agitava um pouco a salada de alface, pepinos, rabanetes e tomates e verificava o estado de meu copo — que, segundo o caso, reabastecia com mais gelo ou vodca, deixando a meu cargo dosar a água tônica.

Na churrasqueira, inclinava-se sobre as porções, que girava conforme iam grelhando. Escolhia o percurso de volta, quando se encontrava de frente para mim, para soltar uma ou outra frase, quase sempre associada a seus progressos na grelha (“estamos quase lá”, “você gosta de carne mais tostada?”). Ou produzia algum comentário mais genérico sobre a vizinhança.

Explicou-me que *La Jolla* era uma corruptela do espanhol “*La Joya*”. Contou-me que a universidade local tinha seu forte em questões oceanográficas, matéria na qual seu genro se especializara, mas que a parte de computação se tornara igualmente relevante. Falou dos inúmeros campos de golfe existentes na área, queixando-se de que o seu ficava hoje ao lado de uma praia de nudistas.

— Você mal avalia os horrores que somos obrigados a ver... — disse, entristecido. — Banhas, celulites, barrigões... Poucos jovens podem se dar ao luxo de morar por aqui. E, quando aparecem, vêm de longe. Para surfar.

Fiquei também sabendo que, além de Gregory Peck, moravam por perto (ou tinham morado) o ator Cliff Robertson e a atriz Raquel Welch.

— Que idade terá ela hoje? — perguntei para dizer alguma coisa.

— Deve ter passado do ponto... — ele respondeu, inclinando-se sobre uma coxa de galinha. — Na Guerra do Vietnã as fotos dela na *Playboy* já circulavam pelas trincheiras. E eram negociadas a peso de ouro...

O *Vietnã...* Eric lançara-me aqui uma bela isca. O conflito abafara *nossa guerra*, calando as reivindicações sociais que clamavam por soluções e mergulhando nossa região em um atraso de duas décadas — a um custo em vidas impossível de avaliar hoje com precisão.

Por enquanto, porém, preferi aguardar. Se Eric passeava por La Jolla de bermudas e sandálias, não seria eu quem me aventuraria a circular de armas em punho pelos becos e salas de tortura da América do Sul.

— Temos alguns políticos também. O John McCain tem uma de suas doze casas aqui. Dizem que está com chances de ser eleito Presidente. Eu te pergunto, como é que um cara *com doze casas* ousa se candidatar a qualquer coisa no mundo de hoje? Mesmo neste país? Ele só emplaca se os democratas escolherem o crioulo como candidato deles. O de sobrenome islâmico.

Enquanto eu meditava sobre as implicações dessa última tirada, Eric continuou a explorar seu filão étnico. Dos islâmicos, passou aos árabes em geral. Por uns minutos, voltou a falar na discriminação contra os judeus, um tema que parecia diverti-lo. Diante de meu silêncio, porém, foi baixando o tom de voz, a ponto de transformá-la em um murmúrio, que agora chegava a mim de forma intermitente.

Entre a piscina e a cerca que dividia sua propriedade da residência vizinha, havia uma única árvore, cujos galhos balançavam com a brisa. Àquela altura, eu já bebera duas vodcas-tônicas sem ter tido acesso a um

amendoim. Lutando contra o sono, cheguei a fechar os olhos por alguns segundos. Para meu encanto, as folhagens cresciam e se tornavam mais densas, substituindo-se aos poucos ao jardim, que cedia espaço a um matagal. Encontrava-me agora, sem transição, em plena selva boliviana. Guevara me passava uma granada. E me ensinava a tirar seu pino.

— Eu li sua carta... — ouvi uma voz dizer ao longe.

Que honra para mim, ainda pensei. Che lera minha carta.

— Você leu minha carta... — respondi, feliz, enquanto entreabria os olhos por um segundo.

Limitara-me a fazer eco às palavras de Eric, perdido que estava entre La Jolla e La Paz. Minhas pálpebras pesavam como chumbo. Endireitei-me como pude na almofada da cadeira.

— Páginas inspiradas... — prosseguiu ele no mesmo tom distante. — Um tanto ingênuas, como todo desabafo regado a uísque, mas belas assim mesmo. Pena que, em um primeiro momento, tenham passado despercebidas.

Voltou-se para mim, como se desejasse conferir um especial realce ao que ainda diria. Agora, tinha toda minha atenção.

— Um primeiro momento que durou...

Tal como Max, ele também sabia valorizar suas pausas:

— ...trinta e três anos. A idade de Cristo.

Voltou-se para o fogo uma vez mais, deixando-me perdido entre dúvidas e incertezas. *Páginas inspiradas... Desabafo regado a álcool... Cristo...* De que falaria...? E por que estaria tão animado?

A tarde se anunciava longa. O que, em si, não era mau — desde que eu recuperasse um mínimo de forças. Porque minha agenda nada tinha

de modesta: ia do acesso ao poder nuclear que o Brasil tentara obter nos anos 70 ao número de pessoas por cujas mortes Eric pudesse se considerar responsável em sua fase sul-americana.

Entre os dois extremos, tínhamos um encontro marcado com Max. Mas não havia pressa. Mesmo porque vários temas adicionais se insinuavam a nossa volta. Em meu caso, teria gostado de saber como Eric comparava o atoleiro no Vietnã, no qual militara sonhando com Raquel Welch (e o qual eu acompanhara pela TV desta mesma cidade quando jovem), às areias movediças em que seu país se encontrava hoje afundado no Iraque e no Afeganistão.

Uma vez mais, porém, coube a meu companheiro de almoço dar uma guinada inesperada a nosso diálogo:

— Você sabe... — ele disse, ao recolher meu prato da mesa —, homens como nós existem às centenas. Mas homens como Max são raros.

De volta à churrasqueira, e sem mover o corpo, ele anunciou:

— Nosso almoço está pronto. Coxa de galinha ou salsicha?

— Salsicha — respondi no ato.

Ele me trouxe um prato com dois salsichões, aproximou de mim o vasilhame com a salada, indicou com o dedo a travessa com o azeite, sal e vinagre. Isso feito, desculpou-se:

— Volto já. Esqueci o ketchup.

Fortalecido pelo salsichão que deglutira às pressas com alguns pepinos e tomates na ausência de Eric, decidi considerar suas frases de forma mais detida. *Homens como nós...* Mas fiquei na primeira. Pois Eric,

que voltava a passar por mim a caminho da churrasqueira, encarregaria-se de repetir a segunda:

— Homens como Max são raros...

De costas para a mesa, ele agora balançava a cabeça de um lado a outro enquanto fazia seu prato. O movimento me levou a rever Max em nosso jantar no Alto da Boa Vista, quando meu antigo companheiro se movera dessa maneira vagamente paterna. *Esse aí não mudará nunca...*, ele pensara naquela noite.

No intervalo de uma geração, nessa transição das crises figurativas dos anos 60 às abstratas dos anos 90, milhares de seres ao sul do equador haviam sido presos, torturados e mortos em nome de prioridades hoje condenadas ao esquecimento. Quem responderia pelo sopro mortal que os levara de roldão? Quem, no Brasil, para citar um desses cenários, envergaria um dia o traje bem-cortado com que Robert McNamara lamentara publicamente os horrores causados pela Guerra do Vietnã — e encararia uma câmera para explicar o inexplicável?

O que sucedera quatro décadas antes em nossa região permanecera suspenso no tempo. Que espaço poderia haver para dramas relegados agora ao mundo acadêmico — em um planeta desprovido de memória?

Nisso ia eu quando Eric por fim se aproximou da mesa com seu prato, no qual, depois de muito meditar, colocara uma solitária coxa de galinha e duas salsichas. Olhei-o como se o visse pela primeira vez. No plano físico, ele não tinha mesmo nada a ver com Max, como eu bem sabia. Mas em outro, mais difícil de definir, os dois emergiam diante de mim como irmãos. De origens e tempos diferentes — mas irmãos de sangue.

As vodcas em estômago vazio — agora substituídas por cervejas — respondiam pela viagem que eu vinha fazendo havia certo tempo naquele perímetro delimitado por Eric. Era uma viagem que me amolecia aos poucos. O curioso, como eu notava sopesando pausas e silêncios, era que meu anfitrião também parecia passar por uma experiência semelhante. Talvez me visse como o cavaleiro errante que batera à porta de seu castelo em busca de algo soterrado em sua consciência.

Um cavaleiro errante, contudo, que envergara as vestes de um gladiador discreto. E que lhe dera a escolha das armas. Como dono da casa e mestre de cerimônias, ele então deixara o tridente e a espada de lado — em favor do álcool. Mantivera um copo cheio de *bourbon* na prateleira inferior do bar, como eu notara havia pouco ao ir até o banheiro. Daí que se esquecera do ketchup. E que voltara à cozinha em busca da mostarda. Ou que, mais adiante, resgatara os guardanapos de um armário.

Eric bebia... vodca comigo, *bourbon* com seus fantasmas.

No lugar dos tiros e atentados que Eric esperara em vão, ou das granadas que teriam dado cabo dele e de sua família, o destino lhe mandara um simples caçador de enigmas. Pouco importava que dissessem respeito a Max — se ambos tinham um parentesco estabelecido.

Nosso duelo reduzira-se até aqui a algumas frases disparadas a esmo, entrecortadas por trivialidades ou provocações de parte a parte. Agora, porém, Eric comia. Pausadamente e no mais absoluto silêncio. Vez por outra, lançava-me um olhar. Mas com o ar plácido de quem

contemplasse um trecho anódino de paisagem. Eu bem poderia ser a segunda árvore que ele sempre desejara plantar em seu jardim.

[1] *Vaz is no fool, you know.*

48

— Foi tão difícil assim, Eric? — perguntei por fim.

— O quê? — ele quis saber.

— Sobreviver... — respondi.

— *Perdão?* — ele indagou, com uma dignidade britânica.

Em seguida, optou por um suspiro. Pareceu-me que tentava ganhar tempo. Fui então em frente:

— O Eric de hoje me vinculou à máfia quando eu ainda estacionava o carro. Depois, sempre brincando, falou mal dos judeus um par de vezes. O que raramente deixa de ser constrangedor, sobretudo se surge de forma gratuita numa conversa. Condenou árabes e islâmicos. Tachou o possível Presidente de seu país de “crioulo”. Esforçando-se, o tempo todo, para criar um ambiente desconcertante para minha visita. Não contente, estufou o peito ao mencionar “homens como nós”, sugerindo um passado comum que só existe em sua cabeça.

Aqui ele ergueu a mão ao ar.

— Na realidade, achei que estava *te elogiando*. Ao te incorporar a um grupo a que pertenço com grande orgulho.

Coloquei de lado meu prato ainda cheio. Não haveria quem, versado ou não em etiqueta, deixasse de ver no gesto uma ruptura:

— Eric, pelo respeito que devo a seus cabelos brancos, pelo prazer com que me dispus a te visitar, pelo constrangimento que, mal ou bem, sinto por ter abusado de sua excelente vodca...

— ...na qual você colocou água tônica, gelo e limão, quando ela se toma pura...

— ...na qual coloquei água tônica, gelo e limão, quando ela se toma pura — repeti no mesmo tom —, gostaria de saber se você por acaso não estaria debochando de mim.

— Ao nos ver como *homens iguais*? — ele reagiu de imediato. — De modo algum.

— De modo algum... — limitei-me a repetir.

— *Somos iguais, sim*. Se o ponto de referência de nossa conversa for Max. Como me parece ser. Como me parece ser a razão de sua visita. Como foi a razão dos jantares de Viena.

A cada frase, ele subira de tom. Recoloquei o prato a minha frente e continuei a comer, como se me dispusesse a ouvi-lo — sem deixar de me concentrar em minhas prioridades.

— Se tomarmos Max como referência — ele insistiu, e aqui sua voz atingiu um patamar de ênfase quase agressivo —, somos homens iguais. *Porque acreditamos em alguma coisa*. Que essa *coisa* seja diferente ou até diametralmente oposta (em nosso caso) é irrelevante. O que importa é que acreditamos em algo. *Max não acreditava em nada*. Apenas nele próprio. *Of all people, you should know that*. [1]

Após uma pausa acrescentou, como se falasse para si próprio:

— Não brinco nunca. Por isso até hoje estou vivo.

Lembrei-me de Marina. Senti que ela me acompanhava desde o início, como se sentada estivesse a nossa mesa:

— Pode ser, Eric. Mas assim mesmo você deu toda uma volta e não respondeu a minha pergunta.

— Ao contrário — ele disse friamente. — Eu me antecipei a sua pergunta... Logo após sua chegada. E você se fez de desentendido.

— Quando?

— Quando eu disse, com todas as letras, *que lera sua carta*. A diferença entre o Eric de hoje e o do Caffè La Strada é essa. Eu li sua carta. E vi quem você era.

Marquei um tempo, para saber até onde ele iria. E ele não se fez de rogado:

— E mais: quem você foi todos esses anos. E ainda é.

— Mas que ótimo, Eric! — exclamei então. — Sempre quis saber quem era. Quem não quer? Em certa fase de minha vida, até fiz análise para investigar esse grande mistério. Você talvez possa me revelar algo a meu respeito que me interesse de perto.

Ele se inclinou na mesa em minha direção e fixou seus olhos nos meus. Sem animosidade, mas com firmeza. Sabia que eu voava às cegas, por força dessa carta que volta e meia ele tirava da manga, tal um ás de espadas.

Decorrido um momento, levantou-se e foi até a churrasqueira pela segunda vez, na condição de comensal, não mais de *chef*. Contou-me então que, ao receber o e-mail do coronel João Vaz a meu respeito, dera-se conta de que “seu nome me soava familiar”.

Entre uma garfada e outra, ele revelou que sempre tivera uma excelente memória. E aqui acrescentou: “Como seu amigo Max.” Só que, segundo ele, esse dom vinha falhando. Daí que não conseguira atinar com meu nome, por mais que regressasse ao passado e esmiuçasse seus antigos escaninhos. Mas que era familiar, disso tinha quase certeza.

Em se tratando de um brasileiro, prosseguiu ele enquanto roía o osso que mantinha preso entre as mãos, imaginou que talvez tivesse me conhecido em sua fase no Brasil. Revelou-me que ficara amigo de Carlos Câmara nessa época. Recém-chegado de Bonn, o futuro superior hierárquico de Max estagiava na Escola Superior de Guerra, onde Eric por vezes dava aulas. Quando, anos depois, o reencontrara no Uruguai, alertara-o contra Max, que, àquela altura, conhecia bem. “Abra o olho porque esse rapaz vai chupar o sangue de tua carótida”, dissera sem meias-palavras.

Enquanto o ouvia falar, não conseguia desviar minha atenção dos ossos sendo triturados a minha frente, das peles sendo rasgadas, dos pedaços de carne sendo mastigados ruidosamente. Eric liquidara com todas as coxas de galinha de sua grelha. Para um homem que, três semanas antes, ao almoçar comigo, descrevera seu apetite como “frugal”, não era pouco. Fiquei com a incômoda sensação de que sua fome crescia em sintonia com meu silêncio.

Havia, no entanto, um lado positivo no que ocorria: as peças de minha história iam se encaixando. O Café Sorocabana (“*eu ia muito lá*”, ele revelou a certa altura, “*bem antes de servirem álcool, e estive entre os que manobraram nos bastidores para revogar a licença do Fernández, por estimar que precisávamos de gente lúcida em cena, e não de*

bêbados”), o sistema de gravações das embaixadas, os codinomes Zorro, Sam Beckett e Morcego, as hesitações da CIA e do MI6 em se valer de Max, que as chefias de ambos os serviços julgavam instável, “*dominado que era por uma extraordinária ambição que o levava a ter, não uma, mas várias agendas próprias*”, essas e muitas outras informações foram surgindo como se me aguardassem havia anos.

Eric me tinha em seu poder, não apenas pelo que ia me contando, mas pelo tom distante e evocativo de que se valia. Poderia estar debruçado sobre um velho álbum de família, identificando personagens, detendo-se ora aqui, ora ali sobre suas trajetórias e desventuras.

Em dado momento, lembrou que boa parte do que me contava constava de documentos que já tinham sido desclassificados pelo National Security Archive. E que a outra parte o seria um dia. E aqui, apontando na direção de sua garagem, acrescentou “tenho meus próprios arquivos, que por anos a fio carreguei comigo por precaução”.

Nesse meio-tempo, havíamos tirado a mesa e jogado os restos de comida na lata de lixo. Enquanto eu carregara os pratos, talheres e copos para a pia, ele limpava a grelha da churrasqueira com todo o zelo, usando, para tanto, luvas, um velho pano de prato e uma lata de spray. Em seguida, baixara a tampa. Ainda nem eram três da tarde. Do outro lado do balcão de sua cozinha, Eric me disse então:

— Precisamos agora saber o que vamos comer de sobremesa. Sorvete de *pecan*. Ou frutas... E, nesse segundo caso, posso te oferecer melão ou uvas. *Uvas sem caroços*, para mim a maior invenção recente no campo da tecnologia agrícola.

— Às uvas sem caroços... — proclamei então.

— Sábia escolha, *sábia escolha*... — ele voltou a murmurar para si próprio.

Quanto a ele, optou pelo sorvete. E foi de tigelas em punho que, sem maiores explicações de sua parte, tomamos a direção oposta a seu jardim. Cruzamos uma saleta com estantes, dois sofás e uma televisão (“nossa sala íntima”, comentou ele, como se sua esposa ainda se fizesse presente na casa) e enveredamos por um corredor, ao fim do qual havia uma porta. Uma vez aberta, vi que dava para sua garagem. Ou, como ele disse, “para meu passado”.

[1] Se há alguém no mundo que deveria saber disso, é você.

O espaço estava tomado por estantes de metal, que iam de uma ponta a outra da garagem, divididas em uma série de fileiras e abarrotadas de caixas com etiquetas numeradas. Com sua colher de sorvete erguida ao ar tal uma batuta de maestro, Eric prosseguiu então:

— Durante muitos anos dediquei-me a colocar meus papéis, fotografias, negativos e microfilmes em ordem. E consegui. Minha mulher me ajudou muito. Jamais teria conseguido organizar esse arquivo sem ela. Hoje, sou uma sombra do que era. Depois que ela se foi, há dois anos, deixei de colocar os pés aqui por meses a fio. Mas acabei voltando. O bom filho à casa torna.

Aqui fez a mais breve das pausas. Seria possível que não nutrisse dúvidas de qualquer espécie sobre suas muitas décadas de serviço ativo? Ou desejaria evitar que seu sorvete derretesse? O fato é que logo prosseguiu em um tom didático.

— Uma pequena parte do arquivo é ostensiva. Recortes de jornais, fotografias, cópias de relatórios inócuos. Há uma parte confidencial, que vem sendo desclassificada aos poucos pelo governo. O resto, mais da metade, e não me pergunte qual, porque nem eu saberia dizer a essa

altura, é secreto. Tudo misturado, de propósito. Ou por descaso meu. O joio e o trigo estão perdidos entre as dezenas de caixas contidas nesta garagem, que algum dia retornarão a Langley, conforme consta de meu testamento.

Depois de uma risada amarga, arrematou:

— Dará uma trabalhadeira infernal fazer a triagem de todo esse material. Será minha vingança, essa herança maldita, por ter sido mandado para casa antes do tempo regulamentar, depois de tantos anos servindo a meu país. Que passem meses, se não anos, vasculhando a papelada. E que se assustem bem com o que encontrarem!

Assustado estava eu. Acompanhava-o, comendo com vagar minhas uvas sem caroços, dando com isso a impressão de que nada fora do ordinário se passava comigo, como se estivéssemos passeando pelos Champs-Élysées em uma tarde de primavera, e não às voltas com o trágico espólio de convulsões sangrentas. As etiquetas iam desfilando por meus olhos, sem que eu ousasse me deter, *Allende, 1968-1969, Allende, 1970-1971*. A partir de 1972 as caixas haviam passado a ser classificadas por meses (*Allende, janeiro a abril de 1972, Allende, maio de 1973*). A última — a menor de todas — trazia dizeres que me emocionaram em meio àquele triste ciclo de memórias: *Allende, agosto/setembro de 1973*.

Ao final da mesma prateleira dedicada ao Chile, apareciam nomes familiares de mártires (Miguel Enríquez, Tucapel Jiménez, José Carracos, entre eles) e outros desconhecidos. Havia etiquetas com designações de grupos paramilitares, de centros de tortura (*Arenal Base, Casa Memoria José Domingos Cañas*), de regiões ou ilhas (*Dawson*

Island, Punchuncaví, Chacabuco)... Outras se referiam a informantes ou a pessoas que, segundo Eric, precisavam ser vigiadas (“Você nem imagina o bando de gente que nós seguíamos de um lado para o outro”). Muitas tinham títulos enigmáticos. Uma estante inteira era dedicada à Dina e aos nomes infames que haviam militado na temível instituição: Contreras, Krassnoff Martchenko, Fernández Larios, Osvaldo Romo Mena, Mario Jahn Barrera... Algumas continham apenas números, sempre a caneta azul no centro de um círculo negro, ou codinomes (*Zulu, Orfeo, Zapata* e — o mais curioso de todos — *Onassis*). Conteí três caixas com a etiqueta MIR, sem datas, e outras três para Letelier, Bernardo Leighton e Carlos Prats. Na fileira seguinte, Cuba e Fidel ocupavam lugares secundários. Recordo-me, entre outras, de uma caixa: *Cuba-OSPAAAL, 1966*.

— A parte cubana não caberia em três garagens como essa... — brincou Eric. — Mas a ilha felizmente não era assunto meu.

Passei por pelo menos quatro caixas dedicadas ao general Pinochet e uma a sua família. Cinco prateleiras, de uma ponta a outra da garagem, diziam respeito aos uruguaios, a maior parte dedicada aos tupamaros (com destaque para Raúl Sendic) e aos ditadores ou torturadores da época (Bordaberry, Gregorio Alvarez, Manuel Cordero). Os montoneros argentinos também figuravam nas prateleiras com destaque.

O tempo todo, Eric falava. Suas palavras soavam como um contraponto aos nossos passos e só eram interrompidas quando ele dava uma nova colherada em seu sorvete. Este cedo ou tarde terminaria, e sua fala se veria então desprovida de suas cadências.

Chegáramos aos *Guevaras*. Ocupavam toda uma estante em uma das alamedas. Sua *fase africana* estava lá, das passagens por Mali, Guiné-Conakry, Gana, Daomé, Tanzânia à guerrilha de que participara no Congo.

— Cópias de relatórios de campo... — explicou Eric, quando me viu reduzir o passo. — De colegas em postos africanos. Nem tudo que está aqui tem a ver comigo, é claro. Mas, em Montevideú, nós recebíamos cópias de informes e relatórios vindos de terceiros países, que tivessem alguma relação conosco.

Tendo acabado com minhas uvas, promovi ao status de preocupação central o destino a ser dado a minha tigela.

— Coloque ali... — disse Eric, apontando para uma estante vazia próxima à porta de entrada.

Íamos e vínhamos pelas fileiras de seu melancólico bazar, ora chegando ao extremo oposto da garagem, ora de lá regressando pela alameda seguinte rumo à porta de entrada. Calculei que faríamos o percurso completo em mais nove ou dez voltas. Um périplo rastreado a sangue.

— Você não tem a menor ideia do que seja nascer preso a uma engrenagem... — disse Eric a certa altura.

O tom de voz mudara. Deixara de ser assertivo e enveredara por uma trilha mais evocativa, que exigiria atenção de minha parte. Terminara seu sorvete e depositara a cumbuca vazia ao lado da minha. Lambeu os dedos antes de esfregá-los em sua bermuda.

— Não digo isso como desculpa. Não devo desculpas a ninguém.

O homem que erguera as duas mãos para a tela de televisão ao ver as torres do World Trade Center desabar pisaria finalmente em cena?

— Nascer preso a uma engrenagem... — ele repetiu. — Para um homem como você, um jovem como você na época, o mundo não passava de um tabuleiro no qual as peças pudessem ser movidas à base do idealismo. Mas nós...

Nova pausa. A frustração o impedia de se valer dos jogos de cena com que contara em nosso almoço. Parecia necessitar de ar.

— Nós estávamos em guerra... — disse por fim.

Desabafara com a convicção de quem conhecera o dia a dia das trincheiras. Sabia do que falava. A guerra, para ele, não era um fenômeno abstrato. Não haviam sido poucos os diplomas de reconhecimento por atos de bravura que eu vira dependurados nas paredes de um dos corredores quando de minha expedição a seu banheiro. Matara vietcongues, perdera amigos, até ferido fora. Vira, em suma, a morte a um palmo de seu nariz. Pouco importava que ela viesse embalada em uma ideologia ou não. E que esta fosse certa ou errada. Na hora H, seria sempre apolítica. Dois adversários que de repente se confrontassem de armas em punho no meio da selva não poderiam estar, ambos, certos. Ou, ambos, errados. Em uma fração de segundo como essa, que importava onde estivesse a verdade? O que interessava era disparar primeiro. E acertar.

— E a Guerra Fria pairava sobre nossas cabeças... — murmurou então. — Hoje, se você olhar para trás, com um mínimo de boa vontade e isenção, verá do que escapamos. Porque, por mais doido que você seja...

Novo olhar em minha direção, que administrei com um sorriso cordato.

— ...não dá para continuar a admirar nosso simpático camarada Stalin como antes, não é verdade? Nem compactuar com as barbaridades de Mao, que geraram a morte, por fome e outros crimes, de milhões e milhões de pessoas. Fatos comprovados historicamente. E que explicam o que se passa hoje em certas partes do mundo. Ou dá?

Colocado dessa forma, não dava. Pude assim concordar sem sentir que cedera algum espaço em meu tabuleiro.

— Não... — respondi. — Não dá.

Ele respirou fundo, como se tivesse ganho a primeira parada. Senti-me então obrigado a dar uma corrigida no rumo de nossa conversa:

— O problema aqui, nesse tipo de colocação, como sempre, é o contexto mais amplo no qual esses temas são analisados.

Por pouco mordi minha língua, tal a sandice que essas palavras professorais encobriam. Mas não havia jeito. E tive de ir até o fim, cada vez mais consciente do fosso que cavava entre nós dois.

— *Sua dinâmica*. E a perspectiva necessariamente cambiante de quem... *De quem observa*.

Eric parou no meio de uma de suas alamedas, diante de duas caixas, em cujas etiquetas pude ler *Jorge Videla, diversos* e *Alejandro Lanusse, correspondência com Gualtieri*. Colocou os punhos cerrados na cintura, o que não deixou de ser cômico, pois estava de bermudas e sandálias e, com isso, mais parecia um turista indignado com alguma reserva cancelada do que um herói de guerra ofendido com a retórica de um membro da academia:

— E o que é que você quer exatamente dizer com isso? — ele indagou em um tom raivoso.

As opções de sempre, em situações análogas: segurar o touro pelos chifres? Ou negociar um recuo tático?

Melhor negociar:

— Eric, não creio que este seja o lugar, ou o momento, de nos metermos nesse tipo de discussão. Só quis dizer que...

— *Bullshit!* — ele exclamou, furioso.

Imediatamente, porém, se desculpou. E eu, por meu lado, ergui a mão ao ar, como quem diz “*esquece*”.

— Ocorreram abusos na América do Sul? — perguntou meu anfitrião abrindo os braços.

A indagação era dirigida a suas caixas, não a mim. Diante do silêncio geral, ele próprio se encarregou de responder:

— Claro que sim! *You bet they did!* E por quê? Porque nem sempre pudemos escolher nossos parceiros nesses países. E, com frequência, estes se revelaram gente da pior laia. Ou você acha que morríamos de amores pelo Pinochet? Ou pelo Contreras? Ou pelos militares corruptos com que tivemos de lidar em alguns desses países, no seu inclusive?

Um pouco mais e ficaria com pena de Eric e seus companheiros. Mas o momento não abria espaço para ironias.

— *Guerra...* — repetia Eric surdamente. — Estávamos em guerra. E não havia tempo a perder.

Regressara ao ponto inicial de seu périplo verbal. Aguardei, para saber se, dali, ele concluiria — ou partiria em outra direção.

— Não havia tempo a perder... — ele repetiu, como se necessitasse pegar o embalo para subir alguma ladeira. — Ou sufocávamos de imediato a mobilização comunista incipiente na América do Sul, ou teríamos de enfrentar *duas* guerras de guerrilha em lados opostos do planeta. Sendo que ignorávamos se sequer teríamos condições de ganhar *a de que nos ocupávamos havia anos*. Se o lado de lá sabia jogar dominó, nós também sabíamos. E resolvemos produzir *o nosso* na América do Sul.

Aqui recordei as coreografias de Merce Cunningham, evocadas por Max vinte anos antes. Mas Eric prosseguia:

— *O dominó da direita*, brincávamos. Entramos pelo Brasil em 64, e daí os países foram todos caindo uns depois dos outros, que nem um castelo de cartas: a Argentina em 66, o Uruguai e o Chile em 73 (um ano bom para nós), o Peru em algum momento, já nem me recordo exatamente qual, novamente a Argentina em 1976 (depois de breve e patético hiato peronista), etc. Um belo dominó... Impecável... Essa guerrilha em nosso quintal a gente trabalhou com gosto. Sem dar um tiro e sem perder um homem.

Diante de meu silêncio, ele continuou, ladeira abaixo:

— Estávamos acostumados a guerras convencionais. Tínhamos vencido duas de uma só vez, contra os alemães e os japoneses. Mas guerra de guerrilha era uma coisa completamente diferente.[1] Duas, ainda por cima... E em escalas que se anunciavam continentais... Nem pensar!

Impossível deixar de meter minha colher:

— E ambas do tipo atoleiro... — sugeri então. — Como nos dias de hoje... No Iraque e no Afeganistão.

Ele pareceu aturdido com minha interrupção, de tão refugiado que estava em seu passado. Chegou a fechar os olhos por um instante, ao ser confrontado com palavras que davam um corte no tempo e o projetavam sem transição nos desafios do presente. Tal um mineiro que, resgatado de seu buraco após dias de desespero, não consegue lidar com a luz que o cega.

— Pode ser... — reconheceu por fim, baixando a cabeça. — Pode ser. O mundo de hoje... A CIA de hoje...

Calou-se. E lançou um olhar cansado sobre o conteúdo de sua garagem. Um olhar desprovido de orgulho — e, quem sabe, imbuído de perplexidade. Um pouco como se, em decorrência de nossa conversa, tivesse reavaliado um patrimônio que, até ali, só lhe trouxera alegrias.

Nisso pensava quando, de repente, estaquei. Acabara de passar por uma caixa na qual lera de raspão *Acordo Nuclear, Alemanha*.

De tão nervoso, reuni então coragem para pedir licença e ir ao banheiro, prometendo regressar.

— Não se preocupe... — ainda o ouvi dizer atrás de mim — não tenho planos de sair daqui...

[1] Em suas palavras: *Quite another ball game*.

50

— É o acordo de 1975? — perguntei da forma mais casual possível ao regressar.

— De certo modo, sim. Mais conhecido entre nós como “*Tudo o que você sempre quis saber sobre os sentimentos da Westinghouse a respeito da CIA mas tinha medo de perguntar*”.[1]

Impossível não rir. Mas logo emendei em tom sério:

— É... Vocês perderam uma montanha de dinheiro quando os alemães firmaram o acordo com o Brasil.

— Bilhões e bilhões de dólares... — confirmou Eric. — E durante anos nos acusaram de termos bobeadado. Ainda que...

E aqui apontou para a caixa em frente à qual havíamos parado.

— Ainda que essa caixa contenha, não uma cópia do acordo final, de 1975, como você supôs há pouco, mas as minutas originais do texto que conseguimos copiar em Montevideú *muitos anos antes da assinatura do acordo*. E ainda que tenhamos mandado *tudo* para Langley.

— E aí...? — indaguei, surpreso.

— E aí nada. A CIA não fez nada. *Nada...* Simplesmente sentou em cima da informação. A menos que a própria Westinghouse, que já

ganhara a concorrência para a usina de...

— Angra 1...

— Isso mesmo, a usina de Angra 1. Talvez a Westinghouse estivesse convencida de que, com essa primeira vitória, o resto do pacote estava no bolso. Estava no bolso, sim. *Mas dos alemães*. E foi teu amigo Max, nosso *Sam Beckett*, quem nos deu o caminho das pedras.

— Uma proeza dupla. Ou uma idiotice só?

— Nem uma coisa nem outra. Ou ambas, já nem sei. A operação foi complexa. Envolveu um jogo de espelhos com participação, igualmente involuntária, do duo formado pelo ex-embaixador de vocês em Montevideú e seu parceiro Carlos Câmara, para não falar da triangulação com um agente britânico que trabalhava em coordenação conosco. Cada personagem teve seu papel nessa equação, que um ano depois me valeria uma medalha de honra e um aperto de mão de Richard Nixon.

— Apesar do fracasso da Westinghouse?

— Sim... — ele respondeu, antes de completar — *...e não*.

Abriu então o jogo.

— Acabei me envolvendo com essa questão nuclear Brasil-Alemanha por mero acaso. Por cortesia de uma indiscrição do embaixador. A única que ele cometeu em quase seis anos de Montevideú, coitado. Ao ouvir as gravações de rotina, um comentário dele ao telefone chamou minha atenção. Passei então a me concentrar mais em tudo que dizia. E fui juntando frases aqui e ali. Até descobrir, aos poucos, para nossa inteira perplexidade, que era *ele* a ponte entre o Brasil e a Alemanha nesse tema nuclear. Veja você...

Realmente, não fazia sentido.

— *A não ser por um detalhe*, que escapou a nosso pessoal em Langley, de tão baixas que são, e eram, as prioridades brasileiras para nós. O embaixador servira em Bonn antes de ser transferido para Montevidéu.

— Sim, mas... até aí...

— Exatamente. Só que esse tipo de detalhe *jamais* teria passado despercebido se estivéssemos lidando com um diplomata russo, por exemplo. Ou um agente do Leste Europeu. Mas, como se tratava de um brasileiro, ninguém viu...

Pertencer ao Terceiro Mundo tinha suas vantagens, não pude deixar de pensar... Enquanto isso, Eric seguia em frente:

— Como imaginar que a conexão nuclear Alemanha-Brasil passasse pelo *Uruguai...*? — indagou.

De fato... A mim, a hipótese jamais teria ocorrido. E duvidava de que, ainda hoje, alguém tivesse ligado fatos até ali desconexos e esparsos.

— Levantada a dúvida, eu me pus em campo. E logo vi que o embaixador operava por conta própria. Pelo menos de início. Não digo à revelia de teu Ministério, *mas sem seu conhecimento*. Contava apenas com o apoio de um grupo de militares, próximos à Presidência, com quem trocava mensagens que passamos a decodificar. E com o Carlos Câmara. O Carlos, apesar de meu amigo, jamais tocara nesse assunto comigo no Rio. Como não tocara em Montevidéu. Ao contrário de Max, ele era um profissional. E um verdadeiro patriota.

Respirou fundo, como quem homenageia um colega caído no campo de batalha. Permitiu-se até se deter um pouco mais nesse desvio.

— O embaixador também. Só que o cara era meio pirado. O Vaz depois me contou histórias inacreditáveis a respeito dele.

Seu olhar, carregado de sugestões e malícia, buscou o meu. Não estaria por acaso interessado em um pequeno intervalo de natureza picante? *Não?* Pena...

— O velho estudara na Alemanha, antes da Segunda Guerra... — continuou então. — Fizera amigos, alguns dos quais tinham sobrevivido ao conflito, e até muito bem. Vários se encontravam à frente de suas antigas indústrias. Washington pediu minha opinião: *o que fazer?* Foi minha a ideia de colocar o serviço secreto britânico na jogada. Para não nos expormos, caso surgissem suspeitas. Os ingleses nos deviam alguns favores.

De que favores se trataria?, ainda me perguntei. Algo já relacionado ao futuro problema das Malvinas? Tarde demais, Eric já ia longe:

— Foi Max, então, quem nos deu o caminho das pedras.

Seus olhos brilhavam de alegria.

— *Sem se dar conta!* — exclamou. — Essa foi a beleza da história.

Para minha surpresa, segurou meu braço com entusiasmo, como se estivesse celebrando uma vitória. Um gesto raro, de intimidade.

— Max nos deu de bandeja a informação crucial de que necessitávamos para localizar as minutas do acordo. Sabíamos que estavam com o embaixador. Mesmo porque, do lado de Bonn, já tínhamos tentado de tudo, sem êxito. As cópias do embaixador, então, representavam nossa esperança. Mas *onde* aquele maníaco metera os textos, ou o raio do microfilme, ninguém conseguia saber. Pusemos o Ray na cola do Max.

— Ray? — indaguei.

— Raymond Thurston... — ele respondeu. — Um agente do MI6. Do serviço secreto britânico. Trabalhávamos em parceria em alguns projetos. Muito boa-praça. E excelente agente. Acabou ficando amigo de Max. E isso lhe custaria o cargo.

Aqui Eric tamborilou os dedos na caixa, como para renovar meu interesse por ela.

— Foi um lance digno de James Bond... — murmurou de forma carinhosa.

Assim é que, três horas e seis salsichões depois de haver cruzado o umbral de sua porta, quando havíamos administrado a duras penas incontáveis vodcas e cervejas, logrei regressar ao trágico Brasil dos anos 70. Mas não por cortesia de temas familiares, como imaginara. E sim por haver sido precipitado, a reboque do acaso, nos bastidores das negociações nucleares Brasil-Alemanha. Em certo sentido, como ocorrera com Eric quarenta anos antes.

[1] *Everything you always wanted to know about Westinghouse's feelings for the CIA but were afraid to ask*, uma paródia ao título do filme de Woody Allen (*Everything you always wanted to know about sex but were afraid to ask*).

51

Eric entrou velozmente no tema, como se tivesse pressa. O que exigiu de mim grande atenção: *o Departamento de Estado e o Pentágono estavam alarmados*, contou-me ele, como se eu pudesse dispensar qualquer tipo de antecedente em matéria tão complexa.

Por mais que se tratasse do uso pacífico de energia nuclear, por mais que nada apontasse para temas mais perigosos, o assunto era grave pelas duas pontas. Do lado alemão, por demonstrar um tipo de independência inaceitável com relação a Washington, quando se sabia que a Westinghouse já havia vencido a concorrência para a construção de nossa primeira usina — e, desde então, considerava nosso mercado “conquistado e cativo”. Do lado brasileiro, por representar um primeiro momento de ruptura explícita com Washington, desde o golpe militar de 1964. Um ato de independência incompreensível — e inaceitável.

— Mas qual era a diferença? — indaguei, procurando ganhar tempo para me entrosar no assunto, que mal conhecera na época e do qual não me recordava. — O que distinguia as ofertas dos dois países? Com respeito a esse equipamento?

Eric me olhou como se observasse uma criança de colo por quem não nutrisse especial afeto.

— Para resumir a ópera — disse-me ele após um suspiro resignado —, nós queríamos vender para o Brasil usinas *turn key* da Westinghouse, ou seja, usinas prontas para o funcionamento. Mas sem transferir tecnologia. Vocês compravam, instalavam, apertavam um botão e, Blim!, a usina funcionava. A América Latina se roeria de inveja e nós então venderíamos mais quinze plantas iguais para quem pudesse pagar as contas.

Piscou para mim. Era, de fato, uma proposta bem interessante. Para o lado americano.

— Por sua vez — prosseguiu Eric —, os alemães propunham ao Brasil *um programa nuclear*, com uma série de usinas. Oito no total, que funcionariam na base de um método que vinham testando. Método esse que abria espaço para a transferência de know-how.

— E esse método?

— Calma... Essa parte se deu depois. Antes, teve um preâmbulo.

Não deixou de ser simpático notar Eric me tratando com uma bonomia semelhante à demonstrada pelo coronel Vaz em Viena. “*Calma, rapaz...*”, meu companheiro de gastronomia dissera uma noite nesse mesmo tom.

— Até a década de 70, o urânio era enriquecido por difusão gasosa — continuou ele. — Um novo método, porém, mais eficiente e econômico, vinha sendo desenvolvido, o da via ultracentrífuga.

Ultracentrífuga... Que palavra..., pensei, olhando a meu redor e tentando imaginar quantos mistérios todas aquelas caixas ainda

revelariam um dia.

— Na Europa, só três países tinham tido acesso a essa tecnologia. E a Alemanha era um deles. Formara, com os outros dois, um consórcio. Era essa a tecnologia que o Brasil desejava.

Aproximávamo-nos, passo a passo, do núcleo da questão.

— Mas, na última hora, o Departamento de Estado pressionou um dos sócios do consórcio, e quando falo de pressão falo de um arsenal de argumentos persuasivos...

Um olhar em minha direção, para se certificar de que eu me encontrava em condições de avaliar o poder de fogo com que contaria um país como o seu.

— ...pressionou um dos dois outros sócios do consórcio a proibir a Alemanha de transferir essa tecnologia para o Brasil. E os alemães roeram a corda. Foram forçados a roer a corda.

O mais importante, porém, ainda estava por vir:

— E é aqui que a coisa ficou bem interessante. Em seu lugar, e sob o maior segredo, os alemães ofereceram então aos brasileiros o que eles apresentaram como “*um método alternativo promissor*” que vinham desenvolvendo por conta própria para separar o urânio que interessava do que não interessava. Porque a questão era essa, separar o joio do trigo. Esse método desenvolvido experimentalmente pelos alemães se denominava *jet nozzle*.

— *Jet nozzle?* — perguntei, meio perdido.

Eric fez um vago gesto, que significava *nem tente entender*. Mas não deixou de me dar uma sucinta aula, cuja clareza colocou em evidência, a

meus ouvidos atentos, a importância de que se revestira o assunto naqueles anos.

— Em sua língua, não existe tradução para a palavra até hoje... — concluiu por fim. — O que importa é o que ela representava: transferência de know-how. Na área de enriquecimento de urânio.

— O pessoal em Washington deve ter adorado — brinquei.

— Deve... — ele concordou. — O acordo com a Alemanha previa a construção de oito usinas nucleares em associação com a KVD, uma subsidiária da Borgward-Stiz. O interesse alemão pelo projeto era duplo. Testavam, em boa medida financiados por vocês (e isso era mesmo muito engraçado), um processo de enriquecimento de urânio que só os engrandeceria perante a comunidade internacional caso desse certo. E ainda recebiam garantias de participar de todo o ciclo do projeto no Brasil, o que também os levaria a se tornarem sócios das plantas comerciais. Estas, além da exploração do urânio e seu processo de enriquecimento, envolviam construção de equipamento pesado de altíssimo custo. Nada mau, não?

O Primeiro Mundo sabia se defender.

Eric apertava o passo:

— Os alemães não ignoravam o que os militares brasileiros queriam. Logo deduziram que pagariam o preço que fosse. Então, docemente constrangidos, de boa ou má-fé, acabaram negociando com seu país algo que ainda vinham testando. E que, mais adiante, jamais funcionaria para os propósitos nucleares mais secretos de seus clientes...

— Por quê? Não parece um traço que combine com a serieda...

— Porque, como disse, eles ainda não dominavam a tecnologia. Mas como confiavam em que a conquistariam um dia, julgavam agir eticamente. Só que nós... Nós estávamos a par. Sabíamos que eles não tinham como chegar lá. E que, em consequência, o Brasil não teria como se beneficiar dessa tecnologia, apesar de todos os acenos alemães na direção de um progresso que sabíamos condenado ao fracasso.

Eric soltou então mais uma de suas risadas sarcásticas e disse:

— Um professor do MIT amigo meu chegou a me perguntar, escandalizado: “Os brasileiros acreditaram nisso? Vão comprar *isso?!?*”

E aí arrematou:

— Quem acabou lucrando com essa operação, além da turma que se empregou naquela empresa que vocês criaram na época para gerenciar esses projetos...

— Nuclebrás.

— ...isso... foram os bancos. Os bancos acabaram lucrando enormemente com essa operação. Bancos americanos em sua maior parte, diga-se de passagem... Alemães também, claro. E até ingleses. Para não falar dos brasileiros, que lidavam com eles. Empréstimos colossais foram feitos ao Brasil naqueles anos. Não se esqueça de que, na época, todos precisavam se livrar de seus petrodólares...

Eric fez uma ligeira pausa, antes de continuar:

— Uma pena que esse lado menos visível, esse aspecto das transações bancárias, nem sempre possa ser fiscalizado. E denunciado. O lado que sempre envolve os espertalhões que atuam nos bastidores. Você nem pode avaliar o papel que os principais banqueiros de nossos países

tiveram, dois deles em particular, nessas negociações. E como ganharam dinheiro...

Falara como se os banqueiros e seus habituais jogos sórdidos não tivessem integrado um esquema maior — do qual ele, Eric, fizera parte.

— Os bancos nunca perdem — continuou ele. — Como nós, tampouco. Nós, governo americano... Em minha geração, pelo menos. Nunca perdemos.

E a conclusão, tão patética quanto inesperada:

— Talvez por isso, hoje, estejamos tão isolados...

Um derradeiro olhar, antes do desabafo final:

— E tão despreparados para lidar com um mundo que, em boa parte, nos odeia.

Deixei passar um bom momento, para que Eric lidasse com seu mea-culpa e dele se despedisse em paz. E aí voltei a centrar meu foco em Max, para fechar o circuito que fosse. Sentia um princípio de cansaço. Por mais que o assunto me interessasse, teria preferido deixar aquela garagem. E, logo em seguida, a casa de Eric. Estava ficando tarde, além do mais, e eu ainda tinha um bom pedaço de estrada pela frente.

— E o tal lance de James Bond, a que você se referiu... — indaguei. —
Dá para contar?

Ele não se fez de rogado. Descreveu as cenas como se saboreasse uma iguaria. Por pouco sugeri que regressássemos à sala para ouvir o relato em um ambiente mais confortável. Mas me contive a tempo. Senti que, na cabeça de um homem como Eric, e por absurdo que isso pudesse soar, havia assuntos que *pertenciam* àquele cenário — e que dali não poderiam sair. Brasil e Alemanha, unidos uma vez mais, só que agora reféns de uma garagem de La Jolla.

O desafio, como Eric me explicou então, consistira em saber em que estado se encontravam as negociações entre os dois países, e onde estariam os textos que responderiam a essas indagações. Em quatro

ocasiões, disfarçados de bombeiros, mestres de obras ou fiscais da companhia local de eletricidade, a CIA mandara equipes vasculhar a residência do embaixador. Sabiam que os documentos se encontravam por lá, sob a forma de cópias ou microfilmes, mesmo porque tinham revirado a chancelaria de cabeça para baixo mais de uma vez na calada da noite.

Como em geral ocorre em situações de urgência e desespero, o milagre tão esperado se produziria por força de um acaso. Pois foi apenas quando Max, em uma de suas conversas com Ray Thurston, referiu-se, pela segunda vez, à existência de uma edição rara de Thomas Mann, da qual o embaixador jamais se separava ao viajar, que uma luz acendeu na cabeça de Eric. *Talvez fosse por ali*, pensou.

A princípio, nem ele próprio levou fé em seu achado, de tão simplório que lhe parecera. Logo se lembrou, porém, que o embaixador era um homem de outra era. E que suas afinidades literárias bem que poderiam tê-lo levado a se inspirar em esconderijos com raízes em Maurice Leblanc ou Conan Doyle, autores que privilegiavam o óbvio como forma de mistificação.

O pessoal da CIA também descartara a pista, por julgá-la ridícula. Eles ainda não haviam ingressado na era da tecnologia de ponta, mas os recursos de que dispunham eram de tal forma sofisticados, para a época, que jamais poderiam supor que fossem mantidos em xeque por uma manobra tão infantil.

Assim, uns e outros tinham se tornado vítimas da cortina de fumaça soprada pelo embaixador — a qual, não fosse pela desastrada intervenção de Max, teria prevalecido. E Eric, por falta de alternativa,

decidira investigar a hipótese. O microfilme fora encontrado na contracapa do livro, às vésperas da partida do embaixador.

— Foi o tempo exato de copiá-lo e restituir o original a seu esconderijo... — concluiu Eric com grande orgulho.

— Mas nem assim... — perguntei, deixando de lado os aspectos mirabolantes da operação — nem tendo tido acesso aos documentos, vocês conseguiram impedir que as negociações entre os dois países prosperassem?

— Eu fiz minha parte... — respondeu Eric de modo lacônico. — O que se passou depois, não sei.

Aqui, ele hesitou por um bom momento, fazendo uma pausa parecida com as que o coronel Vaz volta e meia produzia ao conversar comigo em Viena. Não se comparava às paradas do velho urso cambaleante, mas algo em comum tinha com elas: sua solenidade. E havia mais: um quê de melancolia. Tratava-se, percebi então, da pausa do elefante que regressa a sua clareira para morrer — e já não tem o que perder. Ou esconder.

Com efeito, para onde iria Eric depois de La Jolla, se não para o cemitério? Seguindo os passos de tantos vizinhos mais ilustres que o haviam precedido naquele mesmo bairro? Mas sem poder contar, como eles, com os generosos elogios fúnebres dos jornais? Esquecido, ao contrário, até pela firma que lhe dera cruelmente as costas?

— Os militares brasileiros queriam a bomba — declarou por fim.

A grande dama saía dos bastidores.

— Tratava-se de um segredo de polichinelo — ele emendou. — Sempre soubemos que a bomba era a verdadeira mola propulsora do

acordo Brasil-Alemanha. Nós, da CIA. E também sabíamos que, com os alemães, vocês não iriam longe. Já com a Westinghouse, sabe-se lá... Muito dinheiro fácil entraria em cena... Certas brechas poderiam se abrir, através das quais, quem sabe, determinados segredos fossem parar nas mãos erradas...

Nada havia de irônico em seu tom, bem ao contrário. Hesitava, às voltas com a esperança de reconstituir os fatos com a máxima fidelidade. A quem mais poderia falar desses temas hoje em dia, se não eu?

— Havia um grupo de militares que só pensava nisso. Na bomba... Tratava-se de uma turma influente, bem próxima ao Presidente. E havia, naturalmente, o grupo que defendia o uso da energia nuclear para fins pacíficos. Mas esse pessoal só era maioria em teu Ministério.

Seus olhos voltavam a brilhar. Era evidente que o assunto o fascinara.

— O argumento dos militares era simples e até fazia sentido. Tinham chegado à conclusão de que nos haviam prestado um favor derrubando o governo Goulart. Um governo, como repetiam sempre que podiam, *legitimamente constituído*. E que esse favor ainda poderia vir a dar filhotes em outros países da região. Como de fato ocorreu na Argentina, no Uruguai, no Chile e no Peru nos anos que se seguiram.

Olhou para mim. Ele teria preferido que eu mesmo tirasse minhas conclusões. E o poupasse de constrangimentos maiores. Apesar de entender suas razões, optei por ouvir a frase de sua boca.

— Se quiséssemos os filhotes, porém... — continuou de olho em mim — ...teríamos de pagar o preço. O castelo de cartas tinha seu custo.

E foi em frente, enquanto eu me perguntava até onde seu delírio o levaria. Pois imaginar que um pequeno grupo de fascistas brasileiros respondera pela ocorrência de golpes em uma série de países sul-americanos era tão irrealista quanto negar a esses países a capacidade de se autodestruir sem ajuda alheia. Acreditar nessa ficção servia, no máximo, para alimentar outra quimera, a de reduzir a pouco o papel que a CIA desempenhara na gestação desses desastres. Alheio a meus pensamentos, Eric prosseguia com sua viagem:

— Além dos EUA e da União Soviética, alegavam os militares, a Inglaterra e a França não tinham bombas? A Índia não estava quase lá?

E após uma pequena pausa, emendou:

— Zero apoio para a bomba brasileira... O assunto nem chegou a ser levado ao Presidente, o que deixou os militares brasileiros enfurecidos, seu embaixador em Washington em maus lençóis e a Westinghouse a ver navios...

Depois de uma boa risada, resgatou a seriedade e acrescentou:

— Os brasileiros se recusavam a entender *nossa* posição. A última coisa de que precisávamos, àquela altura, era de um país nuclear em nossa vizinhança. Para não falar de uma corrida armamentista que fatalmente se daria na região. Os argentinos, os mexicanos, os venezuelanos, todo mundo ia querer ter sua bomba.

Eric inclinou-se em minha direção, como se alguém em La Jolla pudesse nos ouvir naquela garagem fechada, cercados que estávamos de estantes e caixas por todos os lados — e cochichou:

— Daí o complicador representado por Bonn. Porque as coisas se precipitaram quando aquele alemão de vocês chegou à Presidência. E o

embaixador em Montevideu apresentou ao Estado-Maior dele um projeto nuclear que vinha cozinhando sem êxito havia anos. E logo com quem? Com Bonn... Aí as coisas ficaram difíceis. Porque, ao nosso *não*, a Alemanha contrapropôs um inquietante *talvez*.

Nova pausa.

— Por maiores que fossem nossas convicções sobre a ineficácia da tecnologia alemã nesse campo nuclear, ficamos preocupados. Primeiro, porque não tínhamos cem por cento de certeza de que ela *não* funcionaria. Segundo... Segundo porque não tínhamos como pressionar seu governo. Nem como interferir. Começamos a nos dar conta do perigo em lidar com regimes excessivamente fechados.

Aaahh... Agora, sim.

— A tão proclamada distensão política brasileira teve início ali. Mas partiu de Washington, bem antes de surgir nas mentes dos supostos magos de Brasília. Porque, com os militares no poder, não tínhamos acesso aos núcleos de decisão. E, para assuntos dessa ordem de grandeza, não havia lobby que funcionasse. Não havia governadores, senadores, deputados, banqueiros, empresários, jornalistas, ninguém a quem pudéssemos pressionar. Tentamos trocar um general por outro, em uma das fases “pré-eleitorais” de vocês, e quebramos a cara. Mesmo porque nosso candidato era um completo idiota. E olha que, naquele meio, não era exatamente o que faltava...

Aqui rimos os dois, ele com toda leveza, eu de coração apertado. Havíamos finalmente encontrado uma área de convergência, Eric e eu. Ainda que truncada. Mas valera a pena esperar... Eric voltou a se animar:

— Pela primeira vez desde que nos havíamos transformado em uma potência mundial, pela primeira vez desde que dávamos as cartas onde quer que fosse, exceto atrás da Cortina de Ferro, estávamos de mãos amarradas. Tirando Cuba, que àquela altura se tornara apenas uma pedra em nosso sapato (que mais tinha a ver com nossas eleições na Flórida do que com Fidel, sua barba e seus discursos), estávamos de mãos amarradas em nosso próprio quintal... Amarradas, note bem, por nós mesmos, com nossas impecáveis cordas de nylon! Por termos ajudado a colocar no poder aquele bando de amadores fardados... Desculpe a expressão, fica por conta do *bourbon*...

Corrigiu-se a tempo:

— Da vodca.

Assim ficava fácil demais... Os produtores do grande show haviam armado seu belo picadeiro a nossa volta, após o que — decorridas duas décadas — tinham decidido deslocar o palco de suas atrocidades para outra parte do mundo. E fazendo pouco da revolta que havia muito tomara conta das arquibancadas do circo.

— Eric, você não acha isso tudo um pouco demais? Todo um continente transformado em tela branca, na qual vocês desenhavam os cenários que desejassem? Não é simplificar de forma até grosseira uma reali...

— Mas se foi isso mesmo o que aconteceu... — ele replicou, rindo. — Em escala maior do que aquela a que estávamos acostumados, é claro.

Quando interferíamos nas engrenagens de certos países... Como ocorreu rotineiramente na América Central, a começar pelo Canal do Panamá, pela Guatemala na época de Árbenz, etc. Argila em nossas mãos, foi no que a América do Sul se transformou em determinada fase, quer você goste de ouvir isso ou não. *Argila em nossas mãos... E não poderia ter sido de outra maneira.* O perigo cubano deixara de existir, Allende fora deposto, a ameaça subversiva deixara de nos preocupar havia muito. Eram outros os desafios agora. E o principal deles consistia em acabar com governos nacionalistas e centralizados.

A irritação que me dominava descendia em linha direta de uma conversa que tivera com Max vinte anos antes, no Alto da Boa Vista, sobre esse mesmo tema. Algo Eric notou em meu olhar, porque incorporou uma nota conciliadora a sua fala:

— Não que os movimentos dos estudantes contra os militares, as passeatas, os protestos, a luta da imprensa, etc. não tenham tido sua importância. Claro que tiveram. Mas as decisões foram todas tomadas em Washington. Em suas grandes linhas, naturalmente. Porque os detalhes...

— Os detalhes ficaram por nossa conta.

— *Right.*

— E Max nisso? — indaguei por fim.

Eric riu. E disse com um sorriso simpático:

— Como você já deve ter percebido, eu nunca caí de amores por esse filho da puta...

Teria notado o mal-estar que me acometera? É provável que sim. Porque, longe de agressiva, a frase soa carinhosa. Como se Eric

recorresse a Max para nos reaproximar. Tudo somado, e disso ele bem sabia, meus laços com Max eram mais pessoais (e mais antigos) do que os vínculos que me haviam unido a João Vaz. O coronel abrira a porta de Eric para mim. Mas quem me abrira seu coração, na suposição de que Eric tivesse um, fora Max.

— Teu amigo me intrigava... — reconheceu ele. — Não parecia se encaixar em lugar algum.

Observou-me por um instante. E continuou no mesmo tom:

— Não se encaixara conosco, ao nos ajudar a treinar a polícia uruguaia com seus cabos e sargentos; nem em sua embaixada, onde vivia às turras com o Carlos Câmara; e muito menos na roda de pôquer do Vaz, pelo que eu sabia de nosso amigo comum. No fundo, a única pessoa que acabou gostando dele foi o Ray...

Voltou a acariciar a caixa com os dedos, como se Raymond Thurston pudesse ouvi-lo de seu interior.

— Não é que Max mudasse de personalidade a cada ambiente, pois isso até fazia parte do jogo. Mas havia algo de estranho. Era como se ele nunca estivesse à vontade em nenhuma de suas peles.

Balançou a cabeça por um instante antes de continuar:

— Nunca entendi o que buscava... Não parecia acreditar em nada. A não ser nele mesmo. E ainda assim, tenho minhas dúvidas... Para acreditar em nós, precisamos ao menos pisar em algum tipo de realidade, que diabo... Sem ela, eu jamais teria tido como funcionar.

Eric parecia verdadeiramente intrigado com Max. Ainda assim, recuperou sua postura e perguntou:

— E por onde anda hoje esse teu amigo?

— Em Moscou — respondi. — É embaixador em Moscou.

— *Em Moscou?* — ele disse, admirado. — Nada mau...

— É... Nada mau — concordei. — Se bobear ainda acaba em Washington.

54

— Foi onde voltamos a nos rever, Max e eu — prosseguiu Eric depois de uma nova pausa. — O reencontro se deu seis ou sete anos depois de sua partida de Montevidéu. Uma noite, poucos meses após minha, digamos, *aposentadoria*, quando eu ainda morava em Washington, onde examinava alternativas para o futuro, fui com minha mulher e mais dois casais ao The Cellar Door, um bar de jazz em Georgetown. O bar não existe mais hoje. Buddy Rich sempre tocava por lá, Dexter Gordon também, quando vinha a Washington. Em dado momento, fui ao banheiro. E, na volta, passei por Max. Reconheci-o apesar da barba que, nesse meio-tempo, ele tinha deixado crescer. Max é o tipo de pessoa que não passa despercebida, embora nada em sua fisionomia seja marcante. Você reparou nisso? Curioso, não?

Não tinha pensado nisso, mas fazia sentido.

— Ele estava sozinho, sentado em um daqueles bancos de bar, de costas para o balcão e com o olhar fixo nos músicos. Dei uns passos em sua direção e parei quase em frente a ele. A sala estava sombria, mas o bar nem tanto. Ele não me reconheceu de imediato, ainda que poucos anos tivessem passado desde nosso último encontro. Quando deu por

mim, ficou surpreso. E me cumprimentou efusivamente, o que foi simpático. Achei que ele guardara alguma mágoa de mim de seus anos em Montevideu. Mas não, ele parecia feliz. Trocamos o clássico *quem diria, você por aqui...* E engrenamos uma conversa. Ele disse que morava nos EUA havia quase quatro anos e que era o *deputy* da embaixada de vocês. “Carreira boa, essa sua...”, eu comentei. “Número dois em Washington, com sua idade, nada mau...” Ele voltou a rir, dessa vez modestamente. Conte-lhe então que tinha deixado o serviço ativo, mas que vinha dando consultorias. Perguntei se estava esperando alguém, ele disse que não. Agradeceu o convite para se juntar a nossa mesa, mas deu a entender que preferiria ficar no bar. Estava de saída, acrescentou, e não ficaria para o segundo set. Mas trocamos nossos cartões. E nos despedimos. Achei que nunca mais fosse vê-lo, mas dali a uma semana ele me telefonou e perguntou se essas minhas consultorias abriam espaço para almoços mais prolongados. Queria me levar para comer na casa dele, só que morava em Chevy Chase. Sem ser longe, o bairro era meio afastado do centro. “Muita neve por lá”, comentei, procurando me desvencilhar do convite. “É, muita neve...”, ele concordou. Mas insistiu. Na sexta seguinte, deixei meu carro no estacionamento da embaixada e fomos juntos até sua casa.

Permitiu-se uma pausa, para recuperar o fôlego. Pode ser, também, que estivesse medindo os prós e contras de enveredar por sua história adentro.

— Nevava muito... A princípio, ficamos meio calados, fora um comentário aqui, outro acolá, sobre a cidade, seu trânsito, seus museus e galerias e, sobretudo, seus bares de jazz. Descobri que ele adorava

jazz, o que eu não sabia. E entendia do assunto, pelo que pude sentir. Continuava sem entender o que ele poderia querer de mim, já que, por motivos óbvios, não teríamos condições de falar dos velhos tempos, como em geral ocorre nesse tipo de reencontro. Na ida, conversamos sobre política interna norte-americana. Talvez fosse esse seu interesse, como número dois da embaixada. Trocar figurinhas com uma pessoa que ele supunha ser um expert na matéria. Cheguei também a pensar que ele talvez desejasse me sondar sobre o tipo de ficha que teria na CIA. Porque, em determinado momento, ele disse algo do gênero: “No Brasil, cedo ou tarde as coisas vão acabar mudando...” Pode ser que estivesse preocupado com isso. Acabamos falando de Jimmy Carter e do que vinha representando no cenário político americano. Falamos do Irã, das manifestações dos estudantes contra o Xá, dos mortos e feridos, e em que tudo isso poderia vir a resultar. Daí passamos ao terrorismo na Europa, ao assassinato de Aldo Moro, ao processo de redemocratização na Espanha, temas assim. Tudo somado, conseguimos sem muito esforço evitar o Uruguai.

Descrevia as cenas como se estivesse revivendo cada uma delas.

— A neve caía com mais intensidade quando chegamos. A casa era grande, daquelas típicas de subúrbio americano. Havia um monte de brinquedos no hall de entrada e no corredor que levava à sala, mas nenhuma criança à vista. Estavam na escola, ele explicou, antes de notar que fazia frio dentro da casa também. A rigor fazia mais frio no interior da casa do que lá fora, ou foi a impressão que me ficou, por causa da umidade. Ele logo pediu desculpas por isso, mostrando-se ao mesmo tempo bastante surpreso.

Um imprevisto, desses que surgem sempre nas horas erradas.

— Sua mulher veio a nosso encontro, justamente para se queixar. Ela também acabara de se dar conta do problema com a calefação, porque, como explicou, tinha voltado para a cama depois de deixar as crianças na escola. Quanto a mim, mal me cumprimentou. E me olhou com um ar antipático. Estranhei aquilo. Cheguei a achar que Max talvez tivesse se esquecido de avisar que traria alguém para almoçar. Que outra razão ela teria para me receber de forma hostil, sem um único sorriso protocolar, por menor que fosse? Para quem, como eu, vivera tantos anos na América do Sul, um rosto fechado de mulher era mau sinal.

Assustei-me com o que ainda viria. E respirei fundo. Minha pobre e querida amiga Marina. Em que trapalhadas se metera?

— Seja como for, registrei o clima desagradável entre nós. Ou entre eles dois, não sei. Tomamos um drinque a sós, Max e eu. Durante o almoço, sua mulher voltou a se juntar a nós. E, uma vez mais, mal falou comigo. Ou com o próprio marido, para falar a verdade... Max, porém, estava animado. Abrira uma garrafa de vinho tinto e falava por nós três. Tinha indicações de que seria convidado para trabalhar na Presidência da República quando retornasse a Brasília. Por sugestão de um de seus antigos chefes. Comentou que seria muito bom para sua carreira. Mas havia algo de estranho no ar. Era algo que ia além do silêncio da mulher. A certa altura Max se inclinou na direção dela e perguntou algo em português, em voz baixa. Algo do gênero: “O que é que você tem?” Ou: “Está acontecendo alguma coisa?” Não detectei a menor animosidade em sua voz. Apenas certo grau de preocupação. Como se estranhasse algo e não tivesse como identificar a origem do mal-estar. E o diabo é que ele

tinha razão, como eu bem sabia, *havia mesmo algo de errado*. Porque, se ela não me conhecia, eu a conhecia intimamente. E, embora ela não tivesse como saber disso, algo intuía. Questão de instinto.

A hora do lobo..., pensei por minha vez. Por que não? Se nevava tanto lá fora... E se a paisagem no interior daquela casa também se revelara gélida...

— Anos antes, em um jantar social poucos dias após sua chegada ao Chile, Max dissera a um agente nosso que não cooperaria mais conosco, como ocorrera em Montevidéu. Nessa questão do treinamento de forças policiais. Fora gentil, mas firme. Alegou que mudara de setor na embaixada. Quando fui informado do fato, sugeri a meu pessoal que, pelo sim, pelo não, pusesse um olho nele. Sempre fazemos isso quando ocorre um rompimento, por amistoso que seja. Meu colega repassou a tarefa para o serviço secreto chileno. E a DINA colou em Max. Em um mês, descobriu que ele estava limpo. Assumira mesmo o setor comercial da embaixada, com uma breve passagem pelo consular. Eu então mandei suspender a operação. Mas a DINA continuou a cobrir Max por conta própria, em bases semanais agora. Três meses depois, recebi de Santiago uma curiosa mensagem de meu agente. Algo havia sobre a mulher de Max, que talvez pudesse nos interessar. Pedi para saber do que se tratava. E vieram as fotos. Por correio pessoal, marcadas *top secret*. Em envelope endereçado a mim.

Foi o momento mais delicado de nosso diálogo. Ou eu colocava um freio em nossa conversa naquele instante preciso, ou rolaríamos ladeira abaixo, Marina, Paolo, Max e eu. Até hoje ignoro por que permaneci mudo. Não foi por uma curiosidade mórbida, nem por um voyeurismo

de baixo calção. Recordo-me, apenas, que me senti inteiramente sem ação.

— No envelope recebi uma série de fotos da mulher de Max cheirando cocaína com um jovem italiano. Segundo o relatório da DINA, os dois transavam várias vezes por semana no apartamento dele, de manhã ou à tarde. E também à noite, quando Max viajava. E o pó rolava o tempo todo. Os policiais visitaram o apartamento, valendo-se de uma festa na casa de Max, à qual o tal do italiano comparecera. Porque ele participara de vários jantares sociais na residência do casal. Pelas fotos (algumas tinham inclusive sido tiradas na casa de Max) dava para perceber que havia um clima de simpatia mútua entre os dois homens. Provavelmente forçada, no caso do italiano. Mas genuína, no caso de Max. A cocaína, por sua vez, era mesmo de primeira, como as análises revelaram. A equipe da DINA revistou o apartamento do italiano com todo o cuidado. O cara não era traficante. Como a polícia foi aos poucos descobrindo, ele apenas repassava duas ou três gramas para os amigos, em troca de algum favor. A princípio ficamos sem saber de onde viera a droga. Até o momento em que nossa escuta registrou que o italiano planejava buscar mais. Aí sugeri a meu agente que nosso pessoal em La Paz fosse alertado. E nunca mais ouvimos falar do pobre rapaz. Embora a embaixada da Itália na Bolívia vivesse atrás de nós pedindo ajuda. Para azar nosso, o cara era sobrinho de um senador italiano. Essas mancadas por vezes ocorriam. E não havia mesmo o que fazer. O italiano foi parar no fundo do lago Titicaca, dentro de um saco de lona e com um peso nos pés. Não imaginamos que isso fosse ocorrer. Mas na época também estávamos interessados em desestimular o

tráfico, ainda que em bases caseiras. Os índios amigos dele foram junto, coitados. Cada qual em um saco de lona.

Quantos não teriam tido o mesmo destino?

— De qualquer forma, acabou sendo muito estranho almoçar com aquela mulher de cara emburrada, a cujos detalhes mais íntimos eu tivera tamanho acesso. E que agora me hostilizava abertamente, como se intuísse o que se dera por obra minha. Curioso isso, não?

Outra pausa para reordenar seus pensamentos.

— A certa altura do almoço, meu constrangimento passou a me incomodar de fato, como se eu tivesse voltado a invadir a privacidade dela pelo simples fato de me encontrar sentado a sua mesa. Mesmo porque, além das fotos dos dois cheirando pó, eu recebera muitas outras que... Bem...

Era demais, até para ele. Teve então a decência de mudar de assunto. E enveredou por um caminho que me permitiu ao menos recuperar o fôlego.

— Mas o mais estranho desse almoço aconteceu depois. Depois da sobremesa, que comemos sozinhos, Max e eu. Porque a mulher, como era mesmo o nome dela?

— Marina.

— Isso... *Marina*. Ela não ficou para a sobremesa. Pediu licença, se levantou da mesa e se despediu sem esperar o café. E aí voltamos para a varanda coberta, onde antes tínhamos tomado nossos drinques. Por sinal, o único lugar mais ou menos aquecido da casa... Ao chegar, Max tinha trazido para lá um aquecedor elétrico.

Marina, àquela altura, fazia as malas em seu quarto, no andar de cima. Em alguns momentos mais, deixaria aquela casa para sempre.

— O jardim estava lindo, todo recoberto de neve. E eu gosto muito de neve... Fora da cidade, é claro. Toda branquinha, do tipo que não vira lama e enche o saco de motoristas e pedestres. Estávamos os dois, de pé com nossas xícaras de café nas mãos, na frente dos janelões que davam para o jardim deserto, quando ele me pediu desculpas pelo comportamento da esposa. Disse algo do gênero “não sei o que se passa com ela”. E eu dei a entender com um gesto que nem se preocupasse. Devemos ter soltado uma quantidade considerável de suspiros. Significavam: *mulheres...*

Aqui Eric riu...

— Aí, quem sabe para mudar o clima, Max resolveu apontar para um boneco de neve no meio do jardim. “Meus filhos dizem que aquele ali sou eu...”, comentou, rindo. E eu ri também. Até que olhei melhor. E vi que o boneco não tinha olhos, nariz ou orelhas. Zero cenoura ou outros legumes. Nem braços tinha, o pobre, daqueles feitos com simples gravetos espetados. Nada... Resumia-se a duas bolas de neve, uma grande, que correspondia ao corpo, e outra menor para a cabeça. E pronto.

— Uma sinfonia inacabada... — arrisquei.

— É... Pode ser. Sei lá... Achei aquilo muito estranho. Tinha bebido três taças de vinho no almoço e lembro que brinquei com Max: “Esse boneco está precisando de um drinque...” “Quem não está...?”, ele comentou por sua vez. Com isso acabamos nosso café, dei uma passada no banheiro e retornamos a Washington. Na viagem de volta, nossa

conversa fez nova escala no cenário internacional. Dessa vez, recordo-me bem, só falamos dos acordos de Camp David e nos perguntamos se assistiríamos finalmente a um processo mais duradouro de paz no Oriente Médio. Parece até brincadeira lembrar disso hoje... Em nenhum momento aludimos ao Uruguai. E em nenhum momento a omissão nos incomodou, ou pareceu representar algo fora do comum. Foi como se o país, onde tínhamos vivido, tivesse sido riscado do mapa. Como, por sinal, ocorreu. Por muitos anos.

Produzira o comentário no tom de quem nada tivera a ver com as eleições fraudadas de 1973, que haviam levado à dissolução do Congresso e à suspensão da Constituição uruguaia, bem como à interdição dos sindicatos, à censura de imprensa, aos tumultos mais variados, com suas conseqüentes prisões, torturas e mortes — em um processo que entronizara os militares no poder. Falara como se não tivesse financiado a oposição e as forças conservadoras do país, à custa de milhões e milhões de dólares, e desestabilizado o governo de mil maneiras, exatamente como também fizera no Chile durante anos. Em compensação, contemplara atentamente suas unhas, como se tivesse acabado de se dar conta de que necessitavam ser aparadas com urgência.

Por outro lado, emitira sua frase... *Um país riscado do mapa...* Eu a ouvira com clareza. E algo notara em seu tom, que sugeria um esboço de ruptura com o passado. Era esperar muito daquele homem, bem sei.

Àquela altura, eu estava exausto. Exaurido pelas conversas, pela bebida, pelas idas e vindas nos labirintos daquela garagem e seus segredos, pelas referências dolorosas a Marina, pelo que fora dito e omitido... A hora de partir chegara. O cansaço, dessa vez, baixara para valer.

O calor a nossa volta, além do mais, tornara-se difícil de suportar. Uma hora antes, ao ligar a luz de sua garagem, Eric pusera em marcha um sistema precário de ar condicionado, que não dera conta do recado. E como poderia? Considerando a energia ultracentrífuga contida em cada uma daquelas caixas?

Caminhamos em passos lentos pela última fileira de estantes na direção da porta que nos reconduziria de volta à casa. No momento em que eu começava a ensaiar minhas despedidas, contudo, Eric se deteve diante de uma caixa. Ergui os olhos para a etiqueta que ele designava

com o dedo indicador. E lá estavam as três palavras mágicas, acompanhadas de suas cifras: *Sam Beckett, Montevideú, 1970/73*.

Os símbolos pulsavam com a intensidade de um epitáfio.

— Um presente para você... — anunciou Eric em um tom solene, pegando a caixa em suas mãos.

Com o oferecimento, Eric nem se proclamava vencedor nem capitulava. Sabia que eu o julgara. E o condenara. Mas intuía que não o crucificara. E isso, em seu fim de vida, já lhe bastava. Tanto que, agora, me presenteava com um brinde. Um brinde por ter usado de clemência para com ele, ao não lhe dar o golpe de misericórdia que talvez imaginasse merecer.

— *Para mim?* — indaguei, sem saber como reagir.

— Sim... Para você. Quem mais? Sem essa caixa, eu não teria chegado a você. Apesar de todos os e-mails do Vaz. Foi aqui que te achei.

— A carta...

— Uma cópia... Mas perfeitamente legível. Fiel ao original da que você escreveu para Max no dia 5 de abril de 1973. Há trinta e três anos.

A referência precisa à data conferia certa solenidade à cena por nós vivida. Como se dignificasse a derradeira aparição de Eric no palco em que operara por tantos anos. Seu último ato. Exceto, naturalmente, pelo que ainda reuniria, ao redor de seu túmulo, em uma tarde chuvosa, a filha, o genro e alguns poucos amigos de seu grupo de almoço das sextas-feiras.

— Uma carta que, na época, nenhum de meus agentes de Montevideú teve a paciência de ler. Estava em português, língua que apenas eu teria tido como entender em nosso grupo. Ainda assim, ela

nunca chegou a minhas mãos. Porque, aos olhos de quem tentou decifrá-la, pareceu confusa e monótona. E, à primeira vista, era.

Quem diria... Uma carta... *Minha* carta.

— Depois de nosso almoço no La Strada — prosseguiu Eric — tive a ideia de dar uma olhada na caixa de Sam Beckett. O Vaz mencionara, com alguma frequência, seu interesse por Max. Foi quando achei a carta e dei com teu nome e sobrenome. E aí...

Aí o antigo agente se pusera em campo...

— Ela jamais foi lida ou analisada. Assim mesmo, deu origem a uma ficha, que passou por meus olhos. E que eu assinei, ao arquivar o material. Algo ficou em minha memória, entre milhares de nomes, números, datas e teias de aranha.

Sorriu com a lembrança. Parecia tão cansado quanto eu. E foi com alívio que, depois de trancar a porta da garagem atrás de nós, se dirigiu ao bar.

— Li as primeiras frases. Foi o suficiente. O suficiente para ficar curioso. Apesar da precariedade de meu português. Se hoje mal falo espanhol, imagine português...

Lembrava-me agora de sua existência, ainda que não tivesse ideia de seu conteúdo. Sabia, apenas, que a escrevera. E que a mandara para Max em Montevideu. Teria sido interceptada? Mas como, se eu recorrera à mala diplomática? Max jamais respondera. E eu acabara por esquecê-la. Estava removido, além do mais — para Los Angeles, justamente. Outras prioridades concentravam minha atenção. A Califórnia... Os filmes, a música, as livrarias, os museus e galerias... Poder respirar, poder ler um

jornal sem ter de buscar sentidos ocultos em entrelinhas, sem procurar nos anúncios alguma notícia sobre mortos ou desaparecidos...

— Pedi a Nancy que transmitisse o texto por fax à filha do Vaz. E Betty nos mandou, dias depois, por e-mail, a tradução. Na mensagem que ela dirigiu a minha filha, contou que o Vaz chegou a se comover ao ler teu texto. O João sempre foi muito emotivo. E deve ter piorado com a idade. Daí que...

— Daí que...?

— Daí que o Eric que você conheceu no consulado e levou para o La Strada não é o mesmo que te recebeu hoje para este churrasco. Assim como, para mim, você também não é o diplomata amável com quem almocei três semanas atrás. Não que você não seja amável. Ou não seja diplomata... É que você... não é bem você, não é verdade? Dá para entender?

— Sim... *e não* — respondi.

Eram questões retóricas, de toda forma... O que interessava agora era o seguinte: teria eu, hoje, algo em comum com o jovem que escrevera aquela carta? Essa era a única questão essencial. Os dramas existenciais de meu anfitrião que fossem resolvidos por ele próprio — caso existissem.

De seu bar, Eric me ofereceu um último drinque (“*one for the road*”), que agradei e recusei. Ele depositara a caixa no balcão. Fui até lá e levantei-a. Para minha surpresa, notei que era leve. Por mais curioso que estivesse, hesitava em aceitá-la. Não me parecia recomendável ganhar algo daquele homem, de qualquer natureza — e a qualquer título.

Tratava-se de mandato que não recebera de ninguém. Nem dos mortos nem dos desaparecidos nem de meus amigos e colegas de Ministério ou geração. Por acaso não estaria absolvendo Eric de uma parcela de seus pecados — em suas fantasias que fosse —, caso aceitasse seu presente?

Às voltas com essas dúvidas, e ainda me refazendo do cansaço que me dominara, ocorreu-me fazer uma pergunta irrelevante — para ganhar tempo:

— Mas, Eric — disse então —, como é que você teve acesso a esse material? E por que sentiu necessidade de...?

Era o melhor que lograra fazer. Deixar a frase em suspenso.

56

Eric parecia estar mais à vontade, mais leve até, como se tivesse acabado de se livrar de um fardo. Afinal, graças a mim, restavam agora apenas quatrocentas e setenta e sete caixas em sua garagem — fora as que ele escondia em sua consciência. Sentado em um de seus sofás, balançava o copo na mão direita, como se continuasse às voltas com minha pergunta. Instalei-me então em uma poltrona a sua frente, firmemente disposto a partir em cinco minutos mais.

— Fotografamos tudo... — ele murmurou, depois de um gole generoso em seu *bourbon*.

— Fotografaram...? — repeti em voz baixa. — Os pertences de Max?

Minha surpresa nada tinha de fingida. Eric, por seu lado, ignorou minha perplexidade. Ou fez de conta que não notara. Mas precisou de um segundo gole para ir adiante.

— Max e a mulher moravam num apartamento perto do centro de Montevideú — disse por fim. — Um duplex. Cada vez que passavam o fim de semana fora, nas *haciendas* dos amigos uruguaios ou em idas ao Rio de Janeiro pegando carona no jato da FAB, eles davam folga aos empregados. Ao contrário do pessoal do MI6, eu não tinha confiança

nele. Nem nas informações que ele repassava ao Ray, em geral vagas ou inúteis. Isso, naturalmente, *antes* de ele nos levar à caverna de Ali Babá. Sem se dar conta...

A evocação já não lhe causava o mesmo prazer que antes.

— O prédio era seguro, cheio de grades, dotado de fechaduras sólidas e com gente armada na portaria. Mas, com a, digamos, intermediação de nossos contatos na polícia uruguaia, não foi difícil passar uma noite no apartamento remexendo papéis e fotografando o que nos pareceu útil.

De repente riu, às voltas com uma lembrança que chegou a iluminar seu rosto de uma expressão juvenil. Hesitou em compartilhá-la comigo, com receio, quem sabe, de abusar de minha confiança. Mas a história parecia boa demais para morrer com ele e ser enterrada com seus ossos em San Diego.

— Um dos agentes abriu uma gaveta da mesa de cabeceira dela e a fechou imediatamente. Era um cara jovem e ficou todo vermelho. Fui até lá ver.

Dessa vez, porém, me antecipei a ele. E, antes que concluísse, cortei seu esboço de frase na primeira sílaba:

— Ela morreu há dois anos. Em um desastre de avião.

Ele arregalou os olhos:

— Ela *morreu*?

— Há dois anos... — repeti. — Em um desastre de avião. No mar. Próximo à costa grega.

Ele hesitou por um instante. Pensaria, como eu, naqueles dois mortos, um no fundo de um lago boliviano, o outro perdido nas

profundidades do mar Egeu? Pensaria em tudo de penoso — e aviltante — que me revelara sobre ambos pouco antes, em sua garagem? Pensaria nas fotos a respeito das quais me falara como se tivesse acabado de revelá-las em seu laboratório secreto — e as tivesse dependurado com um prendedor de roupas para secar?

Eram imagens que deveriam ter sido respeitadas, fosse qual fosse sua natureza. E que ele havia ajudado a profanar. Eram histórias que nem sequer lhe pertenciam, por patéticas que tivessem sido.

Os dois mortos nos observavam do fundo de suas respectivas águas, de olhos arregalados, como se o único que deles tivesse restado fosse a capacidade de se indignar — uma capacidade que era agora projetada com a intensidade de faróis na escuridão. Tão forte era essa sensação que Eric fechou os seus, enquanto eu mantinha os meus cravados nele. Dois seres humanos que nada haviam feito de mau aguardavam uma explicação que jamais viria.

— Lamento muito saber disso — ele disse por fim, como se voltasse a si.

Após nova e longa pausa, esforçou-se por resgatar seu tom didático — só que em uma voz mais combalida:

— Depois de revelar os filmes, fizemos uma triagem do material e eliminamos o que nos pareceu supérfluo. Tua carta, apesar de longa e pouco clara aos olhos de meus agentes, acabou ficando no maço. Por mero descuido, acho eu.

Era óbvio que desejava dar o assunto por encerrado. Se nada tivera a ver com a morte de Marina, não poderia dizer o mesmo com respeito ao infeliz do Paolo.

— Eu estava meio alto quando escrevi essa carta... — reconheci por meu lado.

Agarrou-se com alívio à tábua de salvação que lhe atirara:

— Um de meus agentes percebeu isso. Antes de desistir de sua leitura, ele ainda disse: “Esse cara devia estar de porre, passou várias páginas escrevendo sobre dois irmãos num ônibus.”

Dois irmãos num ônibus... *Dois irmãos num ônibus...* Uma primeira imagem emergia lentamente do passado, mas vinda de tão longe que parecia pertencer a outros mundos, mais do que a outros tempos. Uma imagem fugaz, que uma chama iluminasse antes de ceder espaço às trevas.

— Naquela época, no Brasil, não tínhamos com quem desabafar... — continuei. — Eu, pelo menos, não tinha. E Max... *Max era meu melhor amigo*. Estava preocupado com ele. Com os boatos que começavam a correr a seu respeito. É possível que a carta tivesse a ver com isso também. A notícia de sua transferência para Santiago repercutira mal no Ministério. Na cabeça de muitos, selara seu destino de uma vez por todas.

Eric balançou a cabeça em sinal de assentimento. Agora, sem me passar uma sensação de censura ou desconforto. Diria até que sorria de uma forma meio paterna. *Você verá...*, seus olhos sugeriam.

Só que, como eu, ele estava exausto. O dia fora longo. Daí que nos levantamos juntos e caminhamos na direção da porta de saída, Eric com minha caixa nas mãos. Lá chegando, ele abriu um armário e me passou meu blazer. Entregou-me então a caixa e apertou minha mão. Trocamos um último olhar. Capítulo encerrado. *La guerre est finie*.

Ele ainda permaneceu parado no solar de sua porta, enquanto eu negociava meus degraus rumo à calçada.

— Em que loja mesmo é que você comprou sua bola de cristal...? — ainda gritou lá de cima, quando me viu abrindo a porta do carro.

— Bola de cristal? — gritei por meu lado, sem entender a que se referia, enquanto acomodava meu presente no banco traseiro do carro.

— A que te permitiu enxergar tão longe, em 1973. A que te levou a escrever tua carta...

— Ah, *essa* bola de cristal... — brinquei por minha vez. — Em um antiquário de Brasília. Chamava-se O Criado-Mudo. Mas fechou há muitos e muitos anos. Foi à falência. Trabalhava com o passado. E o passado, naquela época, não tinha futuro...

— Foi bom rever você... — ele ainda disse com um último aceno.

— Telefone qualquer dia desses... — respondi, antes de bater a porta do carro. — Quando vier a Los Angeles almoçar com seus amigos.

Mas ele nunca telefonou.

Três horas de San Diego Freeway depois, já de volta a meu apartamento em Santa Mônica, abri as janelas da sala para acolher a brisa marinha de que julgava necessitar para me refazer — e coloquei meu troféu sobre a mesa da sala de jantar. Fiquei rondando a sua volta, como quem gira ao redor da jaula de um animal desconhecido. Por um bom momento, limitei-me a avaliar os prós e contras de abrir a caixa naquele mesmo início de noite. Optei por um adiamento tático e fui tomar um banho. Depois fiz um chá preto e liguei a televisão.

No fundo, tendo entrado na casa dos sessenta, eu já não estava tão seguro de querer me reencontrar com o jovem que se dirigira a Max tantos anos antes, às vésperas de embarcar — cheio de sonhos e esperanças — para a cidade onde agora, ao final da vida e da carreira, ele se encontrava uma vez mais, só que cansado e envelhecido.

A ideia de que um ciclo dessa magnitude se abrisse e se fechasse a minha volta me angustiava. Um tipo de angústia que ia além das horas difíceis que eu passara com Eric. Ou com Max, quatro anos antes, quando da formatura de minha filha. Os dois personagens, além do mais, tinham escapado de mim como a água que escorria por entre

meus dedos. Porque fazia parte da natureza dessas figuras escaparem continuamente. Não era o que, em escala maior, sucedia em meu país — e na região?

O que diria eu, então, ao jovem que me aguardava no fundo de nossa caixa? Que os responsáveis pelos desastres que haviam incidido sobre sua geração continuavam lépidos e fagueiros, como se nada fosse — muitos deles no poder?

Mais de uma vez, nas horas que se seguiram a minha visita a La Jolla, surpreendi-me olhando para a mesa, como se o volume que ali se encontrava fosse dotado de vida própria e, resignado diante de meus caprichos, me aguardasse pacientemente.

Registrava então as tonalidades que batiam em suas bordas, por obra dos reflexos nascidos da tela de minha televisão. Lembrei de uma cena que Max me descrevera havia muitos anos, em uma de nossas conversas de fim de noite, uma cena hoje pré-histórica, ocorrida logo após o golpe de 64, quando ele se encontrava no antigo apartamento do Humaitá que dividia com a mãe, recostado na cama de seu quarto, pensando nas perspectivas de repente abertas a sua frente de forma inesperada. Pois recebera, momentos antes, um telefonema do secretário do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro com boas-novas sobre seu futuro.

O que conferira ao momento sua dimensão, até onde eu me lembrava, tinha sido o anúncio da Coca-Cola que piscava na padaria em frente. A cor vermelha havia iluminado seu rosto a cada dois ou três segundos, deixando-o imerso na penumbra com a mesma regularidade, o que, como bom leitor de Stendhal, ele julgara “apropriado ao momento histórico”.

Agora, era sua caixa de papelão que repetia, de forma menos contrastada, um efeito semelhante. Só que já não em seu rosto, mas em seu passado. Ou no que dele restara nessa versão californiana de que me tornara proprietário por mero acaso.

De interessante, como verifiquei quando decidi me debruçar sobre meu tesouro, a caixa continha as cópias dos telegramas que Raymond Thurston passara ao MI6 — o gênero de comunicações hoje em dia desclassificado pelo governo dos Estados Unidos. E minha própria carta, vinda de outra era... O resto consistia essencialmente de contas telefônicas e bancárias do casal. E da correspondência entre Max e sua mãe, além de ofícios sobre assuntos de trabalho que não apresentavam relação com as atividades menos ostensivas de meu antigo amigo.

Certos telegramas de Ray já constam do presente manuscrito, salpicados em alguns de seus capítulos. Quanto à fotocópia de minha carta, estava perfeitamente legível, como me antecipara Eric. Tanto que até reproduzia com fidelidade as marcas deixadas pelos furos que certas letras haviam feito no papel original. Como se determinadas teclas de minha máquina tivessem sido batidas com raiva. Na transcrição que segue, coloquei em *itálico* algumas palavras que sublinhara a mão na época, traços que o microfilme registrou de forma menos precisa.

Depois de reler seu texto — o que somente fiz após passar do chá preto ao uísque —, recordei-me de que, na época, havia pensado em eliminar o PS inserido a mão logo abaixo de minha assinatura, por julgá-lo excessivamente longo e piegas. Deixei de fazê-lo por preguiça, pois a supressão me teria obrigado a rebater a máquina cerca de vinte linhas da página final da carta — e àquela altura eu morria de sono.

Se volto a deixá-lo no manuscrito, não é apenas porque fez parte da mensagem. É, sobretudo, para registrar um sentimento. O de que as alegrias com as grandes conquistas de minha juventude, como a chegada do homem à Lua, por exemplo, ou o tão proclamado fim da Guerra do Vietnã, raramente compensam nossas perdas individuais. Porque as primeiras, com o passar do tempo, acabam caindo na rotina e nos deixam indiferentes. Nelas pensamos como meros fragmentos impessoais da História. Ao passo que as segundas nos afetam duramente — e para sempre.

Em meu caso, eu fora beneficiado pela sorte. Ao contrário de tantos conhecidos e desconhecidos que haviam perdido parentes e amigos — quando não a vida — com tudo que se passara no país e na região, eu apenas perdera um ídolo de juventude, o maior de todos... Um homem que se dedicara a defender o amor e a paz. Há mortes que acabam com uma existência. E outras que, como golpes de Estado, põem fim a uma geração.

PARTE VII

Brasília, 5 de abril de 1973

Meu caro Max,

Aqui estou eu, no apartamento da SQS 307 teu conhecido, em mais uma noite no Planalto Central, sentado na sala de estar que me serve de biblioteca, sala de jantar e quarto de hóspedes. O silêncio a minha volta chega a ser irreal de tão absoluto, embora nem sejam dez horas em meu relógio. Qualquer cidade média pulsa e vibra em uma hora dessas no Brasil e, imagino, no mundo. Brasília, porém, dorme um sono profundo. Quantas décadas mais levará para despertar?

Sou testemunha privilegiada desse palco deserto, pois acabo de passar um bom tempo na janela, fumando e observando uma paisagem imóvel na qual apenas os porteiros noturnos arrastam os pés, sem que gato algum nos honre com sua presença. Um cenário feito de frentes e fundos de prédios baixos, em tudo iguais, que parece me aprisionar em um cercado de luz fria e concreto — metáfora urbana perfeita para o sistema político sob o qual vivemos. Chega a ser inacreditável que essas áreas residenciais tão homogêneas se prestem a esse papel e ecoem as realidades fascistas nas quais nos encontramos todos metidos. Para não falar nessa monumental Esplanada dos Ministérios, com suas edificações gloriosas — e que hoje serve de cenário para desfiles de tropas e outras

demonstrações de falso ufanismo, força ou opressão... Um dia, porém, essa arquitetura voltará a respirar uma vez mais, sem que, para tanto, um único tijolo troque de lugar.

Faço votos de que tenhas conseguido avançar na tradução do segundo dos quatro quartetos de Eliot. Gostei dos trechos iniciais que li. Nunca entendi a razão de você tardar tanto para enfrentar esse segundo quarteto. Sobretudo depois da boa acolhida que mereceu a versão original do primeiro, em 1970. Ou foi 1971? Mas continue atento: *traduttore traditore* etc. etc.

So much for small talk... Decidi te escrever esta carta por duas razões. A primeira é que acabo de ser vítima de uma tremenda ursada do destino, o que é sempre meio melancólico, e estou às voltas com a maior dor de corno: perdi a oportunidade de ser transferido para Genebra. É pena, porque lá poderia continuar a tratar de meus temas habituais, que tanto prazer me dão — entre outras razões por me manterem afastado, neste momento, da seara política. A título de consolo, ofereceram-me Los Angeles, onde eu poderia me ocupar da parte comercial do consulado. Fiquei sem saber o que fazer. Mas depois de pensar um pouco aceitei. Nem que seja para mergulhar de cabeça na Califórnia neste momento tão fértil e agitado por que passam os EUA. Nixon e o lodaçal de Watergate, a derrocada americana no Vietnã, as passeatas, o feminismo, o movimento dos negros... Quem sabe a alternativa compense o trabalho mais interessante de Genebra? E LA venha a se revelar estimulante? Pelo menos muita música boa poderei ouvir por lá, de Bob Dylan a Joan Baez, para não mencionar os clássicos.

Fora os filmes que verei e reverei depois de tantos anos de censura no Brasil.

Mas a segunda razão que me leva a te escrever é, de longe, a mais importante. Tem a ver com coisas que nunca consigo te dizer pessoalmente quando nos reencontramos. Não é que você me intimide. *São os temas que incomodam.*

Só que algo de grave ocorreu em nosso último encontro — e eu agora já não tenho como me calar: os boatos sobre tua próxima transferência de Montevideú para Santiago me deixaram atônito. Você deve ter notado meu mal-estar.

Max: a possibilidade de um golpe militar no Chile cresce a cada dia. Assim como no Uruguai, por sinal. *Todo mundo sabe disso.* Os jornais dos dois países não falam de outra coisa — e se os nossos tendem a ser discretos é pela censura, jamais por desinteresse ou descaso. Sem querer dar aqui uma de paladino, ou dono da verdade, receio que você acabe dando razão a todos aqueles que, no Ministério e fora dele, acreditam que você esteja mesmo trabalhando para a direita. *Trabalhando por opção.* E que, com isso, acabe sendo levado, mesmo sem querer, a integrar esse esquema paralelo e secreto do qual se tem falado no Ministério, e que teria teu chefe como coordenador.

Como não tenho como interferir em uma decisão que você já possa ter tomado, resta-me o recurso de... improvisar. No caso, te contando uma história.

Sim, senhor... *Uma história...* Meus personagens nada têm de excepcionais: dois irmãos de baixa classe média paulista. Um rapaz de vinte e poucos anos e uma moça de dezoito. Os fatos me foram

narrados, primeiro, pelo rapaz. Duas semanas depois, por sua irmã. Finalmente, decorrido certo prazo — e dessa vez na presença da mãe, com quem vivem aqui em Brasília desde que conseguiram se mudar —, *pelos dois*. Cada qual encaixando uma frase aqui, outra acolá. *Montagem!*, como exclamou o rapaz ao final do que mais parecia uma encenação teatral. (Ele é meu aluno de estética cinematográfica no departamento de comunicação da Universidade de Brasília; ficamos amigos aos poucos, depois que projetei *O encouraçado Potemkin* para a sua turma e passamos a conversar sobre Eisenstein e Pudovkin no intervalo das aulas.)

Os dois irmãos nutrem uma verdadeira adoração um pelo outro. E, pelo que soube ao conversar com a mãe, assim foi desde que eram pequenos. É raro ver isso de forma mais explícita entre parentes, mesmo próximos. Para mim, pelo menos, foi uma novidade. Em meu círculo familiar, costumávamos ser mais contidos em questões que envolvessem sentimentos. E foi o que me comoveu nessa história. Seu registro emocional.

O episódio de que participaram, ou no qual se viram envolvidos para surpresa de ambos, se deu em São Paulo há mais de quatro anos, logo depois da promulgação do AI-5. E foi o que me fez pensar em você, porque nos conhecemos naquela época. Na fase em que eu fui elevado à condição de *almoçável* por você.

Os fatos, então, se passaram naqueles dias, em fins de dezembro de 68. Uma tarde em que os dois irmãos estavam em casa (e a mãe felizmente não), ele redigindo um texto para a universidade, ela passando uma saia a ferro, ambos se viram de repente às voltas com um

pesadelo: foram obrigados a se separar *sem terem tempo de pronunciar uma palavra ou se abraçar*. Denunciado por um militante preso e torturado, o rapaz teve de escapar às pressas da polícia pela janela dos fundos da casa de subúrbio onde moravam. Saltou um muro e desapareceu em um matagal. Não se tratava de nenhum terrorista. Pichara algumas paredes, participara de passeatas, esse gênero de coisas. Mas consta que, sob tortura, as pessoas acabam denunciando suas próprias mães — a quem atribuem os piores crimes. Confessam qualquer coisa desde que os choques elétricos parem. Você pode imaginar o que significa levar choques nos colhões por horas a fio? Ou ter um fio elétrico metido em tua uretra e ver quatro caras se contorcendo de rir a tua volta enquanto você se rola de dor num chão todo molhado por teus próprios excrementos? Foi o que se deu no caso do companheiro de meu aluno. Resistiu enquanto pôde e depois acabou entregando vários nomes por puro desespero.

Durante quase um ano, nem a mãe nem a irmã tiveram notícia do rapaz. Sabiam que o telefone da casa estava sob escuta. Sentiam-se vigiadas de outras formas. Ao longo de todo esse tempo, sem atrair suspeitas, espreitaram seus amigos e conhecidos, em busca de um sinal que lhes permitisse recuperar a esperança. A ronda aos hospitais e prisões nada revelou. O mesmo se deu nos quartéis e delegacias. Como boa parte dos parentes das vítimas e dos perseguidos políticos, elas não tinham amigos poderosos. Nem conheciam pessoas que as pudessem orientar. Concentravam o pensamento nele. Estaria vivo? Estaria morto? E, nos dois casos, *onde?*

Até que, uma tarde, no interior de um ônibus engarrafado no centro de São Paulo, o rapaz tinha visto de relance a irmã sentada ao fundo do veículo.

Baixou a cabeça e avaliou a possibilidade de que ela estivesse sendo seguida. A hipótese não poderia ser descartada porque, nesse meio-tempo, ele participara de algumas operações clandestinas e era procurado pelos militares. Calculou que, assim mesmo, pelo menos um olhar poderiam trocar. Para isso, porém, seria fundamental que a irmã não reagisse ao ser tomada de surpresa.

Valendo-se do ocasional entra e sai de passageiros, ele, que estava de pé próximo ao motorista, foi se aproximando do centro do ônibus. E decidiu que daquele ponto não passaria. Vez por outra dava uma olhadela para a parte traseira do veículo, mas sem se deter em sua irmã. Esta, ladeada por duas senhoras, se mantinha absorvida no livro que lia.

Ele aguardou, confiando a seu olho direito, “*agora promovido a sentinela*”, como me disse, a missão essencial — chegada a hora — de alertá-lo. Notou que, a cada parada do ônibus, a irmã erguia a cabeça do livro para se certificar de que seu ponto não chegara. Depois de observá-la com atenção, viu que se tratava de um simples reflexo, muito comum em usuários de transportes coletivos absorvidos em suas leituras — e que ele se repetiria a cada parada do veículo. Haveria assim uma possibilidade de contato visual, dependendo das brechas que se abrissem entre as pessoas.

Veja agora, Max, a sutileza da cena vivida por ele. O rapaz ficou imóvel na parte central do ônibus. Colocou a mão esquerda no queixo e começou a roçar o dedo indicador por seus lábios, “em um gesto”, como

me disse, “de quem se encontra perdido em pensamentos”. Um estado de espírito, acrescento eu, que, transplantado para o universo feminino, por vezes leva certas mulheres a enrolar com os dedos seus cabelos em pequenos cachos. Um movimento invisível, portanto, que sugeria paz e introspecção. Graças ao qual, no instante decisivo em que sua fiel sentinela dera o alarme — confirmando que a irmã de repente o vira —, ele teve condições, sempre de perfil, de enrijecer o dedo por um segundo, “em uma linha vertical que ia do queixo até o nariz”. Com isso, produziu uma clara advertência, que levou a irmã a voltar a colar os olhos no livro — “livro agora”, nas palavras dela, “transformado em âncora”.

Assim ficaram. Intensamente juntos, intensamente separados. Por uma duração que nenhum deles teve como definir. Em uma viagem que nada devia ao espaço ou aos homens e mulheres a seu redor, “como se o ônibus flutuasse”, disse ela. (Dos dois, ela tem a veia poética, suave e introspectiva; ao passo que ele é homem de poucas palavras, prático e objetivo.) Passado o perigo de um grito indesejado, ou de um susto desestabilizador, sabiam que poderiam trocar *um outro* olhar. Por breve que fosse, sabiam que ele se daria em câmera lenta, como se fosse dotado de vida própria — e senhor absoluto de seu tempo.

Coube então ao irmão, ao dar o sinal para que o ônibus parasse no ponto seguinte, indicar à jovem imersa em seu livro que o precioso momento se aproximava. Nervosa, ela ainda se perguntou se haveria espaço, naquele segundo, para um rápido sorriso. Mas ao vê-lo ainda de perfil, ostentando o mesmo ar severo, preferiu deixar que ele tomasse a iniciativa de resolver essa questão. Prometeu-se, porém, que tudo faria

para que seu ar impassível assumisse a forma mais próxima possível à de um espelho — “*no qual*”, como ela disse, “*o irmão pudesse ver refletido o amor que ambos compartilhavam*”. É uma imagem piegas, dirá você. Pode ser... Mas ela me tocou como poucas. Porque a vida, no fundo, vale por esses momentos.

E foi assim que as coisas se deram. Como também foi assim que mãe e filha, abraçadas naquele fim de tarde, conquistaram as forças de que necessitavam para aguardar o reencontro que um dia ainda viria. Já não importava que tardasse. Algo sucedera que recolocara as coisas em seus eixos originais. Como certos fenômenos da natureza que jamais se dão por força do acaso. Elas então souberam confiar. Sentiram que, a partir dali, ele redobraria de cuidados, para não matá-las de dor — depois de tê-las fartado de alegria. E o rapaz tomou a decisão de ir deixando a clandestinidade aos poucos. Conseguiu trocar de nome, voltou para São Paulo e, com o traquejo que desenvolvera, reencontrou-se com sua família em local seguro. Em uma segunda etapa, encontraram refúgio em Brasília.

Max, quando essa história me foi contada pelos dois irmãos juntos, em sua terceira e última versão, eles reconstituíram o momento em um tom animado, cada qual revivendo detalhes sob sua ótica. Como se fossem duas câmeras capazes de revelar simultaneamente as imagens e a pulsação mais secreta que as unia. Ora caminhando pela sala, ora abraçados à mãe — que acompanhava o relato de boca aberta, como se o ouvisse pela primeira vez —, eles celebravam sua proeza, apresentando-a como se travessura fosse.

Ocorre, porém, que nas ocasiões anteriores, *quando o episódio chegara a mim pela voz de um deles*, as cenas nada haviam tido de leves. Traziam em seu bojo a carga de ansiedade enfrentada por eles. Era o mesmo desafio, só que visto pelo prisma do medo.

É o que me levou agora a te fazer esse relato de fim de noite. Mais do que as imagens dos mortos e torturados, mais do que as listas de desaparecidos, mais do que as denúncias reportadas pelos jornais, o fato ocorrido com esses jovens ilustra a dimensão do absurdo que vem criando raízes entre nós. Porque se a imagem de um corpo seviciado nos remete à morte — e ao horror —, a cena entre eles tudo tem a ver com a vida.

Haviam sido apenas dois os cenários possíveis na minúscula e quase invisível cena vivida por eles. Em um dos extremos, o acesso ao amor e à esperança. Em outro, a perspectiva da tortura e da morte. No meio, o vazio mais absoluto. *Como é possível que tenhamos chegado a esse ponto em nosso país? Em nome de quê? Como é possível que a metade de nossa população morra de fome e a outra de medo?*

O medo é real entre nós, Max. Quem vive no Brasil sente isso de perto — ao contrário de quem, como você, está no exterior. As informações circulam de boca em boca, apesar de todo o esforço dos censores. E refletem cenas concretas. Um pai de família de repente ausente. Uma voz a menos em uma universidade. Uma noiva levada ao altar por um tio ou um irmão. Um adolescente que almoça e não regressa para jantar. Entra ano, sai ano — e nada muda. Pelo contrário, piora. Todas essas ausências somadas pesam e clamam, não tanto por vingança — mas por explicações. Geram cobranças nunca atendidas. Ao

contrário de nossas viagens diplomáticas, tão agradáveis e amenas (e você me perdoará pela comparação grotesca), elas produzem ausências permanentes, Max, *que jamais cedem espaço à alegria do reencontro*. Não trazem tranquilidade ou paz. Cavam, ao contrário, buracos no desespero alheio.

Receio que a semente plantada entre nós em 64 dê origem a uma árvore enferma, cujos galhos acabem se multiplicando a perder de vista. Se podados, voltarão a crescer em outras direções, sempre contaminados pelos mesmos males. Chegará, é claro, o dia em que as coisas melhorarão. Em cinco ou dez anos mais. Por vezes temo esse momento quase tanto quanto o atual. *Triste confessar isso, não?*

É que os medos evoluem, mudam com os tempos e circunstâncias. Percorrem, em sentido inverso, a trajetória que os unia ao pânico. Ficam então reduzidos a receios — e a uma permanente sensação de mal-estar. Causada pela impunidade que, essa, perdurará. É ela que explicará os crimes cometidos no futuro.

Ah-ah! — exclamará você. Quem é que ousa fazer previsões com tamanha desfaçatez?

Quem? Ora, Max, *nosso amigo da etiqueta vermelha*, aquele que jamais falha, como você se recorda. *The Striding Man* de nosso *Old Highland Whisky*, com sua cartola erguida em tua homenagem. E que, a cada dose, se revela mais profético... Quem mais poderia ser? Ou você acha que eu conseguiria escrever essa carta em estado de sobriedade absoluta?

Max, agora vou dormir. Para poder acordar cedo e ainda pegar os jornais do Rio na banca. A censura anda braba, mas ainda assim é

possível catar algo aqui e ali. São craques, nossos jornalistas. Pelo menos os que ainda resistem... Alguns conseguem ser ricos em entrelinhas, só faltam gritar de ódio ou dor naquele espaço mirrado...

E por falar nisso: você está sendo testemunha ocular de muita coisa em Montevideú? Dá para contar algo? Em quantas semanas mais ocorrerá o golpe no Uruguai? E no Chile? Os dois desviarão do Brasil a incômoda atenção da imprensa internacional? Pessoalmente, nunca tenho coragem de te fazer essas perguntas. Por carta fica mais fácil... Mas não se sinta obrigado a responder.

Beijos em minha querida Marina e em nosso belo Infante Pedro Henrique, abraço fraterno em ti do

N.

PS: A estação FM que me acompanhou em surdina ao longo desta carta recomeçou a tocar "Imagine". Desde que foi lançada, as rádios praticamente não tocam outra coisa. No mundo inteiro e até de forma clandestina, nos países onde as proibições imperam. Do Festival de Woodstock ao homem pisando na Lua, do feminismo com seus sutiãs queimados às primeiras denúncias contra a degradação do meio ambiente, da eterna luta entre o bem e o mal ao cansaço dos que entregaram os pontos e aderiram a esse ou àquele sistema, temos visto de tudo um pouco desde que nos conhecemos. Hoje deu na TV que as duas torres gêmeas do World Trade Center de NY (110 andares cada uma!) acabam de ser inauguradas. O noticiário também mencionou "o princípio do fim" da Guerra do Vietnã... Quantos anos de trevas e incertezas ainda nos aguardam? Que explicações (já nem ousar dizer

lições) deixaremos para os jovens que nos sucederem? Culparemos a Guerra Fria pelas mortes e torturas ocorridas *do lado de cá* do muro de Berlim? E quando este um dia ruir, em duas ou três gerações, sua queda não revelará uma infinidade de outros a dividir o planeta, não mais em dois, mas em *dois mil* lados? Muros, cercas... *O lado de cá, o lado de lá...* Com tantas muralhas, chego por vezes a me perguntar que grande diferença haverá entre um lado e outro... É quando sei que a hora de parar de beber e ir dormir finalmente soou! Mas, para concluir com “Imagine”, como será o mundo quando nosso John Lennon estiver às voltas com as fraldas de seus netos e bisnetos? Estaremos mais próximos ou mais distantes de seus versos? Terão eles perdido sua relevância? Ou continuarão, como hoje, tão belos quanto pungentes?

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

O punho e a renda

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/156463-o-punho-e-a-renda>

Pagina do autor na companhia das letras

<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00414>

Entrevista com o autor

<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/radioonu/2013/11/04/entrevista-edgard-telles-ribeiro.htm>

Sumário

Capa

Obras do Autor

Rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Epígrafe

Nota do autor à segunda edição

Nota do autor

Parte I

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

Parte II

13

14

15

16

17

18

19

Parte III

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

Parte IV

33

34

35

36

37

38

39

Parte V

40

41

42

43

44

Parte VI

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

Parte VII

Brasília, 5 de abril de 1973

Colofon

Saiba mais